

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Juliemerson José da Silva

**O MEME E AS REDES DE ENUNCIÇÃO: um estudo semântico-enunciativo no
espaço digital**

Belo Horizonte
2025

Juliemerson José da Silva

O MEME E AS REDES DE ENUNCIÇÃO: um estudo semântico-enunciativo no espaço digital

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Coorientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

Belo Horizonte
2025

S586m Silva, Juliemerson José da.
O meme e as redes de enunciação [manuscrito] : um estudo semântico-enunciativo no espaço-digital / Juliemerson José da Silva. – 2025.
1 recurso online (197 f. : il., color.) : pdf.
Orientador: Luiz Francisco Dias.
Coorientadora: Luciani Dalmaschio.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 195-197.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Gramática comparada e geral – Teses. 2. Semântica – Teses. 3. Enunciação – Teses. 4. Memes – Teses. 5. Mídia digital – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Dalmaschio, Luciani. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 415



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O MEME E AS REDES DE ENUNCIÇÃO: UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO NO ESPAÇO DIGITAL

JULIEMERSON JOSÉ DA SILVA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 25 de junho de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador

UFMG

Prof(a). Luciani Dalmaschio - Coorientadora

Universidade Federal de São João Del-Rei

Prof(a). Carla Viana Coscarelli

UFMG

Prof(a). Luciano Magnoni Tocaia

UFMG

Prof(a). Cristiane Pereira Dias

Universidade Estadual de Campinas

Prof(a). Claudia Stumpf Toldo Oudeste

Universidade de Passo Fundo

Belo Horizonte, 25 de junho de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Servidor(a)**, em 10/07/2025, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Magnoni Tocaia, Professor do Magistério Superior**, em 12/07/2025, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Stumpf Toldo Oudeste, Usuária Externa**, em 13/07/2025, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Pereira Costa Dias, Usuário Externo**, em 14/07/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciani Dalmaschio, Usuário Externo**, em 15/07/2025, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Viana Coscarella, Professora do Magistério Superior**, em 21/07/2025, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4341971** e o código CRC **DC2936D3**.

A linguagem vive. Ela eleva-se em direção a formas mais leves, mais rápidas, mais evolutivas que a existência orgânica.

Pierre Lévy (Lemos, 2015, p.12)

AGRADECIMENTOS

A pesquisa é um gesto solitário. Não no sentido de isolamento absoluto, mas na medida em que exige do pesquisador uma escuta atenta de si mesmo diante das inquietações que o movem. No entanto, essa solidão é sempre atravessada por outras vozes, presenças e gestos que orientam, provocam e sustentam o caminho. Se há um “eu” que pesquisa, ele só existe em rede — em uma individualização entrelaçada com outras, constituída no encontro com olhares, afetos e saberes que, direta ou indiretamente, atravessaram essa caminhada.

Agradeço, com especial reverência, aos meus pais, José e Rita, por serem a base de tudo. Mesmo distantes do universo acadêmico, são a minha primeira e mais profunda fonte de formação. Pela paciência diante das ausências, pelo apoio incondicional e pela força silenciosa que sustentou cada passo dessa trajetória.

Ao meu orientador, Luiz Francisco Dias, agradeço pela escuta generosa, pelas provocações teóricas e pela confiança que me permitiu construir um pensamento autoral e comprometido com o rigor e a sensibilidade que a pesquisa exige. À minha coorientadora, Luciani Dalmaschio, sou grato por me acompanhar desde a graduação, pelas leituras atentas, pelos diálogos sempre potentes e por ser presença firme em todos os momentos decisivos da minha formação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais por ter sido o espaço formativo desta pesquisa e por acolher, com excelência e compromisso, as vozes e inquietações de tantos pesquisadores em formação.

Aos professores que contribuíram nas etapas do projeto, da qualificação e da defesa, registro minha sincera gratidão pelas leituras cuidadosas, pelas perguntas desestabilizadoras e pelas contribuições que ampliaram o alcance deste trabalho.

Aos colegas do grupo de estudos ENUNCIAR (UFMG) e do grupo SEL (UFSJ), agradeço pela partilha generosa de saberes, pelas discussões instigantes, pelos encontros presenciais ou virtuais que tornaram a caminhada mais rica e menos solitária.

À minha família e aos amigos, agradeço por estarem presentes mesmo quando não compreendiam exatamente o que eu fazia. A companhia, o carinho e os gestos cotidianos de cuidado foram fundamentais para que esta tese se tornasse possível.

A todos e todas que, de alguma forma, caminharam comigo nesta rede de enunciação chamada vida acadêmica: o meu muito obrigado.

RESUMO

Uma semântica de base enunciativa proporciona ao estudo da língua uma aliança entre elementos da ordem do enunciado e da enunciação para o estudo do sentido. Essa associação permite ao linguista uma abordagem social-histórica da linguagem a partir das ordenações da língua que se ancoram em diferentes possibilidades enunciativas, estabelecendo uma relação entre a materialidade e o simbólico. Sendo assim, entendemos que o aspecto relacional da significação é constituído a partir da tensão das redes de enunciados por meio de regularidades e diferenças. Nessa direção, discutiremos neste trabalho os contornos que o conceito de “rede” pode assumir, na formulação das reflexões que uma perspectiva semântica dessa natureza se põe a realizar. Por conseguinte, paralelo às sistematizações de ordem metodológica das redes enunciativas, desenvolvidas por Dias (2018, 2023), examinaremos a relação da rede com a memória apoiada nas ancoragens e projeções das formas linguísticas e também exploraremos as redes na perspectiva da *internet* e sua configuração no espaço digital. A relação dessas três óticas constituirá as redes de enunciação e o movimento da individualização em rede na produção da significação. Ademais, investigaremos como as redes de enunciação permeiam as noções de espaço, falante, tempo e história. A partir dessas associações, pretendemos analisar em que medida se dão as relações dos domínios visíveis e não visíveis das formas linguísticas em rede, a partir dos memes, no espaço digital sob a perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação. E, tendo em vista o dinamismo e a evolução da linguagem na *internet*, elegemos o meme como objeto de análise no intuito de examinar a maneira como as redes de enunciação se organizam e como elas se continuam no processo do acontecimento enunciativo. No que diz respeito à metodologia da pesquisa, utilizaremos as formas linguísticas dos memes como entrada de busca nas plataformas de pesquisa do ciberespaço, alicerçados no processo metodológico das redes enunciativas. Logo, pretendemos com esse estudo explicitar como as formas linguísticas, a partir dos memes, se configuram no espaço digital em redes de enunciação inseridas no processo da individualização em rede que não exclui o aspecto individual de manifestação do falante, mas o associa a um historicismo perpassado de referenciais e pontos de vistas.

Palavras-chave: Semântica Histórica da Enunciação. Redes de Enunciação. Memes. Individualização em rede.

ABSTRACT

An enunciative-based semantics provides to the study of language an alliance between elements of the utterance and enunciation orders for the study of meaning. This association allows linguists for a socio-historical approach to language through linguistic arrangements that are anchored in different enunciative possibilities, establishing a relationship between materiality and the symbolic. Therefore, we understand that the relational aspect of meaning is constituted from the tensions of utterance networks through regularities and differences. In this direction, we will discuss in this paper the contours that the concept of "network" can possess in formulating the reflections that such a semantic perspective aims to accomplish. Consequently, parallel to the methodological systematizations of enunciative networks developed by Dias (2018, 2023), we will examine the relationship of the network with memory supported by the anchorages and projections of linguistic forms, as well as explore networks in the context of the internet and their configuration in the digital space. The relation among of these three perspectives will constitute enunciative networks and the movement of networked individualization in the production of meaning. Furthermore, we will investigate how the enunciative networks permeate the notions of space, speaker, time, and history. From these associations, we intend to analyze to what extent the relationships between visible and non-visible domains of linguistic forms in networks occur, based on memes, in the digital space from the perspective of Historical Semantics of Enunciation. Considering the dynamism and evolution of language on the internet, we have chosen the meme as the object of analysis in order to examine how enunciative networks are organized and how they continue in the process of enunciative occurrence. Regarding the research methodology, we will use linguistic forms of memes as search entries on cyberspace research platforms, based on the methodological process of enunciative networks. Therefore, with this study, we intend to elucidate how linguistic forms, through memes, are presented in the digital space in enunciative networks inserted in the process of networked individualization which does not exclude the individual aspect of speaker manifestation, but which associates it with a historicism permeated by references and points of view.

Keywords: Historical Semantics of Enunciation. Enunciative Networks. Memes. Networked individualization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Rede Enunciativa 1	34
Quadro 2 - Rede Enunciativa 2.....	35
Quadro 3 - Rede Enunciativa 3.....	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Conjunto de memes do movimento antifascista.....	16
Figura 2 – “Faz o L” em prol da campanha do Lula	33
Figura 3 – “Faz o L” contrário ao governo Lula	34
Figura 4 – “Faz o L” comemoração do jogador Germán Cano	35
Figura 5 - Rede e a perspectiva metodológica	36
Figura 6 - Rede e a perspectiva da memória	47
Figura 7 - Rede e a perspectiva da <i>internet</i>	61
Figura 8 - Autorretrato de Pablo Picasso (1900)	67
Figura 9 - Fotografia de Pablo Picasso	67
Figura 10 - Redes de enunciação Monalisa	70
Figura 11 - Redes de enunciação e suas perspectivas	71
Figura 12 - Meme “Faz o L” e o aumento do salário mínimo.....	72
Figura 13 - Meme “Faz o L” e baixo preço da carne	73
Figura 14 – Meme “Faz o L” e a greve nos institutos federais	74
Figura 15 - Deputada Olívia Santana fazendo o L	75
Figura 16 - Comentários relativos à deputada Olívia Santana	76
Figura 17 - Meme “Faz o L” em posição ao meme “Faz a arma”.....	77
Figura 18 - Meme “Faz o L” relativo à música do cantor Léo Santana	78
Figura 19 - Meme “Faz o L” e a farmácia popular.....	107
Figura 20 - Meme “Faz o L” e a alta dos preços	108
Figura 21 - Meme “Faz o L” e a ironia da reabilitação	109
Figura 22 - Comentários do Meme Faz o L e a ironia da reabilitação	110
Figura 23 - Meme “Faz o L” e a justificava do voto	111
Figura 24 - Meme “Faz o L” e o engajamento nas plataformas enunciativo-digitais	113
Figura 25 - Comentários relacionados à comemoração “Faz o L” do Germán Cano	114
Figura 26 - Meme “Faz o L” de Libertadores	116
Figura 27 - Meme “Faz o L” de Loud	117
Figura 28 - Meme “Faz o L” culinária paraense	118
Figura 29 - Meme “Faz o L” e o conflito político pelo sentido	119
Figura 30 - Meme “Faz o L” de Latino e a questão da autoria	121
Figura 31 - Meme “Faz o M” de Pablo Marçal	123
Figura 32 - Meme “Faz o M” de Merda e Marginal	125

Figura 33 - Meme “Faz o L” Elon Musk	126
Figura 34 - Meme “Faz o J”	128
Figura 35 - Meme “Faz o L” de <i>Loser</i>	130
Figura 36 - Meme “Faz o L” Titanic	131
Figura 37 - Rede de enunciação do meme “Faz o L”	134
Figura 38 - Rede do Meme “Movimento Antifascista”	137
Figura 39 - O Meme “Movimento Antifascista” e a ótica do ciberespaço	138
Figura 40 - Símbolo/Bandeira do Movimento Antifascista	139
Figura 41 - Meme “Movimento Antifascista” Professores	140
Figura 42 - Meme “Movimento Antifascista” Biólogos	141
Figura 43 - Meme “Movimento Antifascista” LGBTQ+	143
Figura 44 - Meme “Movimento Antifascista” Artista	145
Figura 45 - Meme “Movimento Antifascista” contra o movimento	147
Figura 46 - Meme “Movimento Antifascista” Terraplanistas	149
Figura 47 - Meme “Movimento Antifascista” Maconherada	150
Figura 48 - Meme “Movimento Antifascista” Bacon Antiveganos	152
Figura 49 - Meme “Movimento Antifascista” deslegitimação da causa	154
Figura 50 - Meme “Movimento Antifascista” Bolsonaristas Antibolsonaro	156
Figura 51 - Meme “Movimento Antifascista” Cadeira	159
Figura 52 - Meme “Patriota do caminhão” e o elemento matriz	161
Figura 53 - Conjunto de memes “Patriota do Caminhão” relativo à viagem	162
Figura 54 - Meme “Patriota do Caminhão” e a música da Anitta	163
Figura 55 - Meme “Patriota do Caminhão” criação de perfis	164
Figura 56 - Meme “Patriota do Caminhão” referenciais em rede	166
Figura 57 - Meme “Patriota do Caminhão” relativo a Lula	167
Figura 58 - Meme “Patriota do Caminhão” Lula vs. Bolsonaro	169
Figura 59 - Meme “Patriota do Caminhão” como fantasia	171
Figura 60 - Meme “Patriota do Caminhão” Netflix	172
Figura 61 - Meme “Patriota do Caminhão” Beatles e Zambelli	174
Figura 62 - Meme “Patriota do Caminhão” e o Patriota da caminhonete	176
Figura 63 - Meme “Patriota do Caminhão” e o Patriota americano	178
Figura 64 - Meme “Patriota do Caminhão” e o “Patriota da Explosão”	179
Figura 65 - Meme “Patriota do Caminhão” posse do Trump	180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 REDES DE ENUNCIÇÃO: ELOS DA SIGNIFICAÇÃO.....	24
1.1 Redes enunciativas e a organização semântico-enunciativa.....	26
1.2 As redes e as rememorações enunciativas: entrelaçamentos e ancoragens	37
1.3 As redes e as composições digitais-enunciativas	47
1.3.1 O meme enquanto fenômeno linguístico em rede	61
1.4 As dimensões verbo-visuais em rede.....	65
1.5 As redes e as articulações dos sentidos	70
2 OS NÓS ENUNCIATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DAS REDES	80
2.1 Os espaços em rede: arquitetando fios	80
2.2 O individual e o social na formação das redes	85
2.3 As flutuações temporais enunciativas: entre repetições e diferenças	95
2.4 As redes e suas filiações histórico-enunciativas.....	102
3 REDES DE ENUNCIÇÃO: ENLAÇANDO SENTIDOS	106
3.1 Meme “Faz o L”	106
3.2 Meme “Movimento Antifascista”.....	136
3.3 Meme “Patriota do Caminhão”.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIA.....	195

INTRODUÇÃO

Com o advento da *internet*, um novo espaço para práticas sociais se instaura, incorporando o meio digital como um componente quase que indispensável para as relações corriqueiras. A todo momento estamos cercados de celulares, *tablets*, computadores, aplicativos de mensagens e redes sociais que intensificam nossas manifestações de linguagem e nos permitem experienciar novos modelos de socialização. Segundo Pierre Lévy (1999), a cibercultura apresenta um enorme impacto social e implicações culturais na nossa sociedade a partir da criação de laços que conectam sujeitos e dizeres em uma interconexão múltipla e dinâmica. Sendo assim, a *internet* traz um movimento de reconfiguração constante de áreas como a política, o lazer, a cultura, a economia, e a linguagem, promovendo uma sinergia entre a vida social e os dispositivos eletrônicos.

Levando em conta esse aspecto mutacional, despontam certas dificuldades em analisar as manifestações sociais e linguísticas da *internet* devido a sua grande capacidade de transformação que imprime a esses fenômenos um ritmo altamente acelerado. Contudo, vivenciamos um novo espaço de comunicação que precisa ser analisado nos seus mais diversos âmbitos. Tal desafio nos instiga a explorar esse espaço multiforme que cada vez mais nos envolve e nos constitui e por nós é constituído, a fim de perceber, dentro de constantes renovações, certas configurações de manifestações linguísticas.

Provocados pela circulação de determinadas formas linguísticas, fomos instados a adentrar nas plataformas digitais tais como o *X* (antigo *Twitter*), *Facebook* e *Instagram*, a fim de analisar a materialização enunciativa dessas formas. Com isso em vista, percebemos que tais plataformas mobilizam uma participação em rede entre seus usuários e exercem um importante papel na relação entre línguas e falantes.

A *internet* se faz presente cada vez mais em nossas vidas em função de seu caráter globalizante e pela capacidade de mobilizar as pessoas a participarem desse meio. Segundo o IBGE¹, em 2021, o acesso à *internet* pela população brasileira chegou aos 84,7%. Entre as finalidades mais expressivas estão enviar e receber mensagens de texto, voz ou imagem (94,9%) e conversar por chamadas de voz ou vídeo (95,7%). Os números são expressivos e evidenciam o crescimento desse espaço digital que propõe experimentar, por meio de ações coletivas, novas

¹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>. Acesso em: 09 abr. 2024.

formas de comunicação. Assim, a *internet* se tornou um espaço² a ser explorado pelo fato de estimular um contato em rede entre sujeitos e línguas, seja por aproximações ou por distanciamentos. Por conseguinte, a presença efetiva desse nesse novo espaço digital em nossas vidas faz surgir a necessidade de explorar tais inovações, criando um interesse pelo estudo das formas alternativas de se produzir enunciados que constituem e são constituídos na/pela *internet*.

Experienciamos um novo espaço que precisa ser explorado nos seus mais diversos âmbitos. Sendo assim, enquanto linguistas, não podemos apagar ou negligenciar as mudanças na configuração da língua nesse espaço e os novos modelos de manifestações sociais. Para nós, a configuração do enunciado no ambiente digital ainda carece de investigações e discussões levando em conta sua disposição em entrelaçamentos. Durante o Mestrado, investimos em estudos sobre a constituição do meme enquanto material linguístico e como ele é produzido e reconhecido pelos usuários da *internet*. Desse modo, propomos um olhar para o meme que vai além da sua acepção biológica e cultural, proposta por Dawkins (2007 [1976]), a fim de conseguir compreender essa emergente manifestação linguística a partir de uma perspectiva semântico-enunciativa.

O interesse em manter os memes como objeto de estudo se dá por sua relevância e propagação em rede no espaço digital. Uma pessoa assiste a um evento ou a uma notícia na televisão ou na *internet*. Dois minutos depois, ela recebe no grupo de amigos ou nas notificações de suas plataformas sociais uma espécie de montagem verbo-visual relacionada ao evento que acabou de acompanhar. Essas edições podem ser irônicas, humorísticas, econômicas, políticas ou reivindicando alguma causa específica. A projeção, a velocidade, as modificações e o alcance dessas montagens podem ser tornar imensuráveis no ciberespaço. E, mesmo com todo esse poder mutacional e abrangente da cibercultura, o falante reconhece e participa dessa ação coletiva criando, respondendo e interpretando tais remodelagens.

Diante desse cenário digital, consideramos continuar explorando os memes e o espaço digital, lançando um olhar semântico-enunciativo em rede para esse fenômeno linguístico. E, para dar prosseguimento à pesquisa do Mestrado, trazemos como proposta temática para este Doutorado o estudo das formas linguísticas a partir dos memes, bem como as particularidades do espaço digital no acontecimento enunciativo. Nosso interesse por esse assunto se fundamenta nos questionamentos que surgiram durante o Mestrado em relação às ideias de rede

² Aqui tomamos a noção de espaço associada à internet e à esfera digital, o que difere do conceito de espaço de enunciação como disputa entre línguas e falantes proposto por Guimarães (2017[2002], 2018) que será desenvolvido no capítulo 2 deste trabalho.

e de individualidade e, por isso, estudaremos os desdobramentos do conceito de rede enunciativa desenvolvido por Dias (2018, 2023) como instrumento metodológico, trazendo à essa noção um caráter epistemológico. Articulados a esse pensamento, discutiremos também o conceito de falante inserido em rede na Semântica da Enunciação, a partir de uma primeira aproximação com o termo individualismo em rede, utilizado em nossa dissertação de mestrado com base na expressão “*networked individualism*”³, proposta por Shifman (2014) ao abordar os memes no meio digital. No entanto, nesta pesquisa, propomos um deslocamento terminológico em favor da expressão individualização em rede, que nos parece mais condizente com as perspectivas da Semântica Histórica da Enunciação. Tal escolha se justifica por enfatizar o caráter processual, dinâmico e relacional da constituição do falante enunciativo, em detrimento de uma concepção mais estanque ou ideológica de individualismo. Esse refinamento conceitual permite-nos pensar o falante como alguém constituído em movimento, continuamente (re)inscrito nas redes pelas quais circulam os sentidos.

Para a Semântica Histórica da Enunciação, o funcionamento da língua se dá em rede e isso se torna o passo inicial para estudarmos de que maneira essa rede se configura. Nessa direção, acreditamos que os desdobramentos do conceito de rede enunciativa trarão contribuições importantes para a perspectiva teórica em questão, uma vez que estudaremos as ancoragens em dizeres anteriores e as projeções enunciativas, explorando conceitos que carecem de aprofundamento no âmbito digital como repetição, diferença, individualidade, tempo, história, falante e espaço. Tais reflexões nos fazem perceber que a configuração do enunciado se dá de maneira individual e social a partir de redes de filiações enunciativas cujo alcance seria impossível mensurar.

Pautados pela análise das formas linguísticas em rede no espaço digital, selecionamos o meme como recorte de nossa pesquisa levando em conta seu uso bastante regular em nosso cotidiano e sua capacidade de compartilhar e produzir sentidos individualmente e coletivamente. Tendo em vista esse amplo alcance, a palavra meme já se encontra presente no dicionário em inglês Oxford e ultrapassou o termo “Jesus” nas buscas mundiais dentro da plataforma *Google*⁴. Além disso, um projeto do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense inaugurou um museu virtual de memes que propõe compartilhar pesquisas sobre os estudos desse fenômeno cultural, servindo, também, de acervo

³ Tradução livre: individualismo em rede

⁴ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/memes/111061-aconteceu-busca-memes-maior-busca-por-jesus-internet.htm>. Acesso em: 09 abr. 2024.

para os memes que circulam na *internet*⁵. No intuito de ilustrar brevemente os memes enquanto nosso objeto de estudo e sua relação em rede, apresentemos a seguir um exemplo.

Em junho de 2020, os usuários da *internet* começaram a replicar o símbolo antifascista nas redes sociais em protesto contra movimentos neonazistas que vêm ganhando força no país a partir da ascensão da extrema direita⁶. A replicação não foi apenas viral, o símbolo sofreu modificações no intuito de representar os mais variados grupos a favor da causa se configurando em um meme. Ao utilizar o processo de seleção e coleta de enunciados por meio da entrada de busca “meme Movimento Antifascista” no *Google*, observamos uma gama variada de enunciados em rede.

Figura 1 – (1) Conjunto de memes do movimento antifascista



Fonte: Elaborado pelo autor por meio das redes enunciativas.

Na Figura 1, podemos observar a constituição de um meme enquanto rede de enunciados. Notamos a característica memética da imitação com alterações num já posto. É possível perceber as regularidades na palavra “antifascista” - parte inferior dos símbolos - e as diferenças nas cores e nas palavras que representam grupos sociais diversos. O movimento de rede se configura por ancoragens em enunciações passadas e projeções; e é essa relação que faz um meme ser um meme. A forma linguística “antifascista” se ancora em referenciais diversos projetando diferentes sentidos a partir de conexões enunciativas visíveis em sua materialidade e repetições e em relações não visíveis pela historicidade que cada dizer evoca no acontecimento enunciativo. A partir de um elemento matriz (bandeira antifascista – parte superior esquerda), a forma linguística “antifascista” se associa a outras formas linguísticas

⁵ Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

⁶ Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/06/01/usuarios-trocam-perfis-nas-redes-por-simbolo-antifascista/>. Acesso em 09 abr. 2024.

“bêbados”, “míope”, “bolsonaristas” e “antibolsonaro”, constituindo, assim, uma rede de atualizações enunciativas que orientam diferentes sentidos na relação entre a regularidade e a diferença. É também importante considerar a importância da dimensão verbo-visual que opera na significação desses memes (1) por meio de sustentações históricas que atualizam dizeres e mobilizam sentidos em rede na relação com os elementos verbais.

Assim, academicamente, a pesquisa é relevante por abordar um fenômeno linguístico digital relativamente novo e pouco explorado: os memes em rede sob a perspectiva dos estudos semântico-enunciativos. Ademais, a Semântica Histórica da Enunciação ainda carece de discussões aprofundadas em relação às formas linguísticas no espaço digital e suas configurações a partir do agenciamento enunciativo e das formações históricas. Sendo assim, nosso trabalho se pauta no pressuposto de que os memes se configuram como um importante fenômeno linguístico, próprio da cibercultura, cuja característica principal é (re)significar diversos aspectos da vida social por meio de relações individuais e coletivas.

Desse modo, em paralelo ao processo metodológico de seleção e coleta de enunciados, proposto por Dias (2018, 2023), as redes de enunciação serão estudadas alicerçadas em três perspectivas: a metodológica, a da memória e a da *internet*. Essas três óticas se relacionam e se complementam, permeando noções que consideramos como base dos estudos semântico-enunciativos: espaço, falante, tempo e história. Sendo assim, a partir dessas discussões, será possível analisar se o espaço digital alterou e/ou intensificou as configurações/relações das formas linguísticas em redes.

A partir dos pressupostos teóricos da Semântica Histórica da Enunciação que fundamentam este trabalho, lançamos as seguintes perguntas de pesquisa: o que são as redes de enunciação? Como elas se organizam e se constituem no acontecimento enunciativo tendo em vista a composição e a disposição das formas linguísticas a partir dos memes? Quais são as suas implicações individuais, históricas e sociais? E de que maneira se dão as relações visíveis e não visíveis das redes de enunciação no espaço digital dentro do acontecimento enunciativo? Assim, o conceito de rede, a partir da análise dos memes, será nosso objeto de estudo tendo em vista o estudo das formas linguísticas em uma semântica de base enunciativa.

Considerando os contornos que a noção de rede pode assumir, **estabelecemos o objetivo geral da pesquisa que consiste em: analisar em que medida se dão as relações dos domínios visíveis e não visíveis das formas linguísticas em rede, a partir dos memes, no espaço digital sob a perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação.** Com efeito, a fim de detalhar o propósito macro do trabalho, determinamos três objetivos específicos:

- I. Analisar como as perspectivas das redes de enunciação estão presentes na produção de sentido.
- II. Examinar em que medida as redes de enunciação permeiam/sustentam as dimensões de significação do espaço, do falante, do tempo e da história no espaço digital.
- III. Explicitar a configuração enunciativa de um meme tendo em vista as dimensões verbo-visuais da linguagem, explorando aspectos sociais e individuais inseridos em rede.

Discutir as formas linguísticas em rede no espaço digital nos permite levantar discussões a respeito dos seus laços e conexões enunciativas, dos falantes enquanto seres de linguagem que se manifestam agenciados pela enunciação, da temporalidade e sua relação constitutiva entre passado, presente e futuro, da história que mobiliza a língua por meio de um olhar de interpretação social e do espaço que constitui e é constituído por falantes e línguas. Tais reflexões surgem da necessidade de analisar os desdobramentos do conceito de rede enunciativa desenvolvido por Dias (2018) para além de uma questão metodológica. Pretendemos, portanto, abordar a polissemia da palavra rede, uma vez que para nós ela não se configura apenas como instrumento de construção de métodos de análise e coleta de enunciados, mas um conceito que perpassa a organização e composição dos dizeres em sociedade atreladas à memória e ao espaço digital.

Fundamentados nas discussões, justificativas e objetivos apresentados, esse estudo pretende delinear as seguintes hipóteses: as formas linguísticas, a partir dos memes, se configuram no espaço digital em redes de enunciação inseridas no processo de individualização em rede que não exclui o aspecto individual de manifestação do falante, mas o associa a um historicismo perpassado de referenciais e pontos de vistas. Desse modo, o falante toma e é tomado pela língua em um processo mútuo que produz, reconfigura e projeta sentidos no movimento que chamamos de susceptibilidade enunciativa. Com efeito, as redes de enunciação, engendradas por fios que entrelaçam as dimensões orgânicas e as dimensões simbólicas da língua, estabelecem repetições e diferenças na constituição dos enunciados, promovendo reconhecimentos que estabelecem os laços e projeções que fazem da enunciação um processo nem repetível, nem irrepitível. E, apoiado na relação das conexões enunciativas, o espaço digital contribui para a intensificação das redes, uma vez que ao explorar questões técnicas promove uma maior abrangência e velocidade na (re)produção de sentidos.

Vale ressaltar que nossa tese vai muito além de afirmar que as formas linguísticas se organizam em redes. Em nossa perspectiva, um enunciado que não está em rede é um enunciado que não participa do acontecimento enunciativo e, por isso, não pode ser considerado, então,

um enunciado. Logo, partindo da premissa de que as formas linguísticas são constituídas em redes de enunciação, buscamos, nesse estudo, romper com a ideia do cronológico na produção da significação, a fim de abordar as redes sem pontas, sem linearidades e sem elementos centralizados.

Sabemos que a língua é histórica e social. Contudo, isso não impede a presença da individualidade e da singularidade na enunciação. É necessário reconhecer e investigar a presença dos índices de individualidade constituídos em rede na materialidade enunciativa, visto que o indivíduo, ao produzir um enunciado, se diferencia na/pela historicidade. Assim, em um acontecimento enunciativo, há sempre a presença dos aspectos individuais que são constituídos e constituem pelos/os olhares histórico-sociais, uma vez que o falante diz e é dito pelas formas linguísticas em rede.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos e confirmar as hipóteses desta pesquisa⁷, utilizaremos a perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação, desenvolvida por Guimarães (2017 [2002]) e Dias (2018), como fundamento teórico basilar para discutir as noções de rede, tempo, falante, história e espaço. Alicerçados nas dimensões visíveis e não visíveis da língua em uma abordagem semântico-enunciativa, elegemos os memes como objeto de estudo no intuito de compreender a configuração em rede da significação e as particularidades da cibercultura e do ciberespaço, bem como suas regularidades e diferenças na constituição das formas linguísticas a partir de uma análise qualitativa.

Para a realização da pesquisa, os memes serão coletados da *internet* por meio dos mecanismos de buscas das seguintes plataformas: *Google*, *Instagram*, *Facebook* e *X* (antigo *Twitter*). A escolha em abordar diferentes plataformas de coleta se dá em virtude do caráter extremamente dispersivo dos memes no espaço digital e de seu uso estar disseminado majoritariamente nessas quatro plataformas. É impossível acompanhar todas as projeções de um meme no ciberespaço. São diversos os aplicativos em que eles podem ser criados e compartilhados, desde mensagens privadas (às quais dificultam o acesso do pesquisador), em grupos de amigos ou até mesmo em plataformas sociais e propagandas. Sendo assim, o fato de selecionarmos os memes a partir de diferentes meios de acesso é justificado pela relevância e particularidades que cada plataforma possui quando se trata da circulação de memes, visto que pretendemos discutir as características dessas plataformas digitais na constituição dos

⁷ Optamos por apresentar a metodologia do trabalho na Introdução por algumas razões. O primeiro capítulo, dedicado às perspectivas da noção de rede, aborda o conceito de rede enunciativa enquanto processo metodológico (1.1) apresentando brevemente alguns exemplos. Sendo assim, decidimos trazer os procedimentos metodológicos no início do trabalho para que o leitor consiga compreender melhor os movimentos de análise do objeto de estudo em questão e as abordagens conceituais no decorrer dos capítulos.

enunciados e na elaboração das redes. Ademais, adotar apenas um mecanismo de recolhimento dos dados poderia limitar a essência do que são os memes em relação a sua principal característica de fecundidade (propagação), dificultando, assim, a análise dos dados e a utilização dos conceitos tratados no referencial teórico. E por que não utilizar apenas o *Google* como plataforma de pesquisa? Apesar de sua ampla abrangência, o *Google* tem especificidades distintas de outros meios, uma vez que sua forma de recortar os enunciados pesquisados não é capaz de apresentar toda a amplitude de projeções presentes no espaço digital. Entendemos também que a seleção do *corpus* irá ser orientada por algoritmos e outros aparatos técnicos de visualizações. Devidos a essas questões, utilizaremos outras formas de acesso às formas linguísticas no intuito de tornar a seleção do *corpus* mais ampla possível.

Por sua vez, não utilizaremos programas específicos para seleção de *corpus* de um dado período ou evento, uma vez que não é nosso objetivo estabelecer uma análise quantitativa para a qual esse recurso se tornaria mais eficiente. Nessa direção, o delineamento do *corpus* não levará em conta recortes temporais cronológicos ou datas específicas. Esse tipo de coleta de dados não se justifica, visto que, em nossos pressupostos teóricos, abordamos a noção de rede rompendo com os movimentos cronológicos e lineares quando se trata da elaboração de sentido por meio dos enunciados. Sendo assim, os memes serão analisados por suas ancoragens (passado), atualizações (presente) e projeções (futuro) sem focar em marcações cronológicas.

Nosso objetivo principal é analisar as formas linguísticas e a configuração das redes de enunciação, tendo o meme como objeto de estudo. O meme é um fenômeno linguístico cada vez mais popular no ciberespaço. No entanto, é difícil e improvável mapear suas aparições devido a sua velocidade de propagação e alto fluxo de atualizações. Desse modo, despontam certas dificuldades da pesquisa em selecionar quais memes que serão analisados. As listas de memes mais utilizados disponíveis na *internet* recortam apenas a perspectiva enunciativa do autor, havendo uma grande variação entre as listagens. Assim como o Museu de Memes⁸ que oferece um extenso acervo de memes, mas que não consegue se atualizar em relação à propagação e criação diária desse fenômeno linguístico digital.

Decerto, por uma necessidade de delimitação temática e melhor organização do trabalho, selecionaremos os memes a partir de um compilado daqueles que fazem e fizeram parte de listas dos mais utilizados da *internet* e também dos que estão compondo o acervo do Museu de Memes. A escolha dos memes que serão utilizados como *corpus* de análise desta pesquisa não se pauta apenas na recorrência entre as listas, mas na fecundidade (propagação)

⁸ Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/acervo/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

das versões que foram projetadas no ciberespaço, no intuito de escolhermos os mais regulares e fecundos. Optamos, ainda, por um recorte temático que contempla memes atravessados por referenciais do cenário político brasileiro, considerando que a política, em suas múltiplas faces, constitui um terreno fértil para o tensionamento de sentidos, ativação de memórias e disputas simbólicas. Assim, embora tais memes não se limitem à esfera política, sua circulação nesse campo evidencia a densidade semântico-enunciativa que mobiliza os falantes e intensifica os processos de significação no espaço digital.

Por esse procedimento foram selecionados os memes cujo domínio referencial estivesse sustentado pelas seguintes formas linguísticas: “Faz o L”, “Movimento Antifascista” e “Patriota do Caminhão”. A partir de então, essas formas serão utilizadas como entrada de busca nas plataformas digitais descritas. Os mecanismos de buscas possibilitarão recolher esse material, por meio das denominações dos memes já apresentadas, em todo o ciberespaço. Tais ferramentas são significativas para nossa pesquisa na medida em que estamos preocupados com a constituição linguística, ocorrências e variedades das plataformas digitais em que o meme é utilizado, considerando sua propagação em rede. Isso independe de delimitar apenas uma rede social ou um *website* específico. Além disso, vale ressaltar que foge ao nosso controle monitorar locais e datas muito específicos pelos quais os memes circulam devido a sua alta capacidade de proliferação. Os usuários da *internet*, geralmente, encontram ou produzem os memes utilizando programas e aplicativos de edições ou *sites*⁹ que se destinam a reunir um acervo de memes, facilitando sua produção e circulação.

Nessa direção, entendemos que utilizar mecanismos de buscas na *internet*, como o *Google*, *Instagram*, *Facebook* e *X* nos permite uma seleção em rede de um determinado objeto linguístico. Diante disso, parece-nos importante que nossos pressupostos metodológicos, também, lancem mão de um arcabouço teórico que perceba o *corpus* em uma dimensão de entrelaçamento. Para tanto, utilizaremos o processo metodológico de análise das redes enunciativa (Dias, 2018, 2020, 2023) que apresenta as ocorrências organizadas em rede.

O conceito de rede enunciativa foi desenvolvido por Dias (2018, 2020, 2023) com o intuito de demonstrar as relações entre as formas linguísticas articuladas a partir de semelhanças e diferenças. Para o autor, esse procedimento possibilita observar o funcionamento da língua mediante a viabilidade da produção de enunciados que são entrelaçados por uma relação de compatibilidade e de contrastes. Assim, a ideia de rede (individualização em rede) se associa

⁹ Alguns *websites* como o “<https://imgflip.com/memegenerator>”, “<https://www.gerarmemes.com.br/>”, “<https://www.iloveimg.com/pt/gerador-de-memes>” e “https://www.canva.com/pt_br/criar/memes/” possuem estruturas e mecanismo para a criação de memes pelos próprios usuários.

ao conceito de rede enunciativa que permite ao pesquisador buscar enunciados com as mesmas formas linguísticas e que apresentam diferentes atualizações e possibilidades discursivas.

Estudar o processo de enunciação significa analisar as formas linguísticas em redes enunciativas, uma vez que elas se configuram em um procedimento metodológico efetivo para lidar com os memes no meio digital, ao estabelecer uma relação entre regularidades e modificações por meio de uma conjuntura de afiliações. Sendo assim, esse mecanismo metodológico é capaz de lidar com as possibilidades de sentido e perceber as diferenças nos domínios de significação que as formas linguísticas, a partir dos memes, evocam.

A partir da coleta e seleção do *corpus*, por meio das redes enunciativas, procuraremos analisar qualitativamente as formas linguísticas no espaço digital, apoiadas nas perspectivas da Semântica Histórica da Enunciação (Guimarães, 2017, 2018; Dias, 2018) como base de nosso arcabouço teórico. Para isso, pretendemos relacionar aos conceitos da Semântica Histórica da Enunciação outros pontos de vistas teóricos no intuito de contribuir com uma discussão mais significativa para o campo dos estudos linguísticos, tendo em vista a noção de redes e a produção da significação no espaço digital.

Sob esse prisma, analisaremos as formas linguísticas a partir dos memes de forma enredada, visto que os conceitos irão se entrelaçar por aproximações e contrastes. Considerando que nosso trabalho tem a noção de rede como foco, pretendemos não segmentar muito as análises e discussões teóricas, visto que esse tipo de abordagem contrapõe nosso propósito. Para o desenvolvimento dos nossos objetivos, analisaremos os memes sob três perspectivas de rede que se entrecruzam para a formação das redes de enunciação: perspectivas da metodologia, da memória e da *internet*. Conseqüentemente, trabalharemos com duas dimensões principais responsáveis por projetar todos os outros conceitos que serão discutidos na pesquisa: a dimensão visível que abrange o plano orgânico e a materialidade da língua e a dimensão não visível que inclui o plano do simbólico como os elementos enunciativos e discursivos evocados pela materialidade. Ademais, elegemos quatro noções principais dentro da nossa perspectiva semântico-enunciativa para examinar os nós em que as redes de enunciação perpassam. Sendo assim, as noções de espaço, falante, tempo e história funcionarão como eixos por onde a noção de rede se movimenta na (re)construção da significação. As características dos memes de fidelidade, fecundidade e longevidade, inserida nos estudos semântico-enunciativos (Silva, 2019), também funcionarão como recurso analítico desse fenômeno digital do ciberespaço.

Nessa direção, a fim de atingir os objetivos e compor estruturalmente o trabalho, esta tese será composta por três capítulos, além da Introdução e das Considerações finais. No primeiro capítulo abordaremos os elos da significação que compõem as redes de enunciação

em suas três perspectivas. A perspectiva de rede como processo metodológico para seleção e análise de enunciados, tendo em vista seus referenciais históricos entre semelhanças e diferenças das formas linguísticas; a perspectiva de rede como memória que busca discutir as ancoragens, atualizações e entrelaçamentos das formas linguísticas; e a perspectiva da rede no espaço digital que trata dos elementos técnicos, sociais e linguísticos do ciberespaço e as implicações da cibercultura na construção das significações, apresentando o meme como objeto de estudo. Ademais, no primeiro capítulo também discutiremos o domínio verbo-visual da linguagem na configuração das redes de enunciação e elaboraremos, brevemente, a aplicação dessas noções, analisando os memes e as articulações de sentidos.

Já no segundo capítulo, discorreremos a respeito de quatro noções basilares atreladas aos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação e como elas são permeadas pela noção de rede: espaço, falante, tempo e história. Dessa maneira, trataremos do espaço de enunciação e o ciberespaço, bem como suas arquiteturas e particularidades enunciativas na produção da significação; o falante e sua composição individual e social na formação das redes; o tempo a partir da coexistência entre passado, presente e futuro, considerando a repetição e a diferença na configuração das redes; e, por fim, a história, como elementos indispensáveis para a estruturação de uma rede.

A partir dessas discussões, analisaremos, no terceiro capítulo, os memes, observando a configuração das redes de enunciação na produção da significação e a maneira como enlaçam os sentidos. O capítulo de análise será subdividido em três seções, seguindo a seleção do *corpus* deste trabalho. E, por fim, apresentaremos nossas considerações finais no intuito de correlacionar os resultados obtidos na análise aos objetivos e as proposições da pesquisa.

1 REDES DE ENUNCIÇÃO: ELOS DA SIGNIFICAÇÃO

Uma semântica de base enunciativa proporciona ao estudo da língua uma aliança entre elementos da ordem da materialidade do enunciado e da enunciação para o estudo do sentido. Essa associação permite ao linguista uma abordagem social e histórica da linguagem a partir das ordenações da língua. Essas ordenações linguísticas evocam uma exterioridade que é constitutiva à própria língua, indo além de um estudo puramente formalista e exercendo um aspecto relacional que entrelaça noções essenciais como história, falante, espaço e tempo para a produção da significação.

Para Émile Benveniste (1989 [1970]), a linguagem nos permite significar. E, para nós, semanticistas da enunciação, os sentidos são mobilizados pelo acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado (Guimarães, 1989). Assim, a significação, como objeto de estudo da semântica, se constrói a partir de relações, embates e conflitos, próprios do espaço de enunciação (Guimarães, 2017 [2002]; 2018). As palavras assumem formas a partir de filiações históricas e pontos de vista, levando em conta os movimentos enunciativos. Face a isso, defendemos que significar é relacionar dizeres nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação e esse aspecto relacional da significação é constituído em redes de enunciação por meio de regularidades e diferenças. Dessa maneira, a significação está relacionada aos sentidos produzidos na/pela enunciação, se distanciando da ideia de significado na semântica formal como algo estático e dicionarizado, para se agregar à ideia de um movimento que não é uno e nem totalizante, mas móvel, múltiplo e dinâmico. Logo,

a significação nunca é algo pronto, definitivo, algo que as formas de expressão apenas reproduzem. As formas de expressão não retratam somente aquilo que já está significado, ao contrário, o homem precisa significar o tempo todo. Na nossa concepção, significado denota o estático, já realizado, ao passo que significar combina com a ideia do dinamismo, daquilo que está em desenvolvimento em cada gesto de construir e de interpretar as formas de expressão. (Dias, 2018, p.21).

A partir dessas reflexões, Dias (2018) aborda dois lados da significação: o individual e o social.

Nós significamos por meio de referenciais sociais. Podemos afirmar que significar tem um lado individual, porque precisa da elaboração das expressões de um sujeito determinado, e um lado social, porque é motivado e direcionado para os outros membros do grupo social. Por isso, os modos representativos de se expressar são históricos, compartilhados e expostos à diferença numa sociedade, num território determinado. (Dias, 2018, p. 21).

É a partir da produção da significação no acontecimento enunciativo que os aspectos individuais e sociais tecem os fios que constituem a noção de redes. Sob esse viés, iremos

discutir neste capítulo os contornos que o conceito de “rede” pode assumir, na formulação das reflexões que uma perspectiva semântica dessa natureza se põe a realizar.

Nessa direção, é importante afirmar que trabalharemos com o conceito de redes no plural, visto que reconhecemos três perspectivas que o sustentam: a rede como procedimento metodológico de coleta e análise de enunciados; a rede enquanto memória enunciativa envolvida por ancoragens e projeções, que são configuradas por regularidades e modificações; e a rede como mecanismo técnico e social da cibercultura, que promove uma individualidade entrelaçada pela enunciação. Também discutiremos neste capítulo o meme como fenômeno linguístico digital e a dimensão verbo-visual da língua na constituição das redes.

Quando imaginamos rede enquanto objeto físico, pensamos em um tecido feito por entrelaçamento de fios para apanhar animais, pensamos em fios trançados para formar malhas que, ao serem penduradas pelas extremidades, podem servir de cama. Também podemos pensar em rede como equipamento composto por um tecido com pontos se cruzando, utilizado em diversos esportes; na anatomia, como vínculos que se mantêm pelo entrelaçamento de estruturas corporais; na informática, como a interligação da conexão de computadores, entre outros significados. E o que essas diferentes acepções têm em comum? A ideia de entrelaçamento. Ao pensar em redes, nos vêm à mente aspectos como entrecruzamentos, associações e relações entre pequenos pontos na construção do objeto. E é a partir desse pensamento que pretendemos discutir a noção de rede, uma vez que os elementos semântico-enunciativos são fios que se entrecruzam na (re)construção da significação de modo relacional.

Por conseguinte, as noções serão apresentadas, no decorrer dos capítulos, de maneira enredada, construídos, assim, a partir de retomadas, aproximações e distanciamentos com outras noções, simulando o aspecto em rede, foco principal de nossa pesquisa. Acreditamos que seja importante estabelecer a discussão dessa maneira, no intuito de trazer ao leitor a sensação de entrelaçamento, entrecruzamento de diferentes percepções e a associação dos fios enunciativos que mobilizam nossa perspectiva teórica.

Articulados a essa reflexão, desenvolveremos o conceito de individualização em rede na Semântica Histórica da Enunciação a partir da expressão “*network individualism*¹⁰” utilizada por Shifman (2014), ao abordar a capacidade dos memes de expressar simultaneamente a singularidade e conectividade dos usuários no meio digital. Assim, nosso enfoque se concentra em analisar a organização e a configuração dessas redes constituídas a partir de uma individualidade que é inserida no coletivo e moldada por referências históricas. Redes, que no

¹⁰ Tradução livre: individualismo em rede.

entremeio da repetição e da diferença, são mobilizadas pela história em um espaço de enunciação conflituoso, tendo em vista as particularidades das plataformas enunciativo-digitais. Dessa forma, pretendemos discorrer neste capítulo sobre os seguintes questionamentos: o que é se manifestar em rede? A que corresponderiam as “redes de enunciação”, no campo dos estudos semântico-enunciativos e qual a importância de se lançar mão desse conceito, em trabalhos desenvolvidos na área?

Conforme anunciamos, trabalharemos, agora, com a noção de rede enquanto instrumento metodológico e de organização dos enunciados.

1.1 Redes enunciativas e a organização semântico-enunciativa

Rede enunciativa é um conceito elaborado por Dias (2018, 2020, 2023) que consiste em um procedimento metodológico no qual os enunciados assumem diferentes atualizações no discurso, engendrando possibilidades enunciativas a partir da relação entre as regularidades e diferenças. Ou seja, a rede enunciativa “envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta” (Dias, 2018, p. 35). Nessa direção, a rede enunciativa funciona como um procedimento de estruturação e organização dos enunciados enquanto dados de análise, integrando formas linguísticas a partir de distinções e similitudes (Dias, 2023).

Dias (2018, 2020, 2023) afirma que o método das redes enunciativas não funciona apenas para exercitar estruturas ou produzir testes gramaticais, mas para estabelecer pontos de observação enunciativa que permitem “demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes de significação” (Dias, 2018, p. 35). A noção de rede enunciativa de Dias (2018, 2023) advém dos questionamentos do autor em relação ao ensino da gramática tradicional nas escolas e ao estatuto dúbio dos exemplos para demonstração dos conceitos, ora com características gerais para reconhecimento de outros exemplos, ora específicos e individuais (Dias, 2006).

Dias (2006), percebendo a necessidade do deslocamento da exemplificação na análise gramatical, questiona a busca por aspectos estéticos de escrita a partir de uma padronização das formas a serem seguidas tendo como base escritores renomados. Desse modo, o autor afirma que os exemplos escolhidos pelas gramáticas tradicionais se distanciam do uso efetivo da língua possuindo baixa funcionalidade discursiva e apresentando uma artificialidade da situação, servindo apenas como extensão do conceito (Dias, 2006). Esse tipo de exemplificação foi

denominado por Dias (2006) de exemplo-ilha “que consiste em apresentar exemplos que, ora são efeitos, mas não se integram ao conceito, e ora são apresentados em função do conceito, mas estão longe de se constituírem em peças efetivas do uso linguístico” (Dias, 2006, p. 47). Ou seja, em analogia a uma ilha, são construções linguísticas isoladas que não estabelecem relações enunciativas com outras formulações, excluindo a história e enunciações anteriores. Um exemplo recortado do seu espaço enunciativo apenas para fins de demonstração de uma norma gramatical.

Reconhecendo a necessidade do aspecto relacional das formações linguísticas, Dias (2006) propõe uma ideia que vai além das questões sintáticas e estruturais, no intuito de elaborar um exercício de demonstração a partir dos modos de enunciação que perpassam os usos da língua. Dessa maneira, ele conceitua como exemplo-colmeia “o aglomerado de ocorrências que mantém relações entre si” (Dias, 2006, p. 52), apoiado na associação entre a ancoragem de outras formas linguísticas e suas atualizações no movimento enunciativo. Isto é, assim como uma colmeia, os exemplos estabelecem filiações enunciativas com outros exemplos em uma agregação quase que infinita de possibilidades, aglomerando sentidos diversos e se tornando mais efetivos na demonstração analítica de determinado conceito. Exemplos que não se constituem de forma aleatória e isolada, mas que evocam outros exemplos em redes enunciativas, possibilitando analisar, assim, as formas linguísticas e as diferentes enunciações dessas formas.

Fundamentados nessa proposta, entendemos que “as formas da língua são constitutivas da relação estabelecida entre uma instância de presente do enunciar e uma instância de anterioridade (da memória)¹¹” (Dias, 2013, p. 391). Ou seja, uma anterioridade de dizeres que constitui o presente representado pela enunciação. Nessa direção, segundo Dias (2018), a forma linguística, assim como o fato linguístico, pode ser compreendida a partir da tensão entre o plano da organicidade, representado pela estabilidade formal e arranjos sintáticos e o plano do enunciável, responsável pelas projeções enunciativas e discursivas da materialidade linguística na relação entre sujeito, língua e história. Desse modo, as formas linguísticas inseridas em redes enunciativas se constituem pelas regularidades e pelo reconhecimento de outras unidades a partir de sua estrutura, ao mesmo tempo em que se modificam e se atualizam no processo de enunciação. Logo, “ser forma linguística é significar em relação com as dimensões enunciativas do sentido e com as dimensões orgânicas do enunciado. É por essa perspectiva que explicamos a constituição do enunciado como espaço de integração” (Dias, 2023, p. 161).

¹¹ As noções de anterioridade e memória serão trabalhadas com mais detalhes no tópico 1.2 deste capítulo, assim como o conceito de temporalidade será desenvolvido no ponto 2.3.

Conforme Dias (2003, 2007), a dimensão orgânica não é autônoma, ou seja, não fornece todas as condições para a compreensão da língua, sendo necessária a associação com a dimensão do enunciável/simbólico. Enquanto a organicidade lida com aspectos materiais da língua, sequências lineares, arranjos sintáticos e estabilizações das unidades que articulam entre si; o simbólico vai lidar, em uma posição verticalizada, com as instâncias do memorável, da história, da temporalidade, ou seja, com elementos externos constitutivos que são evocados e projetados pela materialidade. A relação conflitante e consoante entre as dimensões produz uma demanda de saturação que, nas palavras de Dias (2007), liga os pontos verticais e horizontais entre o uno e o múltiplo, produzindo o fato linguístico. Tais pontos, a partir da tessitura enunciativa, se aglutinam e participam da constituição das formas linguísticas que em rede “têm a função de condensar sentidos diversos por meio de referenciais” (Dias, 2023, p. 169). Sendo assim, “o simbólico se ‘historiciza’ e o material se faz articulável” (Dias, 2007, p. 192,193).

A partir dessas reflexões, reforçamos que a forma linguística, qualificada nas agregações enunciativas em rede, só adquire identidade na medida em que articula as dimensões orgânicas e as dimensões simbólicas (enunciáveis), obedecendo às regularidades da organicidade e sendo mobilizada a funcionar pelo plano do enunciável. As formas linguísticas se constituem tendo em vista a história das suas enunciações por meio das instâncias do presente e da anterioridade, se configurando, assim, como “entidades potencialmente provocadoras de orientações do dizer” (Dias, 2018, p. 60).

Outro elemento fundamental para a análise dos aspectos materiais e simbólicos de uma rede é o enunciado. Guimarães (2018) considera o enunciado como unidade de análise da semântica que, por sua relação de integração com o texto, constitui sentido a partir das expressões linguísticas integradas a ele. Sendo assim,

do ponto de vista da enunciação, o enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa. Estas características são consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação. Ou seja, a unidade de análise é uma unidade de linguagem encontrada (que está presente) em acontecimentos específicos (Guimarães, 2018, p. 15).

Ou seja, a consistência interna, inserida na dimensão material, refere-se aos elementos linguísticos nas relações morfológica e de predicação que até um certo momento se bastam. No entanto, para não ser reduzido apenas a uma sequência de sons, formas e palavras, é necessário que a consistência interna esteja aliada a uma independência relativa (dimensão do simbólico), visto que o enunciado não é autônomo por si só e precisa estabelecer relações com elementos enunciativos e, assim, ser integrado ao acontecimento para significar.

Fundamentado nas relações entre os planos orgânicos e simbólicos da língua, a ideia de articulação proposta por Dias (2007) consiste na relação que as unidades linguísticas da materialidade estabelecem entre si a partir de sequências lineares. Desse modo, ele afirma que o conceito de articulação “inclui não só as relações de conexão entre duas unidades material e sequencialmente constituídas, mas também a vinculação entre uma unidade formal e unidades que não se apresentam materialmente situadas numa disposição sequencial” (Dias, 2018, p. 251). Ou seja, a articulação pode fazer relações com elementos do plano simbólico da língua que não estão materialmente presentes, mas são evocados e projetados pela materialidade no acontecimento enunciativo. Essa concepção de articulação é importante, uma vez que explora os eixos verticais e horizontais – e (porque não?) transversais/diagonais, – que formam uma rede constituída por relações diversas. Nessa direção,

o conceito de articulação não recobre a concepção de conexão. Esse último é concebido a partir de fenômenos como recção, concordância ou dependência de formas linguísticas, como abordado nos estudos sintáticos no século XX. A ideia da articulação advém da tese de que unidades linguísticas se relacionam por razões enunciativas, tendo em vista a mobilização de referenciais históricos em função de pertinências enunciativas configuradas na atualidade do dizer (Dias, 2023, p. 171).

Inserido nos estudos da formação nominal e das redes enunciativas, Dias (2023) estabelece quatro processos articulatórios em seu modelo de abordagem: intranominal, subnominal, internominal e predicativa. A articulação intranominal se encontra no nível morfológico e examina os formadores e formantes das palavras como uso do radicais e raiz, prefixos e sufixos; já a subnominal está relacionada à constituição semântica do nome e à condensação de enunciados variados em torno de uma unidade lexical; a internominal estuda a relação de convergência dos nomes pelos pronomes, numerais, adjetivos, artigos e preposições; e a articulação predicativa estaria no nível das sentenças e dos lugares sintáticos, observando a relação do nome com o predicado. Dias (2023) afirma que a rede enunciativa deve apresentar um desses quatro processos articulatórios no enunciado, uma vez que a rede

é um artefato metodológico de evidenciação do espaço integrativo do enunciado, seja na dimensão da unidade nominal, seja na dimensão de um grupo nominal, seja na dimensão mais ampla de um enunciado sentencial (Dias, 2023, p. 163)

Nossas discussões se pautam nos desdobramentos relacionados ao conceito de rede assim como a noção de articulação, visto que trabalharemos com outras noções (memória, tempo, espaço, história, falante) e referenciais que irão além do processo metodológico de análise. Sendo assim, o movimento articulatório das redes de enunciação pretende lidar não só com as relações materiais e simbólicas, como também explorar a ideia de conexão entre aspectos enunciativos como a memória e o espaço digital. Pretendemos, desse modo, explorar as formas linguísticas e os elos enunciativos para abordar a fidelidade e a fecundidade na rede

para além da concordância, explorando elos transversais, ou seja, entrecruzamentos sem linearidade na enunciação.

Tendo em vista as dimensões orgânicas e simbólicas das formas linguísticas, essa rede de enunciados constituída por diferenças e semelhanças permite observar o funcionamento da língua e as relações – visíveis ou não – que as formas linguísticas estabelecem para a produção de sentido (Dias, 2018). Sendo assim, diferente da ótica metodológica e inseridos na concepção que estamos propondo, é impossível mensurar o alcance de uma rede, uma vez que as variações de uma estrutura linguística são incalculáveis, tendo em vista os domínios de mobilização que integram esse movimento.

Dias (2018) constrói o conceito de domínio de mobilização a partir das críticas relacionadas às concepções de contexto e de intencionalidade. Nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, não trabalhamos com a noção de contexto porque além de ser muito ampla, assume a ideia de um guarda-chuva conceitual em que todos os termos se encontram sem uma relação de composição com a materialidade, assumindo uma posição externa às unidades linguísticas. Já a noção de intencionalidade está centrada na individualidade e propósitos do sujeito que se tornam impossíveis de mensurar e estudar linguisticamente sem os aparatos materiais. Vale lembrar que estudamos aspectos individuais, mas esses são moldados e inseridos nos referenciais históricos e sociais da linguagem, ou seja, estão configurados em rede. Sendo assim, Dias (2018) denomina os domínios de mobilização como “articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa” (Dias, 2018, p.17). Logo,

na nossa concepção, o domínio de mobilização advém da ideia de que as expressões simbólicas expressas individualmente são mobilizadas pelas diferentes visões sociais sobre o mundo e sobre o próprio homem. Em suma, nessa concepção de *mobilidade*, as formas de expressão não estão presas ao compromisso de retratar o mundo. E quanto ao conceito de *domínio*? Em linhas gerais, significa influência, incitação, suscitação. Então dizemos que as perspectivas sociais influem na maneira como expressamos, provocam o modo como expressamos, incitam-nos a expressar de uma maneira ou de outra, suscitam formas de apresentação das nossas ideias. Quando tratamos de domínio de mobilização, afirmamos que são modos sociais de agir, reagir, não agir, no mundo por meio de formas de expressão. Esses modos sociais são historicamente configurados e se definem na memória social como discursos (Dias, 2018, p. 57).

Nessa direção, é interessante para a nossa pesquisa explorar a ideia de domínios de mobilidade como qualificador enunciativo das unidades linguísticas dispostas em rede. Forças enunciativas que compõem enunciativamente as formas linguísticas. Ou seja, muito além da ideia do contexto de etiquetagem das coisas do mundo e da individualidade por si só, os domínios de mobilização estão inseridos em uma individualização em rede e são mobilizados

pelo acontecimento enunciativo, apresentando perspectivas sociais, históricas e temporais que constituem as formas linguísticas. Portanto, para Dias (2018), “a formação de uma rede enunciativa obedece ao objetivo de se evidenciar os domínios de mobilização das formas linguísticas, especificamente pela demonstração das articulações na constituição do enunciado” (Dias, 2018, p. 162). Dito isso, “na nossa concepção, essa é a ideia do domínio de mobilização das formas linguísticas: as formas significam mobilizadas pela relação entre memória (referencial histórico) e atualidade (pertinência enunciativa) no acontecimento enunciativo” (Dias, 2018, p. 161).

Fundamentados nas relações enunciativas visíveis e não visíveis em rede, nos propomos ir para além da ideia de procedimento metodológico, buscando, assim, o aspecto epistemológico do conceito de rede enunciativa na produção de sentidos e na relação com outros conceitos da Semântica Histórica da Enunciação. Vale ressaltar que utilizaremos as redes enunciativas na construção do nosso processo metodológico e coleta de dados para a pesquisa. Face a isso, pretendemos focar nosso estudo nas relações visíveis e não visíveis das formas linguísticas em rede a partir das dimensões de significação do falante, do tempo, da memória, da história e do espaço. As divisões na abordagem dessas noções não significam que elas não estejam relacionadas. É apenas uma segmentação para fins de análise e discussão teórica, visto que partimos do pressuposto de que são termos imbricados dentro do movimento enunciativo.

Desse modo, os domínios visíveis representados pela materialidade enunciativa e pela regularidade se ancoram em referenciais históricos que se constituem de relações que não estão visíveis, mas fazem parte da enunciação (Dias, 2018). A dimensão visível, assim como o plano orgânico das formas linguísticas não se bastam sozinhas. É necessário estabelecer filiações enunciativas com a historicidade de outros dizeres no intuito de fazer com que essas formas adquiram identidade. A ideia de referencial histórico, proposto por Dias (2018), assume um papel importante da dimensão não visível, visto que se configura por ancoragens em enunciações anteriores e possibilidades enunciativas que adquirem pertinência e produzem significação. O referencial histórico se configura por um olhar social compartilhado que é evocado pela materialidade linguística no acontecimento enunciativo (Dias, 2018). Segundo Dias (2018) os enunciados adquirem valor social ao se ancorar em domínios, tendo em vista o funcionamento histórico-social na atualização da significação. Essas relações de visibilidade e invisibilidade se dão em rede de filiações a partir de associações com enunciados anteriores e projeções de enunciações futuras.

Atrelado aos conceitos de rede enunciativa e referencial histórico, a pertinência enunciativa, para Dias (2015, 2018), fundamenta-se na ideia de aderência e agregação de um

enunciado ao espaço de enunciação. Dito isso, pertinência não significa, conforme sentido dicionarizado, apropriado ou relevante, e, por isso, “não tem relação com a qualidade da relação do enunciado” (Dias, 2015, p. 243). A pertinência enunciativa se localiza no nível da atualidade e da posteridade de um dizer, assumindo uma relação de aderência a outros dizeres em uma espécie de rede. Por meio desse processo de adesão, o enunciado é afetado por um conjunto de outros enunciados em um dado espaço, sendo regulado de acordo com as demandas do presente no qual ele se localiza. Assim, “é a ‘demanda do presente’ que estamos denominando pertinência enunciativa. As respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as repostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo” (Dias, 2018, p. 103). Dessa forma, configurada na história, a pertinência, “concebida na relação entre recortes de memória de significação e a demanda de um presente pelos referenciais, movimentada as formações articulatórias que constituem a sintaxe do enunciado, a sua constituição formal” (Dias, 2015, p. 245).

Um estudo organizado das redes enunciativas contribui para visualizar relações visíveis ou não e entender a mobilidade das formas linguísticas em uso. Dias (2023) afirma que independentemente da origem “dos fatos linguísticos demonstrados numa rede enunciativa, a nossa abordagem não exige um corpus previamente definido de circunscrição dos dados de análise, uma vez que não lidamos com o conceito de exemplo” (Dias, 2023, p. 163). O fato de não possuir um *corpus* previamente elaborado permite que a análise dos dados se distancie da questão da origem e foque na formação das redes enunciativas a partir de articulações entre repetições e diferenças das formas linguísticas. Dessa maneira, tais construções linguísticas, “trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. O ideal é a combinação dos dois tipos” (Dias, 2018, p. 35). A *internet* e o espaço digital, por meio dos sistemas de buscas e a capacidade de armazenar informações, favorecem a construção de redes e a formação dos movimentos articulatórios que se aglutinam na (re)produção da significação.

Sob esse viés, não lidamos com a noção de origem pela impossibilidade de se discutir tal aspecto tendo em vista a mobilidade e as modificações das formas linguísticas em rede no acontecimento enunciativo. O próprio conceito de rede se afasta da ideia de originalidade, visto que uma rede entrecruza dizeres sem estabelecer um fio originário que desencadeia outras construções linguísticas¹². Sendo assim, conforme Dias (2023), a rede enunciativa se configura

¹² No tópico destinado aos memes (1.3.1), desenvolveremos a noção de elemento matriz que tem relação com a ideia de originalidade.

como um artefato metodológico de seleção e coleta de enunciados - um método científico – que visa explicar e entender a constituição dos sentidos a partir de uma análise semântica das formas linguísticas em articulação.

Apresentaremos, a seguir, exemplos no intuito de ilustrar a construção das redes enunciativas sob a ótica metodológica e diferenciar, assim, do aspecto epistemológico que será desenvolvido neste trabalho. Para isso, apresentaremos o enunciado “Faz o L” enquanto meme, uma vez que estabelece relações entre regularidades e diferenças na (re)construção da significação no espaço digital. Nosso foco aqui é demonstrar a formação de uma rede enunciativa como procedimento metodológico. Dessa maneira, não iremos aprofundar as análises históricas e sociais que levam em consideração a memória e os memes como fenômenos de reivindicação política no espaço digital. Nos próximos tópicos, discutiremos com mais detalhes os desdobramentos das redes de enunciação, apresentando as diferenças em relação à perspectiva metodológica das redes.

Ao rastrear a forma linguística “Faz o L” nos campos de busca como *Google*, podemos perceber que o enunciado em questão se ancora em diferentes referenciais históricos, utilizando os aspectos verbo-visuais para compor o movimento de significação. Observemos a Figura 2:

Figura 2 – (2) “Faz o L” em prol da campanha do Lula



Fonte: *Google*¹³

A Figura 2 faz parte da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2022. O enunciado “Faz o L” se tornou popular entre os apoiadores de Lula que utilizavam gestos com a mão simbolizando a inicial “L” do nome de Lula. Esse foi um dos artifícios

¹³ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/870531802956884515/>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

utilizados em sua campanha, incluindo até participações de artistas “fazendo o L” em canções¹⁴. Assim, o enunciado “Faz o L” (2) tem como base referencial o apoio ao presidente Lula, orientando um engajamento nas plataformas digitais em prol do seu governo.

Quadro 1 – Rede Enunciativa 1

<i>ENUNCIADO</i>	<i>REFERENCIAL HISTÓRICO</i>
Faz o L (2)	Apoio ao Lula e ao seu governo

Fonte: Elaborado pelo autor

Tendo em vista o processo de temporalidade de ancoragens, atualizações e projeções de sentido, notamos na Figura 3 uma ressignificação do enunciado “Faz o L”.

Figura 3 – (3) “Faz o L” contrário ao governo Lula



Fonte: Google¹⁵

É possível observar que, na Figura 3, o enunciado “Faz o L que passa” aparece atrelado a outro enunciado como uma resposta à pergunta: “foi roubado e apanhou dos vagabundos que você defende?”. Nesse caso (3), temos uma mudança de referencial que agora não se ancora mais no apoio ao Lula (1), mas sim em críticas relacionadas à segurança, colocando o enunciado “Faz o L” como “solução” para o problema da criminalização. Assim, de forma irônica, o exemplo (3) questiona as pessoas que “fizeram o L”, ou seja, votaram em Lula, como mercedores ou mesmo culpados pelo fato de terem sido roubados ou assaltados. Dessa

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jTxpT3QqJIY>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.criarmeme.com.br/meme/65393>. Acesso em: 21 mar. 2024.

maneira, o enunciado “Faz o L” (3) se ancora em críticas ao governo Lula relacionadas à segurança, à criminalização e à defesa dos direitos humanos (vagabundos que você defende).

Quadro 2 – Rede Enunciativa 2

<i>ENUNCIADO</i>	<i>REFERENCIAL HISTÓRICO</i>
Faz o L (2)	Apoio ao Lula e ao seu governo
Faz o L (3)	Críticas ao Lula e ao seu governo

Fonte: Elaborado pelo autor

Ancorado em outro referencial, analisemos a Figura 4 a seguir:

Figura 4 – (4) “Faz o L” comemoração do jogador Germán Cano



Fonte: *Google*¹⁶

Entre similitudes e diferenças, as redes enunciativas vão se construindo a partir de diversos referenciais históricos evocados pela forma linguística. Nessa configuração da rede, percebemos que na Figura 4 o enunciado “Faz o L” está associado ao nome e à imagem do jogador argentino Germán Cano que atua no clube de futebol do Fluminense (RJ). Cano comemora seus gols “fazendo o L” e muitos torcedores utilizam o “L” em sua homenagem. Assim, o enunciado (4) se distancia dos referenciais políticos de (2) e (3) e se ancora no referencial futebolístico, visto que Cano utiliza o símbolo do “L” não para orientações políticas, mas para homenagear seu filho Lorenzo¹⁷.

A partir desses breves exemplos, conseguimos constituir uma rede pela percepção metodológica no qual o mesmo enunciado pode se ancorar em diferentes referenciais e projetar diversos sentidos.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=3O-tKzpBxw4>. Acesso em: 21 mar. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/noticia/2023/03/cano-diz-que-ja-foi-xingado-por-fazer-o-l-confundiram-com-politica.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2024.

Quadro 3 – Rede Enunciativa 3

<i>ENUNCIADO</i>	<i>REFERENCIAL HISTÓRICO</i>
Faz o L (2)	Apoio ao Lula e ao seu governo
Faz o L (3)	Críticas ao Lula e ao seu governo
Faz o L (4)	Comemoração do jogador Germán Cano

Fonte: Elaborado pelo autor

Dado o exposto, como são esculpidas as redes enunciativas enquanto processo metodológico? A partir da relação entre contrastes e semelhanças, as formas linguísticas vão se constituindo de referenciais históricos que ligam fios enunciativos a outros enunciados, tendo como movimento da diferença a atualização desses dizeres no intuito de projetar e orientar sentidos e adquirir pertinência. Essa teia de significações (5) se constrói apoiada nas articulações que vão além do aspecto material, abordando, assim, o plano simbólico da língua representado pelos domínios de mobilização que fazem com que as formas linguísticas se enriqueçam enunciativamente de pontos de vistas históricos e sociais.

Figura 5 – (5) Rede e a perspectiva metodológica



Fonte: Elaborada pelo autor

Nessa conjuntura, pretendemos, paralelo às sistematizações de ordem metodológica das redes enunciativas, abordar a relação da rede com o memorável apoiada nas ancoragens e projeções das formas linguísticas.

1.2 As redes e as rememorações enunciativas: entrelaçamentos e ancoragens

Quando pensamos na palavra memória nos vêm ideias relacionadas às lembranças ou recordações, acontecimentos passados, experiências adquiridas anteriormente, capacidade de armazenamento e processamento de aparelhos eletrônicos, lembretes, entre outros sentidos que essa palavra carrega. A partir dessas diferentes maneiras de compreender a memória, pretendemos, neste tópico, passear por algumas dessas noções, no intuito de abordar a memória enunciativa das formas linguísticas e sua configuração em rede no processo do acontecimento. Assim, nossas discussões servirão de base para a construção de um dos referenciais das redes de enunciação relacionadas ao memorável, visto que as redes possuem a capacidade de estabelecer ancoragens e entrelaçar dizeres passados para significar no presente.

Segundo Guimarães (1996) a memória é latente, ou seja, se apresenta como uma potência à espera da enunciação. Desse modo, as formas linguísticas se dispõem em redes não lineares onde esquecem e guardam enunciações anteriores e que ao se presentificar no acontecimento enunciativo, resgatam/recortam dizeres e atualizam as marcas de seu passado que carregam em sua estrutura, estabelecendo, assim, uma relação temporal entre passado, presente e futuro. A temporalidade para Guimarães (2017) não se define pela relação de antes e depois, não é pontual e nem linear. Ela se dá mediante a um presente que projeta um futuro atrelado aos sentidos e que são ancorados por um passado, recortado como memorável, no processo de significação (Guimarães, 2017). Face a isso, o passado da temporalidade enunciativa se caracteriza como memorável nas palavras de Guimarães (2017) e se configura pelo recorte e pela rememoração de enunciações anteriores que são evocadas pelas formas linguísticas pela/na enunciação. Ou seja, o memorável, ou o passado da temporalidade enunciativa, é múltiplo, descontínuo e móvel sendo capaz de produzir elos entre os dizeres recortados pelo/no acontecimento a fim de atualizá-los a partir de uma condição latente.

Dalmaschio (2016), ao examinar diversas perspectivas teóricas relacionadas à memória, afirma que a memória enunciativa não significa reservatório de lembranças, armazenamento de informações e “sede” de conhecimentos psicológicos. Dessa forma, a memória, nos estudos semântico-enunciativos, representa um dos pilares da significação, “uma vez que significar é colocar em ato dizeres virtuais que, pela memória enunciativa, ganham atualização” (Dalmaschio, 2016, p. 2819). Essa virtualidade latente de dizeres passados se constrói a partir de olhares sociais compartilhados que são captados e articulados pelas formas linguísticas postas em enunciação, estruturando uma rede infinita de retomadas e (re)produção de sentidos a partir da dimensão enunciável da língua.

Nessa direção, conseguimos delinear, até o momento, as primeiras características das redes de enunciação enquanto memorável. As redes, assim como a temporalidade e o memorável, não são formadas por linearidades e sequências sucessivas. Elas se configuram como uma tensão dinâmica e um fluxo intenso de dizeres múltiplos que se entrecruzam a todo instante até serem recortados pela enunciação. No entanto, esse alto fluxo de dizeres não se apresenta de maneira dispersa e desorganizada. As redes de enunciação possuem a capacidade de amarrar, por meio da memória, enunciações anteriores, estabelecendo uma “desordem organizada” na relação temporal em que passado, presente e futuro se manifestam concomitantemente. Se pensarmos nas formas linguísticas inseridas em redes, percebemos a relação dos passados da temporalidade como fios que se presentificam e projetam outros elos que irão se conectar a outros dizeres, instituindo uma relação móvel e de muitas possibilidades enunciativas. Assim, nas relações não visíveis das redes de enunciação, o memorável se constitui como fios que se ancoram e tecem enunciações contidas em outras enunciações em um fluxo constante de (re)significações.

Em paralelo à noção de memorável, Dias (2015, 2018) desenvolve o conceito de referencial histórico que se localiza no plano da anterioridade e busca, através de um espaço de correlações, sustentar as condições de um dizer. A concepção de referencial proposta por Dias (2015, 2018) advém de Michel Foucault 2008 [1969] para quem

um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado (FOUCAULT, 2008 [1969], p.103).

Nesse viés, o referencial não se define como algo fixo e estático, mas sim organizado por possibilidades em um campo de circunstâncias que traz significação ao enunciado (DIAS, 2018). Dessa maneira, fundamentado nas perspectivas semânticas enunciativas, Dias (2023) concebe a significação a partir do referencial, se distanciando de outros modelos teóricos na área da semântica que utilizam a referência e a referenciação como base da construção do sentido. Segundo o autor, a referência defende a ideia de que “a expressão linguística adquire significação pela sua relação com um objeto da exterioridade da linguagem (referente)” (Dias, 2023, p. 158). Já os teóricos que desenvolvem o conceito de referenciação defendem “que os objetos são constituídos por categorizações de ordem cognitiva” (Dias, 2023, p. 158), no qual as experiências do sujeito individual seriam a base para a significação.

Assim, na Semântica Histórica da Enunciação, as redes de enunciação não apresentam pontas ou extremidades, visto que os referenciais se caracterizam como ordenamento sócio histórico da apreensão dos objetos, traçando e entrelaçando direcionamentos e ancoragens aos dizeres. Ou seja, são responsáveis pela organização dos sentidos que são recortados na/pela enunciação, estabelecendo limites e leis de possibilidades a partir do balizamento histórico que não é cognitivo, nem externo da linguagem, mas da própria instância do memorável (Dias, 2023).

Com efeito, os referenciais contribuem para o alinhamento dos sentidos das formas linguísticas em uma rede. No entanto, esse alinhamento não se organiza de maneira linear e cronológica. Muito pelo contrário. Essa estruturação demonstra que nada significa de forma isolada, mas sim pelas ancoragens e recortes dentro das filiações enunciativas. Face a isso, uma forma linguística não pode significar tudo. Toda forma linguística, ao ser enunciada, está disposta em uma rede que estabelece elos e rememora enunciações anteriores a partir de um recorte delimitado de múltiplas possibilidades que aderem à situação enunciativa por entrecruzamentos.

Na especificação que produzimos a partir desse conceito (DIAS, 2018), o referencial recobre a concepção de memorável para designar a instância da significação em que as unidades significadas se filiam a temáticas e perspectivas sócio-históricas. As unidades linguísticas significam porque se filiam a referenciais históricos preexistentes ao seu uso efetivo. Na dinâmica social, estabilizam-se e regularizam-se pontos de vista e temas sob os quais indivíduos, objetos, estados de coisas e relações adquirem sentido no acontecimento enunciativo (Dias, 2023, p. 158).

Vale ressaltar que não se deve confundir a memória de sentidos, discursiva (interdiscurso) com o memorável enquanto passado recortado pela temporalização do acontecimento (Guimarães, 2017). Ambas as dimensões são importantes para a configuração das redes de enunciação e se completam com suas especificidades, seja pelo caráter discursivo, seja por questões da temporalidade do acontecimento enunciativo. Em Silva (2019) trabalhamos a memória como parte de

uma dimensão discursiva, a partir de uma noção mais abrangente caracterizada pela atividade dinâmica de resignificação e conflito. Enquanto o memorável pode ser compreendido a partir da dimensão da temporalidade do acontecimento representado pelo passado que é resgatado/recortado pela enunciação (Silva, 2019, p. 72).

Sob esse viés, as redes de enunciação são compostas por essas duas perspectivas: a discursiva, relacionada ao interdiscurso; e a do passado, da temporalidade enunciativa. Ambas as dimensões fazem parte do plano simbólico da língua e se enlaçam nas ancoragens por traços daquilo que já significou e já foi enunciado em outros lugares. Para Dias (2018), as formas linguísticas, como unidades de significação, retomam as instâncias do “já enunciado”, no intuito

de mobilizar a dimensão da memória, latente, e reorganizam os dizeres na atualidade da enunciação. Tendo em vista a latência e a virtualidade dos dizeres,

a memória é considerada de natureza discursiva porque ela só é captada na relação entre discursos. Nessa relação, temos de um lado, a instância da formulação discursiva, na constituição do acontecimento enunciativo, e de outro a instância daquilo que circulou em outros tempos e lugares (Dias, 2018, p. 88).

Nesse âmbito, as enunciações e as relações que uma forma linguística evoca para (re)construir sentidos não podem ser confundidas com o contexto ou com algum aspecto distante e isolado do elemento linguístico. A memória assume seu papel de exterioridade, mas não deixa de participar das redes de enunciação, uma vez que estão atreladas às unidades linguísticas. Desse modo, as ancoragens são orientadas dentro do que a língua possibilita em uma dada situação enunciativa.

Diferentemente das abordagens de ordem pragmática, que operam com a noção de contexto, a nossa abordagem pretende mostrar que faz parte da identidade da forma linguística uma dimensão enunciativa. Nessa dimensão, a exterioridade tem um caráter de memória (de ordem social e histórica). O locutor nunca tem um aceso geral e irrestrito a esse campo de memória, porque ele se configura em recortes discursivos, que são recortes da memória historicamente delimitados. A identidade do linguístico é produzida em relação com o discursivo (Dias, 2018, p. 90).

Os recortes discursivos no campo da memória, mencionados por Dias (2018), fazem parte dos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, visto que concedem identidade à materialidade linguística. E, fundamentado nos estudos discursivos, Pêcheux (1999) define memória como um espaço móvel, heterogêneo de divisões, deslocamentos, retomadas, conflitos, réplicas e contradiscursos. Um espaço histórico construído por um jogo de estabilidade e confronto que restabelece os implícitos, os pré-construídos e os discursos transversos de que necessita para projetar sentidos. Assim, a memória se configura como “como estruturação da materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regulação” (Pêcheux, 1999, p. 52).

Dessa forma, a noção de redes de enunciação também agrega a memória enquanto interdiscurso, visto que são responsáveis por ligar elementos, que apesar de não serem visíveis, fazem parte da estrutura e dos fios que agregam às formas linguísticas. Assim, conceituando o discurso como efeitos de sentidos entre locutores, Orlandi (2009) afirma que esses sentidos se caracterizam pelo o que foi dito, por aquilo que não foi dito e pelo o que poderia ser dito, enquanto possibilidade do dizer. Para a autora, esses vestígios dos dizeres são resgatados pela memória como pistas para se compreender os sentidos tendo em vista as condições de produção.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nossa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada

tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (Orlandi, 2009, p. 31).

Os efeitos de sentido são dispostos de formas torrencial com diferentes movimentos, fluxos e direções. Na ideia da rede, é inviável definir com precisão onde surge e para onde vai essa torrente de sentidos. Nas palavras de Orlandi (2012), a língua apresenta um movimento plural e desordenado que constrói e reconstrói sentidos em um mesmo objeto simbólico, uma vez que o sentido não é exato, mas é (re)construído historicamente e socialmente. Para a autora, essas tensões e deslocamentos estabelecem a ideia de sentidos em fuga a partir do jogo de conflito, atravessamentos de outros discursos e constantes reconstruções.

Sentidos em fuga não são só sentidos que deslizam, e a não coincidência é fato da metáfora: uma palavra por outra, transferência. Não é, tampouco, uma questão de heterogeneidade. É desmanche. Explosão que desestabiliza e produz movimento desordenado. Se em certo momento, defini polissemia como a pluralidade de movimentos de sentido num mesmo objeto simbólico, face ao que estou propondo como sentidos em fuga, temos uma explosão, como disse, uma desorganização produzida pelo movimento, ou mesmo movimentos, no plural (Orlandi, 2012, p. 25).

Acreditamos que as redes de enunciação se constituem de forma relativamente desordenada, visto que elementos como o memorável/referencial histórico abrem, mas também limitam e orientam as possibilidades enunciativas. Desse modo, apesar dessa relação multiforme, conflituosa, intensa e com um aparente desarranjo, as ancoragens de uma rede não se organizam de maneira desregrada com uma debandada de sentidos. As redes necessitam de uma organização dos recortes enunciativos que orientam quais sentidos são rememorados e evocados pelos dizeres, a partir da temporalidade enunciativa e da materialidade linguística. Assim, a partir da relação temporal em que a língua se encontra, nunca estamos apenas no presente, justamente devido às redes e aos elementos enunciativos que retomam e projetam sentidos.

Tendo em vista tais reflexões podemos elaborar uma analogia: se cortarmos um pedaço (um fio) de uma rede, outros estarão lá para reconectar e reconstruir esse fio a partir da enunciação. O espaço que ficará entre os fios, também faz parte dessa estrutura e (re)significa. Outros pontos irão se conectar e outras relações irão se formar baseadas no espaço criado entre os fios. Aquele espaço tem uma razão e produz sentidos. A enunciação e a memória seriam responsáveis por ligar esses fios “perdidos”. Essas “falhas” nas redes representam: o esquecimento como a ocultação de discursos e o silêncio como aquilo que não pode ou não deve ser dito (Orlandi, 2009, 2012). Tais componentes são construtores de sentidos e elementos fundamentais para “sacudir” as redes, uma vez que a memória também pode ser materializada por aquilo que não se diz ou por aquilo que é esquecido.

Com Antonio Cândido de Mello e Souza aprendi, ainda estudante, o que ele chamava de efeito minhoca: a gente corta um pedaço e ela continua viva e se refaz dali pra frente. Não interessa o que ficou para trás. Era essa etiqueta que nos impunham quando nos diziam que éramos um país sem memória. Nossa memória não funciona como a minhoca: ela se constitui pelo esquecimento mas não desaparece, ao contrário, o esquecimento é aí estruturante, produz seus efeitos e significa em nosso presente. Não é imóvel, não é determinística, mas é constitutiva. Sem passado, não temos história e sem esta não significamos no presente, tampouco nos projetamos no futuro. Ter um passado não é ter uma tradição imóvel, um patrimônio morto, uma herança (ao estilo genético). Sem passado não há projeto de futuro, projeção possível. O passado não é cronológico, é histórico. Ele é parte do futuro que se projeta, memória itinerante, melhor, memória estruturante da possibilidade do presente fazer sentido. É o sentido mesmo da memória, de historicidade que está em questão (Orlandi, 2012, p. 18).

Dado o exposto, podemos afirmar que as redes de enunciação, portanto, abrangem duas dimensões da memória: a dimensão discursiva e a dimensão da temporalidade enunciativa. Ambas as dimensões dialogam com o passado e a rememoração de dizeres que vão formando teias de sentidos, tendo a enunciação como movimento que (re)conecta e (re)significa, esquece, silencia, estabiliza, contrapõe, ecoa e ressoa os fios de uma rede.

Paralelamente a essa discussão, em uma perspectiva assumida por alguns estudos no campo da História, Nora (1993 [1984]) desenvolve o conceito de lugar de memória que rompe com uma ideia de memória estática, intocável, replicadora passiva e inquestionável. Desse modo, o autor defende a tese de que a memória se relaciona com o passado não de maneira continuada e retrospectiva, mas de forma descontínua a partir de contradições construídas sócio-historicamente (Nora, 1993). E, partindo do pressuposto de que a linguagem se ancora em dizeres anteriores e está imersa em um processo de metamorfose constante, os lugares de memória não se configuram como um depositário do passado, mas como lugares mistos, mutantes, híbridos em uma relação entre o coletivo e o individual, entre o móvel e o imóvel (Nora, 1993).

Para Nora (1993), os lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea” (Nora, 1993, p. 13) e, por se encontrar em permanente evolução, está “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (Nora, 1993, p. 9).

Compartilhamos do mesmo pensamento do autor e afirmamos que a memória enunciativa não é autossuficiente e por isso não é autônoma. A memória em rede não é algo que surge de forma natural e automática. A memória é evocada pelo/no processo de enunciação a partir do movimento de temporalidade que coloca passado, presente e futuro de maneira concomitante. Ao se utilizar a língua, as ancoragens são (re)estabelecidas pela relação

individual e coletiva, uma vez que a memória se torna esse fio invisível que liga os sentidos por meio de uma “rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma.” (Nora, 1993, p. 27). Logo, assim como Nora, acreditamos que os “lugares de memória não tem (*sic*) referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente” (Nora, 1993, p. 27). Nas redes de enunciação, trabalhamos justamente com a ideia de referencial histórico a fim de se distanciar da ideia estática do significado e do referente, para, assim, analisarmos a fluidez e a mobilidade com que as formas linguísticas, susceptíveis a projeções, constroem seus elos da significação tendo em vista o uso da língua. Assim, é na relação entre a individualidade e a coletividade que a memória se (re)estabelece como parte importante das redes na medida em que se renova e se revitaliza energizada pelo passado.

Nessa tessitura não espontânea da memória, falante, língua e história enlaçam nós dentro das redes de enunciação. Desse modo, é necessário que discutamos os aspectos individuais e coletivos nesse processo de rememoração, visto que, como dissemos anteriormente, a memória coletiva e a participação individual se tornam elementos fundamentais para a construção da memória em rede.

Discorremos que um falante, ao enunciar, se insere em um processo de temporalidade enunciativa no intuito de projetar sentidos. A noção de falante se fundamentada naquela assumida por Guimarães (2017, 2018) que o considera como um ser de linguagem e um lugar de enunciação determinado pela relação com as línguas e outros falantes no espaço de enunciação. Ou seja, para Guimarães (2017, 2018), o falante não se configura como uma pessoa física, empírica ou psicológica, mas uma figura linguística. Isso difere de outras noções e perspectivas que aparecerão neste trabalho, visto que muito teóricos tratam o indivíduo como um ser físico e psicológico.

Sendo assim, o falante expressa suas ideias, afirmações e negações de maneira individual. Tal processo não se dá apenas de maneira individualizada, por mais que o falante acredite que ele tenha controle total da língua e de suas ancoragens¹⁸. Da mesma maneira que, quando manifestamos coletivamente, estamos nos marcando individualmente dentro de um processo de identificação social. Logo, há aspectos individuais nas redes de enunciação e eles não podem ser negligenciados. Manifestações individuais e olhares sociais compartilhados coletivamente constituem o falante das redes de enunciação que é agenciado e agencia a língua, concomitantemente, no intuito de projetar sentidos. Desse modo, o falante é concebido como

¹⁸ Desenvolveremos com mais profundidade a relação do falante com a língua no ponto 2.2 deste trabalho.

um ser múltiplo, social e em rede, uma vez que é afetado pelo espaço de enunciação, por outros falantes e línguas, impossibilitando que ele se torne uno e isolado. Ao mesmo tempo que, no espaço múltiplo, o falante tem a necessidade de se expressar e de se marcar em meio ao social compartilhado, movimentando, assim, o processo de individualização em rede. Ressalto que a divisão entre individualidade e coletividade se desenvolve para fins de análise teórica. Ainda que apresentem particularidades próprias, ambos os elementos não se separam na construção das redes, visto que um elemento é constituído pelo outro simultaneamente.

Sob esse viés, Halbwachs (2003 [1968]) desenvolve a noção de memória relacionada às lembranças dos indivíduos (sujeitos empíricos) a partir dos aspectos individuais e coletivos como recordações pessoais, lugares ou situações, imagens e relatos que modificam a impressão que guardamos, testemunhos alheios que complementam nossas lembranças, além das recordações de infância que geram afetividade. A partir dessas discussões, o autor afirma que a memória coletiva e a memória individual estão intrinsecamente ligadas, visto que o aspecto individual é moldado e se reconstrói baseado nas estruturas e grupos sociais ao qual pertence, mantendo cada um suas particularidades.

Segundo Halbwachs (2003) as lembranças estão dispersas em diversos ambientes, externas ao indivíduo, e permanecem coletivas, mesmo que trate de eventos extremamente individuais em que só o indivíduo esteja envolvido. Dessa maneira, as memórias estabelecem entre si pontos de contato e são reconstruídos a partir de uma base comum a fim de serem reconhecidas. Vale ressaltar que Halbwachs (2023) aborda a questão da memória como lembrança e que “quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato” (Halbwachs, 2003, p. 59). Dito isso,

se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (Halbwachs, 2003, P. 69)

O sociólogo francês ainda afirma que as memórias coletivas e as memórias individuais não se confundem, mesmo muito agregadas umas as outras, uma vez que ambas evoluem consoante a suas leis. De fato,

se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada a sua substância (Halbwachs, 2003, p. 71-72).

Em relação à memória individual, o autor sustenta que ela não está inteiramente isolada e fechada, visto que, para evocar o passado, um indivíduo precisa recorrer a lembranças de outros, se transportando para pontos de caráter social, externos a ele. Logo, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente” (Halbwachs, 2003, p. 72).

Desse modo, para Halbwachs (2003), as lembranças coletivas viriam se aplicar sobre as lembranças individuais, mas para isso a individual precisa estar lá para que a memória não fique no vazio. É necessário um ponto individual para recordar. Por isso é importante a relação entre o individual e o coletivo. Um se filia ao outro.

Em paralelo com as perspectivas da Semântica Histórica da Enunciação, se temos um acontecimento enunciativo e você não consegue resgatar seu memorável e sua historicidade, a significação ficará comprometida. É preciso que as ancoragens sejam estabelecidas para que determinado enunciado atualize e projete sentidos. Sem o movimento da memória, o dizer se isola das associações e perde significação. Dessa forma, se não há vínculos entre os fios das redes de enunciação, não há memória, não há significação.

Apesar da diferença teórica em relação à abordagem da memória enunciativa, Halbwachs (2003) nos traz reflexões interessantes no que diz respeito ao papel da memória, da individualidade e da coletividade nas redes de enunciação. O elemento individual das redes é construído a partir de pontos de vista imersos a uma coletividade de enunciações que (re)constrói memoráveis. As forças “externas”, mencionadas por Halbwachs (2003), que, para nós, fazem parte a dimensão simbólica da língua, constituem as formas linguísticas e são evocadas na/pela enunciação para serem captadas e reconhecidas socialmente. Nesse âmbito, o conceito de individualização em rede representa a relação entre a individualidade e a coletividade de maneira coexistente. No entanto, apesar de se apresentarem de maneira integrada, é possível perceber a individualização a partir do ponto de vista do falante, suas singularidades e diferenças e o coletivo (em rede) enquanto regularidades, historicidade do dizer e ancoragens sociais.

Vale ressaltar que quando utilizamos a individualidade em nossa pesquisa não estamos dizendo que a língua se afasta da história e da enunciação. Quando tratamos do aspecto individual não nos referimos a algo isolado, ilhado. A individualização precisa de elementos coletivos, assim como os elementos coletivos precisam do individual. Não pretendemos colocar o individual como oposto do coletivo. Numa teoria tão coletiva e social como a Semântica

Histórica da Enunciação, o individual também precisa ser pontuado, uma vez que a rede, para sua construção, é perpassada por ações individuais.

Fundamentados na perspectiva semântica-enunciativa, a memória é como uma via de mão dupla, uma vez que as captações são sociais e, ao mesmo tempo, são mediadas pela individualidade do falante histórico (Dalmaschio, 2016). Sendo assim,

nos pautamos na tese de que estar na língua é ocupar lugares de significação, pois acreditamos que, ao compartilharmos determinados percursos de sentido, estamos, na verdade, compartilhando lugares de memória, nos quais se ancora o acontecimento do dizer. Portanto, não há significações desprendidas, individuais porque a história gerencia a constituição do sentido (Dalmaschio, 2016, p. 2823).

Em suma, o que é se manifestar em rede tendo como base a perspectiva da memória? As redes de enunciação se constituem de memórias (6). Memórias essas que perpassam por lugares, pontos de contato, individualidades, temporalidades e referenciais históricos. Tais noções se configuram como os fios que garantem a significação do dizer. Desse modo, as redes, inseridas na ótica da memória, estabelecem elos que vão além das articulações internominais, intranominais, subnominais e predicativas. O passado, latente enquanto memória na dimensão não visível, é evocado pelas formas linguísticas de maneira não espontânea a partir de um fluxo descontínuo e tenso em que os sentidos, relativamente desordenados, se entrecruzam sem linearidade. Assim, os pré-construídos, o já dito e até aquilo que não foi dito ou esquecido formam uma teia dispersa e ordenada pelos referenciais históricos que correlacionam e direcionam sentidos, levando em conta os aspectos individuais da singularidade e da diferença e os aspectos coletivos da regularidade e do olhar social compartilhado. Com efeito, tendo em vista as discussões propostas, sustentamos a ideia de que o “olhar memorizador do mundo é um olhar linguajeiro, é um olhar semântico” (Dalmaschio, 2016, p. 2819) e complementamos que também é um olhar em rede.

dificuldades ainda se mantêm no século XXI com um poder de alcance tão alto que Lévy e ninguém poderia e pode prever.

Lévy (1999) já afirmava que o meio digital não pode ser negligenciado, mas não substitui nenhum outro tipo de comunicação, assim como a fotografia não substituiu a pintura e o cinema não substituiu o teatro. O espaço digital une e, principalmente, intensifica os meios de comunicação trazendo diferentes roupagens. Escrita, leitura, visão e audição sofreram, sofrem e ainda vão sofrer alterações e adaptações ao mundo *online*. Vivenciamos um novo espaço de enunciações no qual é impossível fixar significados devido ao alto poder de transformação contínua. A evolução e aperfeiçoamento das questões técnicas como memória, desempenho, velocidade, transmissão, inteligência artificial, plataformas sociais e aplicativos direcionam as mutações linguísticas e sociais, uma vez que “as implicações culturais e sociais do digital se aprofundam e se diferenciam a cada nova interface, a cada aumento de potência ou capacidade, a cada nova ramificação para outros conjuntos de técnicas” (Lévy, 1999, p.112).

Ao tratar da era digital e suas implicações sociais e culturais, a cibercultura surge como um novo modelo cultural que pretende examinar a maneira como as pessoas se relacionam, abordando o envolvimento e as consequências da *internet* nos modos de pensamento do ser humano. Desse modo,

a cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre (Lévy, 1999, p. 130).

Segundo Lévy (1999), a cibercultura é a manifestação da vitalidade social dentro de um fenômeno técnico e não pode ser considerada uma subcultura por justamente incitar a renovação radical do pensamento político, histórico e social que promove uma mudança na própria noção de cultura. E, a partir dos laços e fios sociais e de toda essa mutação cultural,

a cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (Lévy, 1999, p. 127).

Para Lemos (2015), a cibercultura assume uma posição transversal e descentralizadora, proporcionando interatividade e agregações sociais que visam a uma conectividade telemática em rede, ampliando e potencializando diferentes pontos de vista. Lemos (2015) ainda afirma que a cibercultura estabelece uma sinergia entre a vida social e os dispositivos eletrônicos em rede e que seu intenso processo de aceleração contribui para abolição de espaços homogêneos

e se tornam onipresentes ao ponto de não se conseguir determinar o seu início e o seu fim. Sendo assim,

a cibercultura que se forma sob os nossos olhos mostra, para o melhor ou para o pior, como as novas tecnologias estão sendo, efetivamente, utilizadas como ferramentas de uma efervescência social (compartilhamento de emoções, de convivialidade e de formação comunitária). A cibercultura é a socialidade como prática da tecnologia (Lemos, 2015, p. 91).

A ideia de rede transversal, diagonal, sem pontas, sem extremidades e sem fronteiras se incorpora na cibercultura e se torna constitutiva ao homem e à sociedade produzindo novas formas de relações sociais. Logo, “a cibercultura, através do ciberespaço e suas tecnologias, parece instituir um contato generalizado, uma relação de proximidade e de sentimento comunitário, mesmo sem contato físico” (Lemos, 2015, p. 147).

Nesse âmbito da participação e contribuição coletiva por laços sociais, Lévy (1999) conceitua ciberespaço - que também é chamado de “rede” pelo autor – como um novo meio de comunicação/espaço que surge da interconexão mundial de computadores e explora não apenas “a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17). Ou seja, o ciberespaço se constitui como o universo das redes digitais que vai além dos aspectos técnicos e maquinais e insere falantes, dizeres, pontos de vista, explorando recursos sociais e técnicos em prol da participação coletiva. Um dispositivo interativo e comunitário que não se configura como infraestrutura, mas utiliza dela para gerir e movimentar relações sociais. E, por meio de relações heterogêneas, o ciberespaço apresenta um coletivo construído pela individualidade, uma vez que é organizado por ideias conflituosas e pessoais, mas não está povoado por indivíduos isolados e sim por uma rede em que não há centralização e nem margens. Logo, o ciberespaço estabelece uma rede sem fronteiras em meio à fluidez de um caos¹⁹ não linear, desordenado e amplamente interconectado (Lemos, 2015).

O modelo informatizado, cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro “editor-coletor-distribuidor”, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada (Lemos, 2015, p.81).

O ciberespaço, assim como nossas concepções de rede, não se apresenta como um espaço físico e sim por uma construção rizomática sem linearidade, assumindo sua função associativa e agregadora que possibilita a participação social por meio da aproximação entre

¹⁹ O conceito de caos, assumido nessa perspectiva, não está relativo à dispersão total ou estado de completa desordem. Abordamos caos a partir de uma ideia de conglomeração, que apesar de apresentar um sentido de desordem e confusão, possui certos direcionamentos e organizações.

peças e grupos. Arelada a essa ferramenta de organização de comunidades, o ciberespaço é o que os usuários colocam nele por meio de manifestações individuais em rede, uma vez que os aspectos técnicos não se colocam como positivos, negativos ou neutros (Lemos, 2015). Tudo depende do que se decide fazer com ela, uma vez que o falante condiciona e é condicionado pelo aparato técnico e social do seu uso.

Sob esse viés, o ciberespaço se configura como um ambiente de discussões plurais a partir de elos que potencializam suas propriedades e que, de acordo com Lévy (1999), constrói o sistema do caos que quanto mais se amplia, mais se torna universal e integrado. Sendo assim, “essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transmissão labiríntica, chamo-a de “universal sem totalidade. Constitui a essência paradoxal da cibercultura” (Lévy, 1999, p. 111).

Ao tratar do surgimento dessa nova configuração social em rede, Lévy (1999) afirma que a cibercultura, assim como o ciberespaço, representam uma “universalidade sem totalidade”. Lévy (1999) entende a universalidade desprovida de um significado estático e centralizado, ou seja, não fixa significações, se construindo, assim, por meio da interconexão proporcionada pelo ambiente virtual. Dessa maneira, não há uma totalidade pelo fato de não apresentar uma unidade estabilizada de sentido. Lévy (1999) sustenta a ideia da impossibilidade de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido, uma vez que a cibercultura não se configura enquanto movimento homogêneo e impositivo. É comportando a diversidade e a heterogeneidade de assuntos, pensamentos e abordagens que a cibercultura “mantém a universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a totalidade” (Lévy, 1999, p. 249), assumindo a ideia de que “quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável” (Lévy, 1999, p. 120). Logo, a cibercultura promove um movimento em rede em que eclodem tensões e contradições, não se articulando com o fechamento de questões, mas abrindo projeções enunciativas diversas.

Em resumo, o programa da cibercultura é o universal sem totalidade. Universal, já que a interconexão não deve ser apenas mundial, mas quer também atingir a compatibilidade ou interoperabilidade generalizada. Universal, pois o limite do programa da cibercultura qualquer um deve poder acessar de qualquer lugar as diversas comunidades virtuais e seus produtos. Universal, enfim, já que o programa da inteligência coletiva diz respeito tanto às empresas como às escolas, às regiões geográficas como às associações internacionais. O ciberespaço surge como a ferramenta de organização de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos em coletivos inteligentes, mas também como o instrumento que permite aos coletivos inteligentes articularem-se entre si (Lévy, 1999, p. 132, 133).

Nessa conjuntura, pensar em uma universalidade intotalizável no ambiente digital não é muito simples, uma vez que a *internet* se confunde com o universal absoluto e totalitário. Quando se fala em universalidade na *internet*, a ideia de generalidade e estabilização de sentidos

vem à tona, assim como a totalidade enquanto “unidade estabilizada do sentido de uma diversidade” (Lévy, 1999, p. 247). Associar uma universalização de sentidos, sem um fechamento semântico, é pensar que a totalidade se dissolve em rede a partir dos fios que se entrecruzam caoticamente e estabelecem elos de significações diversas no espaço digital.

Ainda que o universal e a totalização (a totalização, ou seja, o fechamento semântico, a unidade da razão, a redução ao denominador comum etc.) estejam desde sempre vinculados, sua conjunção emana tensões fortes, contradições dolorosas que a nova ecologia das mídias polarizada pelo ciberespaço talvez permita desatar. Tal desligamento, enfatizamos, não é de forma alguma garantido nem automático. A ecologia das técnicas de comunicação propõe, os atores humanos dispõem. São eles que decidem em última instância, deliberadamente ou na semi-inconsciência dos efeitos coletivos, do universo cultural que constroem juntos. É preciso ainda que tenham percebido a possibilidade de novas escolhas (Lévy, 1999, p. 117).

Vale ressaltar que por mais que as redes de enunciação não sejam totalizantes na perspectiva semântica-enunciativa e tendam a não fixar sentidos, sempre há o interesse, no espaço digital, na totalização da significação como forma de poder. Celebidades da *internet*, políticos, marcas e empresas utilizam recursos disponíveis no ciberespaço como inteligência artificial, algoritmos, robôs e propagandas, a fim de disseminar uma ideia e obter seguidores em uma disputa conflituosa pelo “o sentido”. Dessa maneira, essa propagação em massa pode orientar os usuários da *internet* a uma única perspectiva – podendo muitas vezes estar relacionada a uma *fake news* –, acarretando, assim, em tentativas de imposição de unidades de sentido. A *internet* apesar de plural, não é sempre democrática. E, como disse Lévy (1999), o ciberespaço é o que fazemos dele e por isso sempre irá haver tentativas de se instaurar, em todos os lugares, os mesmos sentidos em prol da visibilidade e do alcance.

É também importante salientar que Pierre Lévy desenvolveu seus pensamentos relacionados à *internet* na década de 90. Para nós, suas ideias de cibercultura, de ciberespaço e da universalidade sem totalidade são muito importantes para a construção do conceito das redes de enunciação. No entanto, a *internet* se encontra, atualmente, em outra configuração e, provavelmente, daqui há cinco anos terá um novo arranjo tendo em vista a velocidade das mudanças do espaço digital. Nesse sentido, Helmond (2019), ao estudar o desenvolvimento do *Facebook*, apresenta um novo modelo arquitetônico da *internet* que discute a transformação dos *sites* de redes sociais em plataformas de mídias sociais. A autora aborda o termo “plataformização” como forma de estudar a expansão das plataformas de mídias da *web 2.0* que se afasta de uma *internet* estática para propor uma *internet* programável na medida que reconfigura dados e fluxos de informações, afetando a sociabilidade e provocando mudanças nos aspectos sociais, técnicos e econômicos (Helmond, 2019).

Além disso, um sistema que pode ser reprogramado e adaptado aos seus usuários acarreta discussões sobre uma nova *internet* que, a partir de algoritmos e da inteligência artificial (IA), adapta e aprende a recolher dados de seus usuários. Segundo Santaella e Kaufman (2020), há uma personalização dos dados no acesso do usuário à informação, anúncios e publicações levando em conta suas preferências, afinidades, além das interações, comentários e participações em determinada postagem, gerando, assim, um alcance diferenciado a determinado conteúdo. Desse modo, quanto maior a interação (*likes*, comentários e compartilhamentos), maior será o alcance.

Essa arquitetura de controle e filtragem afeta uma compreensão mais global e democrática dos sentidos suscitando em “bolhas sociais” no espaço digital. Para Santaella e Kaufman (2020), as “bolhas” consistem na homogeneização dos sentidos que mantém os indivíduos em círculos sociais fechados formados por iguais, uma vez que “ao personalizar nossos acessos e pesquisas, nos coloca em contato com o que queremos ver e não com o que devemos ver, que inclui contemplar o que seja desconfortável, desafiador, além de pontos de vista contrários e, por isso mesmo, enriquecedores” (Santaella; Kaufman, 2020, p. 8). Tal configuração digital da personalização dos filtros afeta o acesso às informações de maneira tendenciosa e seletiva, conduzindo os usuários da *internet* a pontos de vista que impedem a exposição de ideias contrárias, buscando apenas pela concordância (Santaella; Kaufman, 2020). Dessa forma, reconhecemos que os aparatos técnicos e estruturais no espaço digital podem e irão romper com a diversidade de sentidos, contribuindo com a não democratização da *internet* por meio de uma disputa simbólica pela significação e orientações dos dizeres.

Nesse âmbito da atual era digital, a concepção de rede, proposta por Pierre Lévy (1999), perpassa as noções de ciberespaço e cibercultura, uma vez que a universalidade se apresenta não de maneira totalitária e absoluta, mas constituída a partir do tensionamento entre construções e desconstruções. A *internet*, como “um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional” (Lévy, 1999, p. 126) e, ao mesmo tempo, como lugar em que se afloram a não cooperação, promove, sensações de conexão e isolamento a partir das redes sociais interativas presentes no ciberespaço que une usuários por meio da tensão de significações diversas.

Todos temos necessidade, instituições, comunidades, grupos humanos, indivíduos, de construir um sentido, de criar zonas de familiaridade, de aprisionar o caos ambiente. Mas, por outro lado, cada um deve reconstruir totalidades parciais à sua maneira, de acordo com seus próprios critérios de pertinência. Por outro lado, essas zonas de significação apropriadas deverão necessariamente ser móveis, mutáveis, em devir (Lévy, 1999, p. 161).

Os movimentos das redes de enunciação, assim como a noção de cibercultura e de ciberespaço, estabelecem orientações e organizações dos sentidos mesmo em meio ao caos do fluxo de fios enunciativos entre zonas de familiaridade e de não familiaridade. Assim, as redes, pela similitude e diferença, criam trajetos não lineares, desiguais e conflitantes, tendo o processo da individualização em rede como aspecto principal para a expressão de pontos de vista a partir de olhares sociais, ancoragens, atualizações e projeção de sentidos da temporalidade enunciativa.

Portanto, cada ponto de vista na rede, cada interpretação da cibercultura pode ser conectada a um conjunto de interesses e de projetos. Podemos dizer que qualquer expressão pública de um ponto de vista, qualquer descrição do ciberespaço é um ato que tende a abandonar uma determinada versão dos fatos e a fazer advir um dos futuros possíveis (Lévy, 1999, p. 207).

Nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, as redes de enunciação, a partir da imersão de dizeres e falantes em um dilúvio de enunciados no espaço digital, rompe com o fechamento semântico e estável do sentido no intuito de promover a interconexão e a (re)construção da significação, considerando que é nas relações histórico-sociais que emanam os indivíduos. E, a fim de contribuir com a concepção das redes de enunciação, abordaremos a noção de rede a partir dos estudos de Lemos (2013) sobre a Teoria ator-rede (TAR).

A Teoria Ator-Rede (TAR) tem suas origens nos estudos de Bruno Latour na década de 1980, no campo da sociologia da ciência e da tecnologia. Latour propôs uma abordagem que rompesse com a separação clássica entre natureza e sociedade, entre sujeito e objeto, propondo uma simetria ontológica entre atores humanos e não humanos na constituição das redes sociotécnicas. Essa teoria, inicialmente voltada à análise de laboratórios científicos e do processo de construção do conhecimento, foi posteriormente expandida para compreender fenômenos diversos, sempre com o intuito de descrever como os vínculos se formam e como as controvérsias se estabilizam. Partindo dessa perspectiva, André Lemos (2013) desenvolve a TAR no contexto da cultura digital contemporânea como uma sociologia da mobilidade que “busca nivelar topologicamente sujeitos e objetos, atores humanos e não-humanos, que descreve e destaca as controvérsias buscando abrir ‘caixas-pretas’ (clichês, estereótipos, lugares-comuns, enunciados e objetos estabilizados)” (Lemos, 2013, p. 23). Ou seja, a TAR, a partir de uma leitura da cultura digital atual, procura pensar uma teoria sem dar muitos privilégios aos atores sociais clássicos, descentralizando o humano das ações e intencionalidades e pensando uma sociedade da ciência e da tecnologia que vai além da relação entre sujeitos autônomos e objetos passivos, obedientes e inerentes. Com efeito, para o autor

(Lemos, 2013), o humano se apropria dos e é apropriado pelos aparatos técnicos-digitais em uma relação em que não há hierarquia entre sujeito e objeto.

A questão principal proposta pela TAR às ciências sociais como um todo é, a meu ver, dedicar atenção à dinâmica da formação das associações, aos movimentos dos agenciamentos, à distribuição da ação entre os atores diversos, humanos e não-humanos, a partir de uma simetria generalizada. Ela é uma sociologia da mobilidade (Lemos, 2013, p.37).

De acordo com Lemos (2013), a TAR surge para demonstrar como o aspecto social é construído no espaço digital e propõe estudar as associações entre os atores²⁰ da cultura digital e “as redes que se formam com a circulação entre eles” (Lemos, 2013, p. 24), buscando romper com os lugares-comuns e enunciados estabilizados socialmente. Nessa direção, a TAR

é uma sociologia da mobilidade (já que de fato tudo está a ser refeito, remontado, reagrupado) que busca descrever e analisar os entrelaçamentos em via de se fazer, a circulação da agência antes das estabilizações, compreendendo os atores (humanos e não-humanos) neles mesmos como mônadas, redes, eventos dinâmicos (Lemos, 2013, p. 25).

Para Lemos (2013), a TAR se estabelece como uma sociologia das associações e da mobilidade, uma vez que aborda a sociedade, o ator e a rede. Dessa maneira, o hífen utilizado pelo autor (Lemos, 2013) na expressão “ator-rede” é uma forma de relatar a tensão entre a estrutura global e a agência local e sair da improdutiva discussão e divisão entre o micro e o macro, apontando para circulação das ações e não para a imobilidade e distanciamento dos polos. A mobilidade, a que Lemos (2013) faz referência, diz respeito à formação das associações, movimentos de desconexões e conexões que se estabelecem por três condições no espaço digital: pela indeterminação do original; pelo desconhecimento das direções e vetores que uma ação pode tomar na rede; e pelo valor e qualidade das associações que estão em constante mudança. Assim, “na expressão ‘ator-rede’, o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (Lemos, 2013, p. 23).

Nessa conjuntura, a rede é uma espécie de fluxo que perpassa todas as ações e revela as associações que são estabelecidas no espaço digital. Segundo Lemos (2013), o ator-rede não pode ser reduzido nem à rede, nem ao ator individual, visto que o ator-rede é transitório e persiste por meio das associações em que os usuários da *internet* são constantemente mobilizados. Associações que se configuram como “um conjunto, um agenciamento de elementos heterogêneos (humanos e não-humanos) composto por dinâmicas redes (de atores),

²⁰ A discussão do conceito de “ator” relacionado às figuras históricas do falante, proposta por Guimarães (2017, 2018), serão apresentadas com mais detalhes no segundo capítulo que terá um tópico dedicado em como a noção de rede permeia a noção de falante. Desse modo, neste tópico, nosso debate se concentrará na ideia de rede dentro da perspectiva da TAR desenvolvida por Lemos (2003).

por relações (sociais) e por complexos fluxos comunicacionais (mídias) que buscam estabilização” (Lemos 2013, p. 136).

Assim como Lemos (2013) coloca a noção de rede como conceito-chave para compreender o movimento digital, nós, semanticistas da enunciação, também abordamos a rede como elemento chave para o entendimento das relações enunciativas. Paralelo à TAR, consideramos a rede não apenas como uma infraestrutura ou como canal por onde os elementos enunciativos-digitais passam, mas aquilo que se forma na relação desses elementos a partir das associações. Rede é o movimento do social em formação que faz, desfaz, agrupa e reagrupa, assumindo sua função de composição do tempo e do espaço. Rede não é apenas um túnel que transporta dizeres. Desse modo, “toda ação constitui redes” (Lemos, 2013, p. 54), do mesmo modo que toda enunciação se constitui em/pelas redes, tendo em vistas as tensões e conflitos entre regularidades e diferenças, entre o visível e o não visível, entre o local e global, entre o individual e o universal. Diante disso,

ambos, micro e macro, individual ou coletivo são ficções. O ator é rede, a associação é rede e a inserção atravessa as categorias posicionadas no micro ou no macro. A rede não é conexão, mas composição. Mais do que se posicionar em um lugar e tempo preciosos, o melhor, sugere a TAR, é dirigir o olhar ao rastreamento das agências em circulação, ou seja, olhar para as redes. Espaço e tempo passam a fazer parte do que se constitui na circulação. Mais do que explicar os fenômenos tendo como causa a sociedade ou o social, o social será aquilo que emerge das associações, das redes (Lemos, 2013, p. 35, 36).

Nessa direção, a noção de individualização em rede assume um importante papel na configuração das redes de enunciação inseridas no âmbito digital, uma vez que não exclui os aspectos individuais na organização social e macro dos atores-redes. Não se trata nem da individualidade, nem do conjunto, mas da relação entre esses dois aspectos na compreensão das ações (Lemos, 2013). Sendo assim, a TAR não coloca o sujeito humano como centro de todas as ações no espaço digital. Bruno Latour, em entrevista que fecha o livro (Lemos, 2013), afirma que a articulação está no mundo e não no sujeito humano. Sob esse viés, podemos pensar que a articulação e o mundo, nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, estão no acontecimento enunciativo. O falante, como ser de linguagem, se apropria da e é apropriado pela língua, assim como os atores não-humanos, representados pelas máquinas, programas, inteligência artificial, aplicativos, e algoritmos, também são apropriados pela e se apropriam da linguagem. É incomum e incômodo uma teoria linguística trabalhar com atores não-humanos. No entanto, devido ao avanço tecnológico, não podemos ignorar o fato de que, no espaço digital que nos encontramos, os atores não-humanos também fazem parte das redes de associações, são agenciados pela língua e propagam sentidos. Por conseguinte, nosso enfoque não é estudar

as intenções dos atores (humanos ou não), mas sim os movimentos de produção da significação que constituem as redes de enunciação de que esses atores fazem parte.

Nessa linha, é importante estabelecer ressalvas em relação a não hierarquização entre atores humanos e objetos (atores não-humanos) na Teoria ator-rede (Lemos, 2013). As ideias de descentralização, relação dos atores em rede, agência local, estrutura global, individualidade, mobilidade e associações, propostas por Lemos na TAR (2013), são muito importantes para a construção das redes de enunciação como já mencionamos anteriormente. Contudo, afirmar que não há nenhuma hierarquia entre sujeito e objeto pode orientar uma caracterização bastante delicada. Entendemos que não podemos ignorar a relação entre atores humanos e não humanos (máquinas) na relação de línguas e falantes que participam em rede da *web 2.0*.

Essas redes pervasivas têm a característica de conectar não apenas humanos a humanos, mas também humanos a objetos e objetos a objetos. A Internet das Coisas corresponde à fase atual da internet em que os objetos se relacionam com objetos humanos e animais os quais passam a ser objetos portadores de dispositivos computacionais capazes de conexão e comunicação. Nesse sentido, os objetos tendem a assumir o controle de uma série de ações do dia a dia, sem necessidade de que as pessoas estejam atentas e no comando (Santaella; Gala; Gazoni; Policarpo, 2013, p. 28).

Desse modo, na era digital atual, é preciso ponderar a hierarquização entre atores humanos e não-humanos, uma vez que as plataformas digitais, máquinas e entre outros aparatos técnicos são controladas por grandes corporações de humanos que visam questões econômicas. Sendo assim, para nós, há sim uma certa hierarquização no controle e gestão dessas máquinas, visto que os atores humanos estão por detrás da criação e monitoramento dos algoritmos, da inteligência artificial, dos aplicativos e de programas. A partir dessas reflexões, podemos perceber que há uma relação entre atores humanos e não humanos no espaço digital, com uma hierarquização relativa. Sendo assim, o foco da nossa pesquisa se concentra na ideia de descentralização da figura do sujeito e na relação da linguagem que toma e é tomada por falantes no processo que denominamos de susceptibilidade enunciativa e que discutiremos com mais detalhes no capítulo 2.2. O falante não tem sua figura como centralizadora e detentora de todas as ações devido a uma dispersão das redes no espaço digital que proporciona outros movimentos de relações entre linguagem e máquina.

Levando em consideração as discussões relacionadas às redes de enunciação, abordaremos, agora, a noção de rede, a partir dos estudos de Raquel Recuero (2014) associada à conversação no espaço digital. A partir dos *emoticons*, onomatopeias, repetições e escrita falada/oralizada na *internet*, Recuero (2014) desenvolve a noção de conversação em rede como a construção de práticas e negociações de sentidos que surge dos diversos atores

interconectados que, por meio das interações, “trocam e difundem informações, criam laços e estabelecem redes sociais (Recuero, 2014, p. 19). Nessa direção, para a autora, a conversação em rede, gerada pelos espaços digitais, é pública, sendo “responsável pela difusão de ideias, memes, informações e propostas” (Recuero, 2014, p. 215), possibilitando que as pessoas se organizem protestos no ambiente digital. Logo,

a conversação em rede é composta de diálogos coletivos, cujos participantes constituem-se em indivíduos de uma audiência invisível, forjada pelas conexões e pela visibilidade nas redes sociais. A escolha entre participar ou não da conversação é que torna uma interação buscável, parte do todo, passível de ser compreendida, respondida e lida pelos demais participantes. Não é uma conversação fechada, onde o contexto já está estabelecido. A conversação em rede é, assim, pública, capaz de alastrar-se pelas redes sociais pela ação de seus participantes (Recuero, 2014, p. 217).

De acordo com Recuero (2014), os usuários da *internet* estabelecem conexões que se disseminam nas redes, tendo o contexto não como algo imediatamente dado, óbvio ou estanque, mas móvel, visto que “precisa ser construído, reconstruído e recuperado a cada nova interação” (Recuero, 2014, p. 96). Dito isso,

um dos elementos fundamentais para compreender aquilo que é dito nas conversações no ciberespaço é o contexto. Todo ator envolvido em uma conversação precisa ser capaz de negociar, construir e recuperar o contexto, que vai formar o pano de fundo sobre o qual as conversações acontecem. Sem esse contexto, é impossível compreender toda a dimensão da conversação no ciberespaço (Recuero, 2014, p. 95).

Para Recuero (2014) o contexto funciona como pano de fundo para a conversação em rede no espaço digital. No entanto, precisamos estabelecer contrastes, uma vez que, na Semântica Histórica da Enunciação, não utilizamos as noções de contexto e conversação. Dessa maneira, o que Recuero (2014) entende por contexto, abordamos, em nossos pressupostos teóricos, o referencial histórico e memorável. Assim como a noção de contexto desenvolvida por Recuero (2014), os referenciais históricos não são dados à priori, mas construídos pela enunciação, a partir da tensão dos sentidos, se tornando responsável pelo movimento de (re)significação e ancoragem dos dizeres. O memorável é recortado pelo acontecimento enunciativo, permitindo que a forma linguística crie amplitude nas redes de enunciação e projete sentidos. Segundo Recuero (2014), o contexto é uma noção utilizada nos estudos da interação e na pragmática para observar a linguagem em uso, do mesmo modo que a conversação se torna um dos pontos de análise das abordagens interacionistas que investigam as situações comunicativas e as negociações de sentidos entre os integrantes a partir do diálogo. Diante disso, a ideia de contexto e conversação em rede no espaço digital, proposta por Recuero (2014), abordamos em uma outra perspectiva fundamentada nos estudos semântico-enunciativos relativa às orientações de sentidos que uma forma linguística direciona nos fios de uma rede,

considerando as ancoragens referenciais e os recortes do memorável em uma dada situação enunciativa.

Nessa direção, Recuero (2014) defende que a conversação em rede difere de outros modos de conversação devido ao seu poder de impactar diversas áreas e sua capacidade de envolver autores, apoiando-se no que foi dito anteriormente. Assim, a rede negocia e desnegocia um contexto anterior e (re)cria novos contextos para os demais atores que têm acesso à determinada mensagem, utilizando a conversação para estabelecer conexões e espalhar para outros grupos dos sites de rede social (Recuero 2014). Ademais,

outro elemento apresentado na conversação online é a sua característica de acontecimento, pois compreende trocas em uma unidade temporal na qual os participantes constroem e dividem um contexto em uma copresença. No ambiente do ciberespaço, no entanto, essa “unidade temporal” torna-se mais elástica, e a presença é compartilhada apenas pela persistência das trocas e dos contextos. A conversação mediada pelo computador, deste modo, não necessariamente ocorre em um mesmo momento temporal onde os interlocutores estão presentes, com um contexto negociado e construído naquele momento. Ao contrário, são unidades temporais elásticas, que podem ser estendidas pelo tempo desejado pelos interlocutores, cujo contexto precisa ser adaptado para essas trocas no tempo. Essa “elasticidade” é característica também do ambiente dessas conversações (Recuero, 2014, p. 49, 50).

Sob esse prisma, podemos estabelecer semelhanças e diferenças em relação à base semântica-enunciativa das redes de enunciação. Entendemos acontecimento como a enunciação que instaura sua própria temporalidade (Guimarães, 2017). Passado, presente e futuro se entrecruzam de forma não linear no intuito de se ancorar no já dito, presentificar o dizer e projetar sentidos. A enunciação é um movimento que em seu aspecto temporal recorta um memorável para (re)significar, tendo as redes de enunciação como composição da relação desse processo de ancoragens e projeções (des)contínuas.

No espaço digital, as plataformas sociais permitem um melhor delineamento das redes e novas de formas de conexão a partir dos aspectos como a permanência, a buscabilidade, a visibilidade, o uso e a amplitude do ciberespaço (Recuero, 2014). Os sites e aplicativos potencializam o seu alcance, extrapolando os limites do espaço físico e instigando o sujeito a se relacionar, ou seja, se inserir em rede. Dessa forma, o que conecta os falantes em rede é a linguagem e quanto mais o uso e o engajamento, mais se potencializa seu alcance e visibilidade, uma vez que “as redes são metáforas para os grupos humanos, onde se procura compreender sua inter-relações” (Recuero, 2014, 127, 128).

Essas conversações diferenciam-se das demais conversações no espaço digital porque, constituídas dentro das redes sociais online, são capazes de “navegar” pelas conexões dessas redes, espalhando-se por outros grupos sociais e por outros espaços. São conversações que permeiam diversas redes sociais, recebendo interferências e participações de indivíduos que, muitas vezes, não estão sequer conectados aos participantes iniciais do diálogo. São conversações públicas que migram dentro das diversas redes e que, deste modo, interferem nas redes sociais que utilizam as

ferramentas. Assim, uma conversação em rede nasce de conversações entre pequenos grupos que vão sendo amplificadas pelas conexões dos atores, adquirindo novos contornos e, por vezes, novos contextos (Recuero, 2014, p. 123).

Além da compreensão da inter-relação entre os falantes, também procuramos examinar a linguagem, ultrapassando a ideia de rede como conexão e condução no intuito de abordá-la como composição e organização dos movimentos enunciativos no ciberespaço. A língua conecta falantes, mas também os constitui.

Segundo Recuero (2014), a conversação em rede e os atores no espaço digital são compostos por formas de individualização como os perfis, por exemplo, que permitem aos indivíduos interagir com outros grupos e estabelecer quem são, e pelas conexões que tornam públicas as redes sociais desses perfis. Sendo assim, “embora a conversação em rede seja pública, nada impede que tenha seu início no âmbito privado” (Recuero, 2014, p. 152), uma vez que a participação dos falantes varia de acordo com a ferramenta utilizada, apelidos (*nicknames*), elementos performáticos, uso de memes, avatares entre outros modos de expressões linguísticas.

Desse modo, perfis são conversações nas redes sociais na internet. Não podemos observá-los como elementos fixos, parados no tempo. São representações dinâmicas, coletivas e individuais, construídas para audiências invisíveis e imaginadas pelos atores, numa relação dialógica com as percepções e expressões dos outros atores (por exemplo, através de testemunhos, recados e mensagens). Esses diálogos auxiliam essa construção, contextualizando a interação e constituindo os atores das conversações. Podemos dizer que eles se constituem em conversações em “rede” na medida em que são construídos e adaptados através das trocas construídas com outros atores, dos valores que são negociados e dos sentidos que se deseja construir. Esses perfis, portanto, constituem enunciados que focam a questão básica da identidade dos atores. Propostos por estes, os enunciados recebem legitimação ou não pela rede e são adaptados, através dessas trocas simbólicas (comentários, interações e, mesmo, percepções do autor do perfil), de forma a delimitar e aperfeiçoar a ideia de que se deseja construir pelo enunciado (Recuero, 2014, p. 142, 143).

Paralelo aos pressupostos semântico-enunciativos, o movimento das redes de enunciação também é constituído pela individualização em rede. O falante, a quem denominamos ser de linguagem (Guimarães, 2017), participa desse processo de individualização em rede na medida em que expressa suas particularidades a fim de estabelecer elos com a língua, a história e outros falantes, tornando-se, assim, público e global. A *internet* e o ciberespaço intensificam a difusão dos enunciados, proporcionando aos falantes uma amplitude sob o formato de rede e o deslocamento entre os diversos grupos sociais.

Ao analisar a relação entre os usuários da *internet* e a conversação em rede, Recuero (2014) apresenta os aspectos estruturais a partir das marcações de direcionamentos, data, horário, assinatura, as possibilidades de laços sociais e as estruturas das redes e os aspectos

semânticos/discursivos como a interpretação do conteúdo das mensagens em rede e compreensão da conexão estabelecida entre os sujeitos. Dessa maneira,

através do estudo de sua estrutura é que será possível obter uma indicação da qualidade das conexões estabelecidas entre os atores. Esta constitui seu **aspecto estrutural**. Porém, uma conversação não é constituída unicamente de uma estrutura de mensagens. Ela é igualmente constituída de um sentido construído entre os integrantes. Este **aspecto semântico/discursivo** auxilia na compreensão das relações entre as mensagens e na interpretação do sentido daquilo que é trocado. O aspecto estrutural de uma conversação pode ser observado através da análise e negociação dos turnos estabelecidos entre os atores, de onde é possível se depreender a estrutura da rede social. O aspecto semântico auxilia na compreensão do significado das mensagens, de onde é possível depreender o conteúdo dos laços sociais (Recuero, 2014, p. 202, 203, grifos do autor).

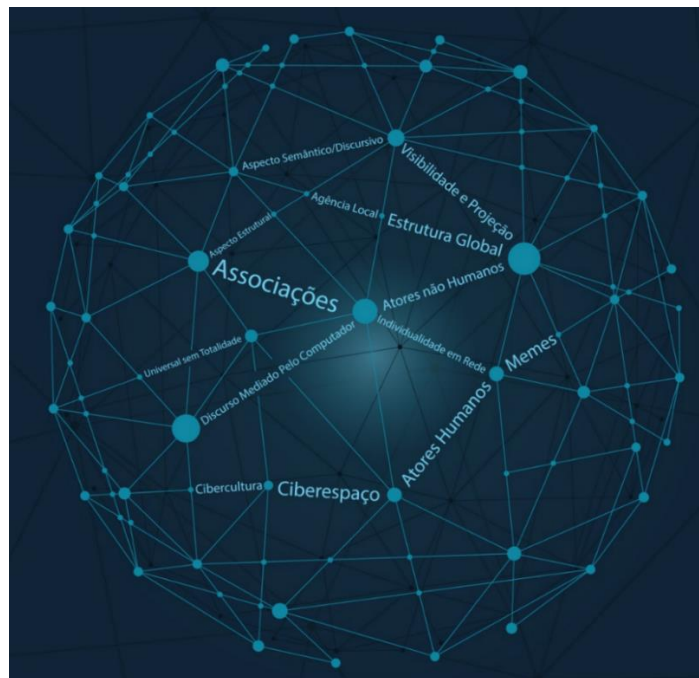
Com efeito, notamos que Recuero (2014) atribui uma importância aos aspectos estruturais e semânticos/discursivos que auxilia na compreensão da conversação em rede. Paralelo a isso, afirmamos que, para nós, o aspecto semântico não é apenas um aparato auxiliar, visto que nos distanciamos da noção de contexto. Dessa maneira, podemos relacionar as ideias de Recuero (2014) aos domínios orgânicos e simbólicos da língua na constituição das redes de enunciação, visto que tais dimensões (visíveis ou não), de maneira interligadas e sem sobreposições, constituem a significação em rede. A Semântica Histórica da Enunciação lida justamente com a associação entre elementos estruturais e enunciativos/discursivos, se ancorando em dizeres e projetando sentidos.

Aliada a essas questões estruturais e semântica-discursivas, a noção de discurso mediado pelo computador (*computer-mediated discourse - CMD*), proposta por Herring (2001), foca no estudo relacionados ao uso da linguagem no espaço digital, ultrapassando os aspectos técnicos no intuito de abordar práticas sociais e linguísticas que emergem da *internet*. Herring (2001) estuda o uso altamente variado da linguagem em ambientes mediados por computadores que reflete a influência dos usuários a partir de ações como compartilhamentos, canais de texto, áudio e vídeo, comentários, postagens, sejam elas síncronas ou assíncronas. A linguagem se torna o ponto chave das mediações pelas redes de computadores que não garantem interações democráticas e igualitárias, criando um campo de jogo desigual e conflituoso, podendo se tornar ferramentas tanto de opressão como de resistência (Herring, 2001). A disputa pela significação e por espaços do dizer fazem da rede de enunciações um movimento de tensão enunciativa-discursiva constante.

Em síntese, a noção de rede na perspectiva da *internet* (7) se difere, porém não se distancia das óticas da memória e do procedimento metodológico dos enunciados. Há também uma ideia de temporalidade e ancoragens que geram conexões entre línguas e falantes. No entanto, mais do que conexão, a rede é composição. Ou seja, estudar os enunciados no espaço

digital é considerar as redes de enunciação como arranjos estruturais e semântico-discursivos que constituem os dizeres e os falantes. A tensão entre a estrutura global e a agência local promove a individualização em rede na cibercultura que, de maneira transversal e desordenada, descentraliza o falante das ações e estabelece vínculos com outros atores, sejam eles mediadores humanos ou não-humanos. Desse modo, o falante condiciona e é condicionado pelos aparatos técnicos e sociais do ciberespaço que potencializam e compartilham pontos de vista sem marcações de início e fim de uma rede. Assim, a mobilidade e as associações das redes de enunciação fazem parte desse movimento potencializador da tensão de sentidos por meio de uma universalidade sem totalizações que rompe com o significado central e com o fechamento semântico e estável do significado, no intuito de intensificar as significações que se dispersam no espaço digital. É a partir dessas redes na *internet* que as linguagens estão sendo compreendidas e reconstruídas.

Figura 7 – (7) Rede e a perspectiva da *internet*



Fonte: Elaborado pelo autor

E, inserido no espaço digital-enunciativo, abordaremos o nosso objeto de estudo, os memes, e sua configuração em rede.

1.3.1 O meme enquanto fenômeno linguístico em rede

Sob o viés das redes de enunciação e a perspectiva da *internet*, o espaço digital mobiliza a criação de novas formas de manifestações linguísticas. Com o intuito de estabelecer um

recorte de análise para esta pesquisa, abordaremos o meme e seu poder replicador como nosso objeto de estudo.

O termo meme foi criado por Dawkins (2007 [1976]) em analogia ao gene, nosso transmissor genético, no intuito de relacionar as características biológicas de evolução e transmissão aos aspectos culturais que nos cercam. Enquanto os genes seriam responsáveis pelas características herdadas geneticamente, os memes se tornariam replicadores culturais que se propagam “saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação” (Dawkins, 2007, p. 330). Assim como os genes, esse processo de imitação nos memes não é preciso. Há “falhas” e variações na replicação. Para Dawkins (2007), a replicação não é perfeita, uma vez que os “erros” que ocorrem nesse processo se configuram como cópias a partir de uma matriz ou modelo padrão, preservando em maior ou menor grau uma certa fidelidade. Logo, o que Dawkins (2007) denomina de “erro” entendemos como aquilo que destoa de um modelo padrão, estabelecendo diferenças em meio a certa estabilidade. Sob esse viés, percebendo a linguagem como recorte desse replicador cultural, essas mudanças nos interessam, visto que podem ser associadas aos aspectos da repetição e da diferença. Tais erros são imprescindíveis ao processo de mutação “e são esses enganos, em última análise, que tornam possível a evolução” (Dawkins, 2007, p. 61, 62).

Dawkins (2007) defende a ideia de que os genes não são as únicas entidades replicadores do planeta e por isso cria o termo meme como um replicador cultural que se configura, por exemplo, como “melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos” (Dawkins, 2007, p. 330) que perpassa entre gerações. E, em meio as possibilidades de replicação de um meme, Dawkins (2007) relaciona a linguagem a um processo intensamente mutacional, sustentando a ideia de que “a linguagem parece ‘evoluir’ por meios não genéticos, a uma velocidade que é várias ordens de grandeza superior à velocidade da evolução genética” (Dawkins, 2007, p. 326).

Nessa direção, a partir dessa acepção biológica e cultural, Shifman (2012, 2014) aborda os memes no meio digital enquanto entidades de conteúdos variados propagados de pessoa para pessoa. Filiamo-nos à ideia de que, por meio de relações em rede, os memes estabelecem vínculos entre si e não podem ser tratados como “unidades isoladas e discretas, mas como blocos de construção de culturas complexas, entrelaçadas e interagindo umas com as outras” (Shifman, 2012, p. 189). Shifman (2014) também propõe a distinção entre memes e virais da *internet*. Para a autora, o viral apenas se espalha e se propaga como cópias, já os memes se difundem com modificações e variabilidade, sempre se ancorando em um elemento matriz. Logo, os memes só podem ser considerados memes se examinados em redes enunciativas,

demonstrando um variado repertório linguístico, tendo na sua configuração similitudes e diferenças. Tais reflexões nos permitem associar a evolução genética com as redes enunciativas e as relações das formas linguísticas com suas projeções.

Dawkins (2007) afirma que não tinha pretensões de discutir e criar uma grande teoria cultural, muito menos tratar o meme como conhecemos hoje na *internet*. No entanto, a partir de suas contribuições, é possível estabelecer perspectivas interessantes que construíram a noção de meme aliada a uma rede que resgata algo anterior e o modifica, mantendo certa estabilidade e se projetando na diferença. Dessa maneira, fundamentados nos estudos semânticos enunciativos, consideramos os memes como fenômenos linguísticos digitais, ou enunciados de materialidade condensada²¹, que se ancoram em múltiplos domínios referenciais a fim de construir pertinência enunciativa e de se propagar no espaço digital (Silva, 2019).

A ideia de elemento matriz na qual um meme se baseia para criar suas variações não contempla a noção de originalidade. Os memes se apresentam, muitas vezes, de forma espontânea e efêmera, tornando-se difícil definir sua origem e mapear suas projeções. Diante disso, “o fluxo de publicação dos memes nem sempre é evidente, sendo muitas vezes complicado precisar a sua origem e mesmo o desenvolvimento de trajetórias e significados alternativos” (Chagas; Toth, 2016, p. 220, 221). Em uma concepção de rede sem pontas e origens, o elemento matriz se configura como um acontecimento enunciativo que serve de ponto de apoio para as variações de um meme no espaço digital, no qual observamos as características daquilo que se mantém e daquilo que se modifica no movimento em rede.

Desse modo, tais práticas discursivas podem surgir, replicar, transmitir, transformar e encaminhar sem se preocupar com gerenciamento de direitos ou atribuições de autoria já que seu objetivo central é ser propagado e ressignificado. Ou seja, podemos dizer que os memes são produzidos na/para/pela a coletividade. E, por meio dessa reapropriação, os memes mobilizam a participação em rede no ciberespaço (Silva, 2019, p. 47).

Em Silva (2019), estudamos os aspectos linguísticos que constituem os memes a partir dos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação e estabelecemos três características em analogia às concepções genéticas, proposta por Dawkins (2007), no que se refere aos replicadores: fidelidade, fecundidade e longevidade. A partir de uma perspectiva semântica-enunciativa, a fidelidade se configura por aquilo que se mantém em relação ao elemento matriz mesmo após o processo de fecundidade, fazendo com que determinado meme seja reconhecido na rede de enunciação por meio da rememoração de enunciações e da sustentação referencial. A fecundidade representa as atualizações de um meme e sua capacidade de adquirir novas

²¹ Assim como em Silva (2019), não abordaremos o meme como texto, visto que não discutiremos essa perspectiva em nossos trabalhos.

formas e significações. É aquilo que destoa do elemento matriz mediante a um processo de (re)significação, tendo em vista o seu alto poder de propagação e alcance no espaço digital. O falante, que apropria da e é apropriado pela língua, expressa suas ideias no movimento da individualização em rede, modificando determinado meme e projetando sentidos. Assim como o falante, o meme também é condicionado pela linguagem a se remodelar, usufruindo da susceptibilidade enunciativa que promove as atualizações de um dizer na relação temporal do acontecimento enunciativo. Já a longevidade tem o intuito de abordar a capacidade de durabilidade de um meme, levando em consideração sua regularidade de uso no entremeio da resistência e da mudança (Silva, 2019). Dessa forma, o uso de um meme contribui para a sua continuidade e variações constantes no espaço digital que tem como propriedades do ciberespaço o armazenamento de dados e informações. Dito isso, é o acontecimento enunciativo e sua temporalidade que faz do meme um elemento de ancoragens e projeções, cooperando para a sua permanência em uma rede. Logo,

os memes são fenômenos linguísticos digitais que se propagam pelo ciberespaço a partir de uma transmissão pautada por semelhanças e diferenças. A capacidade de fidelidade, relativa às regularidades, permite ao meme ser reconhecido e instituído em uma rede de versões que são projetadas pelo aspecto da fecundidade, responsável pela reordenação do elemento matriz. A partir dessa correlação entre estabilidades e mutações, o meme se atualiza mediante a continuidade de sua utilização (longevidade), orientando modos de ver e pensar por meio de perspectivas coletivas na internet (Silva, 2019, p. 168).

Portanto, é imprescindível ao meme estabelecer relações em rede, sustentando a ideia de que “o meme não é um fim em si mesmo, mas um meio” (Chagas; Toth, 2016, p. 231), não apresentando, assim, significado intrínseco. O meme é produtivo enunciativamente e só pode ser examinado em conjunto através de relações que são estabelecidas “a partir de seus elementos discursivo e associativo” (Chagas; Toth, 2016, p. 215).

Nesse sentido, é importante esclarecer que, ao longo desta pesquisa, o termo meme não será tratado como um gênero textual, mas como uma forma linguística em rede configurada por sua dinâmica de circulação, replicação e atualização. Reconhecemos que muitas das imagens analisadas, à primeira vista, poderiam ser associadas a gêneros como a charge, o cartum ou anúncios publicitários. No entanto, à luz da Semântica Histórica da Enunciação, compreendemos o meme como um fenômeno linguístico fluido, que não se reduz a uma classificação tipológica, mas que se inscreve em redes de enunciação pela maneira como articula elementos verbo-visuais, referenciais históricos, afetos e pontos de vista em tensão. Conforme discutido por Silva (2019), os memes operam como materialidades condensadas, perpassadas por ancoragens, presentificações e projeções, funcionando como espaços de intensificação da linguagem em uso. É justamente esse modo de atualização recorrente que

caracteriza seu funcionamento memético, conforme proposto por Dawkins (2007) e retomado por Shifman (2014): os memes existem menos como unidades estáveis e mais como formas mutáveis, replicadas com variações e ressignificações constantes. Por isso, mesmo quando se apropriam de estruturas típicas de outros gêneros, os memes mantêm sua força significativa por meio da repetição com diferença em redes que não obedecem a uma organização linear, mas a uma lógica de circulação rizomática. Dessa maneira, o que nos interessa nesta pesquisa não é delimitar o quê é o meme por sua forma, mas investigar como ele opera enunciativamente na construção de sentidos no espaço digital.

Diante de todas as transformações que a linguagem vem experienciando no espaço digital, desenvolveremos, a seguir, a multiplicidade linguística e os aspectos verbo-visuais na constituição da significação em rede.

1.4 As dimensões verbo-visuais em rede

Provavelmente já presenciamos algumas situações em que uma pessoa, ao se deparar com alguma imagem impactante, profere a máxima popular “uma imagem vale mais que mil palavras”. Essa expressão é utilizada, geralmente, como forma de sumarizar uma reflexão, ou mesmo pode representar a dificuldade que uma pessoa tem de construir, verbalmente, alguma ideia. No entanto, para nós, não há como julgar o valor de meios tão únicos e particulares de expressão. A imagem e a materialidade linguística se complementam na projeção de sentidos com suas próprias especificidades.

Por conseguinte, fundamentados na Semântica Histórica da Enunciação, utilizaremos a expressão dimensão verbo-visual, uma vez que acreditamos ser inviável pensar a linguagem não-verbal sem o verbal. Enquanto seres de linguagem, observamos as imagens já as materializando linguisticamente. A máxima popular “uma imagem vale mais que mil palavras” ignora o fato que estamos analisando diferentes formas enunciativas e que as imagens são verbalizadas, mesmo que em nossas mentes, para a construção da significação. Imagem e materialidade verbal coexistem e sua divisão ocorrerá, apenas, para fins de análise e estudo da sua configuração em rede.

O uso da expressão verbo-visual nesta tese se ancora nas contribuições teóricas de Beth Brait, que, em diálogo com os pressupostos da perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo, propõe a verbo-visualidade como uma articulação indissociável entre o verbal e o visual na constituição dos enunciados. Conforme aponta a autora (Brait, 2009, 2013), essa articulação não se reduz a uma justaposição de códigos, mas constitui um projeto discursivo

único, no qual os planos verbal e visual operam simultaneamente na produção de sentidos. Assim, o texto verbo-visual se apresenta como um enunciado concreto, situado historicamente e atravessado por vozes sociais, ideológicas e culturais, demandando do analista uma abordagem que reconheça e interprete a tensão constitutiva entre linguagem e imagem. Essa concepção se mostra especialmente produtiva para a análise dos memes, cuja materialidade verbo-visual exige uma abordagem que contemple as inter-relações entre discurso, visualidade e historicidade.

Segundo Barthes (1990), tanto linguistas como a opinião geral suspeitam da natureza linguística da imagem e a consideram como centro de resistência ao sentido. Desse modo, “uns pensam que a imagem é um sistema muito rudimentar em relação à língua; outros, que a significação não pode esgotar a riqueza indizível da imagem” (Barthes, 1990, p. 27). A partir dessas visões que colocam a imagem como limite do sentido, Barthes (1990) propõe os seguintes questionamentos: “como o sentido chega à imagem? Onde termina o sentido? E, se termina, o que existe além dele?” (Barthes, 1990, p. 27).

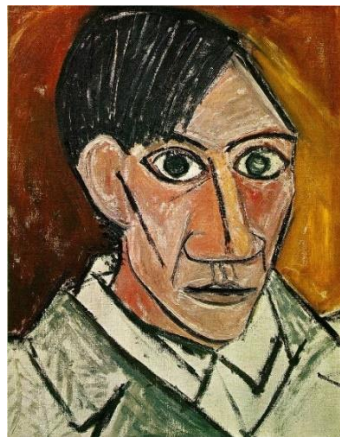
As indagações de Barthes (1990) nos levam a reflexões importantes para o tratamento da dimensão verbo-visual em rede. Não consideramos a imagem como algo primitivo e sem complexidade em relação à língua, visto que a língua não tem nenhuma superioridade em relação à imagem. Imagem e língua são formas enunciativas e possuem suas particularidades sem uma se sobrepor à outra. Dessa forma, a significação não esgota a imagem, mas a potencializa, auxiliando na (re)construção dos sentidos. A imagem é um acontecimento enunciativo, e por isso dizível, uma vez que (re)produz significações a partir da temporalidade e do espaço de enunciação.

Em um estudo que se pretende analisar o espaço digital, não podemos ignorar a imagem como recurso de linguagem. Ao navegar no ambiente *online*, estamos cercados de imagens que são utilizadas como forma de produzir significação, seja nos aplicativos ou plataformas sociais. Estamos a todo momento utilizando imagens na *internet* como uma das maneiras de se expressar. Em 2015, o dicionário Oxford chegou a eleger como palavra do ano uma imagem (*emoji*)²², o que demonstra a importância da imagem para a cibercultura e para os estudos linguísticos.

²² Disponível em: [https://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/emoji-e-eleito-pela-1-vez-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html#:~:text=Imagem%20venceu%20palavras%20como%20refugiado%20e%20'economia%20compartilhada'.&text=Um%20emoji%20foi%20eleito%20pelo,de%20dicion%C3%A1rios%20da%20institui%C3%A7%C3%A3o%20brit%C3%A2nica](https://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/emoji-e-eleito-pela-1-vez-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html#:~:text=Imagem%20venceu%20palavras%20como%20refugiado%20e%20'economia%20compartilhada'.&text=Um%20emoji%20foi%20eleito%20pelo,de%20dicion%C3%A1rios%20da%20institui%C3%A7%C3%A3o%20brit%C3%A2nica.). Acesso em: 29 mar. 2024.

Nosso interesse relacionado ao estudo da imagem, a partir de uma perspectiva semântico-enunciativa, surgiu de uma apresentação do professor Luiz Francisco Dias em uma das reuniões do grupo de estudo ENUNCIAR – UFMG²³. Ao examinar o aspecto social em diversas teorias e o conceito de referencial histórico, Dias (2020b) elabora uma rede enunciativa de autorretratos nas pinturas no intuito de analisar o aspecto sócio-histórico desses quadros. Um dos exemplos apresentados por Dias (2020b) foi o autorretrato do artista espanhol Pablo Picasso (1881 - 1973). Dias (2020b) observa na pintura (8) elementos individuais do artista atrelado aos referencias históricos do Cubismo, movimento artístico que surgiu no século XX em que Picasso se tornou uma das maiores referências. Observemos as Figuras (8) e (9) a seguir:

Figura 8 – (8) Autorretrato de Pablo Picasso (1900)



Fonte: Arremate Arte²⁴

Figura 9 – (9) Fotografia de Pablo Picasso



Fonte: Arte e artistas²⁵

²³ Reunião do grupo ENUNCIAR realizada em 28 de março de 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RsePY9-5vyx7F9ZiPi-tEIMd8BMFaPLZ/view>. Acesso em: 29 mar. 2024.

²⁴ Disponível em: <https://www.arrematearte.com.br/artistas/pablo-picasso-1881>. Acesso em: 29 mar. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/biografia-de-pablo-picasso-e-sua-obra/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Pablo Picasso, como grande artista, poderia replicar sua fotografia com muito mais detalhes e precisão. No entanto, ele prefere criar seu autorretrato trazendo elementos sócio-históricos da época como, por exemplo, o Cubismo. Nota-se que a pintura do autorretrato (8) foi feita a partir de elementos geométricos que rompem com os conceitos de harmonia e proporção, características essas que fazem parte do movimento cubista. O nariz, a boca e, principalmente, o cabelo do autorretrato (8) fazem alusão a fotografia (9) utilizando técnicas do Cubismo como as linhas retas e o geometrismo das formas, descartando, assim, contornos arredondados. Nesse sentido, percebemos, pela sintaxe da imagem, que o olhar histórico-social permeia o olhar sobre si, tendo em vista os traços particulares do pintor atrelados ao aspecto social (Dias, 2020b). Desse modo, o autorretrato (8) está submetido ao referencial histórico, ou seja, os aspectos individuais estão ancorados em elementos sócio-históricos característicos da época, o que caracterizamos como individualização em rede. Para nós, sempre irá haver a presença de índices de individualidade em um acontecimento enunciativo, sejam eles mais visíveis ou menos perceptíveis. No entanto, esse elemento individual estará sempre em rede, visto que tal aspecto é definido pelo olhar compartilhado e nunca de forma isolada.

Os exemplos apresentados nos mostram que é possível analisar enunciativamente uma imagem, utilizando noções da materialidade linguística, visto que a “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” (Dionisio, 2011, p. 138). Levando em consideração o espaço digital em que estamos inseridos e uma sociedade cada vez mais visual, Dionisio (2011) afirma que “uma pessoa letrada deve ser alguém capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem” (Dionisio, 2011, p. 138).

Sob esse viés, os modos de significar estão sendo constantemente reelaborados considerando a multiplicidade de linguagem e os modos semióticos no/do ciberespaço. A multimodalidade, enquanto textos compostos de linguagens múltiplas, demandam capacidade e práticas de produção e compressão na construção da significação (Rojo, 2012). Diante disso,

a incompletude semântica decorre, portanto, da ausência das informações oriundas de outro modo de representação do conhecimento, ou seja, do modo pictorial. Aspectos verbais e pictoriais se complementam de tal forma que a ausência de um deles, mesmo sendo o de menor incidência, afeta a unidade global do texto (Dionisio, 2011, p. 140).

Denota-se que, para a compreensão de um acontecimento enunciativo inserido na dimensão verbo-visual, o falante precisa estabelecer ancoragens tanto dos aspectos verbais como dos elementos pictoriais a fim de construir a relação entre as regularidades e as diferenças na projeção da significação. Sendo assim, elementos visuais e verbais são interativos, híbridos, colaborativos e por isso estão intrinsecamente ligados.

De acordo com Lemos (2015), o ciberespaço se configura como um hipertexto mundial onde cada um pode adicionar, retirar e participar de informações em uma estrutura viva, híbrida, interativa e auto-organizante. Dessa maneira, para o autor (Lemos, 2015), o hipertexto se constitui dos textos que combinam imagens, *links* e sons de forma não-linear como um conjunto de nós ligados por conexões e associações que não possuem um centro, se tornando um sinônimo de rede. Logo,

para cada uma das grandes modalidades do signo, texto alfabético, música ou imagem, a cibercultura faz emergir uma nova forma e maneira de agir. O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto imóvel da Web (Lévy, 1999, p. 149).

É fundamental observar que tais elementos pictoriais, hipertextuais e interativos do espaço digital demandam um olhar atento às suas especificidades de produção da significação. Levando isso em consideração, pretendemos estabelecer a dimensão verbo-visual como um dos constituintes das redes de enunciação. Ao tratar análise de imagens como um acontecimento enunciativo, percebemos que não é necessário recorrer a outras teorias e procedimentos metodológicos que focam nesses aspectos, até pelas diferenças das perspectivas teóricas e esquemas de análise. Se consideramos o verbal e o visual como algo conjunto (verbo-visual), nada mais fundamentado que utilizar as noções discutidas neste trabalho para examinar os aspectos pictoriais.

Os pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, assim como as noções que permeiam as redes de enunciação, podem e devem ser direcionados às imagens. As dimensões orgânicas podem ser representadas pela sintaxe da imagem como cores, texturas, posição, foco, entre outros aspetos visíveis do acontecimento enunciativo. Já as dimensões do simbólico se configuram como o espaço de enunciação, a memória, o referencial histórico, a temporalidade e outros elementos pertencentes às relações não visíveis de uma rede. Vejamos, a seguir, uma rede elaborada com o quadro da *Monalisa*, do artista Leonardo da Vinci, que se tornou memética no espaço digital pela relação entre regularidades e diferenças na projeção de sentidos.

Figura 10 – (10) Redes de enunciação Monalisa



Fonte: Elaborada pelo autor por meio do Google Imagens²⁶

Na Figura 10, notamos uma rede de enunciação com a pintura da Monalisa em que alguns elementos são modificados e outros mantidos em relação à obra de da Vinci. As regularidades (fidelidades), que permitem o reconhecimento de um elemento na rede, podem ser percebidas pelo cabelo, o olhar, a paisagem, o rosto, a posição das mãos e dos ombros, as roupas e a expressão facial. Já as diferenças (fecundidades) dessa rede (10) são constituídas pelas atualizações à obra original que se ancoram em referenciais como da *internet*, da pandemia do Coronavírus, do diálogo com obras de artes, da limpeza, entre outras ancoragens que recortam memoráveis para a projeção de significações diversas. As dimensões da materialidade e do enunciável também podem ser examinadas a partir dos componentes imagéticos que são capazes de manifestar individualidades e singularidades permeadas por olhares histórico-sociais compartilhados.

Diante das discussões realizadas nesse capítulo, analisaremos alguns memes no intuito de abordar os conceitos apresentados, tendo em vista as articulações de sentidos das redes de enunciação e seus referenciais.

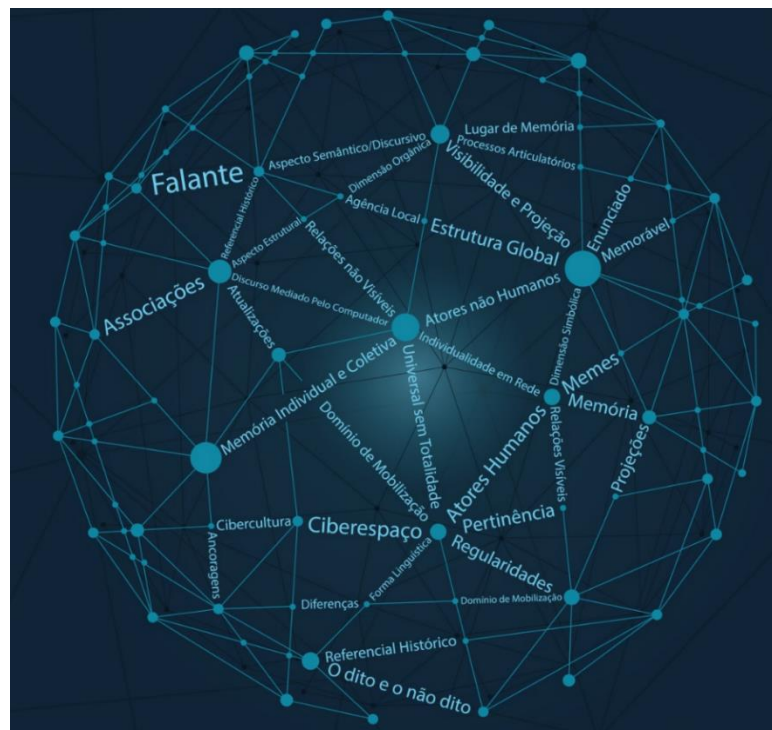
1.5 As redes e as articulações dos sentidos

A fim de desenvolver e exemplificar os conceitos apresentados neste capítulo, selecionamos o meme “Faz o L” como objeto de análise para a compreensão das redes de enunciação e suas perspectivas, bem como suas articulações de sentidos no espaço digital. A construção linguística “Faz o L” será utilizada nos mecanismos de busca e pesquisa do ciberespaço como o *Google* e o *X* (antigo *Twitter*), tendo em vista o processo metodológico das redes enunciativas (Dias, 2018, 2023). Nosso objetivo é analisar como as redes de enunciação

²⁶ Imagem em rede elaborada pelo autor a partir da pesquisa na plataforma do *Google*, utilizando a construção linguística “meme Monalisa”. Pesquisa realizada em: 29 mar. 2024.

são configuradas na produção da significação, tendo como base as perspectivas da metodologia, da memória e da *internet*, assim como os conceitos que balizam tais pontos de vista. Vale ressaltar que a disposição dos conceitos inseridos nas redes de enunciação (11) se dispõe a partir de entrelaçamentos, rompendo com a ideia do contínuo e da linearidade no movimento de (re)construção dos sentidos.

Figura 11 – (11) Redes de enunciação e suas perspectivas



Fonte: Elaborado pelo autor

Tomaremos como elemento matriz do meme “Faz o L” a campanha relacionada ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) que teve como principal ponto de fecundidade as eleições de 2022 e, pela característica da longevidade, é utilizada até hoje enquanto acontecimento enunciativo no espaço digital. Uma das características principais das redes de enunciação é romper com a continuidade e linearidade do sentido. As redes de enunciação se configuram por entrecruzamentos sem estabelecer pontas ou ações centralizadas. Desse modo, estabelecer cronologicamente quando a forma linguística de um meme se originou não é propósito de nossa pesquisa. Ou seja, o ciberespaço, como espaço móvel de dizeres aliado aos pressupostos semânticos-enunciativos, não discute a originalidade de um dizer. O elemento matriz trata de um acontecimento enunciativo que desencadeia atualizações, projeções e ancoragens, o que não está relacionada a ideia da criação de um dizer. Não podemos afirmar que o enunciado “Faz o L” foi criado levando em conta a campanha do presidente Lula ou que

a ancoragem relacionada em prol da sua campanha política veio primeiro da ancoragem referencial associada ao jogador Germán Cano (4). As redes de enunciação possuem fios dispersos e incomensuráveis que se organizam, de certa maneira, no processo de enunciação. Sendo assim, observemos a figura a seguir:

Figura 12 – (12) Meme “Faz o L” e o aumento do salário mínimo



Fonte: CARLOS SANTOS, @CarloS48442375. X. 15 de abril de 2024²⁷.

Na Figura 12, notamos que a forma linguística “Faz o L” aparece atrelada a uma notícia que informa o aumento do salário mínimo para 2025. Além da notícia, há também o enunciado que diz que no governo Lula propôs um ganho real e reajuste salarial acima da inflação. Dessa maneira, a forma linguística “Faz o L” em (12) tem uma ancoragem referencial de apoio ao governo do presidente Lula, visto que traz como ponto positivo o aumento do salário mínimo acima da inflação. O falante percebe essa ação governamental como positiva e se manifesta individualmente em rede utilizando a construção “Faz o L” não só como forma de mostrar o seu apoio à Lula, mas também como uma maneira de se inserir em uma rede de enunciações que projetam esses sentidos. E, mantendo o referencial de apoio à Lula, vejamos o exemplo (13):

²⁷ Disponível em: <https://twitter.com/CarlosS48442375/status/1779910810623447290>. Acesso em 15 abr. 2024.

Figura 13 – (13) Meme “Faz o L” e baixo preço da carne



Fonte: BERNARDO VILLEMON, @ Bernard28444113. X. 15 de abril de 2024²⁸.

Em (13) notamos a atualização e a projeção do meme “Faz o L” nas redes de enunciação, apresentado como regularidade, na dimensão do simbólico, a mesma ancoragem referencial em (12) de apoio ao governo Lula. Na Figura 13, temos um comentário à notícia sobre o aumento das exportações de carne bovina e a queda dos preços. O falante utiliza o meme “Faz o L” a partir das flexões “fazendo o L” e “fazer o L” empregando modificações do verbo “fazer”, além de outras construções linguísticas que se ancoram no domínio referencial do meme como “picanha do Lula” e “agradecer o Lula”. Entre as regularidades, como o referencial histórico de apoio a Lula e forma linguística “L”, e as diferenças, nas flexões do verbo “fazer” e nas construções linguísticas inseridas nessa rede de sentidos, temos um meme (13) que se ancora e se atualiza a partir de domínios de mobilização representados pelas expressões simbólicas individuais mobilizadas por visões sociais sobre o mundo. Seja no referencial do aumento do salário mínimo (12) ou na queda do preço da carne (13), o meme “Faz o L” se torna pertinente ao discurso em favor do governo de Lula, pontuando ações que orientam avaliações positivas do seu mandato. Apoiado ao meme (13) e inserido na dimensão da memória, está o enunciado “os zumbis bolsonaristas piram” que ironiza os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro e concorrente de Lula nas eleições de 2022.

E, considerando o movimento de tensão enunciativa das redes que abrange o universal sem totalizar o sentido, apresentamos o meme (14) abaixo:

²⁸ Disponível em: <https://twitter.com/Bernard28444113/status/1780007349471625259>. Acesso 16 abr. 2024

Figura 14 – (14) Meme “Faz o L” e a greve nos institutos federais



Fonte SÉRGIO A. ALFONSO, @ SrgioAparecid19. X. 16 de abril de 2024²⁹.

Notamos em (14) que a forma linguística “Faz o L” aparece em dois momentos: no comentário da foto e no cartaz que aparece na imagem de alunos contrários a greve. Nessa direção, o meme “faz o L” recorta memoráveis relativos ao movimento utilizado como apoio ao presidente Lula e o ressignifica em forma de protesto contra a greve dos institutos federais de ensino. A materialidade do domínio visível presente no enunciado “Nós ALUNOS somos contra a greve” evoca o referencial da greve relativa à reivindicação ao governo pelo reajuste salarial dos professores que ocorre em algumas instituições federais de ensino³⁰. Desse modo, diferentemente dos memes (12) e (13), o meme (14) utiliza a construção linguística “Faz o L” como forma de criticar o governo Lula e seus apoiadores, visto que demonstra não só ser contrário a greve e, conseqüentemente, ao reajuste salarial, como também ironiza aqueles que votaram no presidente Lula utilizando o enunciado “Senta, chora e faz o L”. Ou seja, há uma ancoragem na relação não visível de que os professores que fizeram o “L”, votaram no Lula, podem “sentar” e “chorar” pois não merecem o reajuste, uma vez que escolheram o atual presidente, o que orienta como projeção de sentido a descredibilização da greve. Outro ponto

²⁹ Disponível em: <https://twitter.com/SrgioAparecid19/status/1780311278533111917>. Acesso em 17 abr. 2024.

³⁰ Algumas notícias relacionadas à greve: <https://revistaoeste.com/politica/em-protesto-contra-o-governo-lula-18-universidades-federais-entram-em-greve/>; <https://educacao.uol.com.br/noticias/2024/04/16/greve-professores-rede-federal-governo-lula.htm>. Acesso em: 17 abr. 2024.

que reforça a ressignificação da forma linguística “Faz o L” está na dimensão verbo-visual em que as cores verde e amarelo, presente na faixa, se ancora, a partir da dimensão da memória, nos apoiadores do presidente Bolsonaro que as utilizam como maneira de expressar seu patriotismo e valores nacionalistas, principais aspectos da campanha bolsonarista.

O movimento de regularidades e diferenças contribui para a tensão e para não linearidade dos sentidos no ciberespaço. Os memes assumem sua participação em rede por movimentos das memórias individuais e coletivas que, concomitantemente, projetam implicações sociais à cibercultura. Durante as eleições de 2022, a deputada estadual Olívia Santana (PCdoB-BA) veio a público para se manifestar contra os memes que surgiram utilizando sua imagem fazendo a letra “L” em referência a Lula. A deputada chegou a ser coagida e ameaçada por policiais no dia da eleição por estar portando adesivos e bandeiras do PT – partido do então presidente Lula – e registou boletim de ocorrência³¹ após a sua imagem “fazendo o L” (15), no momento do voto, ter sido ressignificada, principalmente por internautas bolsonaristas.

Figura 15 – (15) Deputada Olívia Santana fazendo o L



Fonte: CONEXÃO POLÍTICA, @conexaopolitica. X. 21 de abril de 2023³².

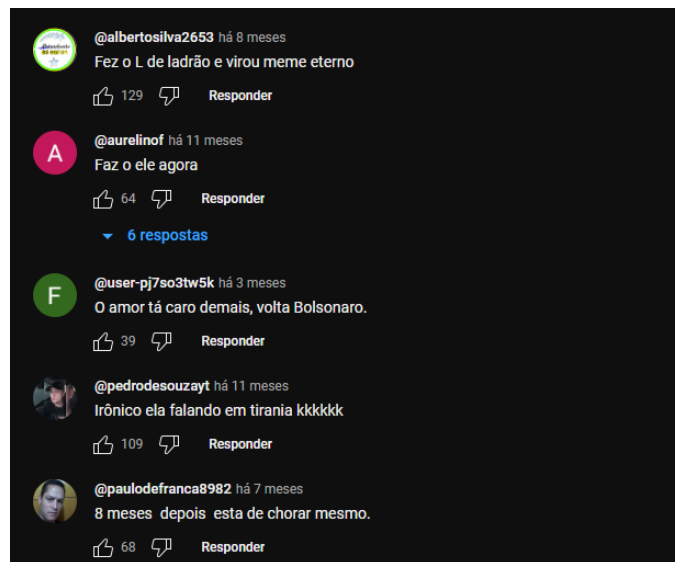
As redes de enunciação possibilitam um alto fluxo de visibilidade e projeção das formas linguísticas no ciberespaço, estabelecendo relações de atualização constante dos sentidos, o que contribui para universalidade sem totalizações. Ao recortar a imagem (15) de uma situação enunciativa de manifestação política para novas atualizações e pertinências, muitas vezes de ridicularização, o meme se insere em uma rede de enunciação que tende recortar memoráveis

³¹ Disponível em: <https://nosbastidores.com.br/deputada-registra-boletim-de-ocorrencia-pelo-uso-do-meme-do-l-chorando/>. Acesso em 17 abr. 2024.

³² Disponível em: <https://twitter.com/conexaopolitica/status/1649504792623075328>. Acesso em: 17 abr. 2024.

para reconhecimento de determinada forma linguística na rede e projetá-las em diferentes instâncias da significação para o estabelecimento de novos fios. Se nos atentarmos para alguns comentários (16) relacionados à notícia da deputada Olívia Santana, vemos que o “L” se projeta no referencial oposto ao apoio de Lula, ao mesmo tempo que recorta o memorável relativo ao atual presidente no enunciado “Fez o L de ladrão”.

Figura 16 – (16) Comentários relativos à deputada Olívia Santana



Fonte: Youtube³³

Vale ressaltar que o enunciado “Fez o L de ladrão e virou meme eterno” demonstra a longevidade de um meme considerando seu uso e a característica da incomensurabilidade das redes de enunciação para projetar e recortar formas linguísticas em múltiplas possibilidades de enunciação, abordando a fecundidade como fio inesgotável de atualizações. “Fazer o L” se tornou uma forma linguística em rede justamente por esse movimento descontínuo de (re)significação no ciberespaço. O simples gesto com a mão fazendo o “L” se tornou memético por sua inserção nas redes, apresentado na composição a agência local e a estrutural global no processo de individualização em rede.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2bXRiWBxEhQ>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Figura 17 – (17) Meme “Faz o L” em posição ao meme “Faz a arma”



Fonte: Google³⁴

Em relação ao plano orgânico da dimensão verbo-visual temos dois gestos realizados com as mãos no exemplo (17). Considerando a memória nas redes de enunciação em sua relação não visível, o primeiro foi símbolo da campanha de Jair Bolsonaro em 2018 que utilizava esse gesto com as mãos simulando uma arma de fogo que se ancorava nos domínios referenciais de sua campanha como propostas de armar a população e ações que feriam a Declaração dos Direitos Humanos. Ao lado, temos a simulação gestual da letra “L” símbolo da campanha Luiz Inácio Lula da Silva em 2022 que representa não apenas a inicial do seu nome, como agrega apoiadores e defensores do seu governo. Ambos os elementos pictoriais se inserem nas redes de enunciação, uma vez que a materialidade rememora um já dito para (re)estabelecer significação. O enunciado “questão de perspectiva” ressalta o embate entre os dois políticos e todos as ancoragens referenciais que estão associadas a esses símbolos e às suas campanhas, colocando lado a lado o gesto das mãos que mudam, no aspecto material, apenas o ângulo de 90 graus. Por conseguinte, para que os sentidos possam ser articulados, é indispensável a forma linguística seja inserida em rede. Sem as articulações dos fios como ancoragens, recortes da memória, pertinência, relações entre regularidades e diferenças, individual e social, os sentidos ficarão comprometidos.

Vejamos a Figura 18:

³⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/09/leitor-compara-imagem-da-arma-de-bolsonaro-com-l-de-lula.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Figura 18 – (18) Meme “Faz o L” relativo à música do cantor Léo Santana



Fonte: Google³⁵

Enquanto uma forma linguística estiver em rede, ela sempre poderá ser ressignificada. Sendo assim, o meme “Faz o L” em (18) se ancora em outro domínio referencial. A construção linguística “Fazendo o L” aparece mantendo certa fidelidade aos exemplos (12), (13), (14), e até a posição das mãos em (17). No entanto, como afirma Dawkins (2007), há sempre “falhas” na repetição, ocasionando o aparecimento da fecundidade que, no caso do exemplo (18), está no referencial histórico. “Desce fazendo o L” é o nome de uma música do cantor Léo Santana que utiliza também como símbolo o “Fazer o L” como sua marca. Dessa maneira, o “L” na Figura 18 não se ancora nem em apoio, nem em oposição à Lula, mas na inicial do nome do cantor que é utilizada como forma de promoção de sua imagem e gesto memético em suas apresentações musicais.

Diante disso, a forma linguística “Faz o L” está inserida em redes de enunciação o que não impede apoiadores do Lula, por exemplo, utilizar essa música ressignificando seus sentidos. Tudo depende de quais os fios, ou seja, quais recortes de memória serão evocados pela materialidade e utilizados pelo falante que não só apropria da língua, mas também é apropriado por ela. E, nesse entrecruzamento de sentidos, é possível ocorrer tensões da significação por “falhas” na dimensão da memória, visto que determinado falante pode não conseguir estabelecer conexões enunciativas nos domínios referenciais relacionados ao cantor e se ancorar apenas nos fios das redes de enunciação relativas ao presidente Lula. O cantor baiano, em entrevista ³⁶, afirma que sua música “Vai dar PT” chegou a ser vetada em alguns shows devido à semelhança com a sigla do partido de Lula (Partido dos Trabalhadores – PT) e que a ação de

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uXt6MCJHPLQ>. Acesso em: 17 abr. 2024.

³⁶ Disponível em: [https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2022/10/07/vai-dar-pt-musica-e-vetada-em-shows-de-leo-santana-por-eleicoes.htm#:~:text=O%20cantor%20continua%20sobre%20%22Vai,sentido%20da%20cacha%C3%A7a%2C%20de%20curti%C3%A7%C3%A3o](https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2022/10/07/vai-dar-pt-musica-e-vetada-em-shows-de-leo-santana-por-eleicoes.htm#:~:text=O%20cantor%20continua%20sobre%20%22Vai,sentido%20da%20cacha%C3%A7a%2C%20de%20curti%C3%A7%C3%A3o.). Acesso em: 17 abr. 2024.

“fazer o L”, assim como a música, não tem nenhum cunho partidário. Contudo, em uma semântica de base enunciativa não trabalhamos com intenção. Ao “fazer o L” durante um show, os falantes ali presentes podem associar essa forma linguística considerando recortes singulares de sua memória enunciativa que é permeada por olhares sociais compartilhados e incorporada em múltiplos fios que, de maneira não contínua, orientam sentidos diversos.

2 OS NÓS ENUNCIATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DAS REDES

As redes de enunciação são formadas por fios enunciativos que entrecruzam as perspectivas da ótica metodológica, da memória e do digital. Tais fios são perpassados por nós que os conectam em diversas direções criando vínculos e projeções, além de romper com a ideia de linearidade. Desse modo, esses nós se configuram como pontos de tensão das redes de enunciação e serão representados, neste trabalho, por quatro noções basilares da Semântica Histórica da Enunciação que se complementam: espaço, falante, tempo e história. Sendo assim, discutiremos neste capítulo essas quatro noções e como elas são permeadas pela ideia de rede, bem como seus desdobramentos e tensionamentos no espaço digital.

Sendo assim, neste capítulo, utilizaremos como base teórica a Semântica Histórica da Enunciação a fim de abordar as noções de espaço, falante, tempo e história no espaço digital. Dessa maneira, entendemos que não seja necessário a criação de uma nova abordagem para tratar dos fenômenos da internet, uma vez que, para nós, a Semântica Histórica da Enunciação dá conta de mais esse fenômeno da língua portuguesa. Ou seja, não existe uma língua diferente e descolada do ciberespaço. Nesse sentido,

a criação de uma “nova linguística” nos isenta da fascinante tarefa de confronto e desafio à nossa própria teoria. O confronto do diferente com o já posto é desconfortável e desestabilizador, mas um exercício, a nosso ver, necessário, para o estabelecimento de novos lugares. Uma nova Linguística, (*sic*) parece-nos provocar um efeito de quebra entre o que poderíamos chamar de “mundo real” e “mundo virtual” ou ainda entre o “mundo real” e o “mundo digital” (Reis, 2015, p. 28).

A materialidade linguística e as quatro noções que serão discutidas neste capítulo são potencializadas pelo espaço digital tendo em vista características como velocidade, alcance, espacialidade e multivocalidade. E, nesse campo das transformações que o ‘mundo digital’ proporciona à linguagem, a Semântica Histórica da Enunciação encontra terreno fecundo para produzir análises, uma vez que um de seus fundamentos se baliza pela ideia de que é no entremeio das regularizações e dos desvios que a língua em uso se manifesta. Em alguns momentos, entretanto, para ampliar às nossas discussões, serão chamados outros teóricos que irão se relacionar aos pressupostos semânticos-enunciativos.

2.1 Os espaços em rede: arquitetando fios

Discutimos no primeiro capítulo o conceito de ciberespaço ao trabalhar as redes de enunciação na perspectiva digital. Nessa linha, apresentaremos, agora, o conceito que arquiteta,

de certa maneira, os fios dessa rede levando em conta o acontecimento enunciativo a partir da relação entre línguas e falantes: o espaço de enunciação.

Guimarães (2017, 2018) conceitua espaço de enunciação como um espaço não físico de funcionamento das línguas e que é “habitado” por falantes divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. Dessa maneira, por meio de um processo paradoxal da significação, o espaço de enunciação é regulado por relações conflituosas, ou seja, nas palavras de Guimarães (2017, 2018), uma relação **política** entre **falantes** e **línguas**. Sendo assim,

o espaço de enunciação é o **espaço** de relações de **línguas** no qual elas funcionam na sua relação com **falantes**. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual, não se é falante das línguas deste espaço da mesma maneira. O espaço de enunciação é, então, um **espaço político do funcionamento das línguas**. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual (Guimarães, 2018, p. 23-24, grifos nossos).

Em meio a essas (re)divisões e disputas pelo dizer no espaço de enunciação, a língua “não é algo abstrato, é algo histórico, se apresenta pela prática humana, por relações que fundamentam o funcionamento desta prática cuja característica é a de produzir significações: a linguagem” (Guimarães, 2018, p.23). Desse modo, o funcionamento da língua, enquanto conjunto de elementos linguísticos, produz sentido na medida em que “as línguas tomam os falantes, os agenciam enquanto seus” (Guimarães, 2018, p. 24). O falante que, conforme Guimarães (2017, 2018), não é uma figura empírica ou pessoa na atividade físico-fisiológica, ou psíquica de falar, é determinado pelas línguas que fala e se constitui como figura política pelos espaços de enunciação. Tal movimento entre línguas e falantes no espaço de enunciação se dá através do político que, para Guimarães (2017, 2018), é caracterizado por algo que é próprio da divisão e do confronto e que afeta o acontecimento.

Essa configuração política do espaço de enunciação não está associada ao aspecto governamental ou noções de direitos e virtudes do cidadão. Na Semântica Histórica da Enunciação, o político se configura pelo contraponto a uma normatividade que estabelece a divisão desigual dos falantes, de modo a tentar oferecer pertencimento aos que estão excluídos dessa estabilidade. Isto é, o político é um conflito no qual os desiguais afirmam seu pertencimento em relação àquilo que é normativo. Logo, o político

se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (Guimarães, 2018, p.50).

Tais divisões fazem do espaço de enunciação um espaço político e não individual, pelo fato de que língua e falante são dispostos em relação de confronto no processo de (re)construção da significação. Dessa forma, o agenciamento político do acontecimento se dá pelo embate dos sentidos. E, permeado pela dinâmica do litígio, Guimarães (2017, 2018) sustenta a ideia do político como fundamento das relações sociais que se instala no centro do funcionamento da linguagem. Dessa maneira, “o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada” (Guimarães, 2017, p. 22).

O espaço de enunciação como espaço político significa que falantes e línguas estão sempre em disputa pelo dizer, em poder falar de certos lugares e não de outros, em poder dizer certas coisas e não outras (Guimarães, 2017). Nessa relação paradoxal do dizer e do não-dizer, a tensão dos nós das redes de enunciação se arquiteta tendo em vista a constituição de um espaço de enunciação político que instaura contradições no movimento de (re)significação enquanto um campo de batalhas pelas ideias de pertencimento e exclusão, pelas orientações de sentidos e modos de dizer, ou seja, pelo direito à fala.

Para Guimarães (2017, 2018) o espaço de enunciação é sempre múltiplo e mesmo que haja apenas “uma língua”, ela não é só uma devido a suas divisões e sua configuração política com os falantes. Sendo assim, “na medida em que o espaço de enunciação é o espaço da prática linguística, ele está aberto a permanentes mudanças” (Guimarães, 2018, p. 28). E, considerando essas transformações, nos questionamos até que ponto o espaço de enunciação, proposto por Guimarães (2017, 2018), se constitui no espaço digital, no ciberespaço e suas especificidades? E como seria essa disputa pelos direitos ao dizer e aos modos de dizer na *internet*?

Fundamentada na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães, Claudia Freitas Reis (2010, 2015) propõe estudar a constituição do espaço de enunciação no ciberespaço. A autora analisa como a *internet* pode ser tomada enquanto espaço de circulação de línguas e falantes, considerando o espaço digital como um espaço político de instabilidades e historicamente determinado. De acordo com Reis (2015), apesar de a palavra “espaço” recortar um memorável geográfico, o espaço de enunciação se caracteriza por uma distribuição desigual de línguas e falantes a partir de um viés enunciativo e não se configura como espaço físico, nem com a ideia de território da Geografia, visto que a referencialidade espacial não participa dessa noção. Nessa conjuntura, embora o ciberespaço e o espaço de enunciação sejam conceitos de bases teóricas diferentes, é possível uma reflexão das relações entre línguas e falantes na *internet* tendo em vista o domínio político e o acontecimento da enunciação. Face a isto,

o sintagma nominal “espaço de enunciação x” pode ser entendido como uma construção teórica, resultado de um percurso analítico; não diz respeito a uma delimitação física/espacial nos moldes geográficos e só é possível a partir do estudo

de um acontecimento de linguagem, ou seja, a partir de uma configuração que se dá pelo acontecimento. É por isso que podemos transitar, por exemplo, por uma noção do “espaço de enunciação brasileiro” e “espaço de enunciação de Campinas” já que isso não implica em uma transposição do geográfico ao linguístico, mas apenas uma especificação permitida pelo processo de descrição linguística. Esta determinação nos ajuda em uma caracterização no que diz respeito ao entendimento da circulação de línguas e falantes, mas não pode ser entendida enquanto uma delimitação empírica do espaço geográfico. Acreditamos que esta seja a grande questão quando nos propomos a trabalhar com este conceito (Reis, 2015, p. 25-26).

É interessante perceber que a variável “x” na expressão “espaço de enunciação x” não representa uma delimitação empírica de um espaço geográfico, mas uma especificação do processo linguístico que busca entender a relação política entre línguas e falantes. Considerando as reflexões de Reis (2015) sobre essa variação do “espaço de enunciação x” e a *internet* enquanto um espaço de enunciação que opera uma distribuição linguística específica, propomos, em nossos estudos, o espaço de enunciação digital que examina os conflitos dos sentidos no ciberespaço por meio da busca incessante do dizer e do não-dizer na produção da significação.

Tendo em vista a distribuição desigual própria do espaço de enunciação no acontecimento enunciativo, observamos no espaço de enunciação digital os embates entre línguas e entre falantes na luta pelo direito em dizer. Não há uma unidade da língua. O que notamos são divisões e redivisões no que se refere à língua portuguesa, elementos do estrangeirismo - principalmente palavras de língua inglesa -, linguagem técnica e globalizante, expressões e gírias específicas de certos grupos e comunidade, memes dos mais variados nichos, além de outros fatores que intensificam esse conflito e a distribuição desigual como algoritmos, propagandas, bolhas sociais, programas, quantidade de “curtidas” e compartilhamentos e influência movida pela quantidade de seguidores. Todos esses fatores atestam o ciberespaço como espaços políticos não físicos no qual falantes passam a ser afetados pelas formas linguísticas em rede.

No tópico 1.3 desta pesquisa apresentamos o espaço digital/ciberespaço atrelado à ideia de rede na perspectiva das redes de enunciação. Nessa direção, ao abordar diversas facetas do conceito de espaço ao longo dos séculos como cosmologia, matemática, filosofia, geografia, semiótica e arquitetura, Santaella (2007) afirma que, diferente da *internet* que possui um campo mais denotativo, o ciberespaço representa o conceito de rede no qual a geografia física não importa devido a sua multivocalidade, ubiquidade, desterritorialização, multitemporalidade e fluidez. Para a autora (Santaella, 2007), a palavra “espaço” que compõe o “ciberespaço” tem um sentido mais abstrato e metafórico no que diz respeito às possibilidades de se navegar pelas

plataformas digitais por meio de uma linguagem híbrida em um espaço de fluxos com alcance imensurável. Dessa maneira,

ao olharmos o mundo, vemos redes se fazendo e se desfazendo a todo momento. Temos a sensação de que tudo está se movendo no espaço que tudo contém, quando, na realidade, é o espaço, enquanto rede de circulação de ação entre coisas em seus lugares, que se expande e se contrai o tempo todo. O espaço, como rede, é pulsante. É aquilo que se forma e se deforma aqui e acolá pela dinâmica das relações sempre localizadas e articuladas. Tudo está localizado e os lugares são redes de atores que conectam sempre outros lugares e temporalidades. Cria-se, nessa dinâmica, espacialização, espaço como rede, ou a rede que é o espaço dessa articulação e um tempo da simultaneidade (Lemos, 2013, p. 180).

Ao propor o espaço de enunciação digital, estabelecemos uma relação entre espaço de enunciação e ciberespaço a partir de um movimento político que se manifesta pela (re)construção e pelo conflito de dizeres entre falantes e línguas. As novas tecnologias potencializam a noção de espaço que passa a ser entendida como uma rede constituída pela dinâmica de circulação de línguas e falantes, promovendo um alcance que extrapola limites físicos. Sendo assim, no espaço de enunciação digital, as formas linguísticas e os falantes ficam susceptíveis ao fluxo intenso de dizeres, à incomensurabilidade, à propagação em massa, à velocidade, à ubiquidade e à mobilidade que a rede no espaço digital oferece, tendo em vista a universalidade sem a totalização do sentido.

Já em relação aos espaços técnicos e às infraestruturas que também constituem a *internet*, utilizaremos o conceito plataformas enunciativo-digitais, baseado nos estudos de Helmond (2019), no intuito de se referir àqueles “espaços físicos-digitais” como, por exemplo, *Instagram, Facebook, Google e X*. Essas plataformas, diferentes do espaço de enunciação e do espaço de enunciação digital, funcionam como um aparato técnico pré-construído por ferramentas, mecanismos e funções próprias. Ou seja, são espaços que possuem funcionalidades e configurações específicas, operando como uma espécie de ‘suporte’ para as formas linguísticas no ciberespaço que se apropriam dos e são apropriadas pelos usuários da *internet* e adquirem pertinência enunciativa.

Sobe esse prisma, o espaço no mundo digital é relacional e faz parte de um processo de desmaterialização e multitemporalidade. Para Cristiane Pereira Dias (Dias, 2004, p. 70),

a concepção de uma sociedade que se constitui pela rede de relações não é privilégio do ciberespaço, uma vez que no mundo físico, estamos ligados o tempo todo por essas redes (a rede familiar, a rede escolar, a rede de amigos etc.). A diferença é que o modo de estabelecimento dessas redes, no ciberespaço, leva em conta outros aspectos, como, por exemplo, a não-presença física do outro, a não necessidade de conhecer fisicamente para se relacionar, e a vulnerabilidade daquilo que se conhece. Esses são aspectos estruturantes do virtual tal como concebido na relação com o ciberespaço.

E, em síntese, o que seria um espaço permeado pelas redes de enunciação? O espaço é relacional e se caracteriza como nó das redes devido a seu movimento político que contribui

para a tensão, misturas e combinações de aspectos aparentemente contraditórios. A rede permeia o espaço pelo embate, apresentando uma luta constante e intensa pelos sentidos. O conflito entre línguas e falantes constroem um espaço simbólico e não-físico que descentraliza ações coletivas e individuais e multiplica-se a partir da ubiquidade, da velocidade e do alcance. Dessa maneira, o espaço de enunciação digital permite conexões múltiplas e diferenciadas, a partir de uma dispersão “organizada”, instaurando um entrecruzamento entre falantes e línguas que constituem a espacialidade e (re)significam a sociedade. No espaço em rede não há deslocamentos físicos, mas deslocamentos de sentidos.

Considerando o espaço como elemento enunciativo que passa por um processo de “metamorfose” no mundo digital, abordaremos, a seguir, o falante e sua inserção em rede no acontecimento enunciativo. Nesse âmbito, “o (ciber)espaço está configurado de modo que cada sujeito seja um nó conectado a todos os outros, a todos os continentes da Terra” (Dias, 2004, p. 31). Espaços e falantes estão relacionados e habitam virtualmente todos os acontecimentos alicerçados por movimentos individuais e sociais.

2.2 O individual e o social na formação das redes

Em nossa pesquisa, o individual e o social têm um papel importante na constituição das redes de enunciação. Diante disso, o falante, enquanto ser de linguagem e politicamente constituído (Guimarães, 2017, 2018), toma e é tomado por agenciamentos enunciativos, a partir de uma perspectiva individual-coletiva em rede no movimento de (re)significação. Segundo Guimarães (2017, 2018), os falantes não assumem seu sentido dicionarizado enquanto indivíduos que falam certa língua. Assim como exploramos brevemente no primeiro capítulo, o falante não é uma figura empírica ou psicológica responsável pela atividade físico-fisiológica de falar. Pelo contrário, a definição de falante na Semântica Histórica da Enunciação é mais ampla e complexa. Os falantes são marcados pelas línguas que falam e se instituem na qualidade de seres de linguagem inseridos no espaço de enunciação enquanto figuras políticas (Guimarães, 2017, 2018). Isso posto, o falante não está determinado apenas pela língua que fala, mas também se constitui pelas línguas que regulam o espaço de enunciação no qual ele está inserido, assim como participa da constituição dessa(s) língua(s). Sendo assim, o falante é agenciado pelo espaço de enunciação e tem suas ‘escolhas’ afetadas pelas histórias de outras enunciações (Guimarães, 2018). A partir dessa reflexão sobre o agenciamento enunciativo, podemos dizer que o falante não é totalmente livre, uma vez que ele mobiliza regularidades e fala a partir de uma história que orienta suas escolhas. Dessa maneira,

o falante é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no espaço de enunciação. Ou seja, as línguas do espaço de enunciação se relacionam umas com as outras na medida em que constituem seus falantes. E esta constituição dos falantes se faz pelo modo com as línguas determinam os falantes, agenciam os falantes como seus de algum modo. O falante não é, portanto, uma pessoa física. É uma figura linguística constituída por essa relação de línguas, que tomam os falantes, que se distribuem desigualmente para os falantes ao constituí-los. Em outras palavras, o falante não é uma pessoa, enquanto tal, um ser físico, biológico, psíquico. O falante é um ‘ser’ de linguagem, constituído por uma relação de línguas (Guimarães, 2018, p. 24, 25).

Ao abordar a configuração e o agenciamento do sujeito/falante³⁷, Guimarães (2017, 2018) se alimenta dos pressupostos de Benveniste (1989 [1970]) estabelecendo algumas diferenças. Em “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste (1989, p. 82) sustenta a ideia de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Nessa direção, o sujeito toma a língua, se apropria dela enquanto instrumento (aparelho) e instala um outro, demonstrando a relação intercambiável (intersubjetiva) entre o “eu” e o “tu” própria do processo enunciativo. Sendo assim, reconhecemos a importância das formas linguísticas constituídas e construtoras de significação. Todavia, relativizamos, conforme Guimarães (2017), a individualidade do sujeito em Benveniste (1989) que apreende a língua como ferramenta para utilização, uma vez que percebemos a enunciação como um processo de duas vias no qual o sujeito não só toma a língua como também é tomado por ela. Ou seja, mediante a perspectiva de que o funcionamento da língua agencia o falante, o “acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua por que (sic) há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua” (Guimarães, 2018, p. 22).

Enquanto Benveniste (1989) evidencia o sujeito que se apropria da língua para produzir sentido, nós, assim como em Guimarães (2017, 2018), abordaremos o falante como aquele que se apropria, mas também é apropriado pela língua em um movimento de intercambialidade. Consideramos os dois movimentos em simultaneidade na produção de sentidos, uma vez que a língua não é só um instrumento pronto para ser manuseado pelo falante, mas também que o falante pode se tornar instrumento da língua que se movimenta e se (re)significa constantemente. Essa relação intercambiável entre línguas, falantes e sentidos a partir das vinculações políticas descaracteriza a ideia ilusória de origem do dizer pelo sujeito como figura central da enunciação. Desse modo, percebemos um movimento duplo em que o falante é susceptível enunciativamente, visto que sofre impressões e é afetado pela língua, assim como a

³⁷ Nesta pesquisa, tomaremos sujeito (Orlandi, 2007, 2008, 2009) e falante como equivalentes a partir dos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação. Ambos as perspectivas teóricas entendem o sujeito/falante não como pessoa física e psicológica, mas como seres de linguagens constituídos pela língua e pela história.

língua se modifica e adquire diferentes sentidos pela utilização do falante. Tal processo possibilita a descentralização do falante a partir de uma ordem que é ao mesmo tempo individual e social. Logo, concebemos esse movimento de susceptibilidade enunciativa.

E como se configuraria a susceptibilidade enunciativa em nossa pesquisa? Língua e falante se constituem em rede tendo em vista as mobilizações históricas de outras enunciações que as constituem e que estão associados à sua capacidade de agenciarem e serem agenciadas. O falante, inserido nas redes de enunciação, é susceptível enunciativamente porque não é totalmente livre sobre suas ‘escolhas’ em dizer, assim como a língua necessita do falante para produção da significação. De fato, ao enunciarmos, a língua nos agencia projetando diversas possibilidades enunciativas que são balizadas por ‘escolhas’ que relacionam aspectos individuais e histórico-sociais. Simultaneamente, o falante está sempre enredado por regras, materialidades e situações enunciativas que orientam seus dizeres nos espaços de enunciação e o leva a projetar sentidos. Estamos sempre susceptíveis porque a linguagem nos constitui e nos faz atualizá-la de forma constante. Essa produtiva capacidade mutacional de retomadas, atualizações e projeções se dá em rede a partir da relação entre falante e língua com os referenciais históricos e a pertinência enunciativa. Assim, na correlação com a história de enunciações, a susceptibilidade enunciativa se manifesta na medida em que o falante é agenciado a utilizar determinadas formas linguísticas seguindo certas regularidades e, concomitantemente, as modifica em algum grau por meio de ações inseridas na individualização em rede no intuito de atualizar e projetar sentidos.

Nessa direção, o falante que está em rede estabelece relações e oposições com outros falantes, se constituem e constituem os outros, uma vez que são tomados pela língua e se significam por ela. Desse modo, simultaneamente, o falante agencia e é agenciado pelas formas linguísticas, uma vez que o falante participa da enunciação por ser vulnerável a entrelaçamentos e (re)significações.

Na susceptibilidade enunciativa entre línguas e falantes, é possível identificar um movimento da individualização em rede na construção da significação. Como afirma Dias (2018), a significação tem um lado individual e um lado social e nós, falantes, exercemos a individualidade a partir de visões sociais, visto que somos seres políticos e nos constituímos em relação com a sociedade. Dessa maneira,

quando nós nos assumimos como falantes e enunciados, os nossos enunciados são afetados por essa rede de envolvimento social e, ao mesmo tempo, esses enunciados são lançados num espaço de enunciação com implicações das mais diversas ordens, na medida em que envolvem sentimentos, compromissos, alianças, tensões entre quem diz e a comunidade aplicada nesses dizeres (Dias, 2018, p. 64).

Paralelamente, ato individual de utilização, proposto por Benveniste (1989), o falante se constitui de ações individuais alicerçadas por elementos sociais. A presença da individualidade e da singularidade no processo enunciativo se diferencia e se constitui no/pelo social. O individual e o coletivo são constituídos politicamente no espaço de enunciação, uma vez que o falante está sendo dito pelas formas linguísticas, apresentando a individualização em uma rede em que não se define começo e fim. Logo, o agenciamento político do falante se dá pelo embate dos efeitos de sentido no espaço de enunciação pelos domínios orgânicos e simbólicos da língua. E vale ressaltar que não se trata de uma escolha ou decisão apenas individual. É uma conjuntura histórica da mobilização de um dizer. Enunciar é histórico. Os dizeres se repetem e se constituem pela diferença, considerando ancoragens e projeções. A individualidade do dizer é aliada a redes de enunciação composta de histórias e mobilizações sociais.

Ao abordar o agenciamento do falante e sua configuração política no espaço de enunciação, Guimarães (2017, 2018) elabora o conceito de cena enunciativa no intuito de examinar a divisão múltipla e conflituosa do falante em lugares de enunciação. Segundo Guimarães (2017, p. 31) a “cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. Ou seja, a cena enunciativa se configura pela distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento considerando o movimento de agenciamento do falante a dizer. “Aquele que fala” ou “para quem se fala” não são indivíduos detentores do dizer, mas configurações enunciativas constituídas pelos dizeres (Guimarães, 2017, 2018). Dessa forma, o funcionamento desse agenciamento não é dialógico no sentido de fala interativa em uma relação de alocação. A constituição da alocação se dá na cena enunciativa, uma vez que os falantes são constituídos no espaço de enunciação em uma relação de historicidade com a língua e não apenas como “quem fala” e “quem escuta” (Guimarães, 2018). Logo,

o agenciamento do falante o divide na cena em lugares da enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social do dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador). Esta divisão dos lugares de enunciação constitui o que chamamos aqui de politopia da cena enunciativa (Guimarães, 2018, p. 71, 72).

O falante, enquanto figura política, se desmembra e é distribuído em lugares da enunciação que se dão pela temporalidade do acontecimento. Dessa forma, essa divisão (politopia) do falante na cena enunciativa estabelece três lugares: o Locutor enquanto aquele que diz; o alocutor-x como lugar social do dizer; e o enunciador como o lugar de dizer (Guimarães, 2017, 2018).

Para Guimarães (2017, 2018), o falante é agenciado em Locutor como aquele que fala para alguém (seu Locutário). Nessa direção, o Locutor seria o responsável pelo dizer, representando a unidade e origem desse dizer. No entanto, o Locutor só diz a partir de lugares sociais. Dessa forma, em função da impossibilidade de se falar fora de uma posição social e a fim de confrontar o Locutor com a não unidade da significação, Guimarães (2017, 2018) denomina de alocutor-x aquele que fala afetado por lugares sociais, tomando o “x” como a variável desses lugares que são caracterizados no acontecimento, instituindo, assim, como correlato, o alocutário-x. Vale ressaltar que é possível a presença de dois ou mais alocutores em um mesmo acontecimento enunciativo devido aos diferentes papéis sociais que um falante pode assumir. Sendo assim,

esta divisão se apresenta no acontecimento como uma “projeção” da relação línguas - falantes do espaço de enunciação. De um lado, pelo agenciamento das sistematicidades linguísticas, constitui o Locutor, aquele que diz, de outra parte esta divisão constitui, pelo agenciamento das condições histórico-sociais dos falantes, lugares sociais de dizer (os alocutores) que são distribuídos também desigualmente (Guimarães, 2018. p. 50).

A terceira divisão do falante seria o enunciador como o lugar de dizer, caracterizando o modo como o “eu” se apresenta na relação com o que se diz. As relações entre Locutor e alocutor-x e seus respectivos correlatos são determinadas em relação ao modo como o enunciador é agenciado a falar no acontecimento. Partindo dessa premissa, Guimarães (2017, 2018) estabelece quatro tipos de enunciadores, relacionados aos modos de dizer do falante: individual, genérico, coletivo e universal que podem se mesclar em um acontecimento específico.

Segundo Guimarães (2017, p 34), o enunciador individual se configura pela marcação do “eu” no enunciado enquanto lugar de dizer que se “dá como independente da história pela representação desta individualidade”. Em Silva (2019) levantamos um breve questionamento sobre a possibilidade de considerar o enunciado fora e independente da história. Decerto, não podemos examinar o falante e sua politopia como algo totalmente fora da história, mesmo que seja representado pelo viés da individualidade ou pelo “apagamento social”. Entendemos a ideia de individualidade atrelada às condições sócio-históricas, sustentando a tese de que o “agenciamento enunciativo [...] é histórico: tanto pela caracterização do espaço de enunciação, em que a relação que o constitui é entre línguas e falantes, quanto da cena enunciativa em que o falante é agenciado a dizer numa alocução eu/tu” (Guimarães, 2018, p. 65). Sob esse viés, o enunciador, seja ele individual, genérico, universal e coletivo, “assume um lugar de dizer que pode tentar, de certa maneira, se distanciar de uma configuração ou posição social em função de uma individualização mais evidente, mas ele nunca deixa de pertencer à história, ou seja, ao

acontecimento enunciativo” (Silva, 2019, p. 67). Dessa maneira, podemos compreender o “fora da história” como índices de individualidade em evidência, mas dispostos em redes. Ou seja, a individualização em rede constitui o falante que, por mais que busque assinalar sua individualidade nas formas linguísticas, não se distancia dos aspectos histórico-sociais da língua.

Nessa direção, o enunciador genérico representa o que é dito como algo que todos dizem, buscando, de certo modo, o “apagamento do lugar social” e a simulação da origem do dizer (Guimarães, 2017). Diante disso, o enunciador genérico apresenta o Locutor como difuso, indeterminado e diluído em meio a um conjunto em que se diz como todos os outros ou em grupos grupo como, por exemplo, os ditos populares (Guimarães, 2017). Em outras palavras, o enunciador genérico “se mostra como indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos” (Guimarães, 2017, p. 34). Já o enunciador universal se distancia de uma posição social tão marcada por representar uma configuração ligada a um consentimento universal dentro de um regime de verdadeiro ou falso, sem modalizações. E, por fim, em uma cena enunciativa, pode haver o enunciador coletivo que diz se incluindo em meio a uma coletividade, seja pela marcação das pessoas do plural em determinado enunciado, seja dizendo em nome de um grupo, promovendo um distanciamento do “eu” em favor do “nós”.

O agenciamento e a politopia propostos por Guimarães (2017, 2018) na cena enunciativa nos traz reflexões interessantes sobre os papéis assumidos pelo falante. Tais reflexões contribuem para nossos estudos sobre a susceptibilidade enunciativa e a individualização em rede, pontos-chaves para a configuração das redes de enunciação. A divisão política do falante que agencia e é agenciado pela língua e sua distribuição em diferentes posições enunciativas se relaciona à ideia do falante em rede no que se refere a sua constituição fundamentada pelo confronto entre individualidades e aspectos sociais. O falante em rede é politópico e sua mobilidade de funções se adapta à enunciação de maneira constante.

A partir dessas reflexões relacionadas ao falante e à cena enunciativa, compreendemos que as (re)divisões e as (re)distribuições do ser de linguagem no espaço enunciativo são constituídas pela língua em um movimento que parte do social para o individual. Levando em conta essas reflexões e os papéis do falante, a noção de autoria é um aspecto muito importante a ser explorado considerando essa múltipla configuração do falante inserido no movimento de individualização em rede.

Muito se questiona, principalmente no espaço de enunciação digital, a quem se deve dar a autoria de determinado dizer publicado na internet, visto que a ideia de autor é associada, frequentemente, como origem ou responsável pelo o que foi dito. Atores não-humanos se

misturam aos atores humanos e reformulam conceitos sobre autoria que levam em consideração as novas tecnologias como, por exemplo, a inteligência artificial. Face a isso, desenvolveremos a ideia de autoria como uma das figuras do falante nas redes de enunciação a partir dos pontos de vista que um dizer pode orientar. No intuito de estabelecer relações de contrapontos e semelhanças às nossas ideias, apresentaremos, brevemente, dois atores que discutem esse conceito.

Orlandi (2007, 2008), fundamentada na Análise do Discurso, entende que a autoria se configura como uma função discursiva assumida pelo sujeito na relação com a memória e o interdiscurso. Dessa maneira, o autor é uma posição na filiação de sentidos que se caracteriza não apenas por aquele que escreve ou produz um texto, mas aquele que assume uma posição discursiva. Ou seja, a função-autor se refere aos modos como o sujeito se inscreve no texto que vai além das marcas na materialidade linguística, uma vez que é determinada pela relação de uma exterioridade constitutiva à língua (Orlandi, 2007, 2008). Assim, Orlandi (2008, p. 61) traz para a noção de autor uma certa ideia de unidade ao sujeito, “unidade que se faz a partir da heterogeneidade e que deriva do princípio da autoria como uma função enunciativa”.

Já para Foucault (1984), a função-autor não se refere a um “indivíduo que escreve”, mas a uma posição-sujeito específica que classifica, organiza e regula discursos. Diferentemente do que propõe Orlandi (2007, 2008), a função-autor, segundo Foucault (1984), não vale para todos os discursos e nem se manifesta de forma constante, visto que ele não considera, por exemplo, conversas, contratos, decretos ou enunciados que transmitem anonimato como textos que manifestam autoria. Ou seja, alguns discursos são dotados da função-autor, enquanto outros são privados dela. Desse modo, Foucault (1984) afirma que autoria é uma figura ideológica que agrupa e articula discursos, não se definindo pela atribuição espontânea ao seu produtor, mas por séries de operações específicas e complexas relacionadas aos modos de existência, circulação e funcionamento de certos discursos dentro de uma sociedade.

É importante ressaltar que as novas tecnologias e os diferentes recursos presentes no ciberespaço desafiam as concepções de autoria que precisam de ponderações e atualizações, principalmente no que diz respeito ao papel dos atores não-humanos como algoritmos e inteligência artificial.

A partir das reflexões de Orlandi e Foucault sobre autoria, Carvalho e Dias (2021) investigam a noção de autor sob a perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação ao analisar redações do ENEM. Nessa direção, “advogamos que a função de autoria organiza o texto em torno de um ponto de vista, ancorando-se em referenciais históricos, que se tornam pertinentes por meio de conformações interativas e de articulação” (Carvalho, Dias, 2021, p. 111). Face a

isso, a função-autor é constituída pelo ponto de vista de natureza política, afastando-se da ideia de originalidade na medida em que o falante assume essa função se ancorando nos referenciais históricos e tendo a singularidade do sujeito como aspecto a ser observado na criação desse ponto de vista (Carvalho, Dias, 2021).

Entre os movimentos da singularidade e da historicidade, entendemos a função-autor como parte da politopia do falante em rede. Nessa conjuntura política e conflituosa de (re)divisões (re)distribuições das figuras enunciativas, a função-autor se caracteriza pelos pontos de vista que o falante orienta em seu dizer, considerando a relação com a memória e os referenciais históricos. Isto é, a individualidade é permeada pela historicidade, uma vez que o falante na função-autor, que não está relacionado à origem e à criação de enunciado, se manifesta por meio da individualização em rede na (re)construção de posicionamentos e na delimitação de pontos de vista balizados pelas escolhas da materialidade linguística e das associações com a dimensão simbólica da língua.

Compreendemos, assim, que com o espaço de enunciação digital e as novas configurações tecnológicas, a função-autor e as figuras enunciativas do falante são, de certa maneira, potencializadas e remodeladas. Sob essa ótica, Orlandi (2007) entende que as práticas linguísticas mediadas por computadores transformam as relações do autor com sua escrita e que essas mudanças nas formas de autoria se dão pelas diferentes formas de materialidade e memória discursiva algoritmizada.

Ao abordar a autoria nos memes baseada nas ideias de Foucault (1984) relativa a função-autor, Davison (2012) afirma que esses fenômenos digitais são criados e propagados, na maioria das vezes, anonimamente. E, em função de uma intensa velocidade de replicações no espaço digital, a ideia de autoria, no sentido do “indivíduo que escreve”, se esvai em meio a uma extrema necessidade de difusão e coletividade. Dessa forma, o anonimato fornece a esses indivíduos um certo tipo de liberdade e de proteção a punições, principalmente para aqueles que utilizam memes ofensivos de cunho racista, sexista e homofóbico. Por conseguinte, tais memes podem ser produzidos, replicados, transformados e encaminhados sem nenhuma preocupação com gerenciamento de direitos, monetização, citação ou licenciamento (Davison, 2012). No entanto, a partir de nossas perspectivas, é possível perceber a função-autor presente em todo meme - e em todo dizer -, visto que o falante, em meio a singularidade e a historicidade, expressa pontos de vista e orienta, enunciativamente, seu dizer por meio de manipulações, enganações, tensões e afinidades que retratam eventuais tomadas de posição do falante em meio a redes de enunciação que exploram “novas formas de opinião pública” (Lévy, 1999, p. 129). Dito isso, podemos entender que o anonimato está mais no campo do indivíduo como pessoa

física, documentada e psicológica, se distanciando, assim, da sua posição de falante caracterizada pela relação entre os referências históricos e a memória na (re)construção de sentidos e na orientação de pontos de vista.

De acordo com Santaella (2007), o efeito das novas mídias digitais, via redes, rompe com a ideia do sujeito unificado e estável, potencializando e deixando mais marcado o sujeito múltiplo, instável, difuso e descentralizado. Dessa maneira, a autora enfatiza que não se pode ignorar a linguagem das tecnologias, nem a considerar apenas instrumental, uma vez que “é através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural” (Santaella, 2007, p. 91). Para nós, a relação entre línguas e espaço é o ponto central para a constituição dos falantes fluidos que se mesclam e se alternam entre diferentes posições no ciberespaço.

No espaço de enunciação digital não há distâncias para o falante que tem a ubiquidade como uma das suas principais características. Esse falante relaciona questões individuais aos aspectos históricos, utilizando a língua como ponto central de suas configurações e posições no ciberespaço. Reis (2015) afirma que não se pode desconsiderar o caráter volitivo do falante/autor, visto que essa figura da enunciação “escolhe” formas linguísticas específicas para marcar sua autoria, para nós, seu ponto de vista. No ciberespaço, o falante em rede se configura entre autonomia e direcionamentos histórico-sociais balizados por línguas e pelo espaço. Esse movimento de individualização em rede associado à susceptibilidade enunciativa é constante e simultâneo, demonstrando um agenciamento por duas vias: agencia e é agenciado.

Considerando os nós das redes de enunciação como lugar de tensão, o falante se (re)divide e atualiza sentidos no acontecimento enunciativo, promovendo sua participação no espaço digital. Conforme Recuero (2014), o engajamento e a participação dos usuários da *internet* variam de acordo com as plataformas digitais e os recursos disponibilizados por elas. Em muitas dessas plataformas, o falante, de forma “individualizada”, cria perfis, avatares, apelidos (*nicknames*), descrições, gostos e preferências transportados para o perfil como uma maneira de apresentar sua singularidade (Recuero, 2014). Essas ações individualizadas dos falantes funcionam como fios que apresentam uma articulação em rede com outros falantes, aproximando por afinidade com aqueles que compartilham as mesmas ideias e criando conflito com perfis de posicionamentos diferentes. Essa rede intensifica a autoria dos falantes por meio de uma disputa constante pelo direito e pelo espaço em dizer, articulando falantes pelos laços sociais no movimento da individualização em rede.

Entre formas de individualização e articulações coletivas, a tecnologia transformou a maneira como percebemos o falante no espaço de enunciação digital. Um dos aspectos que

modificou a configuração do falante foi a presença de máquinas, inteligência artificial e outros aparatos técnicos que se caracterizam, na teoria ator-rede, como atores não-humanos. Como já discutimos no ponto 1.3 deste trabalho, a constituição dos atores não-humanos tem relação direta com atores humanos. Enfatizamos que nosso foco principal é examinar mais uma divisão do falante que agora pode assumir outras figuras no espaço de enunciação digital por meio de uma propagação de dizeres e pontos de vista operados por máquinas e recursos tecnológicos que tornam tudo mais rápido e abrangente. Mais do que diferenciar o indivíduo da máquina, o que interessa para os nossos estudos é examinar as possibilidades enunciativas tendo em vista o falante, se afastando de ideias da hierarquização entre humanos e objetos.

Para Lemos (2013), a *Internet* das coisas, como conjunto de redes e sensores por sistemas informatizados, estabelece uma relação entre pessoas e objetos. Tais objetos, ou atores não-humanos, são “inteligentes”, se conectam e se comunicam nas mais diversas funções, promovendo uma mudança nas nossas ações diárias e em todos os domínios da cultura como família, escola, trabalho e lazer, visto que “a comunicação das coisas entre elas e entre nós, os humanos, só aumenta” (Lemos, 2013, p. 21). Nessa direção, fundamentado no termo da semiótica greimasiana, Lemos (2013) define actante como tudo aquilo que gera uma ação e media relações, representando o termo “ator” da expressão “ator-rede”. Dessa maneira,

um actante, humano ou não-humano, é um mediador constituído anteriormente por condições específicas e que, ao se relacionar com outros, vai produzir novas condições de existência, novas condições associativas. Nesse sentido, um “evento” ocorre, a jusante e a montante, na rede. E esse acontecimento não é particular a um “ator”, mas a um conjunto que circula. A essência é a ação e esta se dá na mediação e na tradução de actantes humanos e não-humanos pensados mais como eventos do que como “atores singulares” (Lemos, 2013, p. 65).

Para nós, pesquisadores da Semântica Histórica da Enunciação, a essência é o sentido e os falantes se tornam mediadores na medida que estrelecem relações com outros falantes, outras línguas e outros espaços. São esses laços enunciativos que constituem as redes em que o falante não é somente inserido, mas pelas quais é constituído. É inegável a presença dos “atores não-humanos” como aplicativos, programas e inteligência artificial na (re)elaboração das formas linguísticas. Contudo, essas formas precisam ser enunciadas para produzir significação. A partir do pressuposto de que o falante é um ser de linguagem, entendemos que em nossos estudos o enfoque é a significação e não o indivíduo. Os atores não-humanos, sejam elaborando, compartilhando e atualizando enunciados, são constituídos por linguagem e por isso se inserem nas posições do falante, que podemos denominar de ciberfalante. Vale ressaltar que nosso interesse não é discutir, nem hierarquizar atores humanos e não humanos, mas entender o movimento enunciativo e as redes de enunciação a partir do falante e suas transformações no

espaço de enunciação digital, considerando as tensões, projeções, orientações e pontos de vista das formas linguísticas em um dado acontecimento.

Em suma, o que seria um falante permeado pelas redes de enunciação? Alicerçados em movimentos individuais e sociais, o falante se torna susceptível enunciativamente na medida em que sofre impressões afetado pela língua e atualiza dizeres na (re)construção de sentidos. Esse movimento de agenciamento e gerência das formas linguísticas se dá de forma concomitante, expressando a individualização em rede e descentralizando o falante que se dispersa em diferentes figuras enunciativas devido a sua configuração política. E é nessa relação de via dupla que a língua agencia seus falantes da mesma forma que serve de instrumento para manifestar a autoria. Entendemos que a multiplicidade já é constitutiva do falante e o espaço de enunciação digital não cria esse falante disperso, fragmentado e instável, mas o potencializa e o deixa em evidência, tendo em vista as configurações do ciberespaço e as transformações relacionadas ao anonimato e aos atores não-humanos. Dessa maneira, as redes de enunciação constituem o falante em rede na relação entre línguas, espaços e tempos por meio de (re)divisões no intuito de tecer laços individuais e sociais com outras línguas, outros falantes e em outros espaços.

Nas relações em rede entre singularidades e historicidades,

o ciberespaço é um transbordamento do espaço, naquilo que constitui sua temporalidade. Pois, já que ele não é localizável a não ser em sua virtualidade, sua matéria constitutiva por excelência é o tempo, segundo a percepção de cada sujeito. Esse tempo diz respeito aos laços que o sujeito estabelece no ciberespaço. Quanto mais esses laços se aprofundam, mais o tempo desacelera. Isso faz com que, no espaço imaginário, os sujeitos saiam da lógica da “correria do dia-a-dia”, que caracteriza o mundo pós-moderno. Assim, o tempo que o sujeito habita no ciberespaço não corresponde à velocidade dos bytes e bits, mas corresponde aos laços afetivos que ele produz na rede (Dias, 2004, p. 56).

A partir das reflexões sobre espaço e falante na construção de laços sociais, abordaremos um outro nó constituidor da tensão das redes de enunciação: o tempo.

2.3 As flutuações temporais enunciativas: entre repetições e diferenças

O tempo se manifesta nas redes de enunciação a partir de fios que se articulam e se entrecruzam tendo em vista movimentos de ancoragens, presentificação e projeções das formas linguísticas. A tensão presente nas redes de enunciação constitui e é constituída pelo tempo que é capaz de estabelecer conexões entre os enunciados por meio de regularidades e diferenças. Nesta seção, descreveremos como o tempo se organiza em rede, considerando as repetições e as diferenças no acontecimento enunciativo.

Como discutimos brevemente no primeiro capítulo, Guimarães (2017) defende que o acontecimento enunciativo agencia o falante e instaura sua própria temporalidade. Essa ideia de tempo não se sustenta de maneira cronológica, visto que a relação entre passado, presente e futuro se dá concomitantemente. Desse modo,

a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre lugar dos sentidos e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2017, p. 17).

Para Guimarães (2017), a temporalidade não se define pela relação entre antes e depois e não se caracteriza por ser pontual e linear. A enunciação produz sua temporalidade na medida em que o passado, ao ser recortado pelo acontecimento, se atualiza, abrindo uma latência de futuridade e projetando sentidos (Guimarães, 2017). Por conseguinte, segundo Guimarães (2017), o sujeito não temporaliza, mas é tomada por essa temporalidade, visto que a figura do falante não é definida como a origem do tempo da linguagem. É a enunciação que instaura o tempo, conglomerando passado, presente e futuro na produção da significação.

Utilizando a metáfora da rede engendrada de entrecruzamentos e sem pontas, entendemos a temporalidade a partir de três elementos fundamentais que coexistem: ancoragem, presentificação e projeção. A ancoragem aborda a ideia do referencial histórico e do memorável que são evocados na enunciação. Ou seja, o passado representa enunciações anteriores que são atualizadas no acontecimento enunciativo, visto que todo enunciado carrega marcas de outras enunciações. O segundo elemento seria a demanda de significação do presente que se configura como a própria enunciação e se ancora em referenciais históricos a fim de criar pertinência enunciativa e produzir significação a partir da atualização dos dizeres. O presente na temporalidade representa o acontecimento enunciativo que instaura o tempo, considerando a simultaneidade com o passado e o futuro. No plano da futuridade está o terceiro elemento da temporalidade que atualiza as formas linguísticas visando projetar e (re)significar sentidos diversos nos mais diferentes espaços de enunciação. Essas projeções enunciativas fazem com que a rede sempre crie fios se ancorando no que já foi dito e produzindo novas enunciações em um movimento contínuo e relativamente disperso. Vale ressaltar que não é possível a separação desses três elementos. Essa divisão se dá apenas para fins de análise com o objetivo de detalhar a organização da temporalidade. Organização essa que se assemelha a uma rede, visto que o tempo se manifesta por constantes retomadas que são presentificadas e projetadas, seguindo o

fluxo dos fios de uma rede em que os pontos se ligam de forma tensa uns aos outros sem que se identifiquem direções muito exatas ou se definam origens dos dizeres.

Com efeito, é possível afirmarmos que no acontecimento há uma ancoragem no passado representado por memórias dos sentidos de enunciações por ele recortadas e um futuro responsável pela projeção de sentidos que se desdobrarão em outras enunciações, o que evidencia a impossibilidade de pensar a linguagem fora de um aspecto relacional, ou seja, em rede. Sendo assim, associar a ideia de rede à temporalidade corresponde a entendê-la como algo fluido, sem marcações precisas, que não segue uma linha de sucessividade entre passado, presente e futuro. Significar, por essa via, efetiva-se em um entrecruzamento de enunciações que, mobilizadas pelo acontecimento, temporalizam: resgatam, presentificam e projetam dizeres a partir da (re)criação de elos de sentidos. Logo, nos distanciamos da temporalidade do acontecimento como algo empírico, marcado no tempo, como uma eventualidade ou fato que ocorre, para assumirmos uma percepção histórica do acontecimento da enunciação que “agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia” (Guimarães, 2018, p. 41).

Ao abordar as redes enunciativas, Dias (2018) afirma que as formas linguísticas visíveis mantêm relação com outras que não estão visíveis. Esse aspecto em rede estabelece o movimento das relações visíveis no plano orgânico e das relações não visíveis no plano simbólico que vão costurando laços enunciativos observando dois aspectos temporais: a regularidade e a diferença. Nessa direção, Dias (2018) conceitua redes enunciativas, enquanto procedimento metodológico, tendo em vista as relações entre semelhanças e diferenças das construções linguísticas. É a partir dessa relação em rede entre as dimensões visíveis e não visíveis que aspectos como repetição, regularidade, semelhanças, diferenças, atualizações e projeções se tornam importantes para a constituição da temporalidade nas redes de enunciação. Dessa maneira, “esse discurso é constituído com o passador do tempo, e vai se tornando histórico, repetitivo. Por isso, dissemos anteriormente que há um referencial histórico que proporciona relações de sentidos nos enunciados” (Dias, 2018, p. 34).

A partir da relação entre história, memória, repetições e atualizações, a forma linguística se constitui de regularidades da língua que, por meio do acionamento enunciativo, articula-se com o domínio simbólico e se atualiza para projetar novos sentidos (Dias, 2018). Diante disso,

a concepção de *regularidade*, diferentemente da concepção de regra, é edificada pela tese segundo a qual aquilo que regula essa ordem de relações não advém de propriedades do corpo de elementos do sistema, mas são circunscrições de modos de enunciar constituídos na memória do dizer. As relações que se constituem entre discursos movimentam o funcionamento da língua pela enunciação, moldando esse sistema de regularidades (Dias, 2018, p. 37).

Face a isso, ao lado da regularidade que se conecta, a partir da memória, às enunciações anteriores, está o aspecto da diferença, que no processo da temporalidade, se caracteriza pelas atualizações a essas enunciações. Sob esse prisma, “a diferença que constitui a especificidade do acontecimento é uma temporalidade de sentidos: um passado, um presente e um futuro. Nesta medida o acontecimento não está no tempo, o acontecimento constitui sua temporalidade” (Guimarães, 2018 p. 38).

No intuito de desenvolver essa discussão relativa às regularidades e atualizações das formas linguísticas na temporalidade das redes de enunciação, recorreremos aos pensamentos de Deleuze (2021) acerca dos conceitos de repetição e diferença.

Ao desafiar e contrastar as ideias tradicionais da filosofia clássica, Deleuze (2021) propõe um novo olhar para o conceito de repetição que se distancia da ideia de representação e identidade fixa e estável, uma vez que a repetição foi abordada, ao longo do tempo, como sinônimo do idêntico e da igualdade. Não pensar o mundo a partir de uma representação fixa ou algo já estabelecido foi o ponto chave para que Deleuze (2021) abordasse a ideia da repetição a partir de variações e produções de algo novo, negando uma visão simplista da repetição do mesmo. Desse modo, ao criar a filosofia da diferença, Deleuze (2021) apresenta um rompimento da concepção estável, mecânica e cômoda das coisas, abordando uma nova maneira de compreender o mundo tendo em vista processos dinâmicos em que se há repetição, não pode ser do mesmo, pois, no ato de repetir já há uma diferença.

Nessa direção, segundo Deleuze (2021), a repetição não é a generalidade, uma vez que “a tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença” (Deleuze, 2021, p.14). Ou seja, a relação entre repetição e diferença é inesperável, visto que a repetição nunca será de algo idêntico, pois cada iteração inclui uma diferença ou algo novo que pode se manifestar de diversas maneiras.

Podemos apresentar alguns exemplos que sustentam a ideia da repetição sempre como algo novo. Um dos exemplos está no âmbito da natureza no que se refere à plantação e ao desenvolvimento de uma árvore. Apesar das sementes serem da mesma espécie e possuírem algo aparentemente idêntico entre elas, os seus estágios de crescimento vão variar em comparação umas com as outras. É possível reconhecer que são o mesmo tipo de árvore/espécie, pois há algumas características que vão se destacar na regularidade. No entanto, vamos notar diferenças como altura, quantidade de folhas, flores e frutos, formato do tronco e galhos entre outros aspectos que podem ser modificados devido a diversos fatores como solo, clima, entre outros. Esse processo de transformação é a diferença atuando como o princípio que guia seu

desenvolvimento. No campo da arte, um mesmo tema pode ser retratado de formas diferentes seja na música, pintura ou escultura. A recriação de uma obra irá apresentar marcas que variam entre regularidades e diferenças, considerando que a partir das semelhanças, há a criação de algo novo e distinto, sendo a repetição um meio pelo qual a diferença se manifesta (Deleuze, 2021).

Diante dessa discussão, também podemos retomar Dawkins (2007) para abordar a genética e sua capacidade replicadora. Dawkins (2007) afirma que os replicadores biológicos produzem cópias imprecisas e imperfeitas o que contribui para evolução dos seres. As moléculas de DNA, por exemplo, apesar de serem cópias do mais alto grau de fidelidade, cometem “erros” que, de acordo com Dawkins (2007), são essenciais para o processo evolutivo. A mãe e sua filha mesmo compartilhando semelhanças genéticas, irão apresentar diferenças tendo em vista esses “erros” no processo de evolução da espécie. A partir dessas ideias, reconhecemos que um processo de repetição em rede, com base em um modelo padrão, não irá garantir cópias perfeitas. Contudo, tal processo de replicação pode garantir uma preservação do original em maior ou menor grau de fidelidade. Assim, o que Dawkins (2007) chama de “erro” dentro desse processo podemos associar àquilo que destoa do modelo padrão, do que se torna diferente em meio a certa estabilidade. Por meio desse encadeamento, os replicadores reproduzem cópias imprecisas e heterogêneas, propagando uma gama de versões variadas, ora mais estáveis, ora com menor estabilidade. E, “à medida que se formavam e se propagavam cópias imperfeitas, a sopa primordial foi se enchendo, não de uma população de réplicas idênticas, e sim de diversas variedades de moléculas replicadoras, todas elas ‘descendentes’ do mesmo ancestral” (Dawkins, 2007, p.62).

Dentre as possibilidades de replicação de um meme, Dawkins (2007) relaciona a linguagem a um processo intensamente mutacional. Sob esse viés, surgem os replicadores culturais e o objeto de estudo do nosso trabalho: o meme como fenômeno linguístico. Desse modo, Dawkins (2007) exemplifica a questão da evolução da linguagem a partir de uma pesquisa entre animais realizada por P. F. Jenkins que observou o canto dos pássaros nas ilhas da Nova Zelândia. Jenkins trabalhava com um repertório de nove diferentes canções no qual cada macho cantava apenas uma delas e era feita uma classificação em grupos de dialetos. Os padrões melódicos não eram herdados geneticamente uma vez que cada jovem macho adotava, por imitação, canções do território vizinho. Logo, foi possível “testemunhar a ‘invenção’ de uma canção nova, que ocorria através de um erro na imitação de uma canção antiga” (Dawkins, 2007, p. 326).

De forma análoga com a linguagem humana, percebemos no exemplo do canto dos pássaros a evolução da linguagem através da diferença capaz de ressignificar o já existente, o já estabelecido, a repetição. Assim é possível entender as mutações culturais ou mutações na linguagem como um aspecto cultural que se modifica pelo uso e por reelaborações, configurado pela relação entre repetição e diferença como um fator de atualização em rede.

É a nossa própria espécie que mostra verdadeiramente o que a evolução cultural é capaz de fazer. A linguagem é um exemplo entre muitos. A moda no vestuário e na dieta, as cerimônias e os costumes, a arte e a arquitetura, a engenharia e a tecnologia, tudo isso evolui no tempo histórico de uma força que se assemelha à evolução genética altamente acelerada, mas que, na realidade, nada tem a ver com ela. No entanto, tal como na evolução genética, a mudança pode ser progressiva (Dawkins, 2007, p. 327).

As noções de fidelidade e fecundidade dos memes (Dawkins, 2007) (Silva, 2019) podem ser relacionadas com os conceitos de repetição e diferença (Deleuze, 2021) na medida em que enquanto a fidelidade aborda as regularidades e semelhanças para o reconhecimento da forma linguística em rede, a fecundidade explora as atualizações e o novo a fim de (re)elaborar projeções futuras. Dessa maneira, diferença e repetição são constituídas em rede, visto que a repetição não é uma simples imitação do mesmo, mas um processo de diferenciação contínua feita de retomadas, atualizações e projeções. Logo, diferença e repetição se complementam no processo contínuo de criação e transformação que, para Deleuze (2021), define a própria natureza do ser.

Segundo Deleuze (2021), repetir é uma maneira de provocar diferenças e não apenas reiterar o mesmo. Ou seja, nos termos da Semântica Histórica da Enunciação, não se trata de enunciar “de novo”, mas enunciar “o novo” que resgata, por meio da memória, regularidades que são atualizadas, considerando as instâncias da temporalidade do acontecimento enunciativo. A forma linguística em rede retorna e retoma dizeres, mas sempre a partir da diferença. Desse modo,

se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é a transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística (Deleuze, 2021, p. 19).

Nessa conjuntura, se estabelece uma relação temporal com os aspectos da repetição e da diferença também considerando a ótica digital das redes de enunciação. A noção de rede, presente na temporalidade do acontecimento, pode ser associada à perspectiva de Lévy (1999) que a configura por uma universalidade sem totalidades. Sendo assim, o tempo permeado pela rede é constituído por entrelaçamentos de significações voláteis, sem estagnações,

heterogêneas, que não se imobilizam, mesmo com sua abrangência e coletividade. Isso nos permite observar regularidades, singularidades, universalidades e uma simultaneidade das formas linguísticas nos mais variados espaços de enunciação. Para Lemos (2013), no ciberespaço, o tempo perde a dimensão de sucessão cronológica em que não se é possível identificar fontes ou direções muito precisas devido a constituição temporal ser realizada por descolamentos. Diante disso, o tempo “nada mais é do que aquilo que é produzido pela relação entre as coisas, pela sua dinâmica de constituição. O tempo, inspirado em Serres, é simultaneidade. Passado, presente e futuro não estão distantes” (Lemos, 2013, p. 58, 59). Nos termos semântico-enunciativos em que apoiamos, as “coisas” e a “dinâmica de constituição” em Lemos (2013) é representada, por nós, pela enunciação.

Nessa direção, Cristiane Dias (2004) afirma que o tempo no ciberespaço deve levar em consideração a discursividade do próprio espaço de enunciação digital, uma vez que “o tempo que o sujeito habita no ciberespaço não corresponde à velocidade dos bytes e bits, mas corresponde aos laços afetivos que ele produz na rede” (Dias, 2004, p. 56). Por conseguinte, fundamentada nos pensamentos de Deleuze (2021), Dias (2004) reforça a ideia de que para a produção de sentido é necessário relacionar a repetição, que regula o reconhecimento, à diferença, que possibilita o atravessamento de discursos, fazendo com que um enunciado seja mobilizado tendo em vista suas condições de produção em rede. Logo, “o sentido é sustentado pela repetição (a memória) e pela diferença estabelecida pelo movimento de atualização (a formulação)” (Dias, 2004, p. 90).

O que significa, portanto, o tempo permeado pelas redes de enunciação? A temporalidade é constituída a partir de entrecruzamos fluidos, sem marcações precisas, que não seguem uma linha de sucessividade entre passado, presente e futuro. O tempo em rede, num movimento de simultaneidade, resgata, presentifica e projeta dizeres, considerando retomadas e atualizações que ocorrem de forma contínua. Essa relação temporal efetua-se por meio de repetições e diferenças que associam, ao mesmo tempo, regularidades e fidelidades que permitem o reconhecimento das formas linguística na rede aliadas à fecundidade e às atualizações dessas formas para a produção de significação. A tensão entre repetição e diferença contribui para a construção dos nós das redes de enunciação em seu aspecto temporal, considerando articulações das dimensões orgânicas e simbólicas da língua, visto que as regularidades das formas linguísticas suscitam diferenças. Sendo assim, enunciamos de novo articulando o dito de todos a algo novo, sustentado pela individualização em rede. Embora seja o dito de todos, sempre irá haver singularidades no dizer. Logo, um dizer na temporalidade da rede estabelece um jogo entre o que é de todos e o que é único a fim de projetar novos sentidos,

considerando a susceptibilidade enunciativa. Na temporalidade em rede, sempre será novo, mesmo sendo dito de novo.

A partir de agora, abordaremos como a história é permeada pelas redes de enunciação e o modo como ela participa enquanto nós dos fluxos de dizeres no acontecimento enunciativo.

2.4 As redes e suas filiações histórico-enunciativas

A Semântica Histórica da Enunciação é uma semântica histórica na medida que os elementos enunciativos se sustentam na relação entre a dimensão orgânica e a dimensão simbólica da língua. Dessa maneira,

o tratamento da enunciação deve se dar num espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido, de modo a que a semântica se formule, claramente como uma disciplina do campo das ciências humanas, fora de suas relações com a lógica ou a gramática pensadas ou como o matematizável ou como uma estrutura biologicamente determinada (Guimarães 2017 p 10).

E o que seria uma constituição histórica do sentido? Guimarães (2010) afirma que a semântica tem procurado a lidar com as exclusões saussureanas e a história é uma delas. Para isso, ele se fundamenta nos pensamentos de Bréal (1992) para quem a significação não pode ser tratada por um viés etimológico, mas pelo seu uso, considerando as relações entre as palavras. Dessa maneira, Bréal (1992) argumenta que a linguagem é um espelho da história humana, uma vez que cada palavra carrega uma carga histórica resultado de múltiplos significados acumulados ao longo do tempo e que refletem nas transformações sociais. Segundo Bréal (1992), a história não se caracteriza por uma relação restrita entre o antes e o depois, muito menos está relacionado a algo estático e linear, mas se trata de um movimento dinâmico do sujeito que interfere na linguagem. Ou seja, o autor “considera a linguagem como fenômeno humano, portanto histórico” (Guimarães, 2010, p. 16), rompendo com uma posição naturalista. Concordamos com Bréal (1992) e complementamos sua afirmação dizendo que o histórico se constitui, ainda, pela interferência da linguagem no sujeito tendo em vista o movimento de susceptibilidade enunciativa. Por conseguinte, a linguagem se ancora no historicismo de sua época, isso faz da história um elemento essencial para “dar às palavras o grau de precisão de que temos necessidade para compreendê-las bem” (Bréal, 1992, p. 83). Sendo assim, é a partir do cruzamento de dizeres e das articulações sociais e conflituosas de sentido que o histórico se instaura na produção da significação (Dias, 2018).

Face a isso, de acordo com Guimarães (2010), uma semântica histórica da enunciação trata a significação, ao mesmo tempo, como uma questão linguística, histórica e do sujeito. Desse modo, a significação é concebida, por meio do caráter simbólico da linguagem, das

relações de uso de uma forma linguística, ou seja, do movimento em rede que determinado elemento linguístico está inserido, uma vez que a história não se constitui diacronicamente, mas pelos planos orgânicos e enunciativos da língua. Logo,

tratar a questão do sentido como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente. Este espaço procura se apresentar a partir da consideração de que a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. Sua materialidade é esta historicidade. A construção desta concepção de significação se faz para nós na medida em que consideramos que o sentido deve ser tratado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo (Guimarães, 2010, p. 66).

A noção de história, muitas vezes, pode ser associada a informações sobre o passado ou como um conjunto ou sucessão de conhecimentos que marcam o tempo e definem uma narrativa, seja individual ou coletiva. No entanto, a histórica nos estudos semântico-enunciativos não tem como fundamento essa definição, uma vez que não assume uma posição cronológica, mas sim inserida na temporalidade do acontecimento enunciativo sem marcações precisas e sem definições estáticas. Para Dias (2022), a noção de evento evoca uma singularidade de algo que foi proferido enquanto a concepção de acontecimento na abordagem enunciativa se constitui pela pertinência entre o que já significou nas anterioridades do dizer e as demandas do presente na atualização da enunciação. Dessa maneira, a história não tem relação com contexto, como algo fora da língua, mas está na relação entre ‘já significado’ e o ‘a significar’, evidenciando passado, presente e futuro em concomitância. A significação, portanto,

é histórica porque a história não é contexto, mas movimento social, aquilo que produz direcionamentos cruzados, conflitantes, para se seguir, determinando referenciais históricos. Com esses referenciais históricos, os nossos dizeres se fazem pertinentes, construímos consistência textual, trazemos a ambientação (contextos ambientais) para as nossas textualidades. Há mobilidade específica das formas porque há mobilidade na história (Dias, 2022, p. 160).

A forma linguística, dado o seu caráter histórico, se torna móvel porque é constituída pela história dos usos que se atualizam e projetam outros sentidos. Segundo Guimarães (1996) a língua carrega em sua estrutura marcas de seu passado e vai adquirindo novos traços que sustentam novas ancoragens. Nessa direção, “as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação” (Guimarães, 1996, p.27).

Sob esse viés, podemos afirmar que o caráter histórico é constitutivo das redes de enunciação, uma vez que é a partir do aspecto relacional e dos entrecruzamentos entre ancoragens, atualizações e projeções que a língua suscita domínios de mobilização e condensa referenciais históricos, produzindo, assim, significação. Nesse âmbito,

ao mesmo tempo, algo só é enunciado se relacionado a um conjunto de entidades de mesma natureza, outros enunciados. Ou seja, não seria possível imaginar a existência de um enunciado único. Faz parte das condições de existência de um enunciado que existam outros. Assim seu caráter é necessariamente relacional. Só há um enunciado se houver mais de um. Ou seja, é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de uma relação. Nada se mostra a si mesmo na linguagem. Algo sozinho nunca é linguagem. Algo só é linguagem com outros elementos e nas suas relações com o sujeito. Isto dá o caráter inescapavelmente histórico da linguagem (Guimarães, 1989, p. 74).

A historicidade está relacionada à ideia de rede na medida que os elos de sentidos são estabelecidos por meio das articulações orgânicas e simbólicas das formas linguísticas. Nessa conjuntura em rede, nenhum dizer é dito sem ancoragens e atualizações. A regularidade é histórica e a diferença se configura nesse historicismo da rede para a produção de significações que, pela demanda de pertinência, vão se modificando pelo uso da língua. Na linguagem, nada é “criado” sem considerar a história das enunciações, o que nos faz questionar a ideia de originalidade de um dizer. As redes de enunciações são históricas devido a sua capacidade relacional e não linear.

Ao abordar o conceito de formações históricas a partir de Foucault, Deleuze (2017) defende a ideia de que a formação histórica é soberana e se define na relação com o *corpus* e com o conjunto deste *corpus*, uma vez que estabelece um olhar integrador à linguagem. Para o filósofo (2017), o *corpus* é variado e representa o conjunto de enunciados constituído pelas fontes de poder que são postas em jogo em dado momento visto que “os enunciados estão como que no cruzamento, como um cruzamento do *corpus* de palavras, frases e proposições, e da congregação-linguagem no *corpus*” (Deleuze, 2017, p. 11, grifos do autor).

Deleuze (2017) desenvolve uma visão do *corpus* como algo inseparável das formações históricas, das relações de poder-saber e das práticas que definem o campo do discurso. Essa perspectiva enfatiza a historicidade, a dinamicidade e o caráter relacional do *corpus*, permitindo uma análise que ultrapassa os limites do texto para incluir as condições de produção e transformações ao longo do tempo. Ou seja, Deleuze (2017) entende o *corpus* não como uma unidade fixa, mas como uma multiplicidade de forças e possibilidades articuladas movidas por transformações contínuas, inseparáveis das condições históricas que as produzem. Com efeito, “notem que há de fato uma congregação da linguagem para cada *corpus*. Cada *corpus* opera uma certa congregação de toda a linguagem” (Deleuze, 2017, p. 10, grifos do autor).

Desse modo, podemos associar a noção de corpus aos conceitos de redes de enunciação e de referenciais históricos na medida que eles não se configuram como algo fixo e isolado, mas emergem de relações históricas que são constantemente atravessadas por forças e conflitos que os alimentam. Assim, há uma congregação da linguagem, ou seja, vínculos são

estabelecidos pelos fios da rede, promovendo a condensação de sentidos das formas linguísticas. Há um jogo político que se dá pela mobilidade e balizamentos sócio-históricos dessas formas que se ancoram e projetam sentidos ao contrair relações de pertinência com outras formas linguísticas em uma associação entre linguagem e história.

Dado o exposto, o que significa, portanto, a história permeada pelas redes de enunciação? As redes de enunciação assumem um caráter inerentemente histórico, uma vez que a forma linguística apresenta na sua dimensão orgânica e simbólica enunciações anteriores, o que evidencia a impossibilidade de pensar a linguagem fora de um aspecto relacional, ou seja, fora de um *corpus*. Dessa maneira, a história é concebida enquanto a história dos usos que, a partir do acontecimento enunciativo, se ancora em referenciais históricos e se presentifica tendo em vista a demanda de pertinências. Um dizer se articula a outro como fios que se entrecruzam, considerando a multiplicidade e a mobilidade como características fundamentais da constituição dessas redes. Experiências e expressões da individualidade são amoldadas por referências históricas, demonstrando que sem pontos de individualidade não há redes de enunciação, assim como sem historicidade não há rede. O ‘já dito’ se articula com a presentificação ‘do dito’ e as projeções ‘do que será dito’, levando em consideração a condensação de sentidos no movimento da temporalidade. Sendo assim, os nós dos laços históricos vão tecendo os fios das redes no intuito de dar às formas linguísticas significações e possibilidades enunciativas.

A partir de agora, iremos realizar a análise do nosso objeto de estudo – os memes –, utilizando do arcabouço teórico discutido até aqui com o intuito de contemplar os objetivos dessa pesquisa.

3 REDES DE ENUNCIÇÃO: ENLAÇANDO SENTIDOS

No decorrer dos capítulos 1 e 2 nos propusemos a refletir noções que perpassam a ideia de redes de enunciação de uma maneira fluida e articulada. Fundamentados na Semântica Histórica da Enunciação, apresentamos elementos que, de maneira interligadas, são responsáveis pela (re)construção da significação. Apoiado nessas discussões, desenvolveremos, neste capítulo, a análise dos memes sustentados pelas seguintes formas linguísticas, respectivamente: “Faz o L”, “Movimento Antifascista” e “Patriota do Caminhão”. A partir do procedimento metodológico das redes enunciativas (Dias, 2018), essas formas serão utilizadas como entrada de busca nas seguintes plataformas digitais enunciativas: *Google*, *Instagram*, *Facebook* e *X* (antigo *Twitter*). As análises serão realizadas por entrelaçamentos, contemplando nos eixos das discussões a noção de redes de enunciação e as óticas da metodologia, da memória e do digital que, constituídas pelas dimensões visíveis (plano orgânico) e não visíveis (plano do enunciável), perpassam os nós do espaço, do falante, do tempo e da história. Sendo assim, tais análises permitirão que os objetivos geral e específicos possam ser alcançados, além da contribuição para a verificação das hipóteses e corroboração da tese.

Nessa direção, este capítulo organiza a análise em seções distintas, cada uma dedicada a um meme específico, a fim de evitar repetições teóricas e possibilitar uma abordagem mais detalhada de suas especificidades. Acreditamos que a divisão do capítulo por meio das noções teóricas seria mais complicada, tendo em vista a correlação desses conceitos que se constituem em rede. Vale ressaltar também que a divisão das seções por memes não significa que determinado meme exclui ou ignora certos elementos semântico-enunciativos. Muito pelo contrário. Toda forma linguística está inserida nas redes de enunciação, abrangendo os fios enunciativos para a (re)construção dos sentidos. Por conseguinte, a organização deste capítulo irá permitir identificar as noções mais recorrentes e significativas em cada conjunto de dados, destacando os elementos que se sobressaem em determinados memes. Desse modo, buscaremos uma compreensão mais precisa das características que emergem entre os diferentes memes analisados.

3.1 Meme “Faz o L”

No primeiro capítulo, mais especificamente nas seções 1.1 e 1.5, analisamos alguns memes que traziam, em sua construção, a forma linguística “Faz o L” no intuito de entender o processo de redes enunciativas e os desdobramentos das perspectivas da metodologia, da

memória e do digital inseridas na noção de redes de enunciação. Continuaremos, nesta seção, a explorar esse meme que possui diversas projeções enunciativas no espaço de enunciação digital.

Nessa direção, vejamos a Figura 19 a seguir:

Figura 19 – (19) Meme “Faz o L” e a farmácia popular



Fonte: POBRE DE DIREITA, @Pobre_d_Direita. X. 15 de fevereiro de 2025³⁸.

Em (19), notamos que a forma linguística “Faz o L” aparece associada a duas notícias: uma relativa a gratuidade da farmácia popular em todo país no governo Lula e outra sobre a retirada de verba da farmácia popular no governo Bolsonaro. Tendo em vista o aspecto comparativo entre os dois governos, o falante toma e é tomado pelo meme “Faz o L” e o articula ao enunciado “Lula imbatível”, orientando uma exaltação positiva à proposta do governo Lula. Dessa maneira, “Faz o L” se ancora nos referências históricos da campanha presidencial de Lula em 2022 que enfrentou diretamente o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, colocando a longevidade como elemento em evidência, uma vez que o meme perdura no tempo considerando a relação entre regularidades e diferenças. E, para que a análise de um meme seja eficiente, é necessário estabelecer uma rede que possibilite perceber as diferentes pertinências enunciativas pelas quais uma forma linguística pode criar aderência. Por esse motivo, vejamos o meme a seguir (20):

³⁸ Disponível em: https://x.com/Pobre_d_Direita/status/1890797512593736103. Acesso em 21 fev. 2025.

Figura 20 – (20) Meme “Faz o L” e a alta dos preços



Fonte: *Google*³⁹

Nesse meme (20), “Faz o L” aparece como resposta para a pergunta “Tá caro?” no intuito de responder sobre a alta dos preços. Podemos perceber a fidelidade com a repetição de “Faz o L” e a fecundidade na escrita oralizada do termo (Fazuéli) e nas ancoragens referenciais. Mesmo com os aspectos da diferença presentes no plano orgânico e simbólico, conseguimos reconhecer essa imagem (20) em uma rede de enunciação. No elemento da fecundidade, por exemplo, a orientação de sentido da Figura 20 está na ideia de que o governo Lula é responsável por problemas econômicos desencadeados pela alta dos preços. Além disso, há uma ideia de que os culpados pela questão econômica são os que “fizeram o L”, ou seja, votaram em Lula, orientado a ironia que para “resolver” esse problema é só “Fazer o L que passa”. Assim, podemos perceber um jogo político (Guimarães, 2018) pela disputa do sentido se compararmos com o meme (19). A mesma forma linguística se ancora em diferentes referenciais: favorável a Lula em (19) e contra Lula em (20). A imagem de Lula “fazendo o L” se torna outro ponto de ironia do meme que se associa a *hashtag* #ForaLula e intensifica a sustentação de uma desaprovação de suas ações político-econômicas.

Considerando os aspectos não visíveis das redes de enunciação, observamos que tanto em (19) como em (20) o memorável, inserido na dimensão da temporalidade, recorta um passado de enunciações anteriores da forma linguística “Faz o L” a fim de atualizar e projetar uma futuridade de possibilidades enunciativas. Já na dimensão discursiva, a memória, nos exemplos (19 e 20), evoca discursos acerca da eleição presidencial de 2022 com a vitória de Lula, da vitória de Bolsonaro em 2018 e todos os planos e ações governamentais que envolvem

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88HAr0AVYMo>. Acesso em: 26 fev. 2025.

esses dois políticos. Ou seja, há uma condensação de discursos na forma linguística “L” que não são externos a língua, mas resgatados pela própria materialidade linguística a partir da enunciação desses dizeres. Desse modo, vemos uma dinâmica de ressignificação, de conflito e de reorganização dos sentidos em rede no intuito de adquirir pertinência, tendo a memória, no aspecto discursivo, como um dos fios que enlaçam essas enunciações. Essa disputa política pelo sentido se replica de forma mais veloz que um material genético, principalmente devido ao espaço de enunciação digital que colabora com o alcance e com as atualizações do dizer.

Figura 21 – (21) Meme “Faz o L” e a ironia da reabilitação



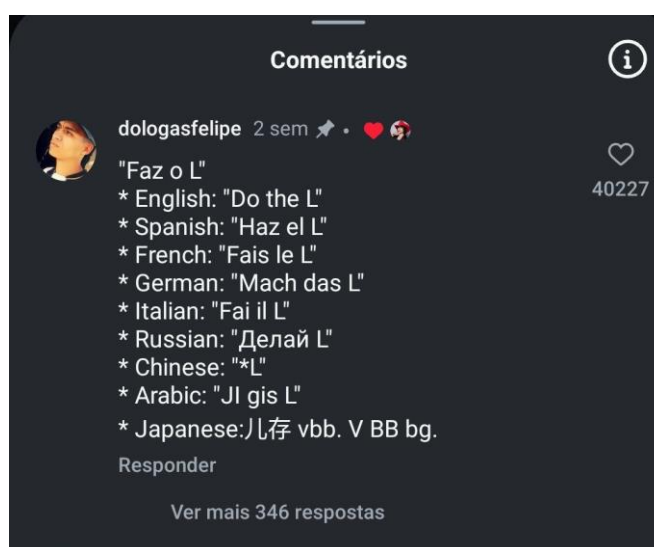
Fonte: RAYTTA FERNANDES, @rayttafernandes. *Instagram*. 10 de fevereiro de 2025⁴⁰.

Explorando uma diferente plataforma enunciativo-digital, o *Instagram*, temos no exemplo (21) um vídeo (*reels*) que simula um depoimento de um centro de reabilitação em que a personagem diz ser “viciada em falar Faz o L quando alguém conta algo que deu errado”. Em seguida, outro personagem do vídeo faz um depoimento dizendo ser viciado em café, mas que está caro e logo é respondido pela mulher com “Faz o L”. Esse vídeo (21), além de mencionar o meme “Faz o L” e o inserir nas redes de enunciação por regularidades e diferenças, também encontra uma maneira de agrupar a postagem utilizando hashtags como #fazueli #memes #viralvideos no intuito de não só de se inserir em rede, mas também promover um engajamento e um alcance dentro da plataforma enunciativo-digital gerando visualizações e comentários. O aspecto do humor também é recurso que contribui para a replicação do vídeo e a participação dos falantes. Semelhante a ancoragem referencial presente no meme (20), a Figura 21 também

⁴⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DF5mA_uJx8s/. Acesso em: 26 fev. 2025.

se sustenta ao orientar que qualquer problema político-social seria consequência do “Faz o L”/ eleitores do Lula. Um dos comentários presentes na Figura 21 mostra uma explicação do aumento do preço do café relacionado a questões climáticas como forma de debater sobre o conteúdo do vídeo. No entanto, a bolha social em que o vídeo está inserido pertence a falantes que culpam o governo pelo aumento do preço e ironizam a situação a fim de produzir humor. O objetivo não está em discutir questões mais complexas e profundas sobre as possibilidades que fizeram o preço do café subir.

Figura 22 – (22) Comentários do Meme “Faz o L” e a ironia da reabilitação



Fonte: RAYTTA FERNANDES, @rayttaferlandes. Instagram. 10 de fevereiro de 2025⁴¹.

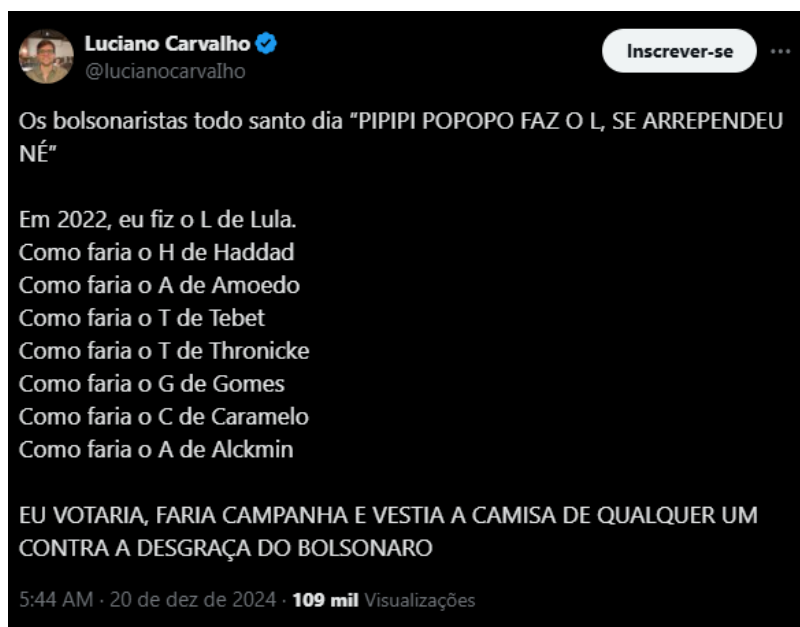
A plataforma do *Instagram* permite que os falantes comentem, curtem e compartilhem postagens o que gera engajamento e visibilidade. Por conseguinte, quanto mais participações envolvendo esses recursos disponíveis pela plataforma, mais o *post* se replica e se dissemina pelo ciberespaço, principalmente devido à inteligência artificial do algoritmo que contribui para o alcance e recomendação para outros falantes. E, por meio dessa noção de rede e conexão de línguas e falantes na ótica digital, o meme vai além do caráter viral visto que não apenas se replica, mas agencia o falante a produzir atualizações por meio da susceptibilidade enunciativa. A Figura 22 faz parte de um dos comentários presente na postagem (21) instaurando uma temporalidade de regaste do passado, presentificação e projeção de sentidos. Vemos que há uma atualização do meme “Faz o L” orientado pelo viés humorístico, assim como o do vídeo, ao colocar a forma linguística em diversos idiomas como inglês, espanhol, francês, entre outros.

⁴¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DF5mA_uJx8s/. Acesso em: 26 fev. 2025.

Desse modo, em (22) percebemos a relação de diferença e repetição no intuito de demonstrar o alcance do “Faz o L” e de sua adequação para qualquer situação que possa aparecer.

Inseridos no espaço de enunciação, a relação entre línguas e falantes produz o litígio, ou seja, a disputa política pelo sentido. No meme a seguir (23), podemos notar uma ancoragem referencial da forma linguística “L” nessa rede de enunciações que entra em conflito com os exemplos (22), (21) e (20).

Figura 23 – (23) Meme “Faz o L” e a justificava do voto



Fonte: LUCIANO CARVALHO, @lucianocarvalho. X. 20 de dezembro de 2024⁴².

A Figura (23) evidencia a configuração do espaço de enunciação digital como um espaço de conexões e conflitos que replicam ressignificações. Assim, observamos que “Faz o L”, em meio a essa rede de enunciações cercada de tensões, evoca um já dito relacionado a campanha de Lula, mas também se ancora no referencial que envolve os eleitores de Bolsonaro (“bolsonaristas”) e os sentidos replicados por esses falantes que colocam o “L” como forma de crítica ao governo Lula (20) (21). No enunciado “Os bolsonaristas todo santo dia ‘PIPIPI POPOPO FAZ O L, SE ARREPENDEU NÉ’” orienta a ironia, por meio da linguagem coloquial, usada por determinados grupos políticos para deslegitimar o voto no candidato Lula. Essa escolha linguística sinaliza a projeção e a fecundidade do meme como estratégia para inverter a crítica, atribuindo-lhe novas projeções.

⁴² Disponível em: <https://x.com/lucianocarvalho/status/1870027387712262340>. Acesso em: 26 fev. 2025.

A estrutura paralela adotada na sequência “Em 2022, fiz o L de Lula. Como faria o H de Haddad, como faria o A de Amoedo, como faria o T de Tebet...” estabelece orientações de sentidos que vão além da campanha proL Lula, mas se sustenta contra Bolsonaro. A fidelidade em (23) está presente na repetição das letras iniciais dos nomes e no referencial de apoio e a fecundidade faz o papel da atualização e da diferença no meme ao abordar diferentes letras que projetam um sentido comum: ser contra o governo Bolsonaro. Dessa maneira, a relação entre diferença e repetição não apenas imprime ritmo ao meme, como também evidencia a ideia de que a decisão de voto ultrapassa preferências individuais, priorizando a rejeição a um projeto político específico.

Nessa direção, a forma linguística “Faz o L” estabelece articulações do nível orgânico e simbólico com outros enunciados a partir da rememoração de sentidos, visto que a memória atua como uma força que amarra os fios discursivos capazes de condensar, em sua materialidade, a campanha favorável a Lula e a campanha contra Bolsonaro. A memória é latente até que o acontecimento enunciativo possa reorganizá-la de maneira não espontânea a partir de um fluxo descontínuo e tenso em que os sentidos, relativamente desordenados, se entrecruzam sem linearidade. Considerando a dimensão não visível das redes de enunciação (23), a escolha das letras iniciais para representar os candidatos sugere uma despersonalização dos sujeitos, destacando o voto como ato estratégico em vez de uma adesão ideológica plena. O enunciado final reforça a amplificação da disposição em apoiar qualquer alternativa política e intensifica o posicionamento crítico, enfatizando a oposição ao ex-presidente Bolsonaro como prioridade máxima. Essa construção dramatizada amplia o apelo emocional meme, característica comum em discursos digitais que buscam engajamento.

Além disso, a alta taxa de visualizações da postagem (23) (109 mil) destaca a capacidade das plataformas enunciativo-digitais de amplificar discursos políticos, funcionando como espaços de disputa pelo sentido. O uso de linguagem acessível, combinada com a construção em rede, contribui para a viralização da mensagem, consolidando o meme como um exemplo de crítica política no ciberespaço.

Figura 24 – (24) Meme “Faz o L” e o engajamento nas plataformas enunciativo-digitais



Fonte: CONEXÃO POLÍTICA, @conexaopolitica. Instagram. 24 de dezembro de 2024⁴³.

E como “Faz o L” alcança tamanha visibilidade e engajamento no espaço de enunciação digital (24)? A Figura 24 ressalta as implicações sociais, políticas, culturais e linguísticas da cibercultura que manifesta uma vitalidade social por meio da construção de laços transversais e livres (Lévy, 1999). A expressão “Faz o L”, vinculada ao apoio à candidatura de Lula (19) (23), exemplifica como o ciberespaço pode ressignificar elementos linguísticos considerando o acontecimento enunciativo. A forma linguística, agenciada por diferentes grupos, passou de símbolo de celebração a marcador de insatisfação, evidenciando a fluidez, a velocidade e o alcance das projeções de sentidos devido ao movimento das redes de enunciação na ótica digital. A viralização e memetização dessa forma se dá pela estrutura rizomática do ciberespaço, em que conteúdos se espalham e se articulam por redes, sendo ressignificados e adaptados a diferentes pertinências enunciativas.

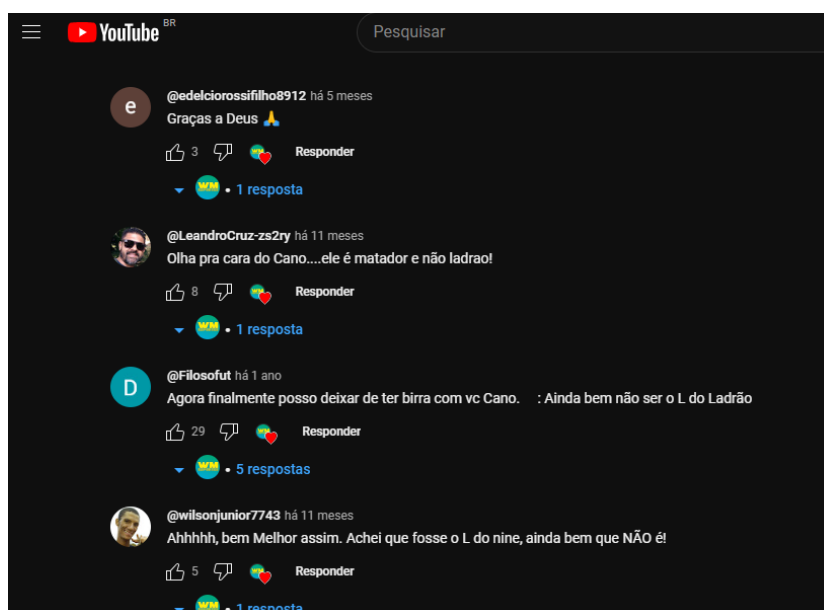
Inserido no movimento das redes de enunciação, principalmente na perspectiva da *internet*, o ciberespaço, composto por elementos técnicos e sociais, funciona como motor que intensifica nos falantes uma susceptibilidade enunciativa que não apenas se apropria da língua, mas também é apropriado por ela no intuito de ressignificar a materialidade linguística em grande escala. Ou seja, o ciberespaço, enquanto rede, é heterógeno, inacabado, indeterminado e imprevisível e que quanto mais se amplia, mais se torna universal, intotalizável e dinâmico (Lévy, 1999).

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DD90mCOJiXS/>. Acesso em 26 fev. 2025.

Tais reflexões ressaltam como o ciberespaço funciona como arena política (Guimarães, 2017) no qual os sentidos são contrastados/relacionados individualmente e coletivamente, visto que induz os usuários não apenas a disseminarem um meme, mas também alterá-lo em significação e projeções.

Dessa maneira, é impossível acompanhar todas as projeções de um meme no espaço de enunciação digital devido à incomensurabilidade característica das redes de enunciação. No capítulo 1, apresentamos diferentes ancoragens referenciais e projeções do meme “Faz o L” a partir das redes enunciativas. A fim de explorar os diferentes referenciais históricos evocados pela forma linguística “Faz o L”, retomaremos o exemplo (4) que se sustenta na comemoração “Faz L” do jogador de futebol Germán Cano em homenagem a seus filhos.

Figura 25 – (25) Comentários relacionados à comemoração “Faz o L” do Germán Cano



Fonte: *Google*⁴⁴

A Figura (25) apresenta comentários de um vídeo que explica o motivo do jogador Germán Cano “fazer o L”, como comemoração, ao marcar seus gols. O vídeo não menciona a figura de Lula, uma vez que foca na justificativa da homenagem aos filhos. No entanto, o vídeo não precisa realizar essa marcação material, para que os referenciais ao presidente Lula sejam resgatados pelos falantes. Isso se deve ao fato de que a memória age em rede na rememoração do ‘já dito’, projetando, a partir das articulações no plano material e simbólico, atualizações enunciativas.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=3O-tKzpBxw4>. Acesso em: 21 mar. 2024.

Nessa direção, percebemos que os comentários evocam, por meio da memória, os referenciais históricos relativos a Lula, orientando uma ideia de alívio por Cano não fazer alusão ao presidente em sua comemoração (“Graças a Deus”). Desse modo, os enunciados “Agora finalmente posso deixar de ter birra com vc Cano: Ainda bem não ser o L do Ladrão”; “bem melhor assim. Achei que fosse o L no nine, ainda bem que NÃO é” e “Olha pra cara do Cano... ele é matador, não ladrão!” projetam a satisfação dos falantes pelo fato do “L” feito pelo jogador não ter a ancoragem de apoio a Lula. Há também, nesses enunciados, uma rememoração da figura de Lula presente nas formas linguísticas “L do Ladrão” e “L do nine”. Enquanto “ladrão” atua no plano simbólico ao evocar, pela memória, os esquemas de corrupção que envolveram Lula nos últimos anos, “*nine*” remete ao apelido associado à sua condição física — resultado de um acidente de trabalho — e que foi supostamente utilizado pelo juiz Sergio Moro, responsável por sua prisão em 2018.

Tendo em vista esse jogo de ressignificações, “Fazer o L” promove uma disputa política pelo sentido e abre margem para possibilidades enunciativas diversas. Em alguns momentos podem ocorrer falhas e espaços nos fios das redes de enunciação o que deixa aberto para a futuridade. A ação de “fazer o L” pode gerar uma confusão de sentidos dependendo de quais ancoragens uma mesma forma linguística pode se sustentar. Germán Cano ao “fazer o L” estabelece certas articulações e discursos, enquanto os falantes podem articular outros fios para a rede de significação. O espaço entre os fios também compõe essa estrutura e adquire novas significações. Outros pontos se conectarão e novas relações surgirão a partir desse intervalo. Esse vazio tem um propósito e gera sentidos. A enunciação e a memória atuam como elementos que entrelaçam esses fios aparentemente dispersos em um espaço que é político.

Nessa teia de sentidos, os falantes tiveram a necessidade de marcar “L de ladrão” e “L do nine”, no intuito de estabelecer um direcionamento mais preciso para o sentido de “L” e evitar “falhas” na rede. Tais projeções possibilitam atualizações constantes no ciberespaço e a promoção de engajamento nas plataformas enunciativo-digitais.

Figura 26 – (26) Meme “Faz o L” de Libertadores



Fonte: FORTALEZA ESPORTE CLUBE. *Facebook*. 3 de dezembro de 2021⁴⁵.

Tendo em vista as projeções enunciativas do/no ciberespaço, a Figura 26 é um exemplo de como “Faz o L” se tornou memético, trouxe engajamento e estabeleceu relações políticas no espaço de enunciação digital. Em relação à plataforma enunciativo-digital, o meme (26) foi retirado do *Facebook* que, apesar de ter sido criado em 2004 e ter perdido usuários ativos para plataformas mais recentes, ainda desempenha um papel importante na disseminação de mensagens e no engajamento do público. Com 7,1 mil curtidas, 369 comentários e 942 compartilhamentos, a postagem (26) evidencia a participação dos falantes e cria zonas de familiaridades, aspecto relevante das plataformas enunciativo-digitais. Em (26) notamos que “L” marca organicamente o complemento “Liberta” relativo a Libertadores, competição de futebol continental no âmbito sul-americano organizada pela CONMEBOL desde 1960. Desse modo, “Faz o L” se ancora no referencial futebolístico ao celebrar a classificação do Fortaleza Esporte Clube para a competição continental. Nessa relação temporal entre o passado e o presente, o meme (26) se atualiza e adquire pertinência enunciativa orientando sentidos que, em rede, criam novos laços de familiaridade. A partir da temporalidade enunciativa, “Faz o L”

⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4634892806570128&set=a.396431623749622>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

(26) se apoia em enunciações anteriores, a partir da memória histórica, a fim de projetar uma futuridade de sentidos considerando dois movimentos das redes de enunciação: a susceptibilidade enunciativa que toma os falantes e os faz ressignificar “L” em grande escala e a individualização em rede que permite o falante expressar singularmente um sentido que se associa ao histórico no intuito de alcançar e engajar os falantes do/no ciberespaço.

A forma linguística “L” se tornou um gesto popularizado na cultura brasileira, principalmente no ciberespaço. Os principais motivos para essa propagação seriam a memetização e a construção das redes de enunciação que suscitam sentidos e geram engajamentos nas postagens, possibilitando, por meio das articulações enunciativas, a criação de zonas de familiaridade com os ciberfalantes. Vejamos o exemplo a seguir.

Figura 27 – (27) Meme “Faz o L” de Loud



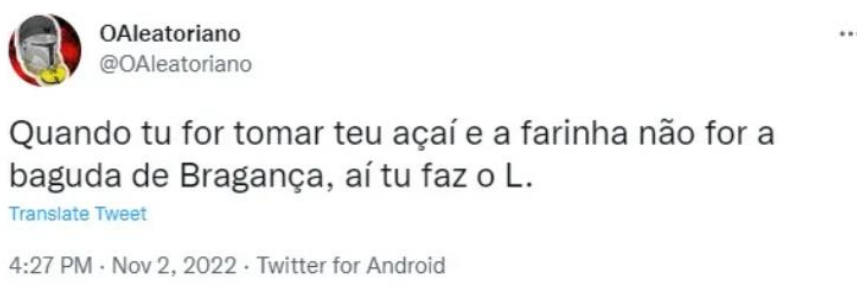
Fonte: *Google*⁴⁶

Na Figura 27, observa-se o enunciado “24h fazendo o L LOUD” presente em um vídeo que sugere uma maratona ou desafio - prática comum em conteúdo de entretenimento e *streaming* - no qual os membros da equipe deveriam passar vinte e quatro horas “fazendo o L”. Nessa direção, o meme (27) se ancora no referencial histórico da cultura digital e do universo dos *e-sports* (esportes eletrônicos), especialmente associado à equipe LOUD. Ou seja, a LOUD, a partir da susceptibilidade enunciativa, faz uso da forma linguística “L” como forma de promover sua equipe e criar um símbolo de pertencimento e identificação com a comunidade *gamer* e seus seguidores. Agora, “L” está materialmente representado como o “L” de LOUD o que demonstra uma disputa política pelo sentido constituída em rede entre regularidades e diferenças.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5qnD2dRzVM>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

No espaço de enunciação digital, percebemos a heterogeneidade e o conflito dos sentidos a partir das atualizações constituídas pela universalidade em rede. A singularidade do “L de LOUD” se articula a outros enunciados pela memória, evocando discursos e entrecruzando sentidos que permitem a projeção enunciativa da forma linguística no ciberespaço. Sob esse viés, a forma linguística “Faz o L” condensa uma heterogeneidade de sentidos que mantém uma universalidade pelo seu alcance e propagação, ao mesmo tempo que dissolve a totalidade do sentido (Lévy, 1999). Ou seja, por mais que haja tentativas de se estabelecer um único sentido à forma linguística “L”, a universalidade sem totalidade, presente nas redes de enunciação, não impõe um significado fixo e centralizado, visto que a totalidade se fragmenta em rede formando fios que se cruzam de maneira caótica e criam conexões variadas de sentido no espaço de enunciação digital.

Figura 28 – (28) Meme “Faz o L” culinária paraense



Fonte: *Google*⁴⁷

A universalidade sem totalizações se manifesta no espaço de enunciação digital, caracterizado como uma arena política/conflituosa, tendo em vista o movimento da susceptibilidade enunciativa que agencia falantes a dizer em rede. No meme (28) observemos como essa susceptibilidade enunciativa age na relação entre línguas e falantes, uma vez que o falante expressa singularmente uma ideia carregada de historicismo. A forma linguística “Faz o L” em (28) se desloca das orientações no âmbito da política, mas não exclui a história de enunciações anteriores, o que contribui para a ressignificação do termo, projetando certa ironia pelo seu uso massivo no ciberespaço.

A fecundidade e ancoragem memorialística do meme (28) está representada no referencial do uso da farinha de Bragança, também conhecida como farinha baguda, feita a partir da mandioca e considerada uma referência gastronômica do Pará. Amplamente

⁴⁷ Disponível em: <https://doi.com.br/tuedoide/viral/779531/ai-tu-faz-o-l-paraenses-nao-perdoam-e-fazem-versoes?d=1#>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

consumida pela população paraense, ela está presente em todas as refeições e acompanha diversos alimentos, como frutas, café, peixes, tacacá e açaí. Sua produção segue uma tradição herdada dos povos indígenas que habitavam a região e, devido à sua importância cultural e histórica, foi reconhecida como patrimônio material do estado. Dessa maneira, de acordo com a Figura 28, se não encontrar a farinha baguda de Bragança no seu açaí você não estará consumindo algo tradicional e de qualidade, o que levaria a “Fazer o L” como uma forma de reprovação, lamentação e reivindicação. Logo, os falantes são agenciados e se apropriam da forma linguística “Faz o L” orientando, por meio do humor, uma sátira ao uso viral e memético no ciberespaço. Ao mesmo tempo, o meme (28) utiliza um vocabulário regional e coloquial para gerar engajamento e identificação com outros falantes. Essa atualização, no nível da posteridade do dizer, assume uma relação de aderência a outros dizeres em uma espécie de rede que definimos como pertinência enunciativa (Dias, 2018).

As redes de enunciação são constituídas por entrecruzamentos de fios que projetam sentidos diversos a partir de repetições e diferenças. Essa heterogeneidade da significação promove uma disputa política que não foca na questão da ‘originalidade’, mas na regularidade do uso e na história das enunciações.

Figura 29 – (29) Meme “Faz o L” e o conflito político pelo sentido



Fonte: *Google*⁴⁸

Ao analisar o plano orgânico da dimensão verbo-visual, a Figura 29 apresenta um contraste entre dois indivíduos realizando o mesmo gesto manual que forma a letra “L” com os dedos. Esse gesto com as mãos, semelhante entre os dois indivíduos (29), se sustenta e resgata

⁴⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/09/09/faz-o-l-registro-de-marca-leo-santana-lula.ghtml>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

diferentes ancoragens justamente pela maternidade que evidencia a fecundidade e mudança na significação. Dito isso, a repetição desse sinal “L” estabelece uma diferença, uma vez que cada imagem se ancora em referenciais históricos distintos, promovendo, assim, a ressignificação da forma linguística de acordo com os fios das redes que são evocados.

No caso de Léo Santana, à esquerda, a forma linguística “L” está ancorada na promoção da sua identidade artística e ao nome ‘Léo’, como também vimos em (18), funcionando como um símbolo pessoal, de marca e até como nome de músicas. Já no caso de Lula, à direita, o “L” é amplamente reconhecido como um gesto associado ao seu nome e à sua figura política, sendo utilizado por apoiadores como um sinal de identificação e pertencimento a um determinado espectro político.

Notamos, portanto, um conflito político pelo sentido da forma linguística “L”, demonstrando que o mesmo sinal pode apropriar e ser apropriado pelos falantes de maneiras diferentes. Essa diferença se baseia nas lembranças que cada falante evoca e de quais fios relativos aos referenciais históricos o falante conseguiu articular para produzir significação. Desse modo, a dimensão verbo-visual desempenha um papel central, pois, o gesto do “L” condensa significações diversas e necessita de articulações com as dimensões não visíveis a fim de viabilizar a universalidade, dissolvendo a totalidade do sentido no ciberespaço. E tendo em vista a universalidade sem totalizações, como o espaço de enunciação digital se apresenta na relação conflituosa entre línguas e falantes?

Em setembro de 2024, o cantor baiano Léo Santana solicitou ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) o registro da marca “Faz o L”, expressão popularizada durante a campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva em 2022. A expressão, acompanhada de um gesto manual formando a letra “L”, tornou-se um símbolo de apoio ao então candidato. O pedido de registro por Léo Santana gerou debates sobre direitos de propriedade intelectual e o uso de slogans políticos por figuras públicas. Muito além de discutir a questão de ‘originalidade’, que não é o foco da temporalidade e das redes de enunciação, há sempre uma disputa no ciberespaço pelo domínio do sentido em prol de engajamento, propagação e alcance. A forma linguística “Faz o L” pode e deve ter existido muito antes desses referenciais. A questão principal é a linguagem e o sentido como disputa pelo poder e pertencimento, bem como suas projeções e heterogeneidade de sentidos que são estabelecidos histórico-socialmente pela regularidade do uso.

O ciberespaço, como um ambiente fluido e interconectado, não se preocupa com a originalidade de um dizer, mas sim com as projeções, atualizações e ancoragens que ele desencadeia. Sua estrutura rizomática, sem linearidade ou hierarquias, permite modificações

velozes e de alcance imensurável, estabelecendo uma rede sem fronteiras. Nesse âmbito, ele assume um papel associativo e agregador, favorecendo a participação social e a relação política entre línguas e falantes que se distanciam da noção dicionarizada de autoria.

Figura 30 – (30) Meme “Faz o L” de Latino e a questão da autoria

Latino reivindica autoria do ‘Faz o L’ após polêmica com Léo Santana e Lula: “Parei de fazer porque tomaram posse”

setembro 13, 2024



Fonte: *Google*⁴⁹

A Figura 30 apresenta uma manchete jornalística acompanhada de uma fotografia do cantor Latino. O título da matéria segue uma estrutura típica do jornalismo digital, caracterizando-se por um enunciado que busca atrair a atenção do leitor. O enunciado “Latino reivindica autoria do ‘Faz o L’ após polêmica com Léo Santana e Lula” sugere uma disputa relativa à apropriação do sentido do “L”. O trecho destacado na manchete – “Parei de fazer porque tomaram posse” – introduz uma perspectiva pessoal de Latino, reforçando um tom opinativo e até mesmo de frustração. Na matéria, o cantor afirmou ter sido o precursor do gesto “L” no Brasil, declarando usá-lo há 30 anos, antes mesmo da candidatura de Lula em 1989. Segundo ele, outros artistas como Léo Santana e Luan Santana também adotaram o símbolo, e, por fim, Lula popularizou o gesto. Diante disso, Latino decidiu parar de usá-lo, alegando que “tomaram posse” de sua criação. Já em relação à dimensão verbo-visual, temos a fotografia do cantor “fazendo o L” que dialoga diretamente com o tema da manchete, funcionando como um reforço icônico da questão levantada.

A reivindicação de Latino sobre a autoria do gesto “L” levanta questões sobre a complexidade da originalidade em símbolos populares, especialmente relacionado aos memes.

⁴⁹ Disponível em: <https://altospapos.com.br/latino-reivindica-autoria-do-faz-o-l-apos-polemica-com-leo-santana-e-lula-parei-de-fazer-porque-tomaram-posse/>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

Diferentemente de criações artísticas formais, como músicas ou obras literárias, os memes se espalham de forma espontânea e colaborativa, muitas vezes ganhando novos significados ao longo do tempo. O próprio conceito de autoria se torna difuso, pois gestos como esse são apropriados, ressignificados e popularizados por diferentes grupos em situações enunciativas distintas.

Nessa direção, até que ponto é possível reivindicar a “posse” de um símbolo linguístico amplamente disseminado e ressignificado no espaço de enunciação digital? Nos estudos semântico-enunciativos, a noção de redes de enunciação, atrelada à temporalidade, não se configura com fios enunciativos que marcam originalidade, pontas ou mesmo linearidade. Ou seja, a autoria não está relacionada à criação ou à responsabilidade de composição de um dizer, uma vez que isso se distancia de nossos pressupostos teóricos.

Definir quando e quem utilizou primeiro uma determinada forma linguística é inviável para um estudo que examina as redes de sentido. Nossos estudos se concentram na regularidade da linguagem em uso e das possibilidades enunciativas que uma forma linguística pode evocar na relação entre presente, passado e futuro. Diferentemente da ideia de posse que Latino atribui à autoria de “Faz o L” (30), nossa concepção de autoria se caracteriza como uma das figuras do falante nas redes de enunciação a partir dos pontos de vista que um dizer pode orientar. Dito de outro modo, a autoria não se resume à criação original de um dizer, mas à posição que o falante assume na rede de enunciação. Entre individualidades e historicidades, a função-autor emerge na disputa por sentidos, sendo moldada pela memória e pelos referenciais históricos. Logo, a individualidade do falante se insere em um processo coletivo de (re)construção dos sentidos, em que a materialidade linguística e a simbologia da língua delimitam posicionamentos e orientam perspectivas dentro de uma dinâmica enunciativa em constante ressignificação.

No ciberespaço, a autoria se distancia da ideia tradicional de originalidade, pois os memes e demais enunciados digitais se baseiam, muitas vezes, em elementos matriz que são constantemente ressignificados e replicados. No espaço digital, a atribuição de autoria se torna ainda mais complexa, pois não se restringe a um único sujeito, mas a uma rede de atores humanos e não-humanos, como algoritmos e inteligências artificiais, que participam da produção e circulação de sentidos. Face a isso, a autoria se configura como uma função politópica da cena enunciativa que se manifesta nas redes de enunciação, orientando diferentes pontos de vista e sendo moldada pelas regularidades de uso e pela historicidade das formas linguísticas. A própria estrutura do ciberespaço potencializa os picos de replicação, característicos da ação memética, que transformam uma forma linguística em um fenômeno enunciativo dinâmico, ampliando sua rede de sentidos. À luz dessas considerações, “L” pode

ser de Lula, contra Lula, pode ser do Léo Santana ou do Latino. As orientações de sentidos variam de acordo com os caminhos percorridos nas redes de enunciação e os referenciais evocados em cada acontecimento enunciativo. Ou seja, é impossível atribuir à forma linguística “L” uma única autoria devido a sua configuração em rede. Não é sobre “ter posse da língua”, mas sim em fazer uso regular dela projetando sentidos e visando alcance e projeção, tendo em vista o conflito político no espaço de enunciação digital.

Tendo em vista essa relação conflituosa de disputa pelo sentido inerente ao espaço de enunciação, bem como as projeções de um dizer na relação entre fidelidade e fecundidade, vejamos o meme que segue.

Figura 31 – (31) Meme “Faz o M” de Pablo Marçal



Fonte: *Google*⁵⁰

Ao relacionar os estudos genéticos com o termo meme, Dawkins (2007) reforça que a evolução também agrega questões culturais, incluindo a linguagem. E, nesse processo de evolucionismo, irão ocorrer “erros” que farão parte das mutações dos replicadores em suas projeções. Esses “erros” são representados pela diferença e pela fecundidade que fazem um meme se transformar no ciberespaço, mantendo certas regularidades que permitem o seu reconhecimento na rede de enunciação.

Considerando esses aspectos de evolução da linguagem, a Figura 31 apresenta um homem sorridente segurando uma Carteira de Trabalho na mão esquerda, enquanto faz um gesto com a mão direita. Ele veste um boné e um colete com a letra “M” destacada, além de um

⁵⁰ Disponível em: <https://bmj.com.br/bmjnamidia/efeito-marcal-vai-impactar-nas-eleicoes-majoritarias-de-2026/pablo-marcal-el-candidato-brasileño-que-rompe-el-binomio-lula-bolsonaro-en-sao-paulo/>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

adesivo com a hashtag “#FAZ O M” fixado em sua roupa. O homem da imagem é o empresário Pablo Marçal que utilizou o símbolo “Faz o M” em sua campanha à prefeitura de São Paulo em 2024. O “M” aparece no boné, na posição dos dedos da mão e em um adesivo colado na sua roupa utilizando a *hashtag* #FazoM. Desse modo, “Faz o M” se insere nas redes de enunciação e rememora sentidos de “Faz o L” a partir da fidelidade do verbo no imperativo “Faz” e a utilização da inicial do nome “M” de Marçal. Além dos aspectos visíveis, a fidelidade está presente também na orientação do dizer que, assim como Lula, faz uso da forma linguística para promoção política em uma campanha eleitoral. Ou seja, é importante ressaltar apesar das mudanças na forma linguística, há ainda certa fidelidade no meme (31) que o permite ser inserido em rede e ser reconhecível devido a outros elementos enunciativos como o memorável e regularidades, principalmente com a construção “Faz o (letra inicial do nome)”.

No que se refere a dimensão não visível, a memória é evocada pela materialidade e se apresenta de forma conflituosa, visto que estabelece uma tensão dos discursos. Isto é, mesmo que a forma linguística “Faz o L” não apareça organicamente, ela está condensada na história das enunciações do meme (31). Dessa maneira, o meme (31) cria um conflito de sentidos ao estabelecer uma oposição da significação, não apenas na ancoragem do nome e na mudança da letra, mas na relação de oposição política/partidária/ideológica à Lula. Pablo Marçal e Lula, apesar de nunca terem concorrido a nenhum cargo diretamente, assumem posturas políticas opostas o que fomenta a disputa pelo sentido no espaço de enunciação digital. A instauração da temporalidade e a rememoração de sentidos contribuem para gerar essa tensão que transcende o plano orgânico ao resgatar o simbólico na (re)construção da significação e a orientação da subversão à forma linguística “Faz o L” utilizada por Lula e seus apoiadores.

Ademais, na dimensão verbo-visual, a Carteira de Trabalho, presente na Figura 31, reforça uma ancoragem trabalhista e econômica, comum em discursos políticos. O boné e o broche com a letra “M” indicam identidade visual relacionada a um movimento que envolve a universalidade sem totalidade, enquanto o adesivo com a *hashtag* sugere estratégia de marketing digital para engajamento no ciberespaço. Tais elementos linguísticos orientam a propaganda política de Marçal se ancorando em um referencial positivo sobre emprego e direitos trabalhistas.

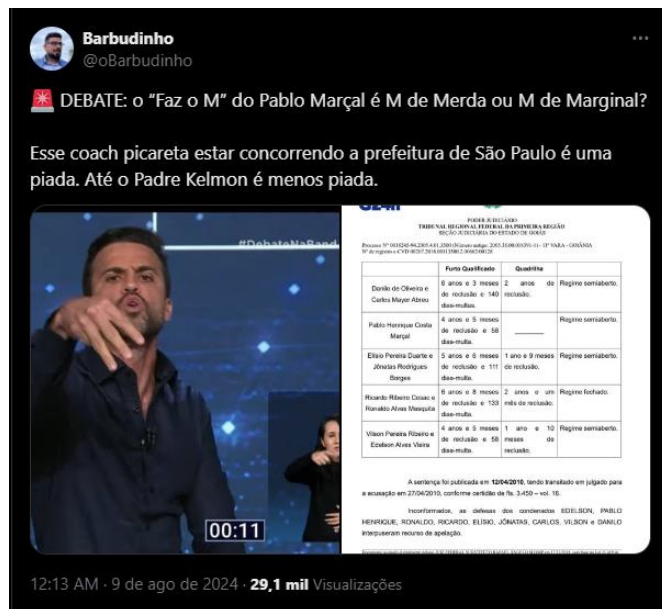
Nessa direção, o que sustenta a longevidade do meme (31) no espaço digital é sua e sua capacidade metamórfica, considerando a regularidade do uso no entremeio da resistência e da mudança. Dessa maneira, conforme Deleuze (2021), a repetição, quando ocorre, manifesta-se como um contraste em diversas dimensões: opõe-se ao que é geral por meio da singularidade,

ao que é particular por meio da universalidade, ao que é comum por meio do que se destaca, ao que se transforma por meio da instantaneidade e ao que apenas persiste por meio da eternidade.

Somado a essas reflexões sobre repetição e diferença relacionados ao meme (31), há também uma questão pelo direito de autoria, semelhante à Figura 30. O ex-PM Michel Nascimento acusou o candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, de copiar seu slogan “Faz o M”, que Nascimento registrou em março e pediu o registro de marca em junho⁵¹. Marçal, que usou o lema em sua campanha em agosto, nega conhecer a reivindicação de Nascimento e o processo de registro segue em análise no INPI. É interessante observar que o ex-PM expressa preocupação de que a associação do slogan com a campanha de Marçal prejudique seus planos independentes de lançar um canal abordando temas sociais. Isso nos faz refletir a autoria como ponto de vista histórico e o papel da regularidade de uso na condensação de sentidos em uma forma linguística. Logo, o espaço de enunciação, como arena política nos termos de Guimarães (2017), contribui para essa disputa incansável entre línguas e falantes pelo domínio do sentido.

E assim como Lula teve o “L” ressignificado por opositores (20) (21) (25), “Faz o M” também projeta sentidos diversos devido a sua configuração em rede.

Figura 32 – (32) Meme “Faz o M” de Merda e Marginal



Fonte: BARBUDINHO, @oBarbudinho. X. 9 de agosto de 2024⁵².

⁵¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/08/30/ex-pm-acusa-marcal-de-copiar-o-faz-o-m-e-pede-registro-da-marca.ghtml>. Acesso em 31 de mar. 2025.

⁵² Disponível em: <https://x.com/oBarbudinho/status/1821746552177668589>. Acesso em 31 de mar. 2025.

A postagem (32) utiliza o meme “Faz o M” orientando uma crítica de forma sarcástica e depreciativa a candidatura de Pablo Marçal à prefeitura de São Paulo, chamando o candidato de “coach picareta”, descredibilizando sua campanha e comparando-o negativamente até mesmo ao Padre Kelmon, figura polêmica de um momento da política brasileira. A imagem, à esquerda, mostra Marçal em um debate gesticulando de forma enfática utilizando o gesto manual que simboliza o “M”, enquanto a imagem da direita apresenta um documento da Seção Judiciária do Estado de Goiás em que o nome de Pablo Marçal aparece como condenado a furto qualificado em regime semiaberto. Desse modo, o meme “Faz o M” (re)significa a ancoragem da promoção política para a depreciação da Figura de Marçal, visto que o “M” se sustenta nas palavras “Merda” e “Marginal” que orientam um tom pejorativo ao político.

Com 29,1 mil visualizações, a publicação demonstra alto engajamento, refletindo o impacto da discussão sobre a candidatura de figuras públicas na política brasileira. Um dos fatores que contribuem para o alcance e propagação de um meme no ciberespaço é a regularidade do uso associada ao agenciamento do falante. Um meme, por fazer parte da rede de enunciação, está susceptível a modificações ao mesmo tempo que instiga falantes a participarem dessa rede. Por essa razão, “Faz o M” participa do movimento da susceptibilidade enunciativa, uma vez que agencia os falantes a participarem dessa rede de (re)significações, buscando novas ancoragens referenciais, ao mesmo tempo que o falante, tendo em vista a individualização em rede, apropriada dessa forma linguística para expressar suas orientações e estabelecer novos sentidos.

Tendo em vista as projeções de repetições e diferenças, o meme “Faz o L” está tão susceptível no ciberespaço que promove o engajamento nas plataformas enunciativo-digitais e mobiliza pessoas a se inserirem nessa rede de enunciação de diversas maneiras.

Figura 33 – (33) Meme “Faz o L” Elon Musk



Fonte: *Google*⁵³

⁵³ Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-3653146111-camiseta-basicas-elon-musk-faz-o-l-camiseta-meme-unisex-_JM. Acesso em 02 de abr. 2025.

A Figura 33 apresenta o anúncio de uma camiseta estampada com a imagem do empresário Elon Musk, acompanhada da expressão “Faz o L”. Nessa composição, o “L” não remete à inicial de um nome, como vimos anteriormente, mas se integra visualmente ao próprio nome “Elon”, enquanto a figura do empresário reforça a mensagem ao reproduzir o gesto da letra com a mão. A exibição do produto já se identifica como “Camisa Meme” o que nos faz resgatar os fios enunciativos que organizam essa rede. Desse modo, a cibercultura, como novo modelo cultural, constrói laços sociais a partir da descentralização e conflito dos sentidos, promovendo, assim, conexões em rede que ampliam, diversificam e impulsionam transformações radicais no pensamento político, histórico e social.

Além da questão do engajamento político e comercial, o meme (33), a partir do movimento de repetição e diferença, se sustenta por entrecruzamentos discursivos, próprios da memória, na forma linguística “L” (Lula/Elon). Isso porque a forma linguística “Faz o L”, ancorada na imagem de Elon Musk, estabelece um conflito de sentido em relação à sua sustentação referencial a Lula e é ressignificada por evocar e projetar diferentes memoráveis. Enquanto “Faz o L” se consolidou como um símbolo de apoio ao presidente Lula, associado a um discurso político de esquerda, sua apropriação na imagem de Musk — figura frequentemente associada a ideias libertárias de direita e críticas a políticas estatais — gera um conflito de discursos. Esse deslocamento cria um jogo de contrastes entre o “já dito” e o “dito”, transformando a forma linguística em uma provocação ou ironia dentro do debate público.

Logo, as redes de enunciação têm a capacidade de articular enunciados ao longo do tempo por meio da memória, criando uma espécie de “organização na desordem” temporal, onde passado, presente e futuro coexistem. Quando observamos as formas linguísticas dentro dessas redes, percebemos que os enunciados do passado se atualizam no presente e abrem caminhos para novas futuridades. Essa dinâmica gera uma teia móvel e aberta, marcada por múltiplas possibilidades de significação e construção de sentidos que agenciam falantes a participarem desse movimento. Vejamos a figura a seguir:

Figura 34 – (34) Meme “Faz o J”



Fonte: DUST LUKS, @dustj_aqum. X. 13 de novembro de 2024⁵⁴.

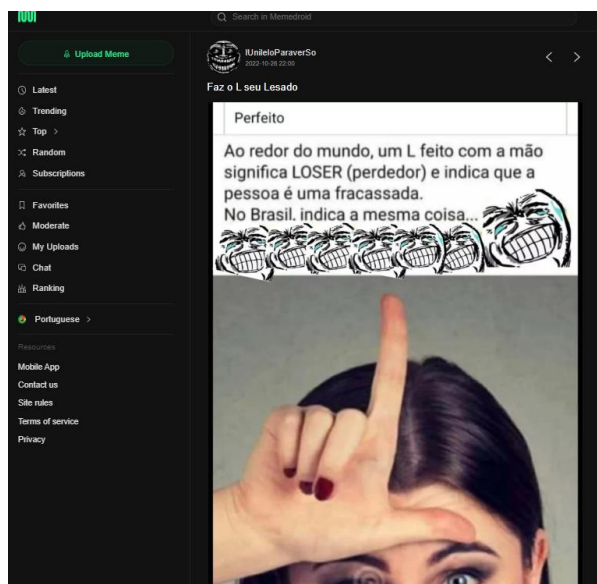
A Figura 34 apresenta um conjunto de postagens no X que combinam elementos da cultura pop e política no ciberespaço. A primeira postagem faz referência à personagem Jinx, do jogo *League of Legends* e da série *Arcane*, e ao ex-presidente Lula, destacando a semelhança entre ambos, incluindo a ausência de um dedo. A montagem coloca Jinx ao lado da campanha de Lula (PT) e outro personagem do jogo e da série, Caitlyn, ao lado da campanha de Bolsonaro (PL), sugerindo uma associação e uma disputa simbólica entre os personagens e os políticos. A segunda postagem responde a essa comparação com o enunciado “FAZ O J” acompanhada da foto de um jovem fazendo o gesto do “J” com a mão. Dessa maneira, no meme (34) há um movimento de ressignificação e agenciamento do falante, visto que “Faz o J” se sustenta historicamente na forma linguística “Faz o L” usada por apoiadores de Lula, transformando-a em uma alusão a Jinx que é comparada a sua opositora e adversária na série, Caitlyn, assim como Lula é comparado ao Bolsonaro.

⁵⁴ Disponível em: https://x.com/dustj_aqum/status/1856834708413256099. Acesso em: 02 de abr. 2025.

No meme (34), o falante ao “fazer o J” expressa sua singularidade e estabelece suas ancoragens próprias, ao mesmo tempo que é moldado por referenciais históricos e, conseqüentemente, inserido nas redes de enunciação. Isso exemplifica como o ciberespaço opera como espaços de ressignificação e conflito contínuo, onde discursos e dizeres se entrelaçam e se reconfiguram a partir do agenciamento dos falantes. O conceito de individualização em rede contempla justamente a capacidade dos memes de expressar simultaneamente a singularidade e conectividade dos usuários no espaço de enunciação digital. Essa individualidade, como vemos no exemplo (34), não se afasta da história e não se apresenta de forma isolada. Os fios dessa rede são conectados no acontecimento enunciativo, fazendo com que a individualidade seja perpassada por referenciais históricos e pela memória dos discursos. Assim, conforme Recuero (2014), o ciberespaço é composto por uma combinação de traços individuais e coletivos. Os perfis dos usuários funcionam como formas de expressão da individualidade, permitindo que cada pessoa se apresente de maneira única e interaja com diferentes grupos sociais. Ao mesmo tempo, essas interações constroem redes visíveis e compartilhadas, revelando conexões sociais. Embora a comunicação em rede aconteça em um espaço público, ela pode se originar em esferas privadas, dependendo das plataformas enunciativas-digitais, apelidos (*nicknames*), elementos visuais e linguísticos usados, como memes, avatares e performances comunicativas.

Nessa direção, a partir dessa reflexão sobre o agenciamento enunciativo e a individualização em rede, podemos dizer que o falante do meme (34) não é totalmente livre, uma vez que ele é mobilizado por regularidades e fala a partir de uma história que orienta suas escolhas. Essa construção se insere na susceptibilidade enunciativa e na ressignificação das formas linguísticas no espaço digital. O “Faz o L”, antes um slogan político, é deslocado para um referencial lúdico e irônico, onde a identidade dos personagens e seus atributos físicos servem como ‘gatilho’ para criar um novo sentido, que mistura *fandom* e política. E, na relação conflituosa do espaço de enunciação, outros falantes só conseguirão articular as significações do meme (34) caso eles estabeleçam as conexões necessárias dessa rede de enunciações ao resgatar a memória e os referenciais que sustentam o meme e o faz produzir sentido.

Figura 35 – (35) Meme “Faz o L” de *Loser*



Fonte: *Google*⁵⁵

Observando as semelhanças e diferenças relativas à Figura 34, o meme (35) também apresenta um gesto manual próximo a testa, mas agora com o formato do “L”. Acima da imagem, há um enunciado afirmando que, ao redor do mundo, o gesto de formar a letra “L” com a mão na testa é reconhecido como um símbolo de “*loser*”, ou seja, perdedor, representando alguém fracassado. Dessa maneira, temos a ancoragem referencial da forma linguística “L” sustentada na significação pejorativa de perdedor/fracassado que se popularizou, principalmente na cultura pop ocidental por meio de filmes, séries e videoclipes estadunidenses. Contudo, o meme (35) entrecruza memórias ao se articular com outra sustentação referencial do “L” realizada de forma regular no Brasil que orienta uma crítica aos apoiadores e eleitores de Lula. Os enunciados “No Brasil, indica a mesma coisa” e “Faz o L seu lesado” reforçam a atualização referencial da forma linguística de maneira ambígua e irônica, promovendo um deslocamento de sentido em rede em que os eleitores de Lula são abordados como fracassados/perdedores/lesados. Há, portanto, uma orientação enunciativa que ultrapassa o humor superficial: trata-se de um posicionamento político-ideológico mascarado sob o riso e sustentado pela linguagem multimodal típica do meme. Logo, o humor opera como estratégia de desqualificação política, ancorando o “L” como signo do ridículo e da inferioridade, tendo em vista a situação política do país.

⁵⁵ Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/3827257/Faz-o-L-seu-Lesado>. Acesso em 02 de abr. 2025.

Os memes (35) e (36) estão disponíveis na plataforma enunciativo-digital ‘*Memedroid*’ que se dedica ao compartilhamento e à circulação de memes, imagens humorísticas frequentemente combinadas com enunciados curtos, que se espalham viralmente/memeticamente no ciberespaço. A versão brasileira (*pt.memedroid.com*) adapta esse conteúdo para o público de língua portuguesa, sendo muito popular entre jovens e usuários das plataformas sociais. A interface do site é simples e intuitiva, permitindo que os usuários visualizem, curtam, comentem, compartilhem e enviem seus próprios memes. O conteúdo é organizado por categorias temáticas e *hashtags* (como ‘política’, ‘cotidiano’, ‘escola’, ‘humor negro’ *etc.*) e pode ser filtrado por memes novos, populares ou em alta. Tal plataforma se insere no ciberespaço, uma vez que não se limita apenas à infraestrutura técnica, mas envolve também o vasto conjunto de informações disponíveis e a presença dos falantes que buscam visibilidade, alcance e projeções. Assim, o ciberespaço é compreendido como um ambiente interativo e coletivo, onde aspectos sociais e tecnológicos se integram para possibilitar trocas, participações e construções coletivas (Lévy, 1999).

Figura 36 – (36) Meme “Faz o L” Titanic



Fonte: *Google*⁵⁶

No meme (35), o falante utiliza da plataforma enunciativo-digital ‘*Memedroid*’, a fim de orientar críticas político-sociais ao Brasil. Nessa direção, a partir da susceptibilidade enunciativa, o falante apropria e é apropriado pelo meme “Faz o L” retratando uma cena fictícia em que o naufrágio do Titanic ocorre nos dias atuais e os sobreviventes, ao invés de buscar ajuda ou lutar pela sobrevivência, levantam as mãos fazendo o gesto associado à forma linguística “Faz o L”, regularmente usada no cenário político brasileiro para marcar apoio ou

⁵⁶ Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/3930243/Faz-o-L>. Acesso em: 02 de abr. 2025.

crítica ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A imagem sugere que, mesmo diante de uma tragédia iminente, a militância política se sobreporia ao senso de urgência e sobrevivência, evidenciando uma alienação coletiva diante de crises reais. Ao usar uma catástrofe histórica como referencial na atualização da forma linguística, o meme (35) propõe compartilhar uma crítica da sociedade brasileira contemporânea, insinuando que o debate político se tornou tão central e passional que chegou ao ponto de obscurecer o discernimento e a racionalidade dos indivíduos. Além disso, o enunciado “Se o Titanic afundasse hoje...”, juntamente com a *hashtag* “#Esse Barco é o Brasil”, seguida da imagem do navio em colapso e pessoas fazendo o gesto político reforça a ideia de que o Brasil estaria em um processo de decadência comparável a um naufrágio, sendo os cidadãos retratados como mais preocupados em reafirmar suas posições ideológicas e/ou críticas do que em buscar soluções práticas, o que denota uma crítica contundente à forma como a polarização tem afetado a percepção da realidade e o engajamento político no país.

Constata-se que na plataforma em que os memes (35) e (36) foram veiculados, são utilizados avatares e *nicknames* como forma de manter o anonimato do indivíduo. Esse recurso garante aos usuários uma sensação de liberdade de expressão aliada a uma espécie de blindagem contra possíveis sanções legais ou sociais, especialmente no caso daqueles que propagam conteúdos ofensivos com teor racista, sexista ou homofóbico. Consequentemente, esse tipo de conteúdo, ao assumir a forma de memes, pode ser criado, alterado, compartilhado e amplamente disseminado sem qualquer controle sobre autoria, finalidade comercial, atribuição de crédito ou necessidade de autorização prévia (Davison, 2012). Todavia, sob a ótica aqui adotada, pode-se reconhecer a presença da função-autor em cada meme — e em toda forma de enunciação —, uma vez que o falante, por meio da individualização em rede, manifesta posicionamentos e orienta seu dizer por meio de estratégias discursivas como manipulação, ironia, tensão e identificação. Essas marcas revelam escolhas que, considerando a susceptibilidade enunciativa, refletem posturas assumidas dentro das redes de enunciação, as quais articulam e dão visibilidade a modos contemporâneos de construção da opinião pública. Em suma, nos distanciamos da noção de autoria e anonimato no sentido do “indivíduo que escreve” como pessoa física, documentada e psicológica para examinar o a politopia do falante na cena enunciativa na sua relação com a história e na orientação do ponto de vista.

Sob esse viés, em meio a uma extrema necessidade de difusão e coletividade própria do ciberespaço, plataformas foram criadas visando a uma automatização na criação e

compartilhamento de memes. O ‘*Meme Generator*’⁵⁷, por exemplo, é uma das plataformas enunciativo-digitais mais populares voltadas para a criação e disseminação de memes. A ferramenta permite que qualquer usuário, mesmo sem conhecimentos técnicos em design ou edição de imagem, produza conteúdos humorísticos, irônicos ou críticos a partir de *templates* (modelos) amplamente reconhecidos na cultura digital. A interface intuitiva oferece campos personalizáveis de texto sobre imagens pré-definidas, o que facilita a construção de mensagens rápidas e visualmente impactantes, promovendo o compartilhamento viral e incentivando a publicação e a circulação de memes gerados ali em todo ciberespaço.

Além da versão tradicional baseada em *templates*, a plataforma oferece também um recurso chamado ‘*AI Meme Generator*’ que utiliza inteligência artificial (IA) para sugerir automaticamente memes humorísticos e satíricos a partir de imagens pré-existentes. Essa funcionalidade amplia o acesso à produção de conteúdo, permitindo que até mesmo usuários sem criatividade momentânea ou domínio linguístico participem da cultura meme. O uso da IA, nesse caso, evidencia o papel cada vez mais automatizado na elaboração de enunciados no espaço digital e suscita reflexões sobre produções enunciativas e responsabilidade discursiva. Ao gerar legendas com base em ‘padrões’ de linguagem e humor amplamente difundidos na *internet*, o sistema reforça estereótipos, formatos e tendências discursivas (regularidades), ao mesmo tempo em que desafia os limites entre o conteúdo produzido por sujeitos humanos e por sistemas algorítmicos. Essa dinâmica se insere no debate contemporâneo sobre a reconfiguração da produção do dizer na era digital e o papel da inteligência artificial na (re)construção de sentidos na esfera pública.

A partir da Teoria Ator-Rede (TAR), conforme discutida por Lemos (2013), torna-se possível repensar o espaço de enunciação digital como uma rede dinâmica de associações em que atores humanos e não-humanos participam conjuntamente da construção de significações. A TAR propõe uma descentralização do sujeito humano, compartilhando o foco também para os movimentos emergentes das redes, nas quais máquinas, algoritmos, plataformas e outros dispositivos técnicos assumem papel na produção de sentidos. Nessa perspectiva, o ator não se reduz ao indivíduo, tampouco a rede à sociedade, mas ambos se constituem mutuamente em fluxos de mobilidade e mediação. Tal abordagem permite compreender que toda ação é uma rede em formação, atravessada por tensões entre a estrutura global e a agência local, o visível e o não visível, o regular e o singular, a repetição e a diferença. No entanto, é necessário ponderar que, embora a TAR defenda uma não hierarquização entre sujeitos e objetos, o

⁵⁷ Disponível em: <https://imgflip.com/memegenerator>. Acesso em: 07 de abr. 2025.

controle técnico e econômico por parte de atores humanos – como corporações que desenvolvem e gerenciam os sistemas algorítmicos e de inteligência artificial – ainda revela assimetrias no interior dessas redes. Assim, reconhecemos uma hierarquização relativa entre humanos e não-humanos, sem, contudo, desconsiderar a potência dos aparatos técnicos na mediação enunciativa e construção de enunciados. Nessa lógica, fundamentos em nossa perspectiva teórica, a língua se torna um campo de apropriação mútua entre falantes e dispositivos, e a análise volta-se menos para as intenções dos sujeitos e mais para os processos de produção de sentido que emergem nas/das redes, sustentando a ideia de uma susceptibilidade enunciativa, em que o dizer é sempre atravessado por múltiplas vozes, referenciais e mediações.

Assim como propõe Lemos (2013), ao tomar a rede como conceito-chave para compreender o movimento digital, nós, enquanto semanticistas da enunciação, também compreendemos a rede como elemento fundamental para a análise das relações enunciativas. Dessa maneira, não a concebemos apenas como infraestrutura ou canal de circulação, mas como um tecido em constante formação, constituído pelas associações entre elementos orgânicos e simbólicos. Rede é o movimento da enunciação na construção da significação: ela faz, desfaz, agrupa e reagrupa, compondo tempos, falantes, histórias e espaços. Nesse fluxo, os falantes, ao se apropriarem e serem apropriados por plataformas como *'Meme Generator'*, não apenas utilizam a rede, mas a constroem e são por ela constituídos, articulando sentidos e expressando singularidades no emaranhado de referenciais que compõem o espaço de enunciação digital (37).

Figura 37 – (37) Rede de enunciação do meme “Faz o L”



Fonte: Elaborada pelo autor a partir do processo das redes enunciativas no *Google*

A Figura 37 foi construída por meio das redes enunciativas que, como processo metodológico, lida com a relação entre as semelhanças e contrastes das formas linguísticas,

explorando os domínios visíveis e não visíveis da língua. Visando seu desdobramento para além da perspectiva metodológica, as redes de enunciação, enquanto uma noção epistemológica, contempla também as perspectivas do digital e da memória, examinando os nós que instituem a tensão dessas redes: o falante, o tempo, o espaço e a história. Notamos no exemplo (37) a temporalidade do acontecimento enunciativo e o entrecruzamento da memória, considerando a configuração rizomática do ciberespaço. Ancoragens, atualizações e projeções atuam de forma concomitante na (re)construção da significação de “Faz o L”. Nessa relação de repetições e diferenças, o meme se insere em rede na medida que evoca um passado de enunciações anteriores, no intuito de projetar novos sentidos que se articulam em uma teia sem pontas e sem linearidade, reforçando a incomensurabilidade das redes de enunciação.

Nessa direção, a Figura 37 se caracteriza como uma colagem em rede do meme “Faz o L” demonstrando ancoragens diversas a partir de semelhanças e diferenças. Com elementos do plano orgânico e simbólico da língua, o exemplo (37) exemplifica como os memes evoluem, replicam e se transformam no espaço de enunciação digital, misturando cultura pop, política e criatividade em uma crítica bem-humorada sobre responsabilidade política e engajamento social. Ao propor uma análise das dimensões verbo-visuais, observamos, horizontalmente, na primeira fileira as referências da promoção do cantor Léo Santana; propaganda política de Lula; e celebração do jogador Germán Cano. Na segunda, temos “L” do canto Latino; L da equipe de *e-sports* Loud; e um personagem chamado “L” do anime *Death Note*. Já na terceira fileira, vemos as sustentações referenciais no símbolo de *loser*; um jogador de futebol do Botafogo fazendo “L” relativo à liderança do campeonato; e o jogador Bruno Henrique comemorando com “L” em homenagem ao seu filho. E, na quarta fileira, notamos “Faz o M” como marca de promoção política do empresário Pablo Marçal; o “J” relacionado à personagem Jinx; e uma montagem irônica feita por internautas para zombar o deputado federal Nikolas Ferreira, mostrando-o fazendo o gesto “Faz o L” — símbolo associado a Lula — como se ele, um conhecido opositor, estivesse apoiando aquilo que critica.

Diante do exemplo (37) analisado e das reflexões sobre o meme “Faz o L” enquanto fenômeno digital, é possível compreender sua inserção como parte de um *corpus* em rede, conforme o pensamento de Deleuze (2017), em que os enunciados não existem isoladamente, mas se entrelaçam a partir de forças históricas, políticas e simbólicas. A forma linguística, em sua circulação e apropriações múltiplas, evidencia como a memória emerge de relações dinâmicas e atravessadas por disputas de poder, condensando sentidos que vão além do plano material e se atualizam conforme os referenciais históricos. Nesse sentido, o meme se insere numa rede de enunciação, na qual um gesto visual, aparentemente simples, se conecta a uma

multiplicidade de dizeres, discursos e interpretações, funcionando como um ponto de cruzamento entre linguagem e história. Assim, o *corpus* não é apenas o conjunto de enunciados, mas a própria rede de sentidos em constante movimento, em que cada forma linguística participa de um jogo político e simbólico que expressa e transforma as formações históricas em curso.

Dessa forma, compreendido o funcionamento relacional do *corpus* e sua articulação em redes de enunciação, passamos agora à análise do meme “Movimento Antifascista”, no qual novos agenciamentos discursivos se atualizam na disputa simbólica do espaço político da enunciação.

3.2 Meme “Movimento Antifascista”

Em junho de 2020, os usuários da internet começaram a replicar o símbolo antifascista nas plataformas enunciativo-digitais em protesto contra movimentos neonazistas que vêm ganhando força no país a partir da ascensão da extrema direita. A replicação não foi apenas viral: o símbolo sofreu modificações no intuito de representar os mais variados grupos a favor da causa. Adaptado em diferentes versões, o emblema tradicional da Antifa, representado como elemento matriz, – duas bandeiras sobrepostas, geralmente em vermelho e preto – passou a circular com alterações cromáticas, textuais e visuais que dialogavam com identidades regionais, culturais e de gênero, como forma de agregar multiplicidade à causa antifascista.

Tendo em vista o caráter propagador do ciberespaço, o movimento ganhou tração em plataformas como *X* (antigo *Twitter*), *Instagram* e *Facebook*, impulsionado por uma onda de protestos internacionais após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos⁵⁸, e ressoou fortemente no cenário brasileiro, que naquele momento vivia um aumento nas tensões políticas e discursos autoritários. Em junho de 2020, o Brasil presenciava manifestações de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro com pautas antidemocráticas, como o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (STF)⁵⁹, além de pedidos por uma intervenção militar. O próprio presidente participou de atos com esse teor, o que acirrou ainda mais o clima de instabilidade institucional. Diante disso, a apropriação da bandeira antifascista nas plataformas sociais por milhares de brasileiros funcionou como resposta simbólica e estratégica

⁵⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/#page9>. Acesso em: 14 de abr. 2025.

⁵⁹ Disponível em: <https://vazafalsiane.com/blog/antifa-o-que-o-meme-diz-sobre-o-brasil/>. Acesso em: 14 de abr. 2025.

a essas ameaças, manifestando oposição ao autoritarismo e reafirmando o compromisso com valores democráticos. As dimensões visíveis e não visíveis do meme foram fundamentais para esse movimento em rede (38): mais do que uma imagem estática, a bandeira antifascista transformou-se em um dispositivo enunciativo altamente replicável, adaptável e performativo, mobilizando uma forma linguística que, a partir do orgânico e do simbólico, tensiona o espaço de enunciação digital como arena de disputa política. Ao utilizar o processo metodológico das redes enunciativas (Dias, 2018) por meio da entrada de busca “meme movimento antifascista”, observamos uma gama variada de enunciados em rede. Esses enunciados vão desde postagens engajadas com debates políticos mais aprofundados até a apropriação estética do símbolo, muitas vezes descolada de um entendimento mais estruturado sobre o antifascismo.

Figura 38 – (38) Rede do Meme “Movimento Antifascista”



Fonte: *Google*⁶⁰

Dessa forma, o fenômeno da bandeira antifascista nas plataformas brasileiras pode ser entendido como mais do que um gesto de protesto: trata-se de uma ação enunciativa em rede situada no campo da disputa de sentidos, onde a linguagem memética e o engajamento político se entrelaçam. Ao analisar essas manifestações por meio das redes enunciativas, torna-se possível compreender como falantes se relacionam por meio da susceptibilidade enunciativa e da individualização em rede no intuito de construir alianças, zonas de familiaridade, tensionar discursos dominantes e, por vezes, reconfigurar a significação do antifascismo no cenário brasileiro contemporâneo. Sendo assim, a Figura 38 apresenta uma composição de oito emblemas representando diferentes categorias profissionais e sociais sob a perspectiva do antifascismo. Cada emblema combina elementos visuais padronizados (regularidade) — como as bandeiras estilizadas associadas ao movimento antifascista — com variações de cores e

⁶⁰ Disponível em: <https://vazafalsiane.com/blog/antifa-o-que-o-meme-diz-sobre-o-brasil/>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

ícones específicos que identificam grupos como estudantes, professores, médicas, psicólogas, enfermeiras, jornalistas, artistas e ativistas LGBTI. Essa pluralidade evidencia a construção de uma identidade singular e coletiva de resistência ao fascismo, reforçando a ideia de que o combate a ideologias autoritárias e excludentes deve envolver múltiplos setores da sociedade. A apropriação estética comum também sugere a coesão simbólica entre esses grupos, mesmo diante de suas diferentes atuações sociais, reforçando o caráter inclusivo e solidário do movimento antifascista.

Figura 39 – (39) O Meme “Movimento Antifascista” e a ótica do ciberespaço



Fonte: *Google*⁶¹

A noção de redes de enunciação, conforme desenvolvida em nossa pesquisa, revela-se como uma construção não linear, plural e multifacetada que articula três perspectivas teóricas basilares que se constituem em entrelaçamento. A primeira perspectiva compreende a rede como um procedimento metodológico, voltado à coleta e análise de enunciados, evidenciando um mapeamento relacional por semelhanças e diferenças (38). A segunda perspectiva enfoca a rede como memória enunciativa, onde ancoragens e projeções se configuram por meio de regularidades e rupturas, permitindo a observação das continuidades e transformações nos modos de significar tendo em vista a historicidade das formas linguísticas. Já a terceira perspectiva entende a rede como mecanismo técnico e social do ciberespaço, em que a enunciação se dá de forma entrelaçada à individualidade conectada digitalmente, destacando a

⁶¹ Disponível em: <https://vazafalsiane.com/blog/antifa-o-que-o-meme-diz-sobre-o-brasil/>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

susceptibilidade enunciativa dos falantes no espaço de enunciação digital. Em todas essas abordagens, a rede é pensada como uma teia complexa de relações e (re)significações, na qual os elementos verbo-visuais e os fenômenos digitais, como os memes, desempenham papel crucial na constituição das formas contemporâneas de dizer e significar. Em (39), por exemplo, a viralização é apontada como indicativo de sucesso, pois as imagens transpassam fronteiras discursivas e ideológicas, rompendo as chamadas “bolhas” digitais e potencializando a difusão de narrativas contra-hegemônicas. Desse modo, o enunciado “a bandeira antifa ser remixada só acontece porque ele virou um meme” reforça a capacidade do meme não ser um fim em si mesmo, mas um meio que só pode ser examinado em conjunto por meio das relações que são constituídas dessas articulações enunciativas (Chagas, Toth, 2016).

E, a partir dessa concepção de rede sem pontas e origens, o “template” ou “modelo” de um meme funciona, para nós, como um elemento matriz enunciativo (40) que, carregado de historicismo, aporia e é apropriado por falantes no espaço de enunciação digital. Assim, tal matriz é composta de regularidades que, evocadas pela memória e pela história, participam das projeções de um meme mantendo uma relação entre a repetição e a diferença.

Figura 40 – (40) Símbolo/Bandeira do Movimento Antifascista



Fonte: *Google*⁶²

A Figura (40) retrata a bandeira clássica do movimento antifascista, marcada pelas duas bandeiras sobrepostas — uma vermelha e outra preta — envoltas em um círculo com os dizeres *Antifaschistische Aktion*. Esse símbolo tem sua aparição na Alemanha da década de 1930, vinculado à organização *Antifaschistische Aktion*, associada ao Partido Comunista Alemão (KPD). O emblema expressa a união entre correntes de esquerda — o vermelho representando

⁶² Disponível em: https://blogs.elconfidencial.com/sociedad/espana-is-not-spain/2020-06-06/antifascistas-eficaces-centroderecha_2621612/. Acesso em: 14 de abr. 2025.

o comunismo e o preto, o anarquismo — na luta contra o avanço do fascismo europeu com o ideal de combater movimentos racistas, xenófobos e supremacistas brancos⁶³. Com o processo de memetização, esse símbolo foi ressignificado e amplamente difundido no ciberespaço, sendo que a bandeira se tornou um acontecimento enunciativo que serve de ponto de apoio para as variações do meme no espaço digital, no qual observamos as características daquilo que se mantém e daquilo que se modifica no movimento em rede. Essa lógica de circulação reflete a natureza das redes de enunciação na/da cibercultura, em que o verbo-visual se entrelaça à memória e à susceptibilidade dos falantes, projetando novos sentidos a símbolos históricos em diferentes situações enunciativas.

Figura 41 – (41) Meme “Movimento Antifascista” Professores



Fonte: *Google*⁶⁴

O exemplo (41), acima, apresenta duas variações um emblema associado ao movimento antifascista (40), com atualizações para o referencial educacional brasileiro. Com a forma linguística “Professor Antifascista” em uma versão e “Professora Antifascista” na outra, a composição visual se ancora na iconografia reconhecível do movimento Antifa internacional (40) — notadamente as duas bandeiras sobrepostas em preto e branco, inseridas em um fundo vermelho e envoltas por um círculo negro. A duplicidade na marcação material do gênero nas expressões evidencia uma preocupação com a representação inclusiva, refletindo uma tentativa de interseccionar a luta antifascista com pautas de gênero no espaço escolar. Ademais, essas divisões funcionam como estratégias de engajamento e de inserção dos falantes no movimento, uma vez que propõe disponibilizar modelos para que tanto professores, como professoras, utilizem em suas plataformas sociais. Ao incorporar as dimensões verbo-visuais e manter as regularidades da bandeira Antifascista apresentada em (40) como as cores e o formato, o meme

⁶³ Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-significam-os-simbolos-da-bandeira-antifascista>. Acesso em: 14 de abr. 2025.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professores-antifa-saem-em-defesa-da-luta-armada-contra-o-capitalismo-opressor/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

(41), carregado dessa historicidade da luta contra o fascismo, se apoia nos movimentos de resistência e atualiza esse acontecimento enunciativo ao inserir o grupo docente, configurando-se em um artefato político-discursivo que transcende o simbolismo gráfico e se afirma enquanto posicionamento ético e ideológico. Nessa direção, o emblema (41), a partir da fidelidade, da fecundidade e da memória, mobiliza enunciações historicamente consolidadas para reivindicar uma prática pedagógica comprometida com os princípios da democracia, dos direitos humanos e da justiça social, ressignificando a atuação docente como ato político e de resistência frente às ameaças autoritárias contemporâneas.

A partir das reflexões de Bréal (1992), compreende-se que a linguagem é intrinsecamente histórica, uma vez que cada palavra carrega em si marcas de significados acumulados ao longo do tempo, refletindo transformações sociais e culturais. O autor rompe com uma visão naturalista da linguagem ao defendê-la como fenômeno humano e dinâmico, moldado pelas ações dos sujeitos e pelas condições históricas em que se insere. Assim, a linguagem não apenas expressa a história, mas também participa ativamente de sua construção, instaurando sentidos em constante movimento. Esse entrelaçamento entre sujeito, linguagem e tempo evidencia que a compreensão dos signos linguísticos exige o reconhecimento de seu enraizamento histórico, pois é nele que se forjam os sentidos que orientam sua interpretação no presente. Vejamos a figura a seguir:

Figura 42 – (42) Meme “Movimento Antifascista” Biólogos



Fonte: *Google*⁶⁵

No que tange a fidelidade do plano orgânico, notamos no meme (42) a manutenção das cores vermelho e preto que carregam o historicismo de enunciações anteriores na luta contra o fascismo (40) e a palavra “antifascista” inserida em um círculo com o contorno negro. Já no

⁶⁵ Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/06/01/usuarios-trocam-perfis-nas-redes-por-simbolo-antifascista/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

aspecto da fecundidade, ou seja, da diferença, observamos a inserção da palavra “biólogos” acima do emblema e na composição central do círculo símbolos da biologia como a dupla hélice de DNA e duas folhas vermelhas. Desse modo, diferentemente do modelo clássico do Antifa com bandeiras (40), a Figura 42 atualiza, por meio da temporalidade, a simbologia de resistência ao campo científico, demonstrando como os memoráveis de oposição ao fascismo podem ser ressignificados em diferentes referenciais profissionais e acadêmicos. Em relação à dimensão verbo-visual e à memória, vemos a estilização do DNA que se transforma em uma gota e as folhas vermelhas remetem ao vínculo entre ciência, natureza e compromisso ético-social, tensionando o papel da biologia frente a projetos autoritários e negacionistas. Ao associar a identidade profissional do biólogo a uma postura política a partir da individualização em rede, o meme entrecruza discursos que reforçam a ideia de que o fazer científico é, também, um ato historicamente situado e ideologicamente implicado. Nesse sentido, o meme projeta uma militância simbólica, que reivindica o conhecimento científico como aliado na defesa dos direitos humanos, da diversidade e da democracia.

A leitura do meme “Biólogos Antifascistas” (42) à luz do conceito de domínios de mobilização, tal como proposto por Dias (2018), permite compreender as formas linguísticas do emblema como articulações de sentido socialmente configuradas, que emergem de uma rede de memórias, referenciais históricos e pertinências enunciativas. Nesse quadro teórico, os sentidos não são produzidos de modo isolado ou meramente descritivo do mundo, mas são mobilizados por perspectivas sociais que incitam determinadas formas de expressão em detrimento de outras. A inscrição do termo “antifascistas” junto ao marcador identitário “biólogos” evidencia como os discursos políticos se entrelaçam com os discursos científicos por meio de forças enunciativas que atualizam sentidos históricos ligados à resistência, à defesa da democracia e à valorização do conhecimento. O domínio de mobilização, portanto, qualifica a Figura 42 como unidade significativa situada em uma rede de enunciação na qual a língua é acionada não apenas como representação, mas como prática social dotada de projeção e historicidade. Dessa forma, o emblema se constitui como acontecimento enunciativo em que as formas linguísticas ganham significação a partir da relação dinâmica entre memória (a história da luta antifascista e do fazer científico comprometido) e atualidade (o cenário sociopolítico que demanda posicionamento), revelando um processo de produção de sentido atravessado por forças discursivas individuais e coletivas.

Para Dias (2018), o domínio de mobilização vem da expressão de individualidades que são mobilizadas pela história. Dessa maneira, notamos que a Figura 43, a seguir, continua nessa

rede de sentidos, tendo em vista os movimentos da individualização em rede e da susceptibilidade enunciativa na construção da significação.

Figura 43 – (43) Meme “Movimento Antifascista” LGBTQ+



Fonte: *Google*⁶⁶

A Figura 43 apresenta a forma linguística “LGBTQ+ Antifascista” e mantém elementos de regularidade verbo-visual característicos do movimento antifascista, como o círculo negro, a tipografia branca e o símbolo das duas bandeiras sobrepostas, que funcionam como marcas identitárias estáveis no reconhecimento do discurso visual. No entanto, a substituição do fundo tradicional em preto e vermelho pelas cores do arco-íris, junto à inserção da sigla “LGBTQ+”, evidencia um processo atualização a fim de adquirir uma nova pertinência enunciativa. Essa alteração cromática não é meramente material, mas carrega uma historicidade própria: as cores do arco-íris mobilizam uma memória de luta, visibilidade e resistência das pautas LGBTQ+, marcando uma filiação política específica dentro do escopo mais amplo do antifascismo. A sigla LGBTQ+ é utilizada como forma de representar a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais presentes na sociedade contemporânea. Cada letra corresponde a um grupo específico e o sinal “+” indica a abertura da sigla para abarcar outras identidades e orientações que não se encontram explicitamente nomeadas. Dessa forma, a sigla não apenas nomeia, mas também politiza a pluralidade dos falantes e a luta por reconhecimento, visibilidade e direitos, funcionando como marcador individual e sociopolítico de resistência às normatividades impostas historicamente sobre o corpo, o desejo e a identidade. Nesse sentido, o vermelho e o preto, cores tradicionalmente associadas à resistência operária e à luta antifascista do século XX, cedem espaço às cores que expressam a pluralidade de identidades e orientações de gênero, sem que isso fragilize o referencial antifascista — ao contrário, ele é reatualizado e expandido

⁶⁶ Disponível em: <https://in.pinterest.com/pin/552183604315452431/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

por essa nova articulação de sentidos que reafirma a inseparabilidade entre identidade, memória e posicionamento político.

O meme (43) pode ser compreendido como um potente lugar de memória no sentido proposto por Nora (1993), pois articula elementos simbólicos que não apenas evocam o passado, mas o reconfiguram no presente a partir de disputas de sentido socialmente construídas na/pela temporalidade. As cores do arco-íris, por exemplo, ultrapassam a dimensão orgânica para se constituírem como marcas linguístico-visuais carregadas de historicidade, evocando as lutas por direitos civis, visibilidade e proteção da comunidade LGBTQ+. Ao se fundirem com o símbolo do antifascismo — tradicionalmente ligado a movimentos de resistência política e operária —, essas cores não apenas atualizam o repertório do movimento antifascista, mas também o ampliam, transformando o emblema em um espaço simbólico de resistência plural. Nesse sentido, o meme deixa de ser um simples marcador da individualidade do falante para se tornar um ponto de convergência de memórias e afetos, operando como unidade linguística em rede que projeta sentidos a partir da tensão entre passado, presente e futuro. Como propõe Nora (1993), os lugares de memória são construções híbridas, vulneráveis, suscetíveis à reformulação constante — e é exatamente essa fluidez que permite que a linguagem visual do meme antifascista funcione como referencial histórico vivo. A memória, aqui, não se fixa: ela é ativada na enunciação, mobilizada pelas demandas do presente e rearticulada na coletividade, conferindo ao emblema uma densidade enunciativa que o transforma em acontecimento político e, por isso, linguístico.

Assim, ao se considerar o meme do “Movimento Antifascista” como um lugar de memória em rede, compreende-se que ele não se fixa como um referente estático, mas se reinscreve continuamente a partir de atualizações enunciativas considerando diferentes pertinências. A publicação da artista Anitta na plataforma *X* (44), por exemplo, exemplifica esse movimento de revitalização da memória por meio de formas linguísticas que articulam causas políticas e artísticas por meio da individualização em rede e a susceptibilidade enunciativa. Nesses processos, o ciberespaço, enquanto espaço individual e coletivo (Lévy, 1999), atua como um lugar não físico para essas (re)construção de sentidos, permitindo que falantes diversos participem da reelaboração e circulação de formas materiais/simbólicas. Desse modo, o engajamento digital de personalidades públicas não apenas amplia o alcance dessas práticas enunciativas, mas também contribui para a ancoragem e a projeção de significados que tensionam e atualizam a memória coletiva em rede.

Figura 44 – (44) Meme “Movimento Antifascista” Artista



Fonte: ANITTA, @Anitta. X. 1 de junho de 2020⁶⁷.

A Figura 44 apresenta duas representações verbo-visuais ligadas ao referencial da resistência política e social: de um lado, o punho cerrado — símbolo historicamente associado à luta antirracista — e, do outro, a insígnia do movimento antifascista adaptada com os dizeres “Artista Antifascista”. A imagem se inscreve em uma regularidade verbo-visual observada nos memes antifascistas que circulam no ciberespaço: cores contrastantes, formas circulares, elementos tipográficos similares. No entanto, a inscrição da forma linguística “artista” e a mudança das cores preto e vermelho produzem a diferença dentro da repetição. Aqui, a expressão “Artista Antifascista” funciona como uma atualização enunciativa que singulariza o lugar de fala do falante ao mesmo tempo em que a ancora a um histórico de lutas coletivas. A presença do adjetivo “artista” indica a marca individual no meme, o traço da singularidade que, longe de estar isolado, se insere em uma rede de significações partilhadas que compõem o campo político-cultural das resistências contemporâneas.

Esse movimento dos sentidos evidencia a susceptibilidade enunciativa do falante em rede: Anitta, como sujeito midiático e político, é agenciada por direções enunciativas anteriores e, ao mesmo tempo, agencia novos sentidos a partir de sua posição no espaço de enunciação digital. Como aponta a Semântica Histórica da Enunciação, falante e língua se constituem mutuamente em rede, de modo que o dizer da artista não se constitui em um gesto livre ou espontâneo, mas em uma tomada de posição linguística atravessada por memórias, enunciações anteriores e sentidos condensados que orientam suas escolhas. A artista, portanto, projeta

⁶⁷ Disponível em: <https://x.com/Anitta/status/1267574270672146450>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

sentidos atualizados que resultam de um jogo entre regularidade e diferença: ela não apenas retoma um símbolo já estabelecido no campo da luta antifascista, mas o reinscreve com sua marca individual, afirmando-se como sujeito atuante que tensiona e atualiza os sentidos possíveis da resistência.

Essa articulação entre o individual e o coletivo no espaço digital é o que podemos compreender como individualização em rede. No caso analisado, a postagem de Anitta exemplifica como o ciberespaço se torna terreno fértil para esse tipo de mobilização: um espaço onde o falante projeta suas vozes singulares, mas nunca fora das redes de memória, das disputas simbólicas e das inscrições históricas. O uso do meme, nesse caso, não é apenas uma forma de “manifestação” estética ou performativa — é uma atualização de sentidos que se ancora na história para dizer o presente. O meme do “artista antifascista” configura um novo lugar de memória, no qual o enunciado se faz pela diferença (o gesto individual) dentro da regularidade (o movimento coletivo), compondo um espaço de resistência simbólica que é tanto singular quanto coletivo. Assim, o ciberespaço se configura como uma arena de disputa por sentidos, onde a memória e o engajamento se (re)constroem continuamente.

Se na postagem publicada por Anitta (44) observamos uma atualização enunciativa que reinscreve a forma linguística “artista” na memória coletiva da resistência antifascista, a Figura 45 analisada a seguir opera em direção oposta, tensionando e ironizando tal posicionamento. Trata-se de um meme que se inscreve no espaço de enunciação não como continuidade ou reforço de sentidos estabilizados, mas como força de disputa, evidenciando o caráter litigioso da linguagem. Como nos propõe Guimarães (2018), o espaço de enunciação é por excelência um espaço político, pois nele as línguas e os falantes não se distribuem de forma homogênea — há sempre assimetrias e confrontos que atravessam a constituição dos sentidos. Nessa perspectiva, a linguagem é um campo de embate, e a política se manifesta como condição de possibilidade da significação, já que “o político é incontornável porque o homem fala” (Guimarães, 2017, p. 22). Ao ironizar o uso da insígnia antifascista por diversas categorias sociais, sugerindo que tais falantes não compreendem o que de fato seria o fascismo, o enunciado em questão busca deslegitimar o referencial de resistência, depreciando o engajamento simbólico desses falantes plataformas enunciativo-digitais. Assim, esse acontecimento enunciativo evidencia uma luta pelo sentido e se inscreve na dinâmica do litígio — uma disputa que tensiona as fronteiras entre o que pode ou não ser enunciado legitimamente como antifascista.

Figura 45 – (45) Meme “Movimento Antifascista” contra o movimento



Fonte: NOVAS REGRAS DA INTERNET. *Facebook*. 1 de julho de 2020⁶⁸.

A Figura 45 é um exemplo de como o referencial histórico da forma linguística ‘antifascista’, ao se tornar um elemento recorrente no ciberespaço, é também colocado em xeque e alvo de disputas de sentido. Nessa composição, observa-se uma tentativa de deslegitimação do movimento antifascista ao ironizar seu uso nas plataformas por categorias como “jornalista”, “professora”, “economistas” e até mesmo “desempregado”. A figura incorpora elementos verbo-visuais associados ao movimento, como a estética do logo “antifa”, mas o faz para deslocar seu memorável e transformá-lo em objeto de escárnio. Ao lado disso, o texto da postagem reforça essa intenção ao questionar até mesmo a existência do fascismo — “(que sequer existe)” — e propor que se pare de “forçar” a identificação como antifascista, sugerindo, por fim, que “zoar” o movimento é mais aceitável do que levá-lo a sério.

Esse acontecimento enunciativo se inscreve nas redes de enunciação como parte de uma tensão constante entre memoráveis e projeções da futuridade. Como nos lembra Guimarães (2018), o espaço de enunciação é político e se organiza de forma desigual, pois nele há um

68

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/novasregrasdainternet1/posts/pfbid0J5khWd81JqZCHS7RcCQgxl1GWVJ8GkABkb cV2i3hsG7YgCssUavkBWiw2gb1mP8al>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

embate permanente entre línguas e sujeitos, que não ocupam os mesmos lugares ou possuem os mesmos acessos à legitimidade. Face a isso, a linguagem não é neutra: é atravessada por memórias, hierarquias e agenciamentos, o que torna o campo de disputa por sentidos uma arena de conflitos contínuos. No caso do exemplo (45) analisado, a linguagem do meme deixa de ser apenas humorística para se constituir como estratégia enunciativa do litígio: há aqui uma disputa direta pela significação da forma linguística “antifascista” — que, além de seu sentido histórico de oposição ao fascismo, vem sendo ressignificado nas redes como marcador de identidade política e social.

A circulação desse meme se dá em meio ao que Herring (2001) define como discurso mediado por computador (CMD), um campo que considera os usos da linguagem nos espaços digitais não apenas em seu aspecto técnico, mas como práticas sociais e culturais emergentes. Sendo assim, as postagens, comentários e compartilhamentos operam como formas de agenciamento discursivo que revelam os embates entre falantes e sentidos. No caso específico desta postagem (45), é possível perceber como o CMD se torna um terreno conflituoso: o meme assume o papel de intervenção política ao negar o lugar de fala de sujeitos que, nas redes, reivindicam sua posição como antifascistas por meio da materialidade linguística. A linguagem passa, então, a funcionar como ferramenta de exclusão simbólica, regulando quem pode ou não se posicionar dentro de certos regimes de visibilidade política.

Ao se apropriar do formato verbo-visual dos memes antifascistas para esvaziar-lhes parte de seu historicismo, o meme (45) reconfigura o próprio movimento memético. Em vez de promover engajamento político, o meme propõe uma dessacralização do engajamento, reforçando o ponto de vista do deboche e da suposta lucidez diante do ‘modismo’ que seria, aqui, ser antifascista. É nesse ponto que se materializa a tensão da linguagem em rede: ao mesmo tempo em que os memes se constituem como formas potentes de articulação política e mobilização social, eles também podem ser instrumentalizados para reverter sentidos, gerar ruídos e promover discursos de desmobilização.

O meme, portanto, é capaz de materializar o conflito enunciativo que é próprio das redes de enunciação. Ele não apenas participa de um jogo de significação, mas tenta regular esse jogo, prescrevendo quem pode ou não jogar, ou melhor, como jogar. O meme, nessa conjuntura, revela-se como ‘espaço’ privilegiado de (des)negociação dos sentidos — espaço este que, longe de ser neutro ou democrático, é moldado por relações de poder e memória. Ao tensionar o discurso antifascista, o meme reforça que toda forma linguística está sujeita a disputas e reinscrições, sendo o espaço de enunciação digital, por excelência, um campo vivo de embates, nos quais o político se instala como dimensão estruturante da linguagem.

Figura 46 – (46) Meme “Movimento Antifascista” Terraplanistas



Fonte: *Google*⁶⁹

No que se refere à dimensão visível no exemplo (46), podemos observar apropriação da estética visual dos memes antifascistas, marcada por uma regularidade composicional: o círculo com as cores preto, vermelho e branco com palavras no seu entorno, a forma linguística “antifascista” e um símbolo central. A fidelidade do plano orgânico cria uma familiaridade verbo-visual que se articula em rede com os selos de identificação antifascista que circulam amplamente no ciberespaço, reforçando o reconhecimento memético da forma. Já na dimensão não visível, que opera no plano do simbólico, as formas linguísticas mobilizam referenciais históricos frequentemente associadas a posições discursivas opostas: o pensamento conspiratório (terraplanismo) que se ancora à crença pseudocientífica de que a Terra é plana, evocando na memória sentidos relacionados à anti-ciência, negacionismo e descrédito das instituições científicas — um posicionamento que, no espaço político atual, é muitas vezes associado a discursos conservadores, antiglobalistas e desinformativos. Por outro lado, o engajamento político (antifascismo) evoca sentidos inscritos na resistência histórica a regimes autoritários, sendo associado a movimentos progressistas que defendem a democracia, os direitos humanos e a justiça social. Assim, a justaposição desses dois polos no meme (46) cria um efeito de dissonância irônica que tensiona os sentidos da forma linguística “antifascista”, deslocando-a de sua historicidade e inserindo-a em um jogo de esvaziamento e ridicularização, típico das dinâmicas enunciativas no espaço de enunciação digital, onde os embates por significação e autoridade simbólica são constantemente mediados por disputas política entre dizeres e contra-dizeres.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/caiu-na-rede-a-galera-nao-perdoa-e-lanca-terraplanistas-antifascistas-e-ate-fascistas-antifascistas/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

A articulação entre as dimensões visíveis e não visíveis evidencia o funcionamento da forma linguística como lugar de tensão entre estabilidade e movimento de sentidos. Enquanto o plano visível (ou orgânico) garante o reconhecimento da forma “antifascista” por sua regularidade gráfica e composicional, o plano não visível (ou enunciável) atua no nível simbólico, ativando memórias, sentidos históricos e posicionamentos. Como propõe Dias (2018), é nesse entrelaçamento que a forma linguística deixa de ser apenas estrutura e se torna espaço de projeção enunciativa, onde falante, língua e história se inscrevem e se confrontam.

A língua, em seu funcionamento, está sempre atravessada por disputas de sentidos e reposicionamentos sociais e políticos, especialmente em espaços digitais de circulação acelerada. Assim, os memes, ao mesmo tempo que mantêm a regularidade histórica dos usos, também deslocam e desafiam essa estabilidade histórica dos sentidos.

Figura 47 – (47) Meme “Movimento Antifascista” Maconherada



Fonte: *Google*⁷⁰

O meme “Maconherada Antifascista” (47) se ancora verbo-visivelmente nos elementos composicionais regulares do selo memético antifascista: o círculo de fundo branco contornado de preto, o uso das cores preto e vermelho e a presença da forma linguística “antifascista” disposta na borda inferior. Tais marcas de regularidade pictoriais operam no plano da repetição, assegurando o reconhecimento em rede e sua circulação como parte do espaço de enunciação digital. No entanto, é na diferença que emerge a fecundidade e singularidade do meme: o uso da forma linguística “maconherada” e a substituição das bandeiras por dois “cigarros” estilizados — que mantêm a composição cromática e a disposição visual das bandeiras antifascistas (40) — propõem uma resignificação orientada pela ironia. Essa modificação

⁷⁰ Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/06/01/usuarios-trocam-perfis-nas-redes-por-simbolo-antifascista/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

sustenta um jogo político verbo-visual, onde o gesto de manutenção formal contrasta com a subversão semântica, ativando sentidos múltiplos.

No plano simbólico e histórico, “maconherada” carrega uma memória marcada por estereótipos. Historicamente, essa forma linguística tem sido mobilizada em enunciados pejorativos para desqualificar sujeitos ligados a movimentos progressistas, antiautoritários ou contra-hegemônicos, sobretudo em cenários de embates políticos polarizados. É uma designação marcada por julgamentos morais e sociais que evocam a imagem de pessoas engajadas em lutas por pautas sociais — como legalização das drogas, igualdade racial, liberdade de expressão e resistência ao autoritarismo — como “desocupadas” ou “desordeiras”, numa tentativa de esvaziar a legitimidade de suas ações e bandeiras. Tal significação se atualiza na imagem analisada por meio da articulação irônica entre o termo estigmatizante e a estética militante, o que tensiona os sentidos disponíveis na rede. Essa tensão reflete uma disputa enunciativa que se inscreve historicamente na rede de significações mobilizadas pelos episódios políticos de 2020 no Brasil, quando manifestações antifascistas ganharam visibilidade após o assassinato de George Floyd nos EUA e, simultaneamente, como resistência ao fechamento do STF e às ameaças à democracia durante o governo Bolsonaro. A forma “maconherada”, ao ser reinscrita na materialidade do selo antifascista, desloca para uma orientação de sentido pejorativa, uma vez que resgata essa polarização ao criticar aqueles que lutam pelas pautas progressistas, sociais e democráticas.

Como propõe Guimarães (1996, 2010), a significação é efeito da história dos usos linguísticos, e a forma linguística se constitui por essa trajetória enunciativa. Assim, “maconherada” torna-se forma fecunda, pois atualiza sentidos, condensa referenciais históricos e projeta novas possibilidades de enunciação. Ao manter as marcas de regularidade do meme — círculo, cores, forma gráfica — e ao mesmo tempo inscrever traços de singularidade — a ironia, os cigarros, a forma linguística “maconherada” —, a imagem tensiona a fronteira entre o escárnio e o engajamento, reafirmando o caráter instável e disputado da língua em rede. Esse movimento evidencia como a Semântica Histórica da Enunciação se constitui na relação entre o plano orgânico e o simbólico da língua, onde a forma linguística opera como espaço de luta por sentidos.

Observemos, agora, o exemplo a seguir no que diz respeito à fidelidade e à fecundidade presente nas redes de enunciação.

Figura 48– (48) Meme “Movimento Antifascista” Bacon Antiveganos



Fonte: SERGINHO BOTELHO, @SergioBotelhobr. X. 2 de junho de 2019⁷¹.

A Figura 48 em questão foi publicada como resposta a uma postagem do cantor César Menotti que dizia: “Subi na balança e me senti num carro de fórmula 1. Foi de 0 a 150 em menos de 3 segundos”. Afim de interagir com a piada do cantor, o falante, no movimento de susceptibilidade enunciativa, apropriada e é apropriado pelo meme do “Movimento Antifascista” orientando um tom de humor e provocação na plataforma. O uso da hashtag “#PAS” reforça o tom cômico e conciliador da postagem, sendo uma forma linguística regular de brincadeiras na *internet* quando se estabelece uma polêmica e, em seguida, se pede uma trégua informal ou se tenta aliviar o clima com humor. Nesse cenário, o exemplo (48) brinca com a estética do engajamento político ao mesmo tempo em que a esvazia e ressignifica, operando na ambiguidade entre o gesto irônico e a crítica velada. Desse modo, sem utilizar a materialidade da forma linguística “antifascista”, por que a Figura 48 pode ser reconhecida nas redes de enunciação do meme “Movimento Antifascista”?

A Figura 48 pode ser reconhecida nas redes de enunciação do meme antifascista porque mantém, por meio da fidelidade, elementos verbo-visuais do meme como o círculo com fundo branco e contorno preto, as cores contrastantes, o símbolo das bandeiras no centro do símbolo, palavras em torno do emblema, além do prefixo “anti” presente na forma linguística

⁷¹ Disponível em: <https://twitter.com/SergioBotelhobr/status/1267826250938150912>. Acesso em 15 de abr. 2025.

“antiveganos”. Esses traços funcionam como marcas de regularidade que ativam o reconhecimento na rede de enunciados, permitindo, assim, que o meme circule como parte de um repertório compartilhado no ciberespaço. No entanto, ao inserir novas formas linguísticas — como “Bacon” e “Antiveganos” — e substituir o símbolo matriz (40) por outros signos, como a fatia de bacon sobreposta na bandeira, o meme (48) também projeta a diferença e a fecundidade, revelando sua capacidade de atualização. Nessa direção, a fecundidade atua no movimento de susceptibilidade enunciativa, uma vez que o falante é, de certa maneira, orientado a expressar sua individualidade nessa rede: a inserção da construção de um grupo “Bacon Antiveganos”.

Ainda que o meme apresente diferenças significativas, ele deve ser compreendido a partir de uma rede de enunciações, visto que o meme não pode ser examinado como um “exemplo-ilha”, mas sempre em articulação, visíveis ou não, com outros enunciados. Por conseguinte, sua materialidade linguística não é autônoma, nem isolada, mas parte de uma complexa teia de significações. O meme é um acontecimento enunciativo que mantém sua filiação histórica ao mesmo tempo que projeta novos direcionamentos.

É interessante observar que o deslocamento de sentido presente no exemplo (48) não é gratuito: ele se ancora na materialidade do símbolo antifascista, cuja história remete à resistência contra regimes autoritários e opressivos. A manutenção da forma do símbolo e da posição das “bandeiras” (mesmo que convertidas em alimento) mantém viva a memória do movimento, gerando um contraste simbólico entre a gravidade do referencial matriz e a banalidade da nova causa mobilizada — o suposto enfrentamento aos veganos. A ironia se intensifica pela “tentativa” de silenciamento dos sentidos sustentados pelo “antifascismo” e pela substituição por um embate marcado por tons debochados e politicamente descompromissados, aproximando-se de disputas contemporâneas mais triviais e, em certa medida, caricatas

Essa prática de remixagem ilustra uma das principais características da cibercultura: o caráter colaborativo, coletivo e constantemente atualizável da produção de sentido. Ao transformar um símbolo histórico em um suporte para disputas identitárias contemporâneas, o falante reconfigura o conteúdo sem eliminar totalmente a matriz visual, o que sustenta a ideia de que os memes, ao mesmo tempo em que repetem, criam — ou melhor, recriam diferenças.

Considerando os referenciais que propõe deslegitimar a causa do movimento antifascista, vejamos Figura (49) a seguir:

Figura 49 – (49) Meme “Movimento Antifascista” deslegitimação da causa



Fonte: DOM, @domlancellotti. X. 3 de junho de 2020⁷².

A Figura 49 explora a relação de repetição e diferença das redes de enunciação com o intuito de hostilizar o movimento memético antifascista. Desse modo, a postagem satiriza a suposta proibição de se fazer humor com o símbolo ANTIFA ao mesmo tempo em que reproduz mais um exemplo de meme com o selo — desta vez com o enunciado “A louça na pia, muié”, numa variação verbo-visual que altera as cores para rosa e preto. A estética mantém a regularidade do selo antifascista (circular, com bandeiras sobrepostas), mas os referenciais se afastam da luta contra o fascismo ao mobilizar um referencial machista, ancorado em práticas históricas de opressão de gênero. O enunciado — usado, historicamente, como forma de deslegitimar ou silenciar mulheres, especialmente em debates — sugere que, diante de sua fala ou posicionamento, deveriam se ocupar com tarefas domésticas.

Essa atualização enunciativa modifica elementos verbo-visuais, mas mantém certa fidelidade — com repetição da forma do selo antifascista — que resulta no deslocamento da

⁷² Disponível em: <https://x.com/domlancellotti/status/1268204587741253639?lang=ar>. Acesso em 15 de abr. 2025.

historicidade da forma linguística “antifascista”, esvaziando a crítica e a seriedade do movimento. Tal implicação transforma o símbolo em objeto de ironia, engajando outros usuários não pela causa, mas pelo humor. Nessa direção, o deslocamento dos sentidos ativa o que Pierre Lévy (1999) chama de zonas de familiaridade, típicas das redes de enunciação sob a ótica digital: agrupamentos de sentidos e referenciais que aproximam falantes com ponto de vistas semelhantes, produzindo um espaço onde a ironia contra o movimento antifascista se torna comum, aceitável e até celebrada.

Nesse processo, o meme cumpre uma função identitária — não apenas satiriza, mas cria uma rede em que os sujeitos se reconhecem por meio da repetição do humor que enfraquece ou deslegitima causas progressistas. Ou seja, o meme (49) serve para marcar a separação entre dois grupos em polarização: os que apoiam o antifascismo e os que se opõem ou ridicularizam suas práticas e discursos. Essas zonas não são fixas — como afirma Lévy (1999), são “móveis, mutáveis, em devir” — mas atuam como pontos de conexão entre falantes com interesses e perspectivas afins, fortalecendo uma rede de circulação que reproduz e amplifica a crítica ao movimento.

Ao instrumentalizar a estética do selo antifascista como forma de capitalizar engajamento por meio do humor no ciberespaço, esse tipo de meme escancara as tensões internas do ativismo digital e mostra como símbolos de resistência podem ser esvaziados ao serem reduzidos a conteúdo viral. A piada, nesse caso, não é neutra: ela age como ferramenta de deslocamento ideológico, contribuindo para uma disputa política em que o termo “fascista” perde seu referencial histórico associado a regimes autoritários, pós-Primeira Guerra Mundial, e passa a ser manipulado linguisticamente por grupos de direita como forma de ridicularizar discursos de esquerda. Portanto, o meme não apenas circula, mas organiza sentidos nos fios das redes, traçando fronteiras entre modos de ver e interpretar o mundo — exatamente como operam as redes de enunciação na cibercultura.

Com efeito, a forma linguística “antifascista” é afetada historicamente por diferentes zonas de familiaridade e referenciais. Esse processo de fecundidade acelerada e quase que imensurável configura um movimento de deslocamento enunciativo, em que a crítica política da esquerda é ressignificada e diluída dentro de um discurso humorístico que se articula frequentemente à polarização política no Brasil. O uso da forma linguística “fascista”, relacionado à crítica à extrema-direita e à defesa da democracia, passa a ser utilizado de forma irônica, sob um “guarda-chuva semântico” que deslegitima o discurso antifascista e enfraquece seu engajamento, uma vez que se ancora em outros memoráveis. Assim, os memes, como em (49), funcionam como ferramentas de ataque simbólico ao movimento progressista, ao mesmo

tempo em que se tornam viralizáveis por sua estrutura cômica e formatada — estimulando que outros usuários, por meio da susceptibilidade enunciativa, sigam o modelo e gerem novas variações.

O conflito referencial e a disputa pelo sentido no espaço de enunciação digital se sustentam, muitas vezes, na polarização política vivenciada no Brasil que intensificou uma espécie de guerra dos memes, como observamos também no “Faz o L”. Sendo assim, analisemos o meme a seguir que assume um posicionamento de oposição entre as zonas de familiaridade.

Figura 50 – (50) Meme “Movimento Antifascista” Bolsonaristas Antibolsonaro



Fonte: GADODECIDER, @GadoDecider. X. 12 de setembro de 2021⁷³.

Assim como o meme (48), a forma linguística “antifascista” não está materialmente presente na Figura 50. No entanto, é possível resgatar seu memorável por meio dos elementos verbo-visuais inseridos na fidelidade do meme como o emblema circular e o formato das bandeiras do movimento antifascista, o prefixo “anti” na forma “antibolsonaro”, além das palavras escritas em torno da insígnia, uma na parte de baixo e outra na parte superior. Tais aspectos da organicidade se articulam aos componentes da individualidade e da fecundidade do meme como as cores verde e amarelo, as formas linguísticas “bolsonaristas” e “antibolsonaro” e o desenho presente em uma das bandeiras. Por conseguinte, o plano visível e orgânico é afetado historicamente, ou seja, a materialidade linguística estabelece articulações que vão além dos processos articulatórios intranominal, subnominal, internominal e predicativa. Sendo assim,

⁷³ Disponível em: <https://twitter.com/GadoDecider/status/1437053382712123404>. Acesso em 15 de abr. 2025.

as dimensões visíveis são balizadas sócio-historicamente na medida em que se articulam à dimensão não visível e ao plano do simbólico.

Nessa direção, de que maneira o meme (50) adquire pertinência enunciativa no ciberespaço e produz a significação em rede? A forma linguística “bolsonaristas” foi criada para se referir aos eleitores e apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Geralmente, eles são associados a posições políticas conservadoras, apoio à intervenção militar, pautas como armamento da população, combate ao comunismo e defensores do nacionalismo – elemento verbo-visual que reforça os referenciais das cores da bandeira do Brasil verde e amarelo presente no meme. Já o desenho da vaca/do boi na bandeira faz ancoragem ao termo “gado”, regularmente utilizado nas plataformas enunciativo-digitais como forma pejorativa de se referir a apoiadores do ex-presidente Bolsonaro que o seguem de maneira considerada cega ou acrítica. O elemento pictorial do gado com boina militar reforça a crítica, conectando o seguidismo à militarização do discurso político bolsonarista. Trata-se, assim, de uma atualização enunciativa que projeta críticas à alienação política, associada à obediência cega e à idolatria da figura presidencial, além de ridicularizar a trajetória de apoiadores arrependidos — os “bolsonaristas antibolsonaristas”.

A forma linguística “bolsonaristas antibolsonaro”, à primeira vista, parece um paradoxo linguístico. Do ponto de vista gramatical ou semântico tradicional, a junção entre um termo que indica pertencimento ou apoio (“bolsonaristas”) e outro que indica oposição (“antibolsonaro”) parece contraditória, como se alguém pudesse simultaneamente ser a favor e contra uma mesma figura política. No entanto, essa formulação, além do enunciado “É hoje” (50), se ancora em uma dimensão histórica: durante os protestos em 2021⁷⁴ — organizados por movimentos como o MBL e o Vem Pra Rua, sem apoio de partidos de esquerda —, muitos dos participantes eram antigos apoiadores de Bolsonaro que passaram a criticá-lo, o que deu origem a essa categoria ambígua. Assim, a aparente contradição da forma linguística revela, na verdade, uma mudança de posicionamento político e um jogo de identidade em meio à polarização, mostrando como, nas redes de enunciação, os sentidos ultrapassam a gramática e se constroem na relação entre língua e memória.

A análise do meme (50) evidencia a complexa rede de relações enunciativas que se estabelece no espaço de enunciação, permeada por dimensões orgânicas e simbólicas. A forma linguística aparentemente contraditória se torna pertinente à medida que sua materialidade ativa

⁷⁴ Disponível em: https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/09/13/atos-do-dia-12-de-setembro-contrabolsonaro-tem-baixa-adesao-pelo-pais-saiba-os-motivos.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 23 de abr. 2025.

uma teia articulatória que associa elementos visíveis e não visíveis, projetando sentidos a partir de referenciais históricos. Nessa linha, a articulação, como propomos, ultrapassa a conexão sequencial entre unidades linguísticas e passa a operar como um movimento que vincula o que está dito ao que é evocado na memória e nos referenciais sócio-históricos que circulam nas redes. A insígnia circular, a estética do antifascismo, as cores nacionais e o desenho do “gado” com boina militar não apenas compõem o plano visível da enunciação, mas se articulam a camadas simbólicas de crítica, identidade e pertencimento, formando uma malha de sentidos que se atualiza no ciberespaço. Essa rede de enunciação, portanto, se constrói em articulações que operam por elos transversais, em que os sentidos se movem entre a fidelidade à forma e a fecundidade do dizer, desafiando lógicas lineares e evidenciando como a língua, em sua dimensão semântico-enunciativa, performa o político, o histórico e a individualidade em um mesmo acontecimento de linguagem.

Ao observarmos o exemplo (50), notamos que o meme “bolsonaristas antibolsonaro” ultrapassa sua dimensão de evento pontual ao se inscrever em uma teia de usos e reformulações no espaço de enunciação digital, o que evidencia sua longevidade. A articulação entre fidelidade e fecundidade garante o reconhecimento do meme e sua capacidade de adaptação a novas conjunturas enunciativas, mas é a longevidade que permite que essas atualizações permaneçam em circulação e sejam retomadas por diferentes coletividades em outros referenciais. Nesse âmbito, ao se atualizar por meio de versões que evocam memórias individuais/sociais e posicionamentos políticos, o meme se torna um marcador enunciativo duradouro no ciberespaço. É nesse mesmo eixo que podemos compreender o surgimento e a propagação do perfil “cadeira.antifascista” no exemplo (51), que se ancora no plano simbólico da resistência antifascista para instituir um novo acontecimento enunciativo, mantendo-se fiel a referenciais anteriores enquanto atualiza a linguagem, os símbolos e a performance digital de coletividades antifascistas. A análise desse novo exemplo nos permitirá observar como a longevidade dos memes atua na constituição de redes de enunciação que se fortalecem por meio da repetição, diferença e da individualização em rede.

Figura 51 – (51) Meme “Movimento Antifascista” Cadeira



Fonte: CADEIRA.ANTIFASCISTA, @cadeira.antifascista. *Instagram*. 19 de setembro de 2024⁷⁵.

A Figura 51, proveniente do perfil “cadeira.antifascista” no Instagram, evidencia como os memes, ao serem inseridos em redes de enunciação, adquirem força simbólica e potência de propagação. A celebração dos 10 mil seguidores em apenas três dias não é apenas um dado quantitativo, mas um marcador da aderência e da pertinência enunciativa desse acontecimento no ciberespaço. Essa rapidez de circulação e engajamento revela que estamos diante de uma forma linguística – “cadeira” – que, ao se articular com “antifascista”, mobiliza referenciais históricos densos, instaurando uma nova significação para além de sua materialidade ordinária.

A pergunta que orienta esta análise – Quais são os referenciais históricos mobilizados pela forma linguística “cadeira” e quais são as articulações estabelecidas com a forma “antifascista”? – nos conduz à compreensão de que a significação do meme depende da articulação entre história, tempo, espaço e falante. Nessa direção, a forma “cadeira” é ancorada em um memorável: durante um debate eleitoral ao governo de São Paulo, o apresentador Datena atira uma cadeira contra Pablo Marçal, político associado a pautas da extrema-direita. Esse evento, ressignificado no espaço de enunciação digital, adquire estatuto memético por meio da susceptibilidade enunciativa, uma vez que é retomado em outras enunciações e atualizado como um ato de resistência contra ideais da extrema direita, dada a associação política de Marçal. Logo, a forma linguística “cadeira”, antes vinculada à designação de um objeto funcional do cotidiano, sofre um deslocamento semântico-enunciativo ao ser ressignificada a partir de referenciais históricos e memórias que entrecruzam o movimento antifascista e a cadeira atirada em Pablo Marçal durante um debate.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAGRmf1O07j/>. Acesso em: 15 de abr. 2025.

É nesse processo de atualização que podemos observar os efeitos da fidelidade, da fecundidade e da longevidade meméticas. A fidelidade se manifesta na preservação de elementos orgânicos e simbólicos da rede: o combate ao fascismo e à extrema-direita, a ironia como estratégia retórica, a performance digital engajada e o emblema circular antifã. A fecundidade, por sua vez, se expressa na capacidade desse meme de gerar novas versões, ressignificações e apropriações: como o uso da figura da cadeira no centro da insígnia, a forma linguística cadeira que se desloca para novos territórios enunciativos, tendo em vista sua historicidade. Já longevidade, enquanto atualização contínua da forma dentro da rede de enunciações, sustenta regularidade desse meme no ciberespaço. Tal como afirma Silva (2019), os memes são fenômenos que se prolongam no tempo por meio de sua enunciação recorrente em diferentes memoráveis e pela sua regularidade de uso entre os eixos da resistência e da mudança. O meme “cadeira antifascista”, ao condensar passado, presente e futuridade, sustenta-se como forma que não apenas reitera um posicionamento político, mas também projeta sentidos para o porvir, tornando-se baliza da susceptibilidade enunciativa e da individualização em rede. Sendo assim, o que está em jogo aqui é o que Guimarães (1996, p. 27) define como historicidade da forma: “as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações”. A “cadeira”, nesse acontecimento, já não é apenas um objeto: ela é condensação simbólica de um gesto de enfrentamento, ancorado em uma memória e politicamente situada.

Assim, temos uma temporalidade enunciativa complexa. A ancoragem está no memorável – a ‘cadeirada’, como gesto de rompimento com o pacto do debate democrático com a extrema-direita, que remete também à longa tradição da resistência antifascista. O presente, por sua vez, se configura como o momento de pertinência – a linguagem do meme se atualiza no *Instagram*, ganha novos contornos, torna-se pertinente no embate digital e nas redes de resistência, articulando-se com outras enunciações políticas e culturais. E a futuridade emerge como abertura para novos sentidos: a “cadeira antifascista” se torna um símbolo passível de reprodução, de reuso, de identificação, permitindo que novos sujeitos ingressem nessa rede, ativando memórias e projetando pontos de vistas.

Por fim, ao compreendermos, com Dias (2022), que a significação é histórica porque se inscreve em um movimento social de direcionamentos cruzados, podemos afirmar que esse meme só adquire pertinência por sua posição numa rede de enunciações – uma rede em que a linguagem é relacional, e onde nenhuma forma opera sozinha. A forma “cadeira” não se sustenta por si, mas pelas histórias, pelo tempo, pelo espaço e pelos falantes. É nesse emaranhado de dizeres, nessa mobilidade da história, que o meme “cadeira antifascista” se constitui como uma forma linguística viva, política, individual e coletiva.

A partir da análise do meme “Movimento Antifascista”, observamos como a significação se constitui em rede, por meio de articulações entre formas linguísticas, memórias, história e atualizações enunciativas que tensionam sentidos no acontecimento enunciativo. Dando continuidade a esse percurso, voltamo-nos agora ao meme “Patriota do Caminhão”, em que os sentidos emergem da composição verbo-visual e das disputas políticas que mobilizam referenciais em circulação no espaço de enunciação digital.

3.3 Meme “Patriota do Caminhão”

O meme “Patriota do Caminhão” começou a ser replicado no ciberespaço após a divulgação de um vídeo, no qual um apoiador/eleitor do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro aparece agarrado ao para-brisa de um caminhão que furou o bloqueio de manifestantes que protestavam contra o resultado das eleições de 2022. O caso aconteceu quatro dias após o resultado que decretou a derrota de Bolsonaro para o presidente Lula no segundo turno. O vídeo não apenas viralizou, mas se tornou memético⁷⁶, especialmente por conter imagens da cena gravadas de fora do caminhão e de dentro, pelo próprio motorista.

Figura 52 – (52) Meme “Patriota do caminhão” e o elemento matriz



Fonte: *Google*⁷⁷

É importante ressaltar que não trabalhamos com a noção de originalidade na perspectiva semântico-enunciativa. Passado, presente e futuro coexistem na temporalidade em rede. Muito além de discutir se já existiu ou se já foi usada determinada forma linguística, nosso objetivo principal é examinar as ancoragens e projeções, levando em consideração as demandas de

⁷⁶ Disponível em: <https://istoe.com.br/meme-do-ano-patriota-do-caminhao-viraliza-nas-redes-sociais-e-vira-ate-fantasia/>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5050191-patriota-explica-como-e-por-quanto-tempo-ficou-pendurado-em-caminhao.html>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

presentificação. Ou seja, não faz parte dos nossos pressupostos teóricos discutir o surgimento do termo “Patriota do Caminhão” na história das enunciações. Utilizamos a noção de elemento matriz enunciativo para representar um modelo/ocorrência em que o meme se ancora no intuito de se replicar e ter alcance no espaço de enunciação digital. Logo, nosso foco está em analisar as possibilidades enunciativas, ações meméticas, referenciais históricos, projeções e mudanças na significação das formas linguísticas que estabelecem uma relação em rede sem pontas e sem uma ideia cronológica.

Dessa maneira, no intuito analisar as possibilidades enunciativas decorrentes do movimento memético, vejamos a Figura 53 a seguir:

Figura 53 – (53) Conjunto de memes “Patriota do Caminhão” relativo à viagem



Fonte: *Google*⁷⁸

No que tange à dimensão visível e ao plano orgânico, notamos que a Figura 53 apresenta uma sequência de imagens retratando lugares diferentes. Na questão da fidelidade do meme (53), identificamos a imagem do “Patriota do Caminhão” (52) de frente e lateralmente. A característica da fidelidade permite que um meme seja reconhecido na rede devido a regularidade de elementos materiais e simbólicos. No entanto, como afirmam Dawkins (2007) e Deleuze (2021), a repetição nunca é do mesmo. Desse modo, percebemos que o exemplo (53) insere um caminhão branco com um homem de camisa amarela (“Patriota do Caminhão”) em frente a diversos cenários icônicos do mundo, como o Big Ben em Londres, a Torre Eiffel em

⁷⁸ Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/patriota-do-caminhao>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

Paris, as Pirâmides do Egito, o Taj Mahal na Índia e até a Lua. Esses lugares se caracterizam pela fecundidade, ou seja, pela diferença na construção dessa rede. A mudança dos lugares/paisagens ao fundo, mantendo a imagem do homem agarrado ao caminhão, constrói a ideia de movimento de que ele supostamente estaria realizando uma viagem pelo mundo. Dito isso, o efeito humorístico do meme (53) se ancora nessa justaposição do veículo com paisagens mundialmente reconhecidas, criando uma incongruência visual. Com efeito, o meme (53) orienta a ironia e a hipérbole na (re)construção da significação, sugerindo que o caminhoneiro percorreu uma jornada absurda e improvável, inclusive fora do planeta. Esse tipo de construção verbo-visual se ancora nos referenciais que satirizam a ideia do nacionalismo exacerbado e da onipresença simbólica de certos grupos, especialmente na situação político e social em que o meme circula.

Figura 54 – (54) Meme “Patriota do Caminhão” e a música da Anitta



Fonte: *Google*⁷⁹

O processo de memetização em rede se caracteriza por uma temporalidade sem marcações cronológicas que atualiza dizeres no intuito de adquirir pertinência enunciava. Nessa direção, o meme (54) compara duas figuras distintas, considerando o plano orgânico da dimensão verbo-visual. À esquerda, vemos a cantora Anitta posando em frente a um ônibus com a legenda “Girl from Rio”, ancorando referencialmente à sua música que exalta a identidade carioca. À direita, há a reprodução de um famoso momento de protesto no Brasil (52), no qual um homem de camisa amarela se agarra à frente de um caminhão em movimento, com a legenda alterada para “Gado from protesto”. Esses enunciados evidenciam a materialidade da linguagem verbal aparecendo como letreiros de ônibus que geralmente sinalizam sua identificação e destino. Dessa maneira, o meme explora a fidelidade a partir da

⁷⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/04/video-com-bolsonarista-empara-brisa-de-caminhao-gera-memes-veja.ghtml>. Acesso em 23 de mar. 2025.

comparação de duas pessoas em frente a um veículo de grande porte, além do ângulo da fotografia. Já a fecundidade e a diferença da rede estão nas ancoragens do referencial histórico. Observamos um contraste ancorado na divulgação da música “Girl from Rio” da cantora Anitta sobre o orgulho de ser carioca e uma satirização com a imagem do “Patriota do Caminhão” o identificando como “Gado from Protesto”. A forma linguística “gado” resgata memoráveis, uma vez que tem sido usada regularmente de forma pejorativa no cenário político brasileiro para se referir a apoiadores fiéis e incondicionais de ex-presidente Jair Bolsonaro. Tal referencial sugere que essas pessoas (gados) seguem o político de maneira acrítica, como um rebanho que simplesmente acompanha o grupo sem questionamentos. Entre regularidades e diferenças, o meme (54) atualiza e adquire pertinência enunciativa ao promover a música da Anitta e comparar essa situação do ônibus à imagem do “Patriota do Caminhão orientado, em tom humorístico, uma sátira aos eleitores de Bolsonaro.

Figura 55 – (55) Meme “Patriota do Caminhão” criação de perfis



Fonte: Pesquisa realizada na plataforma *Facebook* sob a ótica das redes enunciativas⁸⁰

A busca pela expressão “Patriota do Caminhão” na plataforma enunciativo-digital Facebook (55), a partir das redes em sua ótica metodológica (Dias, 2018), revela a existência de múltiplos perfis voltados à circulação e ressignificação do meme, indicando não apenas sua ampla repercussão, mas também a inscrição de diferentes pontos de vista na materialidade digital. Esses perfis, que se apresentam com variações sutis de nomes e descrições (“humorista”, “bar de comédia”, “Deus, pátria e família”), são enunciados em rede que performam individualidades e orientações enunciativas, funcionando como núcleos de aglutinação simbólica em bolhas sociais no ciberespaço.

Compreendendo a rede como estrutura rizomática (Lemos, 2015), percebemos que os sentidos atribuídos à figura do caminhoneiro não se encerram em uma estabilidade fixa, mas

⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=patriota%20do%20caminh%C3%A3o>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

são ativados nas práticas de compartilhamento, edição e reinscrição da materialidade. Cada perfil que assume a função de página dedicada ao meme o faz a partir de uma função-autor politicamente orientada (Carvalho, Dias, 2021), na qual o ponto de vista e a memória coletiva articulam a significação. Assim, a autoria aqui não é entendida como produção original, mas como posição enunciativa que emerge da interação com um repertório histórico e simbólico compartilhado, considerando a individualização em rede. O “Patriota do Caminhão” torna-se, portanto, uma figura semântica-enunciativa que condensa memórias de um momento político específico e atualiza sentidos em diferentes bolhas sociais. Como demonstram Santaella e Kaufman (2020), as plataformas digitais personalizam acessos e buscam a promoção da homogeneização de sentidos, conectando os falantes com aquilo que confirma seus posicionamentos, em vez de promover a exposição ao contraditório – no caso da Figura 55 grupos de esquerda opositores de Bolsonaro.

Nessa conjuntura, o exemplo (55) evidencia aquilo que Recuero (2014) denomina como formas de individualização no ciberespaço, materializadas nos perfis que se constituem como enunciados performáticos. Essas escolhas performam singularidades que se constroem em função dos referenciais e da autoria assumida por seus falantes. Segundo Recuero (2014), os perfis não são elementos estáticos, mas representações dinâmicas construídas na interlocução com os demais atores da rede. Os sentidos atribuídos ao meme, portanto, não são determinados de antemão, mas modulados pelas trocas simbólicas que os perfis mantêm com suas comunidades — através de comentários, curtidas, compartilhamentos e reações — o que revela o caráter relacional. Assim, esses perfis não apenas replicam um meme, mas atualizam-no em rede, inscrevendo nele posicionamentos, valores e disputas simbólicas que atravessam o espaço de enunciação digital. Sendo assim, o “Patriota do Caminhão”, enquanto meme, evidencia assim a complexidade das disputas políticas que marcam o ciberespaço e explicita o modo como a enunciação em rede reorganiza a esfera pública, evidenciando não apenas a circulação de sentidos, mas a constante (re)construção de falantes e de pontos de vista na dimensão verbo-visual.

A rede, que na perceptiva metodológica organiza as formas linguísticas por semelhanças e contrastes, se amplia na medida que relaciona elementos da memória e do ciberespaço que perpassam por falantes, tempo, história e espaço na (re)construção de elos de significações imensuráveis. Observaremos, abaixo, o papel da fidelidade e da fecundidade nessas reelaborações.

Figura 56 – (56) Meme “Patriota do Caminhão” referenciais em rede



Fonte: Rede construída a partir da página do *Facebook* Patriota do Caminhão⁸¹

A Figura 56 é composta por quatro memes que apresentam diferentes referenciais nos quais o personagem “Patriota do Caminhão” é inserido. O reconhecimento da figura do homem diante do caminhão — elemento central do meme — garante sua fidelidade e regularidade, ou seja, mantém-se a ancoragem verbo-visual que assegura a continuidade da rede por meio do elemento matriz. Mesmo com as atualizações e os deslocamentos referenciais, a unidade pictorial do “patriota” continua sendo projetada como núcleo de sentido da repetição, reforçando sua força enunciativa e viral.

Em relação à fecundidade, notamos que o primeiro meme (canto superior esquerdo) está ancorado no memorável do *Legó*, um brinquedo de montar composto por peças de plástico interconectáveis (geralmente blocos retangulares com pinos) que, no caso do exemplo (56), permite a construção do “Patriota do Caminhão”. O meme do canto inferior esquerdo retoma a cena final do filme “*Velozes e Furiosos 7*”, um dos momentos mais emblemáticos da franquia, marcado pela despedida entre os personagens Dominic Toretto (Vin Diesel) e Brian O’Conner (Paul Walker). A sequência tornou-se um símbolo de separação, homenagem e emoção profunda, especialmente por ter sido lançada após a morte de Paul Walker, e ganhou ampla circulação e reaproveitamento em outras cenas de despedida nas redes. No caso da Figura 56 analisada, temos um aspecto verbo-visual da inserção do “Patriota do Caminhão” ao fundo, atrás da janela de um dos carros. No meme do canto superior direito, ocorre um entrecruzamento de enunciações que reúne dois memes: o “patriota do caminhão” e a ativista ambiental Greta Thunberg. O enquadramento visual traz a imagem da Greta realizando uma refeição enquanto o “Patriota do Caminhão” aparece na janela com a ideia de movimento em

⁸¹ Disponível em: https://www.facebook.com/patriotadocaminhao?_rdc=1&_rdr#. Acesso em: 01 de mai. 2025.

uma estrada. Essa justaposição visual na janela da Greta também se tornou memética no ciberespaço. Já no último meme (canto inferior direito), o recorte verbo-visual do patriota do caminhão é inserido em uma cena clássica do filme “Harry Potter e a Câmara Secreta”, especificamente no momento em que Harry e Rony perdem o trem para Hogwarts e decidem ir de carro voador até a escola de magia. Nessa montagem, o “patriota” surge na traseira do veículo orientando uma ideia de obstáculo para os personagens.

Com efeito, a materialidade orgânica da dimensão verbo-visual estabelece a relação entre a repetição e diferença, projetando sentidos entre universos que não dialogam diretamente, mas se tornam pertinentes no acontecimento enunciativo. Desse modo, as formas linguísticas verbo-visuais em (56) são ancoradas em domínios de mobilização que se configuram como expressões simbólicas individuais mobilizadas por visões sociais sobre o mundo, se tornando modos sociais historicamente configurados. As escolhas dos elementos pictoriais que compõem essa rede de significações não são realizadas de maneira totalmente autônoma pelo falante, visto que suas escolhas são orientadas por fidelidades, fecundidades, referenciais e memórias. Essa é a concepção do falante em rede. Um falante que agencia e é agenciado por esses aspectos verbo-visuais no intuito de projetar diferentes possibilidades de significação.

Figura 57 – (57) Meme “Patriota do Caminhão” relativo a Lula



Fonte: *Google*⁸²

Ao observar rapidamente a Figura 57, podemos, talvez, não reconhecer de imediato sua relação em rede com o meme “Patriota do Caminhão”. No entanto, é possível identificar regularidades e diferenças nas dimensões verbo-visuais que fazem com que esse meme (57) seja uma ressignificação em rede. Em (57) temos a imagem com maior destaque do presidente

⁸² Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/patriota-do-caminhao>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

Luiz Inácio Lula da Silva realizando uma corrida à beira mar em que a posição dos pés e das mãos passam uma ideia de movimento/corrída. Também é possível notar na perna esquerda de Lula uma imagem de alguém que está agarrado em sua canela. A imagem é semelhante à figura do “Patriota do Caminhão” como vimos nos exemplos anteriores. Sendo assim, no plano orgânico do meme (57) temos Lula em movimento com o “Patriota do Caminhão” preso em uma de suas pernas. E, após essa análise da sintaxe da imagem, quais são as ancoragens referenciais que esse meme evoca para construir sua pertinência no plano do simbólico? Primeiramente, o tamanho das imagens e a sobreposição dão uma importância maior para a figura de Lula que, assim como o caminhão em (53), também traz a ideia de estar em movimento e de não parar mesmo com algo preso em suas pernas. Essa materialidade resgata a ancoragem histórica das eleições de 2022 em que Lula derrotou Bolsonaro e, mesmo após protestos que contestavam a veracidade dos resultados (52), assumiu o governo federal por ter conquistado a maioria dos votos de forma legal segundo o Tribunal Superior Eleitoral. Logo, a posse de Lula não foi prejudicada pelos protestos o que relaciona com a Figura 57 em que o presidente ignora o “corpo” estranho em sua perna que tenta, mas não prejudica a progressão da corrida.

A memetização entre fidelidade e fecundidade no espaço de enunciação digital transforma conteúdos em símbolos culturais dinâmicos, capazes de gerar engajamento e ressignificações rápidas. Memes como o “Patriota do Caminhão” se apropriam e são apropriados de elementos verbo-visuais e orientações enunciativas para satirizar, criticar ou reforçar determinadas narrativas. Esse processo ocorre por meio da repetição e adaptação, permitindo que diferentes grupos ressignifiquem a imagem conforme seus referenciais e pertinências. Assim, o meme se torna mais do que uma piada – ele se converte em um fenômeno linguístico de debate social, político e cultural, moldando percepções e influenciando discursos dentro e fora do espaço digital. Com efeito, dispomos da individualização em rede que permite o falante expressar sua singularidade, considerando que ela será moldada por referenciais históricos para se inserir nas redes de enunciação e construir pertinência.

Dessa maneira, observamos uma ressignificação do meme do “Patriota do Caminhão”, no qual a figura do presidente Lula substitui o caminhão como objeto que “atropela/empurra” manifestante “patriota”. Essa atualização atribui ao “patriota” um novo referencial considerando a dimensão não visível: ele aparece minúsculo, agarrado à perna de Lula em um gesto de resistência física, quase infantil, que se ancora em uma dimensão não visível da disputa política — a recusa da derrota e a fixação simbólica em um inimigo construído pela narrativa bolsonarista. Ao contrário de imagens em que o caminhão simboliza força e potência, aqui o corpo em movimento de Lula ocupa esse lugar, deslocando o eixo da ação para um campo

simbólico de vitória democrática. O gesto do patriota, deslocado de seu referencial matriz, é reduzido a um estorvo cômico e inofensivo. Tal construção pictorial evidencia a força irônica dos memes como instrumentos de crítica e disputa de sentido, ridicularizando a não aceitação do resultado eleitoral e expondo o esvaziamento simbólico de determinadas manifestações políticas.

Nesse processo em rede, a circulação de memes, como os exemplos (57) e (58), evoca o aspecto não visível de um referencial histórico que celebra o retorno da democracia institucional e deslegitima o delírio autoritário que moveu os protestos golpistas e ameaças ao STF após a derrota de Bolsonaro para Lula em 2022.

Figura 58 – (58) Meme “Patriota do Caminhão” Lula vs. Bolsonaro



Fonte: *Google*⁸³

Ao nos perguntarmos, com Barthes (1990), “como o sentido chega à imagem?”, somos levados a ultrapassar a ideia de que o visual é um código menor ou acessório à linguagem verbal. Pelo contrário, a imagem, enquanto acontecimento enunciativo, produz significações próprias que não se encerram em um único sentido. A indagação de Barthes abre espaço para compreendermos o aspecto pictorial como campo fértil de sentidos possíveis, que se manifestam por meio de múltiplas camadas semântico-enunciativas — visíveis e não visíveis —, articuladas ao tempo, à história, ao falante e ao espaço. Sendo assim, não se trata apenas de “ver” a imagem, mas compreender suas relações em rede que torna a forma linguística multimodal, marcada pela historicidade e pela susceptibilidade enunciativa dos falantes. E, respondendo a Barthes (1990), o sentido não termina. Cada uso da linguagem o ressignifica e o projeta em uma rede de enunciação incomensurável de possibilidades enunciativas.

⁸³ Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/patriota-do-caminhao>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

A Figura 58 reinscreve e atualiza o meme do “Patriota do Caminhão” ao operar uma inversão semântico-enunciativa que reposiciona os atores políticos no enunciado multimodal. A composição orgânica verbo-visual apresenta o caminhão com o rosto de Lula estampado na cabine, enquanto o patriota em miniatura, agora com o rosto de Bolsonaro, se agarra desesperadamente à frente do veículo em movimento. A materialidade visível da imagem se ancora em um referencial já estabilizado: o do “patriota” agarrado a um caminhão como forma simbólica de resistência à mudança. Face a isso, a ressignificação do caminhão como Lula articula uma nova ordem enunciativa, revelando, na dimensão não visível, a derrota eleitoral e a inversão de forças no campo político. A montagem se constrói como um enunciado irônico que opera na interseção entre o pictorial e o verbal implícito, pois a imagem carrega sentidos apenas decodificáveis por meio da memória coletiva do eleitorado e das disputas simbólicas do período eleitoral. Segundo Dionísio (2011), a leitura de enunciados dessa natureza exige letramento multimodal, pois “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” (p. 138), sendo necessário compreender como os modos semióticos se complementam e quais são os elementos mobilizados por eles. Assim, o meme evidencia como a enunciação se dá não apenas pelo conteúdo representado, mas também pelo modo como as formas linguísticas e visuais são articuladas e mobilizadas para produzir sentidos múltiplos. A relação semântica que se estabelece entre os rostos, os corpos e os elementos icônicos do caminhão evidencia um movimento enunciativo de reatualização da derrota bolsonarista, apontando para a fragilidade do memorável que recusava o resultado das urnas.

Na circulação dos memes, os sentidos não são fixos nem estáveis, mas se movimentam de forma torrencial e descontínua, como propõe Orlandi (2012), em um fluxo que escapa às tentativas de controle do dizer. Trata-se de uma rede de enunciação onde os sentidos estão sempre em fuga, em constante “explosão que desestabiliza e produz movimento desordenado” (Orlandi, 2012, p. 25). Essa desorganização aparente, no entanto, não implica ausência de direção, pois há ancoragens que, ainda que parciais, orientam os recortes enunciativos, permitindo que certas filiações históricas e memórias sejam acionadas. O falante, ao inserir-se nessa rede e apropriar-se de um dizer, muitas vezes experimenta uma falsa sensação de originalidade, como se aquilo que diz nunca tivesse sido dito antes — efeito de um esquecimento ilusório que encobre as filiações de sentido. No entanto, como destaca Orlandi (2009), o sentido se constitui não apenas pelo que é dito, mas também pelo que foi e pelo que poderia ter sido dito. Assim, mesmo quando o falante acredita ser dono de sua enunciação, seu dizer está entrelaçado à história, ao tempo e ao espaço que o antecedem. No caso dos memes, essa sensação de ‘autoria individual’ é atravessada pelas múltiplas vozes e temporalidades que

os constituem, fazendo com que cada enunciado aparente ser novo, ainda que esteja inevitavelmente amarrado a outros fios na rede de filiações enunciativas.

O meme (59), agora ressignificada como fantasia, é um ponto nodal na rede de enunciações que atualiza e prolonga os sentidos originados a partir dos protestos pós-eleição de 2022. Ancorado no memorável e no referencial histórico, o gesto de amarrar um caminhão de brinquedo ao corpo não apenas representa a atualização enunciativa, mas também evidencia como o falante é atravessado por fios pré-existentes. Nesse movimento aparentemente individual e original, o dizer se entrelaça a outros já ditos, revelando a ilusão do esquecimento que encobre os fios que sustentam os sentidos. O meme, ao mesmo tempo que constrói uma performance singular, mobiliza elementos sócio-históricos e revela os sentidos em fuga que, na torrente discursiva do ciberespaço, se reconstroem e se multiplicam, como descreve Orlandi (2012).

Figura 59 – (59) Meme “Patriota do Caminhão” como fantasia



Fonte: *Google*⁸⁴

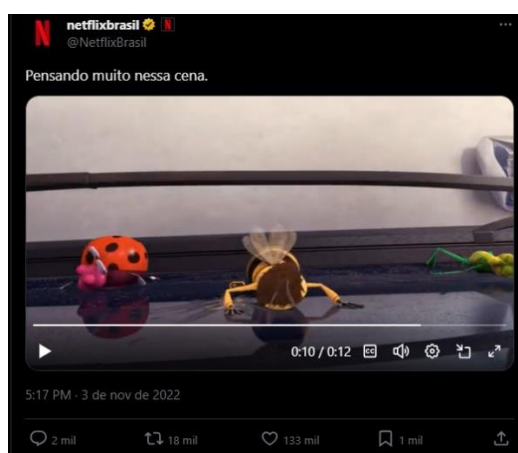
Na Figura 59, observamos a elaboração de uma fantasia que evidencia a individualização em rede de um falante que se apropria e é apropriado pelo meme “Patriota do Caminhão”. Elementos da fidelidade e da fecundidade podem ser percebidos com o caminhão de brinquedo amarrado ao corpo que se ancora no acontecimento enunciativo (52) e o ressignifica. O fato do “Patriota do Caminhão” (52) ser apoiador de Bolsonaro e ter protestado contra o resultado das eleições de 2022 se articula com o elemento verbo-visual da camisa da seleção brasileira de futebol (CBF) que é utilizada regularmente como símbolo do patriotismo e nacionalismo bolsonarista. Dessa maneira, a camisa verde amarela (plano visível) se sustenta referencialmente como o símbolo da propaganda de Bolsonaro entre seus apoiadores (plano não visível). Logo, o meme (59) projeta um sentido irônico ao acontecimento enunciativo (52) se

⁸⁴ Disponível em: <https://www.pbagora.com.br/noticia/politica/meme-prefeito-ironiza-e-veste-fantasia-patriota-do-caminhao-na-paraiba/>. Acesso em 23 de mar. 2025.

sustentando no passado de enunciações anteriores e promovendo engajamento no espaço digital que instiga falantes a se expressarem individualmente permeado por referenciais históricos. São essas relações que fazem um meme ser inserido em uma rede de enunciações.

Dando continuidade à análise do meme (59), é possível observar que seu alcance não se limita apenas à circulação digital, mas se expande para o espaço social, revelando sua potência enquanto dispositivo de engajamento coletivo. Um exemplo expressivo foi a performance da cantora Daniela Mercury, que, durante uma apresentação em um trio elétrico em Salvador, reproduziu a imagem do “Patriota do Caminhão”⁸⁵, transformando o meme em gesto performático e incorporando a crítica à conjuntura político-eleitoral de 2022. Esse movimento mostra como o meme ultrapassa o plano da representação estática e se transforma em ação pública, reforçando os índices de coletividade que atravessam sua circulação. Ao mesmo tempo, a apropriação individual do meme por sujeitos anônimos nas redes (como na Figura 59) revela o índice de singularidade que também o constitui. Esses dois aspectos — o individual e o coletivo — são catalisadores do engajamento no ciberespaço, onde a ironia atua como operador semântico-enunciativo. Nesse processo, o meme constrói uma crítica sutil, própria de sua materialidade verbo-visual, ao mobilizar o recurso da ironia para evidenciar o choque entre universos que não dialogam diretamente — gesto típico da fecundidade dos memes, que permite a criação de novos sentidos a partir da diferença, como propõe Silva (2021).

Figura 60 – (60) Meme “Patriota do Caminhão” Netflix



Fonte: NETFLIX BRASIL, @NetflixBrasil. X. 3 de novembro de 2022⁸⁶.

⁸⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/noticia/2022/11/daniela-mercury-reproduz-meme-do-patriota-do-caminhao-em-trio-eletrico-durante-festa-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 05 de mai. 2025.

⁸⁶ Disponível em: <https://x.com/NetflixBrasil/status/1588264095580651520>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

Na Figura 60, observamos uma publicação da Netflix Brasil na plataforma *X* com a legenda “Pensando muito nessa cena”, acompanhada de um trecho do filme ‘*Bee Movie: A História de uma Abelha*’. A cena mostra a abelha protagonista deitada no capô de um caminhão, sendo puxada pela avenida, em uma imagem que ironicamente se ancora no referencial do “Patriota do Caminhão”. A Netflix, ao publicar esse recorte, ativa redes de memórias individuais e coletivas, ancorando-se na viralização anterior do meme, de forma a promover um produto de seu catálogo enquanto se engaja com os usuários da plataforma. A fecundidade do meme matriz (52) permite essa reapropriação enunciativa, pois a forma pictorial — o corpo deitado com os braços abertos e o caminhão atado ao corpo — se mantém reconhecível, mesmo em uma nova roupagem. Na *thread*⁸⁷ da postagem, diversos usuários respondem com o memes do “Patriota do Caminhão” ou com variações humorísticas, o que evidencia a ativação coletiva dos memoráveis e o funcionamento das redes de enunciação. Nesse gesto de circulação, o meme deixa de ser apenas uma piada política isolada e se transforma em um dispositivo semântico-enunciativo aberto à pluralidade de sentidos. Há, nessa imagem, o entrelaçamento de índices de individualidade e coletividade: enquanto o gesto da abelha imita o corpo do patriota, cada leitor é agenciado a reconstruir o sentido a partir de seus referenciais, memórias, e pontos de vista. Por conseguinte, vemos como a individualização em rede se manifesta em meio às regularidades visuais e ao engajamento coletivo. Como afirma Dias (2018, p. 21), “significar tem um lado individual, porque precisa da elaboração das expressões de um sujeito determinado, e um lado social, porque é motivado e direcionado para os outros membros do grupo social”. O meme, nesse caso, cumpre exatamente essa função: ele é expressão de uma individualização em rede, que se ancora no histórico e no compartilhado para (re)produzir sentidos.

Diante da pluralidade de reformulações do meme “Patriota do Caminhão”, é possível observar como as atualizações verbo-visuais mantêm certos índices de regularidade — como a presença do caminhão, da camisa verde e amarela e da postura performática — enquanto novos elementos são incorporados, tensionando sentidos e ativando diferentes redes de memória. O índice da individualização em rede se evidencia nesses movimentos: cada materialização projeta marcas singulares do dizer, mas essas marcas só significam por estarem inseridas em um tecido coletivo de repetições, variações e reconhecimentos compartilhados. Desse modo, a potência fecunda do meme reside justamente em sua capacidade de recombinar sentidos com

⁸⁷ Sequência de publicações interligadas na plataforma *X*, usada para desenvolver ideias mais complexas. Cada *post* responde ao anterior, formando um fio contínuo que permite aprofundamento e participação de outros usuários, ampliando o diálogo e os sentidos.

base em uma estrutura reconhecível, mas aberta à multiplicidade enunciativa. A Figura 61 a seguir inscreve-se nessa lógica, ativando camadas culturais, políticas e midiáticas que se entrecruzam na produção de novos significações.

Figura 61 – (61) Meme “Patriota do Caminhão” Beatles e Zambelli



Fonte: *Google*⁸⁸

A Figura 61 em questão articula três referenciais históricos distintos, mas organicamente reconhecíveis, operando como uma bricolagem verbo-visual que ativa múltiplas redes de sentido: a travessia da banda The Beatles na Abbey Road (ícone da cultura pop mundial), a deputada Carla Zambelli com arma em punho em via pública (registro emblemático do cenário político brasileiro recente) e o “Patriota do Caminhão”, personagem simbólico das manifestações bolsonaristas que circula em larga escala nas redes. Esses três elementos, combinados em uma só imagem, performam um hipertexto típico do ciberespaço, segundo a concepção de Lévy (1999), como um plano aberto, fragmentado, rizomático e relacional, em que a significação é produzida por meio de associações descentralizadas entre nós conectados.

A força enunciativa do meme reside justamente nessa tessitura híbrida. A dimensão verbo-visual da imagem exige do falante-leitor uma competência enunciativa multimodal na ancoragem dos memoráveis: é preciso reconhecer os aspectos visíveis (o cenário da capa do álbum Abbey Road, o gesto corporal da deputada, a presença do caminhão com o patriota) e relacioná-los com os sentidos condensados em suas memórias enunciativas. Trata-se de um acontecimento enunciativo que só ganha corpo na articulação histórica desses elementos, pois, como lembra Guimarães (1989, p. 74), “nada se mostra a si mesmo na linguagem. Algo sozinho

⁸⁸ Disponível em: <https://knowyourmeme.com/photos/2474230-patriota-do-caminhao-trucks-patriot>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

nunca é linguagem. Algo só é linguagem com outros elementos e nas suas relações com o sujeito”. A imagem, portanto, é uma rede: um enunciado que só se constitui pela relação com outros enunciados.

Nessa direção, não se trata apenas de sobrepor signos icônicos, mas de produzir uma rede de relações simbólicas que reconduzem sentidos a partir de suas ancoragens históricas. Como afirma Dias (2022), “a significação é histórica porque a história não é contexto, mas movimento social [...] Com esses referenciais históricos, os nossos dizeres se fazem pertinentes” (p. 160). A inserção do meme do “Patriota do Caminhão” em um novo referencial – atravessando Abbey Road, enquanto é ameaçado pela deputada armada – tensiona dizeres, ironiza narrativas e cria deslocamentos de sentido entre o sagrado e o profano, o artístico e o político, o épico e o cômico.

Ademais, o meme (61) se insere em uma lógica hipertextual característica do ciberespaço, onde a significação ocorre por meio de uma leitura-navegação não linear, rizomática e associativa. De acordo com Lemos (2015), o hipertexto constitui-se como uma rede viva, interativa e auto-organizante, composta por nós interligados que permitem a circulação e reconfiguração constante de sentidos. Dessa maneira, cada elemento verbo-visual presente no meme – o caminhão com a bandeira do Brasil, a travessia dos Beatles, a deputada armada – funciona como um nó de memórias ativado na rede, exigindo do leitor que navegue por diferentes referenciais para compreender o acontecimento enunciativo. A montagem não possui um centro fixo de interpretação; pelo contrário, ela se estrutura a partir da lógica rizomática apontada por Lévy (1999, p. 149), em que “o texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos”, formando um plano hipertextual indefinidamente aberto (p. 149). Logo, a significação do meme (61) exige a articulação colaborativa e híbrida entre signos verbais e pictoriais, que, interligados como partes de um sistema em rede, constroem sentidos que emergem da diferença, da atualização e da regularidade histórica das enunciações.

O meme, portanto, evidencia o potencial hipertextual da língua no ciberespaço e a força de sua dimensão verbo-visual. Ele só pode ser compreendido como acontecimento enunciativo por meio das redes simbólicas que o atravessam e dos movimentos referenciais que os falantes constroem a partir da articulação entre o visível e o não visível. Cada atualização, cada nó dessa rede, mobiliza memórias que dão sentido à materialidade. Como vimos, na língua, nada é criado a partir do zero: há sempre um rastro, uma memória, uma historicidade que sustenta e direciona os sentidos. Dito isso, a língua é irremediavelmente histórica e relacional, e seus sentidos emergem da associação entre o orgânico e o enunciável mobilizados nas redes de enunciação.

Isso nos leva à constatação de que nenhuma enunciação é isolada ou original em si; ela é sempre um elo em uma cadeia de atualizações que atribuem pertinência aos dizeres por meio de suas ancoragens simbólicas e materiais.

Com o intuito de compreender a relação da regularidade e da longevidade que participam da (re)construção da significação de um meme, vejamos a Figura 62:

Figura 62 – (62) Meme “Patriota do Caminhão” e o Patriota da caminhonete



Fonte: EDSON FILHO, @EdsonFilho74. X. 16 de novembro de 2023⁸⁹.

O exemplo (62) publicado no X traz dois registros fotográficos que remetem a um episódio recente: um homem sem camisa, enrolado em uma bandeira do Brasil, sendo contido por policiais em Copacabana, ao lado de um veículo. A postagem é acompanhada da legenda: “Bolsonarismo é isso aí: Ano passado foi o patriota do caminhão e ontem em Copacabana foi a vez do patriota da caminhonete. Povo louco.” A construção do *post* opera como acontecimento enunciativo na medida em que associa elementos verbo-visuais numa bricolagem que ancora sentidos em referenciais já estabilizados na memória enunciativa, especialmente a figura do “Patriota do Caminhão”. Essa regularidade, ou seja, a repetição da cena de apoiadores se deitando à frente de veículos em defesa simbólica do ex-presidente Bolsonaro, sustenta a pertinência enunciativa do novo dizer, “o patriota da caminhonete”. O falante, agenciado pela língua e inserido no funcionamento da rede de sentidos, atualiza esse referencial com ironia e

⁸⁹ Disponível em: <https://x.com/EdsonFilho74/status/1725188599191085057>. Acesso em 01 de mai. 2025.

crítica, apontando para uma prática reiterada que marca o bolsonarismo performático e suas expressões públicas de fidelidade.

A regularidade do uso de imagens e referenciais envolvendo “patriotas” em posturas extremas — de resistência simbólica ou de enfrentamento — contribui diretamente para a longevidade desse tipo de meme. Como discute Silva (2019), essa longevidade é sustentada na tensão entre permanência e mudança: o dizer permanece reconhecível, mas se reconfigura conforme a temporalidade e a pertinência enunciativa. Ou seja, a imagem de 2023 se ancora na de 2022, mantendo o reconhecimento, mas atualizando sua forma de expressão. Essa operação torna o enunciado socialmente inteligível e enunciativamente potente.

O meme, portanto, opera dentro de uma rede de enunciações que se prolonga por meio da regularidade de seus usos. Como afirmam Chagas e Toth (2016, p. 215), “o meme é produtivo enunciativamente e só pode ser examinado em conjunto através de relações que são estabelecidas a partir de seus elementos discursivo e associativo”. Isso significa que o meme não tem sentido intrínseco: ele depende das relações que estabelece com outros dizeres e imagens, como o “Patriota do Caminhão”, o referencial político bolsonarista e o repertório coletivo sobre manifestações de rua e ações performativas no Brasil recente. Face a isso, a dimensão verbo-visual do exemplo (62) não apenas narra uma ocorrência: ela participa ativamente da construção de um sentido irônico e crítico, funcionando como elo na rede de circulação de enunciados sobre política, resistência e fanatismo. A longevidade do “patriota” enquanto signo semântico-enunciativo se dá justamente pela sua capacidade de reatualização contínua, sendo ressignificado a cada novo acontecimento que mantém a lógica performativa em cena. Nessa ordem, a língua se afirma como prática viva — uma rede em constante ativação, onde nenhum dizer é dito fora da história e de suas atualizações.

Apesar de frequentemente associados à efemeridade, os memes não desaparecem simplesmente com o passar do tempo: sua permanência está diretamente ligada ao uso contínuo e à capacidade de se reinscreverem em novas pertinências enunciativas. No ciberespaço, as plataformas tendem a atribuir uma validade temporária ao que viraliza — como se cada fenômeno tivesse prazo de expiração —, pois novos memes são constantemente produzidos e colocados em circulação. No entanto, é justamente a regularidade de certos dizeres, a retomada de estruturas enunciativas e o seu reemprego em diferentes memoráveis que garantem sua longevidade. Esse é o caso do dizer “Patriota Americano”, presente na Figura 63, que funciona como ponto de fidelidade, fecundidade e longevidade ao ativar uma memória associada ao bolsonarismo e às táticas de resistência performática, agora alinhadas com símbolos e retóricas estadunidenses. A força desse meme não está em sua novidade, mas na forma como ele se

ancora em dizeres anteriores, projeta novos sentidos e circula dentro de uma rede viva, onde a linguagem é mantida ativa por meio de diferenças, repetições e atualizações. Assim, refletir sobre a relação entre eternidade e efemeridade nos memes é, na verdade, discutir sobre o uso — ponto essencial para que a língua permaneça viva, pulsante e cada vez mais complexa em sua rede de enunciação.

Figura 63 – (63) Meme “Patriota do Caminhão” e o Patriota americano



Fonte: GUGA NOBLAT, @GugaNoblat. X. 8 de janeiro de 2024⁹⁰.

A Figura 63 expõe um vídeo amplamente compartilhado nas plataformas enunciativo-digitais em que um homem, com boné de apoio ao presidente norte-americano Donald Trump, aparece agarrado ao capô de um carro com adesivos progressistas, em um gesto performático que, pela rede, se ancora no memorável do “Patriota do Caminhão” brasileiro. Ao viralizar no dia 8 de janeiro de 2024 — data marcada pela memória coletiva da tentativa de golpe em Brasília —, o acontecimento ganha força enunciativa ao articular os discursos de extrema-direita das esferas política brasileira e estadunidense, evidenciando uma memória compartilhada e transnacional do bolsonarismo e do trumpismo. Essa retomada e atualização de dizeres revela como a regularidade do meme não implica em estagnação, mas sim numa instabilidade histórica produtiva que agencia os falantes a reinscreverem sentidos. Assim, o

⁹⁰ Disponível em: <https://x.com/GugaNoblat/status/1744439300039623137>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

memes permanece fecundo justamente por estar inserido em uma rede, onde espaço (relação política entre línguas e falantes), tempo (repetição, diferença, ancoragens e projeções), falante (susceptibilidade e individualização em rede) e história (memória e regularidade dos dizeres) funcionam como nós de tensão que sustentam sua significação. Mais que marcar um tempo cronológico, o vídeo ativa uma temporalidade enunciativa, sustentada pelo arquivamento e circulação no ciberespaço. É essa configuração em rede — baseada na memória, nas projeções e na atualização constante — que mantém vivo o acontecimento enunciativo e permite ao meme continuar circulando com potência crítica e política.

Figura 64 – (64) Meme “Patriota do Caminhão” e o “Patriota da Explosão”



Fonte: CARLOS MARCOS, @carlos53marcos. X. 14 de novembro de 2024⁹¹.

A Figura 64, que também evidencia a longevidade, está dividida em duas partes, comparando duas imagens identificadas como “Patriota do Caminhão” e “Patriota da Explosão”. À esquerda mostra um homem de amarelo segurando a frente de um caminhão em movimento (“Patriota do Caminhão”) (52), enquanto à direita é a montagem de um rosto cercado por chamas, sugerindo uma explosão. A dimensão verbo-visual da figura à direita, aliada ao termo “Patriota da Explosão”, se ancora em Francisco Wanderley Luiz, um ex-candidato a vereador pelo Partido Liberal (PL) em Santa Catarina⁹². Em 13 de novembro de 2024, ele morreu ao detonar explosivos durante uma tentativa de atentado contra o STF, em Brasília. O caso foi tratado como um ato terrorista pelas autoridades. Desse modo, o termo “Patriota”, relativo às duas figuras, ressalta o apoio de ambos ao ex-presidente Bolsonaro e

⁹¹ Disponível em: <https://x.com/carlos53marcos/status/1857165044456268084>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

⁹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/11/13/policiais-cercam-stf-apos-duas-explosoes-em-frente-ao-predio.htm>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

ancora novamente nas questões nacionalista que marca a fidelidade do meme. A fecundidade é representada na troca do caminhão pelas chamas que se ancora na tentativa de terrorismo (“explosão”). Sendo assim, o meme (64) atualiza e ressignifica enunciações anteriores por meio de uma repetição que está longe de ser a mesma. Tal relação de semelhanças e diferenças faz parte das dimensões verbo-visuais que se constroem em rede no processo da temporalidade enunciativa, explorando elementos visíveis que se ancoram nos aspectos não visíveis em um determinado acontecimento enunciativo.

Figura 65 – (65) Meme “Patriota do Caminhão” posse do Trump



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO PE, @jc_pe. *Instagram*. 18 de janeiro de 2025⁹³.

Em nosso último exemplo analisado, levantemos a seguinte questão: Por que a Figura 65 pode ser considerada um meme e por que está inserida em rede na constituição de sua significação? A resposta está na sua sintaxe verbo-visual e no entrelaçamento de referenciais históricos que fazem dessa imagem um acontecimento enunciativo. A imagem de um homem de camiseta amarela, posicionado em frente a um avião e fazendo um gesto de “pare”, se ancora na regularidade histórica do “Patriota do Caminhão” — sujeito que se coloca diante de um veículo como forma de protesto simbólico. Aqui, essa sintaxe visual é transposta: em vez de um caminhão, temos um avião; em vez de um protesto físico real, um comentário irônico sobre a ausência de Jair Bolsonaro na posse de Donald Trump. A legenda atua em conjunto com a imagem, sem reduzi-la a uma simples explicação: configura-se uma verdadeira bricolagem verbo-visual, em que texto e imagem funcionam como modos coativos de significação, ampliando os sentidos disponíveis.

⁹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DE9YyH3PYh5/>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

O reconhecimento desse padrão — o sujeito patriótico que se opõe ao movimento de um veículo — evidencia uma fidelidade que alimenta a fecundidade do meme. Essa estrutura repete, mas transforma, a lógica do “Patriota do Caminhão”, mostrando como a regularidade se associa à projeção de novos sentidos. A dimensão de rede se concretiza não apenas na regularidade verbo-visual, mas no modo como a imagem ativa memórias, como o impedimento de Bolsonaro de comparecer à posse de Trump⁹⁴ e a tradição de protestos performáticos de seus apoiadores. Assim, espaço, tempo, falante e história — os quatro nós de tensão que sustentam a rede de enunciação — se entrelaçam para conferir significado e pertinência ao meme.

Essa configuração semântico-enunciativa também permite refletir sobre o conceito de universal sem totalidade (Lévy, 1999), pois o sentido do meme não está em uma totalidade fechada, mas emerge das conexões possíveis entre diferentes enunciados e eventos. O meme não possui um significado intrínseco, mas ganha sentido pela rede de filiações simbólicas que o atravessam. Ele funciona como um ponto de condensação onde múltiplos memoráveis se encontram e se reorganizam — uma instância transitória e relacional que permite a coexistência de sentidos divergentes, muitas vezes conflitantes.

Além disso, ao incorporar a noção de *corpus* conforme desenvolvida por Deleuze (2017), é possível compreender que a Figura 65 não é um objeto isolado, mas parte de um conjunto dinâmico de enunciados que refletem as tensões de uma formação histórica. O *corpus*, como multiplicidade em constante movimento, é atravessado por forças, práticas e disputas que o constituem. O meme (65) analisado integra esse *corpus* na medida em que atualiza sentidos que circulam no entremeio da política brasileira e estadunidense, expressando uma relação de poder-saber entre discursos da extrema direita, seus símbolos e estratégias de legitimação. Como escreve Deleuze (2017, p. 10), “há de fato uma congregação da linguagem para cada *corpus*”, e essa congregação ocorre justamente pela forma como memes condensam, transformam e projetam sentidos.

Portanto, a longevidade do meme não está em sua permanência estática, mas em sua capacidade de se adaptar às condições da rede, preservando sua legibilidade simbólica ao mesmo tempo em que incorpora novos referenciais. É essa inserção em rede, aliada à atualização constante dos seus elementos estruturais e enunciáveis, que o mantém vivo — revelando que a língua, quando em uso, não é estável, mas profundamente relacional, política e histórica.

⁹⁴ Disponível em <https://valor.globo.com/politica/noticia/2025/01/17/moraes-mantem-decisao-e-bolsonaro-segue-impedido-de-viajar-para-a-posse-de-trump.ghtml>. Acesso em: 07 de mai. 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos a visão evolutiva proposta por Dawkins (2007), torna-se pertinente iniciar estas considerações com uma analogia potente: a de que a linguagem evolui por meios não genéticos a uma velocidade incomparavelmente superior à da evolução genética. Essa afirmação, ainda que de um campo distinto, nos oferece um ponto de reflexão para compreender a linguagem não apenas como instrumento de comunicação, mas como um replicador cultural, ou seja, um fenômeno que se propaga, se adapta e se transforma em uma rede de significações em constante movimento de retomadas e projeções. Com efeito, Dawkins sugere que, assim como os genes são replicadores biológicos, a linguagem — e mais especificamente os memes culturais — são replicadores simbólicos, dotados de uma capacidade extraordinária de gerar cópias, imitações e variações. Nesse sentido, o meme, enquanto unidade de transmissão cultural, encontra terreno fértil nas dinâmicas da linguagem verbo-visual contemporânea, especialmente no espaço digital, onde sua disseminação ocorre em ritmo exponencial e altamente enunciativo. Tal analogia nos permite reconhecer a potência da linguagem como sistema dinâmico, profundamente influenciado pelas filiações históricas, sociais e tecnológicas. A linguagem, nesse cenário, não apenas reflete, mas constitui o espaço enunciativo em que os falantes se inscrevem em rede. E é nesse ponto que os pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação oferecem uma ferramenta teórica de grande fecundidade: ela permite compreender como esses replicadores linguísticos operam e constituem as redes da significação que não são lineares, mas rizomáticas.

No decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que a própria instabilidade da língua nos meios digitais — sua flexibilidade, capacidade de ressignificação e atualização constante — impõe desafios à tentativa de categorização ou sistematização dos memes. No entanto, justamente por reconhecer tal complexidade, optamos por propor regularidades e noções enredadas que nos permitissem vislumbrar certas recorrências semântico-enunciativas nos memes, sem, contudo, aprisioná-los em estruturas rígidas. Isso reforça a ideia de que a língua, assim como a cultura, evolui pela relação entre a estabilidade e a transformação.

Dessa forma, assumir o espaço digital como campo de investigação científica é, por si só, um desafio. Ao nos debruçarmos sobre objetos como os memes, a estrutura das redes de enunciação e os efeitos das inteligências artificiais e dos algoritmos sobre a língua, nos deparamos com um território em constante mutação. O que hoje é uma tendência enunciativa, amanhã pode já ter sido reformulada, ressignificada ou esquecida. A temporalidade acelerada das redes, sua alta capacidade de circulação e recombinação de sentidos, bem como o caráter

efêmero e volátil das formas linguísticas no ciberespaço, impõem à pesquisa acadêmica uma série de obstáculos. Além disso, há a dificuldade metodológica de lidar com as próprias ferramentas digitais, cuja lógica de funcionamento — movida por algoritmos opacos, sistemas de recomendação e bolhas de filtragem — afeta diretamente o modo como as formas linguísticas são distribuídas, recebidas e reinterpretadas. Estudar memes, portanto, não é apenas estudar as formas linguísticas, mas compreender o ecossistema técnico-enunciativo, incluindo o espaço de enunciação digital e sua circulação nas plataformas.

Nosso interesse por esse tema, no entanto, não é recente. Ele remonta às inquietações surgidas ainda no Mestrado, quando passamos a investigar, embrionariamente, as noções de rede e individualidade no âmbito semântico-enunciativo. Isso nos levou a aprofundar a proposta teórica de rede enunciativa, desenvolvida por Dias (2018, 2023), buscando compreender como essa rede pode funcionar não apenas como método de coleta e organização de dados, mas também como conceito epistemológico. Ou seja, a rede como forma de existência do enunciado — uma forma de estar no mundo, de produzir sentido e de constituir-se enquanto falante. Para isso, articulamos à proposta da Semântica Histórica da Enunciação os conceitos de individualização em rede, susceptibilidade enunciativa e a ideia de que o digital reconfigura as noções de tempo, espaço, história e falante. Ao reconhecermos essas transformações, nos abrimos à possibilidade de observar como a língua se reinventa dentro do ciberespaço, tensionando as fronteiras entre o individual e o coletivo, o autoral e o anônimo, o efêmero e o duradouro.

Ainda que tenhamos plena consciência das limitações e desafios da análise de memes, especialmente no que tange à sua dinamicidade e imprevisibilidade, acreditamos que os aportes teóricos e metodológicos aqui propostos — especialmente os advindos da Semântica Histórica da Enunciação — oferecem ferramentas sólidas para compreender tais fenômenos. Afinal, a língua, enquanto forma viva e pulsante, exige de nós não certezas, mas disponibilidade para a escuta, para o deslocamento e para a reinvenção teórica.

Diante das inquietações que atravessaram o percurso desta pesquisa, elaboramos um conjunto de perguntas que orientaram nosso olhar analítico e configuraram os limites e alcances do trabalho. Fundamentados nos pressupostos da Semântica Histórica da Enunciação, nosso interesse voltou-se para as seguintes questões: o que são as redes de enunciação? Como elas se organizam e se constituem no acontecimento enunciativo, tendo em vista a composição e a disposição das formas linguísticas nos memes? Quais são suas implicações individuais, históricas e sociais? E, finalmente, de que maneira se dão as relações visíveis e não visíveis das redes de enunciação no espaço digital dentro do acontecimento enunciativo?

Essas perguntas não surgiram como um mero roteiro de investigação, mas como parte de um processo de escuta atenta ao objeto, que nos exigiu constante reposicionamento teórico e metodológico. Em meio a um cenário de circulação intensa e dispersa de enunciados, compreender as redes de enunciação implicou admitir sua pluralidade, bem como a instabilidade que marca os sentidos produzidos no/pelo acontecimento. Tais indagações culminaram no objetivo geral desta pesquisa: analisar em que medida se dão as relações dos domínios visíveis e não visíveis das formas linguísticas em rede, a partir dos memes, no espaço digital sob a perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação. Isso significa que o foco do estudo não está em afirmar que os sentidos se constituem em rede, mas em compreender como esse processo ocorre, ou seja, de que maneira os sentidos se (re)constroem no interior das redes de enunciação, quais aspectos participam dessa dinâmica e como os diferentes planos — orgânico e simbólico — se articulam no acontecimento enunciativo. Para tanto, tornou-se essencial refletir sobre as ancoragens históricas, o agenciamento do falante, a temporalidade enunciativa e o espaço político de enunciação digital, compreendendo-os como instâncias interligadas na produção da significação.

A análise dos memes, sob esse enfoque, revelou uma série de regularidades semântico-enunciativas que apontam para uma organização complexa das redes de enunciação. Identificamos relações linguísticas que operam tanto no campo da visibilidade — nos elementos da materialidade, verbo-visuais, estruturais — quanto no campo da invisibilidade, como os referenciais históricos, as memórias enunciativas, repetições, diferenças e a universalidade sem totalidade que se atualizam na/em rede. Os resultados evidenciam que o funcionamento das redes de enunciação no ciberespaço se dá por camadas sobrepostas, nem sempre simétricas ou evidentes, mas que podem ser tensionadas e analisadas a partir de um aparato teórico que leve em consideração a historicidade e o movimento enredado dos sentidos.

Nessa direção, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados na medida em que foi possível evidenciar a potência da análise semântico-enunciativa dos memes como meio para compreender o funcionamento da forma linguística em rede, sua circulação, suas ancoragens e projeções, sobretudo, sua capacidade de ativar diferentes temporalidades e espacialidades enunciativas.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa consistiu em analisar como as perspectivas das redes de enunciação estão presentes na produção de sentido. Para tanto, foi necessário compreender as redes de enunciação como uma articulação entre três perspectivas interdependentes: a metodológica, a da memória e a da *internet*. Essas óticas não atuam de

forma estanque, mas se sobrepõem, se tensionam e se completam na constituição da significação.

Do ponto de vista metodológico, as redes de enunciação não se apresentam como um encadeamento linear ou hierárquico de elementos, mas como uma estrutura rizomática de articulações que mobilizam simultaneamente relações visíveis e não visíveis. A constituição dessas redes se dá por uma lógica de semelhanças e contrastes, em que cada forma linguística, ao entrar em relação com outras, atualiza sentidos de acordo com suas vinculações dentro da rede enunciativa. A noção de rede aqui explorada incorpora dimensões orgânicas e simbólicas, operando em múltiplos planos que se entrecruzam e se reorganizam constantemente. Nesse movimento, é a diferença que guia o processo enunciativo, mas não uma diferença caótica — trata-se de uma diferença orientada pela pertinência e pelo referencial histórico. A regularidade, portanto, não está na repetição estática, mas na capacidade de produzir sentido por meio da repetição com diferença, que atualiza e reconfigura os sentidos mobilizados nas redes. Assim, as redes de enunciação se configuram como um espaço dinâmico de mobilização, onde a articulação entre os elementos não se esgota em sua materialidade, mas é atravessada por memórias, temporalidades, espaços e pontos de vista. É nessa complexa trama de relações que os sentidos emergem, se projetam e circulam no espaço onde as formas linguísticas não apenas dizem algo, mas também são ditas, tomando e sendo tomadas (susceptibilidade enunciativa) pelo fluxo enunciativo que as constitui.

É nesse ponto que a ótica da memória adquire importância na compreensão das redes de enunciação. Tais redes não se limitam a uma articulação técnica entre formas linguísticas; elas são, sobretudo, estruturas de mobilização do dizer atravessadas por movimentos memorizadores, em que o falante emerge como um ponto de articulação entre diferentes temporalidades e espaços enunciativos. A memória, a partir dos nossos pressupostos, não é um repositório fixo ou linear, mas um campo de regularidades e atualizações, de evocações descontínuas, em que o dito, o não dito e o memória(vel) se entrelaçam num processo de constituição de sentidos sempre instável e tensionado. As redes de enunciação, à luz da memória, operam por meio de ancoragens que conectam o presente a lugares de memória, permitindo que determinadas formas linguísticas ganhem pertinência no acontecimento enunciativo, ao mesmo tempo que são atravessadas por projeções, referenciais históricos e marcas da individualização em rede. Nesse cenário, a memória individual e coletiva se entrelaça, compondo um campo de forças em que o falante, por meio da susceptibilidade enunciativa, projeta e reinscreve dizeres. Assim, as redes memorizadoras não apenas convocam o passado, mas também o transformam, operando deslocamentos que (re)significam o presente

e possibilitam a emergência de novos dizeres. Como propõe Dalmaschio (2016), o olhar memorizador do mundo é também um olhar linguajeiro. A esta leitura, esta pesquisa acrescenta: trata-se também de um olhar em rede, onde o lembrar não se dá isoladamente, mas na relação viva e instável com outras filiações, outros tempos e outros dizeres — compondo, assim, o tecido enunciativo que constitui os sentidos no espaço digital.

A terceira perspectiva que compõe a noção de rede de enunciação é a ótica da internet, ou mais precisamente, do ciberespaço. Embora se distinga das dimensões da memória e da metodologia, ela não opera de forma dissociada: há, na própria dinâmica do espaço digital, uma intensificação das associações, das atualizações de sentido e da circulação de enunciados. O ciberespaço não é apenas um meio técnico, mas um espaço simbólico que conecta atores humanos e não humanos por meio de redes articuladas que atravessam agências locais e estruturas globais. Nesse ambiente, as formas de produção de sentido ganham visibilidade e projeção, articulando enunciações mediadas por algoritmos, interfaces e plataformas, os quais tensionam o lugar tradicional do falante e instauram novas formas de agir e significar mediadas pelo computador. A rede, nessa conjuntura, não é somente uma infraestrutura de conexão, mas uma configuração semântico-enunciativa, em que a significação emerge das múltiplas associações entre elementos heterogêneos por meio da universalidade sem totalizações: aspectos semânticos/discursivos, códigos computacionais, atores não humanos, memes, e práticas culturais próprias da cibercultura. Trata-se do acontecimento enunciativo que se realiza em meio a fluxos instáveis, no qual a individualização em rede se atualiza não pela centralidade do falante, mas por sua inscrição em teias comunicacionais distribuídas, considerando o movimento da universalidade em rede. Nesse cenário, os enunciados ganham força e ressonância não pela autoridade de quem fala, mas pelas redes de circulação, repetição, visibilidade, projeções e modulação com que se associam — como nos memes, que são formas linguísticas que condensam, replicam e reorganizam sentidos na e pela lógica do digital.

Logo, compreender as redes de enunciação como formas de produção de sentido implica considerar os entrelaçamentos entre as perspectivas metodológicas, memória(veis) e digitais. A forma linguística é, nesse sentido, intensamente relacional, e as redes que a sustentam e a constituem são tanto expressão dessa relacionalidade quanto instrumento para sua análise.

O segundo objetivo específico desta pesquisa consistiu em examinar em que medida as redes de enunciação permeiam e sustentam as dimensões de significação do espaço, do falante, do tempo e da história no espaço digital. Para isso, propomos uma abordagem que articula esses quatro elementos como os nós constitutivos e indissociáveis das redes, compreendidas como

arranjos simbólicos, históricos e relacionais que estruturam o dizer e o falante na contemporaneidade digital.

Em primeiro lugar, o espaço é concebido não mais como um suporte físico ou um contêiner neutro da enunciação, mas como um nó relacional constituído por conflitos, deslocamentos simbólicos e tensões entre línguas e falantes. No ciberespaço, não há deslocamento físico, mas deslocamento de sentidos. Nessa direção, o espaço de enunciação digital é constituído pelas redes de enunciação que o atravessam e se manifestam na forma de disputas por visibilidade, apropriação e produção de significação. Sua natureza é fluida, múltipla e instável, marcada por uma ubiquidade que permite a dispersão e simultaneidade dos dizeres. As redes, ao permearem o espaço, o tornam simultaneamente local e global, simbólico e político, individual e coletivo, operando uma verdadeira metamorfose do espaço enunciativo no ambiente digital.

Em articulação com o espaço digital, o falante em rede se constitui como figura descentralizada, sujeita a múltiplas filiações enunciativas e a um regime de autoria que já não se define pela origem ou pela propriedade do dizer, mas por orientações de ponto de vista em constante deslocamento. Nessa politopia do falante, a autoria deixa de ser um atributo fixo ou exclusivo, assumindo a forma de um posicionamento enunciativo situado em redes. O que chamamos de originalidade, portanto, torna-se uma ilusão metodológica, pois todo dizer está inevitavelmente enredado em cadeias de repetição, atualização e circulação que envolvem tanto atores humanos quanto não humanos — como algoritmos, plataformas e dispositivos que, ao operar sobre a linguagem, também se inserem nos fluxos enunciativos. O ciberespaço, ao mediar e modular essas interações, evidencia a suscetibilidade do dizer em rede: o falante não é apenas aquele que agencia, mas também aquele que é afetado, reformulado e reposicionado em meio às dinâmicas semântico-enunciativas que atravessam a cibercultura. Assim, falar no espaço digital é sempre co-enunciar, participar de uma tessitura enunciativa coletiva, constituída por associações semânticas e por formas linguísticas que se projetam por meio da memória e da história por meio da individualização em rede. Nessa perspectiva, o falante emerge como um efeito dessas conexões: uma figura instável, atravessada por referenciais, orientações e regimes de visibilidade que configuram os modos de significar no espaço enunciativo digital.

No que se refere ao tempo, as redes de enunciação instauram um regime que desafia a linearidade cronológica tradicional. A temporalidade, nessa perspectiva, não se organiza em sucessões ordenadas de passado, presente e futuro, mas se constitui como um tecido simbólico em que essas dimensões coexistem e se entrelaçam em um jogo constante de ancoragens,

presentificações e projeções. A temporalidade em rede se realiza por meio de entrecruzamentos enunciativos, em que dizeres são retomados, atualizados e reinventados, sustentando um movimento contínuo entre repetição e diferença, entre fidelidade às formas reconhecíveis e fecundidade na criação de novos sentidos. Esse tempo não linear se configura, portanto, como um espaço de circulação simbólica em que os sentidos não apenas retornam, mas se deslocam, ganham novas inflexões e se abrem a outras possibilidades de significação. As formas linguísticas, ao se inscreverem na rede, carregam memórias e historicidades que são simultaneamente preservadas e transformadas. Nessa dinâmica, o dizer se torna suscetível às múltiplas forças que atravessam o ciberespaço e a linguagem opera como mecanismo de condensação e reconfiguração temporal. O que se diz na rede é sempre dito de novo, mas nunca da mesma forma: mesmo o familiar é revestido de novidade, porque o tempo em rede é feito de retornos que se diferenciam. Assim, cada enunciação emerge como singular, ainda que constituída na coletividade, marcando a temporalidade do digital como lugar em que o novo se forja justamente na tensão entre o já-dito e o por-dizer.

Por fim, na perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação, a história não é compreendida como um passado fixo ou linear, mas como um processo (des)contínuo de constituição de sentidos por meio da memória/regularidade dos usos. A língua, enquanto forma simbólica, é atravessada por uma historicidade enunciativa que lhe confere força de circulação — um movimento que se atualiza na medida em que o dizer se ancora em outros dizeres e se reorganiza frente às demandas de significação do presente. Assim, toda forma linguística está em rede pois carrega marcas de sua trajetória: é sempre uma inscrição situada em um *corpus* histórico-relacional, tal como propõe Deleuze, no qual os enunciados se conectam como linhas e fluxos, estabelecendo uma rede de intensidades em constante recomposição. As redes de enunciação, portanto, operam como tramas simbólicas, em que o já-dito, o dito e o por-dizer coexistem em tensão e em fluxo. A história, aqui, se dá como história dos usos, articulando-se a acontecimentos, referenciais e marcas que moldam a língua e os falantes. O dizer emerge como efeito e projeção dessas redes, que não apenas conectam enunciados anteriores, mas os reorganizam de forma inventiva, criando novas pertinências. A historicidade, assim, é o que sustenta e atualiza os nós da rede, permitindo que as formas linguísticas sejam significantes porque estão ancoradas em experiências de linguagem compartilhadas, repletas de memória e de projeção. Nessa dinâmica, os falantes não apenas repetem formas, mas as reconfiguram, sendo atravessados e afetados por múltiplas camadas de tempo e história. É nesse sentido que o *corpus* se apresenta como uma malha rizomática, em que o sentido não está dado, mas é constantemente relançado a partir de encontros, tensões e orientações enunciativas.

Assim, espaço, falante, tempo e história entretecem os nós que sustentam a rede de enunciação, constituindo-se mutuamente em um movimento (des)contínuo de atualização dos sentidos. No ciberespaço, essas dimensões se intensificam, revelando que a língua em rede não apenas circula, mas reconfigura os modos de dizer e de significar, reposicionando falantes, formas e sentidos na tessitura enunciativa que atravessa a língua e suas historicidades.

O terceiro objetivo específico consistiu em explicitar a configuração enunciativa de um meme, tendo em vista as dimensões verbo-visuais da linguagem, explorando aspectos sociais e individuais inseridos em rede. Para alcançar esse objetivo, foi fundamental considerar o meme como um fenômeno semântico-enunciativo multimodal, constituído por um entrelaçamento dinâmico da dimensão verbo-visual, cujo sentidos se organizam em rede, sustentados por ancoragens históricas, movimentos sociais e singularidades enunciativas. O estudo da dimensão verbo-visual nos memes revelou que, no espaço digital, o sentido não se constrói apenas por meio do verbal ou do visual isoladamente, mas pela tensão e articulação entre essas duas dimensões, que operam simultaneamente no plano simbólico e orgânico da língua. Essa articulação, por sua vez, é atravessada por marcas históricas, regularidades culturais e reatualizações enunciativas que inserem o meme em uma rede complexa de significações. O humor, a ironia, a crítica ou o engajamento que os memes produzem decorrem dessa densidade semântica verbo-visual, na qual o visível e o não visível se entrelaçam, ativando/evocando camadas de memória e projetando sentidos que ultrapassam a superfície da organicidade.

Com base nas análises realizadas ao longo da pesquisa, foi possível demonstrar que os memes funcionam como unidades de significação altamente potentes, capazes de condensar em poucos segundos de leitura ou visualização uma crítica social, uma tomada de posição política ou uma expressão de subjetividade. Essa potência deriva do fato de que os memes não operam isoladamente, mas estão inseridos em zonas de familiaridade (Lévy, 1999), que aproximam falantes por meio de partilhas enunciativas comuns, como memoráveis, marcas históricas, afetos compartilhados ou posicionamentos ideológicos. Assim, ao mesmo tempo em que são manifestações individuais, os memes atualizam redes de sentidos socialmente organizadas, evidenciando uma enunciação coletiva e conectiva.

Na perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação, os memes analisados demonstraram como os elementos verbo-visuais carregam fidelidades (isto é, regularidades enunciativas reconhecíveis), fecundidades (isto é, aberturas para o novo), índices de individualidade e aspectos sócio-históricos que significam no plano da enunciação a partir da repetição e da diferença. O componente pictorial, nesse escopo, funciona como ponto de ancoragem história que mobiliza o plano simbólico da língua, permitindo a atualização dos

sentidos em rede. Essa relação reforça o papel das redes de enunciação como estruturas de sustentação dos dizeres no digital, uma vez que é nelas que o dizer se ancora, se projeta e se atualiza.

Além disso, o falante que enuncia nos memes é, ao mesmo tempo, singular e coletivo, sendo atravessado por discursos que não lhe pertencem totalmente, mas que ele reconfigura em sua performance verbo-visual. A partir dessa noção, observamos como o meme não apenas comunica, mas atua, no sentido de produzir efeitos de presença, posicionamento e intervenção enunciativa no ciberespaço. Desse modo, o cumprimento desse terceiro objetivo permitiu compreender os memes como práticas enunciativas complexas, que materializam na dimensão verbo-visual as redes de enunciação, operando como formas simbólicas que condensam historicidade, temporalidade, espacialidade e subjetividade em tramas significantes singulares e coletivas. Ao explicitar sua configuração enunciativa, reafirmamos o lugar dos memes não apenas como objetos culturais efêmeros, mas como dispositivos linguísticos e sociais profundamente imbricados nas dinâmicas do dizer na contemporaneidade.

As hipóteses formuladas no início desta pesquisa foram confirmadas à luz da análise dos dados e do percurso teórico-metodológico orientado pela Semântica Histórica da Enunciação. Evidenciou-se que as formas linguísticas, sobretudo na dimensão verbo-visual dos memes, não se organizam de modo isolado, mas emergem como acontecimentos constituídos em redes de enunciação. Essas redes não apenas articulam diferentes falantes e dizeres, mas entrelaçam as dimensões simbólicas e orgânicas da língua, sustentadas por ancoragens históricas e por dinâmicas sociais que reconfiguram os sentidos em circulação. O conceito de individualização em rede revelou-se central para compreender como a subjetividade do falante é preservada — e, mais que isso, intensificada — na malha enunciativa digital. A enunciação, nesse âmbito, não apaga o falante, mas o reposiciona em um jogo constante de co-autoria e reverberação, no qual o falante é simultaneamente produtor e produto da enunciação. Com efeito, a susceptibilidade enunciativa descreve o movimento instável e relacional pelo qual o falante assume e é assumido pela língua, em uma articulação que rompe com a ideia de centralidade e linearidade da significação.

A análise demonstrou, ainda, que os memes configuram formas linguísticas constituídas pela tensão entre repetição e diferença: formas que retornam, mas nunca da mesma forma; sentidos que se sustentam na memória do já-dito, mas que se projetam, (des)continuamente, para o por-dizer. Dessa maneira, a rede de enunciação se manifesta como um entrecruzamento dos quatro nós fundamentais — espaço, tempo, falante e história — que, ao se coimplicarem, atualizam sentidos em movimentos descontínuos, não cronológicos, e por isso, históricos. Por

fim, o espaço de enunciação digital revelou-se um território não físico privilegiado para a intensificação e visibilidade dessas redes, dado seu caráter técnico e sua velocidade de circulação. A língua em rede não apenas se acomoda ao digital, mas nele se transforma e se historiciza, confirmando que nenhum enunciado é possível fora da rede: dizer é, desde sempre, dizer em relação, em acontecimento, em historicidade. Portanto, reafirma-se a hipótese central desta tese: não há linguagem fora da rede de enunciação, pois é por meio dela que o sentido se faz pertinente, compartilhável e socialmente vivo.

A partir dos caminhos trilhados por este estudo, evidencia-se um vasto campo de possibilidades para investigações futuras no âmbito das redes de enunciação. A análise desenvolvida aqui, embora tenha se concentrado nos memes como fenômenos verbo-visuais no espaço digital, abre margem para aprofundamentos que explorem novas manifestações enunciativas que se organizam em rede, como vídeos curtos, remixes digitais, comentários, threads e outros fenômenos linguísticos emergentes nas plataformas. Uma das frentes possíveis é o aprofundamento dos estudos sobre os “nós” e “fios” que constituem as redes de enunciação, com especial atenção às forças tensionais que operam entre estabilidade e variação na constituição dos sentidos. Compreender como esses nós se formam, se deslocam e se desfazem pode ampliar o entendimento sobre as regularidades e rupturas que sustentam a linguagem em sua dimensão orgânica e simbólica. Outra possibilidade diz respeito à ampliação das óticas teóricas sobre as redes de enunciação, investigando suas interseções com outras áreas do conhecimento, como os estudos decoloniais, as teorias da mídia, a psicanálise e a filosofia da linguagem. Essas aproximações podem lançar novas luzes sobre os modos de subjetivação e os jogos de poder que atravessam os enunciados digitais. Além disso, o conceito de susceptibilidade enunciativa — como condição de afetação e produção de sentidos na relação entre falante e língua — pode ser explorado em situações enunciativas diversas, como campanhas políticas, ativismos virtuais, narrativas e práticas educativas, apontando para sua fecundidade analítica em outras esferas sociais. Logo, este trabalho não pretende encerrar discussões, mas sim abrir caminhos, reafirmando o caráter inacabado, relacional e histórico da linguagem. As redes de enunciação, como articuladoras de tempos, espaços, falantes e línguas, continuam se transformando e exigem olhares atentos às suas dinâmicas. Investigar essas redes é, portanto, uma tarefa contínua que se renova a cada novo acontecimento enunciativo que emerge no tecido da linguagem.

As análises empreendidas nesta tese tomaram como ponto de partida três formas linguísticas altamente significativas no cenário sociopolítico digital contemporâneo: “Faz o L”, “Movimento Antifascista” e “Patriota do Caminhão”. Essas expressões, amplamente difundidas

em plataformas digitais, foram selecionadas não apenas por sua recorrência, mas por condensarem redes de significação complexas, mobilizadas por disputas ideológicas, reconfigurações históricas e apropriações culturais. Cada uma delas opera como um nó enunciativo que ativa, organiza e projeta sentidos diversos a partir de suas diretrizes de circulação. As análises não foram conduzidas de forma fragmentada, mas sim articuladas pelas três perspectivas de rede que sustentam o percurso metodológico da tese: rede da metodologia, da memória e da internet. Essas perspectivas possibilitaram observar o entrecruzamento entre a materialidade linguística dos memes (plano orgânico) e os sentidos simbólicos que emergem a partir de referências históricas, culturais e políticas (plano não visível). A dimensão verbo-visual dos memes — combinando texto, imagem, montagem, cor, tipografia e efeitos gráficos — reforçou a potência da linguagem digital como forma de articulação enunciativa e disputa de sentidos.

No meme “Faz o L”, observou-se a dinâmica da reversibilidade enunciativa, em que uma expressão inicialmente associada ao apoio a um projeto político é ressignificada de forma irônica, acusatória ou depreciativa por seus opositores. Essa prática revela uma reconfiguração dos eixos de tempo e história, atualizando o passado de uma campanha eleitoral em eventos cotidianos posteriores, conectando ações políticas a enunciados de responsabilização e frustração. Já o meme “Movimento Antifascista” evidencia a polarização ideológica e a tentativa de deslegitimação de movimentos progressistas por meio de estratégias de caricaturização, simplificação e ironia. Aqui, a noção de espaço de enunciação se torna crucial: o meme opera como um palco de embate discursivo, em que o falante inscreve sua posição e, ao mesmo tempo, tenta influenciar os reconhecimentos coletivos da rede. Esse meme mobiliza zonas de familiaridade que operam tanto para a crítica quanto para o reforço de estereótipos — evidência da fecundidade das formas linguísticas em circulação. Por fim, o meme “Patriota do Caminhão” se destaca por sua longevidade e plasticidade semântica. Embora vinculado originalmente ao referencial das manifestações pró-golpe e bloqueios de rodovias, ele foi ressignificado em diferentes situações, sempre ativando traços de identidade nacional, discurso religioso e teorias conspiratórias, evidenciando os fluxos contraditórios que compõem as redes.

A análise conjunta desses três memes permitiu observar como a língua em rede se organiza por repetições e diferenças, onde os sentidos não são estáticos, mas circulam, se alteram e se projetam conforme os agenciamentos enunciativos. Em todos os casos, os memes analisados demonstram a susceptibilidade enunciativa e a individualização em rede — ou seja, a capacidade de afetar e ser afetada pelas filiações singulares e coletivas que constituem a rede. O estudo mostrou, assim, que os memes funcionam como espaços privilegiados para observar

a configuração das redes de enunciação no ciberespaço, em que falantes, tempos, espaços e histórias se entrelaçam na construção da significação. Além disso, a análise revelou que o plano da organicidade e o plano do enunciável não se dissociam, mas se entrecruzam na constituição dos sentidos. A mesma forma linguística pode comportar múltiplos sentidos, inclusive sentidos em oposição, como frequentemente ocorre nos memes. Isso é possível justamente porque esses enunciados são constituídos em rede, e cada fio que os atravessa ativa direções possíveis de significação. Todos esses sentidos — ainda que divergentes — são constitutivos da língua e fazem parte da densidade semântica do acontecimento enunciativo. Face a isso, o que chamamos de elemento-matriz nos memes não marca uma origem do dizer, mas funciona como um ponto de inflexão a partir do qual novos sentidos se projetam. A ideia de originalidade, nesse caso, é uma ilusão necessária — pois se não houvesse uma pausa, um ponto de apoio, o dizer jamais poderia ser retomado, reconhecido ou relançado. A vida social, regulada pela linguagem, exige essas paradas para que os sentidos possam circular. A rede, assim, não é dispersão absoluta, mas abertura orientada: seus fios conduzem, tensionam e atualizam os sentidos, sem fixá-los. Chegando ao encerramento desta tese, reafirmamos que a significação se constitui em rede de enunciações, atravessada por temporalidades, vozes, memórias, espacialidades e relações que estruturam os sentidos em constante movimento. A língua não se apresenta como um sistema fechado e autônomo, mas como uma entidade viva, dinâmica e profundamente entrelaçada aos modos de existir e interagir dos falantes em sociedade.

Ao retomarmos as ideias de Richard Dawkins, particularmente a analogia entre genes e memes como replicadores culturais, compreendemos que a linguagem também se submete a um tipo de seleção natural simbólica. A sobrevivência de certos enunciados no ciberespaço, sua replicabilidade, adaptação e permanência, obedece à lógica da estabilidade enunciativa: sobrevivem os sentidos que conseguem manter vínculos de reconhecimento, mesmo quando atualizados por novas vozes e usos. Essa replicação imperfeita, que gera variações e mutações de sentido, está no cerne do movimento enunciativo. A partir de Darwin, utilizado nos estudos de Dawkins (2007), compreendemos que o princípio da evolução está diretamente relacionado à capacidade de adaptação ao meio. Na linguagem, esse meio é o espaço de enunciação — que, no caso da nossa pesquisa, se manifesta especialmente no espaço digital. Os memes, ao mesmo tempo produto e motor da linguagem em rede, representam uma forma evolutiva de significar: não são apenas expressões efêmeras, mas dispositivos de adaptação cultural que revelam como o dizer se ajusta, se refraseia e se (re)projeta conforme as condições simbólicas e técnicas do ciberespaço.

Ao refletir sobre essa dinâmica, propomos uma reformulação da clássica sentença cartesiana “Penso, logo existo” para “Enuncio, logo existo”. Essa alteração não é meramente estilística, mas filosófica e epistemológica: ao contrário da perspectiva individualista e racionalista de Descartes, afirmamos que a existência está ancorada na linguagem e na rede de significações que a sustentam. Existo porque enuncio, porque sou constituído e constituo sentidos a partir de enunciados que me atravessam e aos quais dou forma. Sou porque estou em rede. Estar em rede não significa apenas estar conectado tecnologicamente, mas estar enlaçado por fios históricos, memórias, referenciais e projeções que sustentam os dizeres e moldam os falantes. Cada enunciação é um nó que amarra e desloca sentidos, pegando um fio anterior, mantendo-o, modificando-o e entregando-o à continuidade da rede. Essa prática incessante de atualização dos sentidos é o que torna a linguagem um campo fértil para as disputas simbólicas e a constituição do mundo. Nessa direção, a linguagem não se limita a ser um meio de comunicação, mas emerge como o próprio fundamento da realidade social e subjetiva. Os sujeitos não apenas usam a língua: são tomados por ela, enredados em suas dimensões simbólicas e orgânicas, afetados por seus funcionamentos, movidos por suas forças. O mundo não existe antes da linguagem, mas se constitui a partir dela, pois é por meio da linguagem que percebemos, organizamos e damos sentido à existência.

REFERÊNCIA

- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, p. 81-90, 1989 [1970].
- BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 2009.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica: ciências das significações**. São Paulo: Pontes/EDUC, 1992.
- CARVALHO, G. C., DIAS, L. F. Uma abordagem enunciativa da autoria. **Língua e Instrumentos linguísticos**, v. 24, p. 110-128, 2021.
- CHAGAS, V.; TOTH, J. P. Monitorando memes em mídias sociais. *In*: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (orgs.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, p. 211-233, 2016.
- DALMASCHIO, L. Memória Enunciativa: caminhos, movimento, orientações de sentido. *In*: **III SEDIAR 2016 - Seminário Int. de Estudos sobre Discurso e Argumentação**, 2016, Aracaju. Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAR). Ilhéus: Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, p. 2817-2827, 2016.
- DAVISON, P. The language of internet memes. *In*: MANDIBERG, M. (org.). **The social media reader**. Nova Iorque: NYU Press, p. 120-134, 2012.
- DAWKINS, R. **O Gene egoísta**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1976].
- DELEUZE, G. **Michel Foucault: as formações históricas**. Trad. Claudio Medeiros e Mario Antunes Marino. São Paulo: Editora Filosófica Politeia; n-1 edições, 2017.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DIAS, L. F. A sintaxe em novas dimensões. *In*: TOLDO, Claudia Stumpf (org.). **Questões de lingüística**. Passo Fundo: editora da UPF, 2003.
- DIAS, L. F. Novas Perspectivas no ensino de gramática na escola: o estatuto do exemplo em questão. *In*: OLIVEIRA, S.E. e SANTOS, J.F. (orgs.). **Mosaico de linguagens**. Campinas: Pontes/CELLIP, p.43-53, 2006.
- DIAS, L. F. Gramática e política de língua: institucionalização do lingüístico e constituição de evidências lingüísticas. *In*: ORLANDI, E. P. **Política linguística no Brasil**, Campinas: Pontes, p.183-200, 2007.
- DIAS, L. F. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 389-398, 2013.

DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na Semântica. **Revista Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 229-248, 2015.

DIAS, L. F. **Enunciação e Relações linguísticas**. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, L. F. Redes enunciativas no ensino da Língua Portuguesa. **Fólio - Revista de Letras**, v. 12, p. 621-636, 2020.

DIAS, L. F. Perspectiva da Dinâmica Enunciativa: Enunciação como acontecimento - O enfoque no social. **Reunião do Grupo ENUNCIAR**. Google Drive, 28 de maio de 2020b. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RsePY9-5vyx7F9ZlPi-tElMd8BMFaPLZ/view>. Acesso em: 29 mar. 2024.

DIAS, L. F. A forma linguística nos estudos enunciativos. *In*: Castelo Branco, L. et alii. (Org.). **Entrenós: da língua, do sujeito, do discurso - vol. 2**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, p. 145-161, 2022.

DIAS, L. F. Redes enunciativas. **Língua e instrumentos linguísticos**, v. 26, p. 155-172, 2023.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In* KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FOUCAULT, M. What is an author? *In*: RABINOW, P. (ed.). **The Foucault Reader**. London: Penguin Books, p. 101-120, 1984.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. *In*: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, p. 71-79, 1989.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação, língua, memória. **Revista da Anpoll**, nº 2, p.27-33, 1996.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Editora RG: Campinas, 2010.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017 [2002].

GUIMARÃES, E. **Semântica: Enunciação e sentido**. Campinas: Pontes, 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013 [1968].

HELMOND, A. A plataforma da web. *In*: OMENA, J. J. (org.). **Métodos digitais: Teoria-prática-crítica**. ICNOVA: Lisboa, 2019.

HERRING, S. C. Computer-mediate discourse. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; AMILTON, H. (Eds.), **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

- LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: NORA, P. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Galimard, p. XVIII-XLII, 1993 [1984]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 16 de jul. 2019.
- ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. 8ªed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- ORLANDI, E. **Análise do discurso**: Princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. Sentidos em fuga: Efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, G.; SANTOS, M.; SILVA, T. (Orgs). **Sujeito, Sociedade, sentidos**. Campinas: Editora RG, p. 11-27, 2012.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre etalii. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, p. 49-57, 1999.
- RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.
- REIS, C. F. **A designação de língua**: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- REIS, C. F. **Os sentidos de portunhol e spanglish no espaço enunciativo da internet**: um estudo das relações de determinação e (des)legitimação. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, L.; GALA, A. C. O. S.; GAZONI, R.; POLICARPO, C. Desvelando a Internet das Coisas. **Revista Geminis**, v. 1, p. 19-32, 2013.
- SANTAELLA, L.; KAUFMAN, D. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes. **Revista Famecos**, v. 27, p. 1-10, 2020.
- SHIFMAN, L. An anatomy of a YouTube meme. **New Media & Society**, v. 14, n. 2, p. 187-203, 2012.
- SHIFMAN, L. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge: MIT, 2014.
- SILVA, J. J. **Os memes e os efeitos de sentido**: um olhar histórico-social para a significação. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.